
ANDREW MORTON
MEGHAN
A princesa de Hollywood que conquistou a Inglaterra
SEOMAN

MEGHAN

ANDREW MORTON

MEGHAN

A princesa de Hollywood que conquistou a Inglaterra

Tradução

Leonardo Castilhone

SEOMAN

Copyright © 2018, Andrew Morton
Copyright da edição brasileira © 2018, Editora Pensamento-Cultrix Ltda.
Publicado mediante acordo com Skyhorse Publishing, Inc.
Título original: *Meghan: A Hollywood Princess*
Texto de acordo com as novas regras ortográficas da língua portuguesa.
1ª edição 2018.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.
A Editora Seoman não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.
Coordenação editorial: Manoel Lauand
Capa e projeto gráfico: Gabriela Guenther
Editoração eletrônica: Estúdio Sambaqui
Foto de capa © Max Mumby / Indigo /Kontributor / Getty Images
Foto de quarta capa © LINGTREN IMAGES / Shutterstock.com
Podução de ebook: S2 Books

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Morton, Andrew
Meghan : a princesa de Hollywood que conquistou a Inglaterra / Andrew Morton ; tradução Leonardo Castilhone. -- 1. ed. -- São Paulo : Seoman, 2018.
Título original: Meghan: a Hollywood princess.
ISBN 978-85-5503-071-0
1. Atores de televisão e atrizes - Estados Unidos - Biografia 2. Atores e atrizes cinematográficas - Estados Unidos - Biografia 3. Markle, Meghan, 1981- 4. Mulheres trabalhadoras dos direitos humanos - Estados Unidos - Biografia 5. Trabalhadores dos direitos humanos - Estados Unidos - Biografia I. Título.
CDD-791.43028092
18-16578

Índices para catálogo sistemático:
1. Estados Unidos : Autores e atrizes de cinema : Biografia 791.43028092
Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

1ª Edição digital: 2018
e-ISBN: 978-85-5503-073-4

Seoman é um selo editorial da Pensamento-Cultrix.
Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela
EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA.
R. Dr. Mário Vicente, 368 – 04270-000 – São Paulo, SP
Fone: (11) 2066-9000 – Fax: (11) 2066-9008

E-mail: atendimento@editoraseoman.com.br
http://www.editoraseoman.com.br
Foi feito o depósito legal.

Para minha esposa Carolyn e a todos os meus amigos de Pasadena.

Índice

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

Prólogo: Os Astros Estavam Alinhados

1. Em Busca da Sabedoria

2. A Infância de uma Markle

3. Uma Rua Chamada Gladys

4. “Você Consegue Dizer ‘Oi’?”

5. Saias Curtas, Saltos Altos

6. Nasce uma Estrela (Sob Medida)

7. A Hora da Revelação

8. Os Dois Lados da Moeda

9. Harry e Meghan: Feitos um Para o Outro

10. África dos Meus Sonhos

11. Um Relacionamento Público

12. Um Chá com a Rainha

13. A Noiva de um Bilhão de Dólares

14. Convite a um Casamento

Nota Sobre o Casamento (Edição Brasileira)

Caderno de fotos

Agradecimentos

De vez em quando, ajuda estar no lugar certo e na hora certa. Carolyn, minha esposa, é do sul da Califórnia, e eu, durante parte do ano, moro em Pasadena, alguns quilômetros a nordeste do centro de Los Angeles. Quando foi anunciado o noivado de Meghan Markle com o Príncipe Harry, fiquei surpreso com a quantidade de gente na região que sabia de histórias a respeito da atriz de *Suits*. Pasadena era a verdadeira "Central Meghan Markle": Edmund Fry, proprietário da Rose Tree Cottage, um pedacinho da Inglaterra na cidade, costumava servir o chá da tarde para a jovem; o ex-namorado dela, hoje corretor de imóveis, vendeu uma casa do outro lado da rua; pais mandavam seus filhos para a escola em que Meghan estudou e atuou; fotógrafos locais tinham caixas cheias de filmes com fotos inéditas da futura integrante da realeza bri tânica; e a Hippie Kitchen, centro onde ela era voluntária na adolescência, não ficava muito longe dali.

Então, começando por Pasadena, gostaria de agradecer minha amiga, a Dra. Wendy Kohlhase, por me apresentar aos colaboradores e administradores do colégio católico Immaculate Heart High School, que me brindaram com entusiasmo e boa vontade. A reitora Maureen Diekmann e Callie Webb vasculharam os arquivos guardados nos porões para descobrir tudo que tivesse ligação com Markle, ao passo que as professoras Christine Knudsen e Maria Pollia se ofereceram para contar um pouco do que lembravam sobre sua ex-aluna. Agradeço também ao fotógrafo John

Dlugolecki, por revelar uma sequência encantadora de fotos de Meghan, que mostram como ela se tornou a linda mulher que conhecemos hoje.

Gigi Perreau, uma estrela infantil de Hollywood que também estudou no Immaculate Heart, e Emmanuel Eulalia, diretor dramático na St. Francis High School, em La Cañada, descreveram o talento natural de Meghan. Elizabeth e Dennys McCoy falaram com carinho sobre a jovem Meghan, ao passo que as opiniões de Catherine Morris, Jeff Dietrich e dos voluntários da Hippie Kitchen, que trabalham incansavelmente para ajudar aqueles que não têm um teto, foram de extrema importância.

Com relação à complicada e extensa árvore genealógica de Meghan, gostaria de agradecer os genealogistas Elizabeth Banas e Gary Boyd Roberts, e o historiador Christopher Wilson, assim como a professora Carmen Harris, da University of South Carolina Upstate, que contextualizou os ancestrais da atriz. Os familiares Tom Markle Junior, Roslyn Loveless e Noel Rasmussen ajudaram a compreender sua criação igualmente complexa, enquanto vários amigos, incluindo Leslie McDaniel e outros que preferiram o anonimato, colaboraram com suas reflexões. Tameka Jacobs e Leyla Milani falaram com certa intimidade sobre a garota que conheceram nos tempos do programa *Deal or No Deal*. Tive também a contribuição de diversos membros do elenco de *Suits*, que, por motivos profissionais, não quiseram se identificar. Meu muito obrigado também vai para Samantha Brett, autora do livro *The Game Changers*.

Também gostaria de deixar meus agradecimentos aos professores Prochaska e *Sir* Trevor Phillips, antigo membro da Comissão de Igualdade e Direitos Humanos, por suas opiniões a respeito da influência de Meghan sobre a monarquia e o Reino Unido. Discuti esse assunto com outros antigos membros da residência real, que, compreensivelmente, pediram para não serem identificados. Meus agradecimentos também a todos da imprensa e das mídias sociais focadas em celebridades, que acompanharam atentamente a evolução da vida e da carreira de Meghan.

Minha eterna gratidão aos meus pesquisadores, Phil Dampier, em Londres, e a incansável Lisa Derrick, em Los Angeles. Além disso, sem o sólido profissionalismo das minhas editoras, Fiona Slater, em Londres, e Gretchen Young, em Nova York, assim como a dedicação da assistente editorial Katherine Stopa e do revisor Nick Fawcett, jamais teríamos cruzado a linha de chegada.

Por fim, um forte abraço a todos os amigos, conhecidos e vizinhos de Pasadena, cujas ideias, sugestões e conselhos fortificaram este projeto inteiro.

Pasadena, março de 2018.

Prólogo: Os Astros Estavam Alinhados

Os Astros Estavam Alinhados

Eu já conhecia Rachel Meghan Markle muito antes de o Príncipe Harry entrar em cena. No drama jurídico *Suits*, ela esbanjava um carisma que chamava atenção, roubando todas as cenas em que aparecia, ao mesmo tempo que deixava sua marca na militância em prol da igualdade de gênero. Então, quando soube que ela estava namorando o neto da Rainha, para falar a verdade, não fiquei nada surpreso, e quando o relacionamento dos dois ficou mais sério, como biógrafo que sou, vi que eu estava no lugar certo e na hora certa. Minha esposa Carolyn é do sul da Califórnia, e, parte do ano, moramos em Pasadena, sua terra natal. E, por uma grande coincidência da vida, lá também é a "Central Meghan Markle". Todos os ex-namorados, colegas de escola e professores moravam na região. É uma comunidade tão unida que, certo dia, cheguei a ser parado na porta da minha garagem por um vizinho, e ele me falou para conversar com um comerciante local que queria contar algumas de suas lembranças sobre Meghan Markle. Em um mundo caótico e regido por interesses pessoais, essa é uma daquelas histórias antiquadas sobre uma garota simples que sobe na vida. Claro, é também muito mais que isso, porque, quando Meghan Markle subiu ao altar da Capela de St. George no Castelo de Windsor, no dia 19 de maio de 2018, ela fez história.

No último casamento real de maior importância dessa geração, a glamourosa noiva do Príncipe Harry foi a primeira mulher multirracial e divorciada a se casar com um membro da família real britânica. A união dos dois, abençoada pela Sua Majestade, a Rainha, criou uma imagem mais inclusiva e relevante da monarquia em um mundo de constantes transformações.

Durante o casamento, talvez os 800 convidados do grande evento tenham ouvido um zum-zum-zum competindo com a melodia do coral. Era o zunido do Duque de Windsor – que abdicou ao trono, em 1936, para que pudesse se casar com uma americana duas vezes divorciada –, revirando-se no túmulo, localizado em Frogmore, na propriedade do Castelo de Windsor.

Ele foi impedido de fazer do amor de sua vida sua Rainha, porque os ex-maridos de Wallis ainda estavam vivos. A admissão de Wallis ao Castelo de Windsor só foi concedida em seu caixão, em abril de 1986, durante seu velório na Capela de St. George. Nos anos 1950, a irmão caçula da Rainha, a Princesa Margaret, enfrentou o mesmo calvário, optando pelo dever em vez de uma vida ao lado de seu amado, o oficial da Real Força Aérea Peter Townsend, que também era divorciado.

Ao menos, o casamento do segundo filho do Príncipe Charles com a falecida Diana, Princesa de Gales, mostra o quanto a família real – e a nação britânica – mudou e evoluiu durante o reinado da Rainha Elizabeth II. É uma união e uma ocasião imbuída de simbolismo.

Desde os traumas românticos envolvendo Eduardo VIII e a Princesa Margaret, a família real, como o resto do mundo, passou a aceitar, ainda que com relutância, o fato de que o divórcio não carrega mais o mesmo estigma social de antigamente. Mesmo assim, no início dos anos 1980, quando o Príncipe Charles explorava os quatro cantos do Reino Unido em busca de uma noiva, a ideia de uma americana divorciada casando com um membro da família real era algo impensável. Desse modo, a prioridade era encontrar uma virgem aristocrata, branca, protestante e anglo-saxã.

Foi o que ele encontrou na figura cativante de Lady Diana Spencer. Porém, a catástrofe constitucional de seu casamento – e o divórcio conturbado –

forçou as gerações mais antigas da realeza e seus apoiadores a pensarem melhor antes de tecer comentários quanto às escolhas dos companheiros ou companheiras dos membros mais jovens da família. E a separação dos futuros rei e rainha também não foi uma ocorrência isolada na família real. A irmã da rainha, Princesa Margaret, sua filha, a Princesa Anne, e seu amado segundo filho, Príncipe Andrew, divorciaram-se de seus respectivos cônjuges. Todos se envolveram em escândalos, cada um à sua moda, porém o caso mais notório foi quando a esposa de Andrew, a Duquesa de York, conhecida como Fergie, foi fotografada tendo os dedos dos pés sugados por seu suposto consultor financeiro, à beira de uma piscina no sul da França.

O fato de Meghan ter se divorciado após uma breve união de dois anos com um produtor cinematográfico nem chegou a causar alvoroços, quanto mais criar uma crise constitucional. Afinal de contas, o futuro rei, o Príncipe Charles, é um divorciado que se casou com a antiga amante, Camilla Parker Bowles, também divorciada, em abril de 2005, em uma cerimônia civil, bem perto da Capela de St. George. Tudo muito moderno – a Casa de Windsor agora acolhe todos os forasteiros. Como sucintamente declarou o Príncipe Harry durante a entrevista para anunciar seu noivado com Meghan: "todos os astros estavam alinhados".

É uma observação sobre a qual o tio de Harry, Príncipe Andrew, Duque de York, pôde refletir ao assistir Meghan Markle em seu majestoso cortejo até o altar. Para o Príncipe Andrew, não eram apenas os astros, mas também as décadas que estavam fora do alinhamento. Há apenas trinta e seis anos, o príncipe, com uma rosa vermelha entre os dentes, caminhou pelo passadiço do porta-aviões, o HMS *Invincible*, e foi recepcionado por seus pais mui orgulhosos, a Rainha e o Duque de Edimburgo.

Na época, ele era o solteirão mais cobiçado do mundo e um verdadeiro herói de guerra, pois arriscou a vida durante o conflito nas Ilhas Malvinas (ou Ilhas Falkland, para os ingleses), entre o Reino Unido e a Argentina, o qual deixou mais de novecentos mortos e milhares de feridos.

Algumas semanas depois, em outubro de 1982, mantendo o máximo de sigilo, pegou um voo para a ilha particular de Mustique, na região do Caribe, onde a irmã da rainha, a Princesa Margaret, tinha uma propriedade, Les Jolies Eaux. O rapaz e sua namorada americana, Kathleen "Koo" Stark, filha do produtor hollywoodiano Wilbur Stark, de acordo com os primeiros relatos, embarcaram com os pseudônimos de "Senhor e Senhora Cambridge".

Quando chegou a Londres, em 1975, Kathleen queria se tornar atriz, então estrelou em um filme levemente erótico – quase como um rito de passagem para a fama – chamado *Emily*, dirigido por um artista aristocrata, o Conde de Pembroke. Assim que as imagens de Koo se despindo começaram a circular, a histeria tomou conta da mídia e de alguns membros do Parlamento.

O romance dos dois continuou mesmo depois daquelas férias e das primeiras revelações a respeito da participação dela naquele filme. A moça conheceu a rainha, e a Princesa Diana a considerava o par perfeito para Andrew. Diana chegou a me dizer: "A doce Koo o adorava. Era uma pessoa incrível para se ter por perto. Sempre muito gentil e cuidava dele… todas as energias dela [eram direcionadas] para ele. [Eles] combinavam tão bem".

Apesar de tudo, o estigma daquele filme em cima de Kathleen, um de seus primeiros, envenenou sua relação com Andrew. Em virtude de sua fama como "atriz pornô" ter se eternizado – o que em nada condizia com a verdade –, o romance com Andrew desmoronou. Se não fosse por um filme de quinta categoria em seu caminho, Kathleen poderia ter sido a primeira americana a casar-se com alguém da família real desde Wallis Simpson.

Em contrapartida, Meghan Markle participou de papéis em que cheirava cocaína, ensinava para donas de casa a arte do *striptease* e transava em um almoxarifado. Ela apareceu seminua em tantas cenas no drama televisivo *Suits,* que chegou a reclamar que os roteiristas estavam criando cenários deliberados para exibir seu corpo.

(Meghan talvez constate que, embora o palácio tenha ordenado que seu site, The Tig – contendo artigos inteligentes e bem escritos sobre igualdade de gênero e cor –, fosse varrido da internet, seus vídeos com comportamentos pouco "principescos" continuam disponíveis para quem quiser ver.)

Apesar de Meghan não ser a primeira mulher multirracial a se casar com alguém da realeza europeia – essa honra vai para a panamenha Angela Brown, hoje Princesa Angela, da minúscula e riquíssima nação de Liechtenstein –, ela é a primeira americana birracial divorciada a assumir esse posto na Casa de Windsor.

Embora o tema racial tenha gerado muitas discussões em seu próprio país – algo inevitável em virtude do passado dos Estados Unidos como uma nação escravagista e segregacionista –, relações inter-raciais têm sido ignoradas no tocante à família real.

Ironia do destino, quando o noivado foi anunciado em novembro de 2017, cinéfilos apreciavam *Victoria e Abdul – O Confidente da Rainha*, filme sobre a história de amizade entre a Rainha Victoria e um criado indiano, Abdul Karim. A presença dele na Corte despertou tanta animosidade que, quando a rainha morreu em 1901, seu sucessor, o Rei Eduardo VII, supervisionou pessoalmente o despejo e a deportação de Karim de volta à Índia. A filha de Victoria, Beatrice, apagou todas as referências a Karim dos volumosos diários da mãe. Como observa a historiadora Carolly Erickson em seu *Her Little Majesty*: "Era praticamente intolerável que um indiano de pele escura fosse colocado em pé de igualdade com os servos brancos da rainha. Além disso, um hindu comer na mesma mesa que eles, compartilhando seus cotidianos, era visto como um ultraje".

Embora a atual rainha, como argumenta a autora Penny Junor, não faça distinção de cor, apenas 6% dos 1.100 empregados do palácio pertencem a minorias étnicas, e apenas cerca de 30 pessoas estão em cargos de maior importância. Apesar de esse desequilíbrio étnico também estar refletido nos

mais altos cargos do serviço público, argumenta-se que a família real perdeu a oportunidade de tomar a frente em questões raciais.

Este é um assunto que Meghan discutiu sem se intimidar, e logo ela perceberá que outras etnias não compõem de forma notória o interior do palácio. Talvez seja uma questão na qual ela se envolva, após estabelecer-se na família real.

Como observa Trevor Phillips, ex-líder da Comissão de Igualdade e Direitos Humanos, a maneira com que Meghan toma conta do próprio nariz mandará uma importante mensagem. "É algo de extrema relevância ela falar sobre seu orgulho étnico, pois as pessoas de cor negra verão isso como uma abordagem moderna e positiva, além de muito bem-vinda".

Meghan não é tema de discussão sobre cor da pele apenas no Reino Unido. Nos Estados Unidos, sua origem étnica também suscita debates, com o casamento multirracial sendo considerado fruto da "Geração Loving", nome originado a partir do casal Richard e Mildred Loving, da Virgínia, que foi preso em 1958 pelo crime de miscigenação. Até o julgamento pela Suprema Corte, em 1967, do caso *Loving vs Virginia*, o casamento inter-racial era contra a lei em alguns estados.

Nos anos 1970, havia por volta de 65 mil casais "negros-brancos" nos Estados Unidos. Já nos anos 1980, pouco mais de uma década após o julgamento *Loving*, esse número dobrou para cerca de 120 mil. Um salto significativo, mas deve-se ter em mente que a população na época era de 240 milhões de pessoas.

Filha de um pai branco e Republicano com uma mãe negra e Democrata, Meghan viu-se no centro de uma discussão ativa sobre o lugar de indivíduos miscigenados na sociedade. Sendo assim, a narrativa de Meghan é a de uma pessoa tentando descobrir-se como mulher, procurando seu espaço em um mundo onde não é vista como sendo branca nem negra.

Pensando no futuro, ela também precisará se "achar" em um mundo mais restrito ainda: o da realeza.

Apesar de Meghan ser uma mulher de personalidade, é interessante observar que aqueles que a educaram, ou a conheciam, mencionam espontaneamente o nome iniciado com a letra "D" na mesma frase em que citam Meghan. Comparações com Diana são inevitáveis; a visita secreta de Meghan, em fevereiro de 2018, para reconfortar os sobreviventes do inferno ocorrido na Torre Grenfell, em Kensington, na parte ocidental de Londres, revive memórias das visitas de Diana aos desabrigados do sul de Londres.

Outras semelhanças podem ser vistas em suas obras humanitárias mais amplas e em seu apelo popular e glamouroso. Mas, em essência, Meghan é uma pessoa muito diferente, possuindo um equilíbrio e assertividade que Diana, certamente por causa de sua precoce carreira real, lutava para alcançar. Ela é uma mulher pronta para as câmeras, nem um pouco tímida diante delas.

Muito antes de seu relacionamento com o Príncipe Harry, a escola que ela frequentou no Ensino Médio, a Immaculate Heart, em Los Angeles, exibia regularmente o discurso de 2015 sobre igualdade de gênero que Meghan proferiu na ONU Mulheres, entidade das Nações Unidas voltada ao empoderamento feminino, como inspiração para a atual geração de alunas.

Dizem que para ser um eficaz congressista ou membro do Parlamento – ou mesmo um presidente –, é preferível ter previamente uma carreira fora do mundo político. Assim, quando a pessoa adentrar a câmara – ou a Casa Branca –, a situação não será tão intimidante. Meghan se destaca por esse caminho. Ela chegou aos portões do palácio já pronta: uma atriz de sucesso, uma blogueira popular e uma reconhecida humanista.

Ela pode ostentar ser tanto de uma linhagem de escravos como de reis, assim como de servos e cavaleiros. A jornada dela, que tem sido extraordinária, começa nada mais nada menos que na cidade dos sonhos: Los Angeles.

1.

Em Busca da Sabedoria

Durante anos, ela ficou incomodada com uma dúvida cruel que a atormentava: de onde vem minha família, qual é a minha história? Para Rachel Meghan Markle – chamada de "Botão" e "Flor" por sua família – essas eram questões que sempre a deixavam hesitante. O fato de que sua mãe, Doria Ragland, era uma afro-americana de Los Angeles e seu pai, Thomas Wayne Markle, um homem branco da Pensilvânia, só piorava a confusão. Ela sentia que precisava encontrar seu lugar, a qual ambiente pertencia. Na hierarquia das cores, que ainda exerce muita influência no que diz respeito a condição e posição sociais nos Estados Unidos, ela tinha a pele "mais clarinha", portanto era vista como "mais branca" do que seus primos negros. Assim, junto com sua hesitação, veio também uma nitidez, uma disposição para ver o mundo a partir de diferentes perspectivas, de ambos os lados.

Meghan ouvia atenta enquanto seu Tio Joseph contava e recontava a história da travessia da família Ragland pelo país, em um carro emprestado, saindo de Cleveland, Ohio, até chegar a Los Angeles, na época em que sua mãe, Doria, ainda era um bebê. A aventura deles se transformou num pesadelo quando tiveram que parar numa cidadezinha no Texas, pois haveria uma nevasca. Eles queriam um quarto para passar a noite, mas logo perceberam que não eram bem quistos pelo povo local. Um cara apontou

para a neve do lado de fora e gritou: "A estrada é por ali. Saiam daqui. Vocês não são bem-vindos".

Embora dê a impressão de ser um folclore familiar – a estrada de Cleveland até Los Angeles não passa nem perto do estado do Texas –, para o tio de Meghan, que na época tinha sete ou oito anos, essa representou a primeira experiência real de racismo na vida dele. Posteriormente, ele relatou que, durante a jornada, foi dito à família para que usassem a porta dos fundos para as "pessoas de cor", quando pararam num restaurante. Como Meghan viria a aprender, a história da família da mãe foi repleta de exploração, discriminação e injustiças. Parte disso, ela mesma chegaria a sentir na própria pele, como na vez em que sentiu o sangue lhe subir ao rosto ao ouvir sua mãe ser chamada de "preta" dentro de um estacionamento, só porque demorou um pouco mais para sair do local. Uma palavra que seus ancestrais – escravos que trabalharam nas plantações de algodão da Geórgia – devem ter ouvido diariamente.

Não é à toa que Meghan tenha ficado confusa em virtude de sua árvore genealógica. Rastrear seus antepassados por meio da linhagem da mãe é uma tarefa árdua. Antes da abolição da escravatura, era inevitável a escassez de vestígios quanto às vidas dos negros que ocupavam o Sul do país. Registros escritos eram pouquíssimos, e a maioria das informações era passada no boca a boca. O que de fato sabemos é que, por anos, a família foi propriedade de um metodista, William Ragland, cuja família vinha da Cornualha, no sudoeste da Inglaterra, antes de emigrar para a Virgínia e, depois, para a Carolina do Norte.

Ragland vivia com seus escravos em Chatham County, Carolina do Norte, antes de se mudar para a cidade rural de Jonesboro, na Geórgia, onde terras eram, com frequência, oferecidas pelas autoridades em loterias que incentivavam o povoamento. Tradicionalmente, escravos eram conhecidos apenas pelos primeiros nomes, dados a eles por seus proprietários, e, em determinadas ocasiões, também assumiam o sobrenome de seus proprietários. Os raros dados disponíveis mostram que o primeiro "Ragland negro", ou seja, o primeiro ancestral Ragland de Meghan com registro

documental, nasceu em Jonesboro, em 1830. Este foi Richard Ragland, que se casou com uma mulher chamada Mary. Embora tenha passado a maior parte de sua vida como escravo, ao menos seu filho, Stephen, que nasceu em 1848, viveu para ver a abolição da escravatura, que foi declarada quando a União, formada pelos estados abolicionistas liderados pelo presidente Abraham Lincoln, triunfou sobre a Confederação pró-escravidão, em 1865, na Guerra Civil Americana. De acordo com registros desenterrados pela genealogista Elizabeth Banas, de Massachusetts, no fim da guerra, Stephen Ragland tornou-se agricultor. Mas isso ainda era uma escravidão disfarçada, já que a maior parte daquilo que produzia era recolhida pelo proprietário branco da terra em forma de aluguel e outros encargos, deixando um agricultor mediano, como Stephen Ragland, constantemente endividado.

Embora libertos no fim da guerra, em junho de 1865, foi apenas no censo de 1870 que a maioria dos antigos escravos foi capaz de registrar oficialmente um nome para si. Stephen Ragland manteve o sobrenome de seu antigo senhorio e o nome dado por seus pais. Não tão romântico quanto Wisdom, o nome que Meghan acredita que seu tataravô Ragland escolheu quando lhe foi dada a chance de um novo começo. Conforme ela escreveu para a revista *Elle*, em julho de 2015: "Talvez o que mais me vincule à minha complexa árvore genealógica, ao meu anseio por saber de onde eu vim e ao ponto em comum que me conecta à minha linhagem sanguínea é a escolha que meu tataravô fez para começar do zero. Ele escolheu o sobrenome Wisdom [sabedoria, em portugês]".

Infelizmente, os genealogistas e pesquisadores profissionais que investigaram a fundo sua história salientam que os registros, ainda que imprecisos e contraditórios, demonstram que ele manteve o nome original. Esses documentos também indicam que sua primeira esposa se chamava Ellen Lemens; os dois se casaram no dia 18 de agosto de 1869 e tiveram quatro filhos: Ann (que também era conhecida como Texas), Dora, Henry e Jeremiah, o trisavô de Meghan, que nasceu em 1881 ou 1882. Baseando-se no censo e nos registros fiscais, parece que, durante alguns anos, Stephen e

Ellen continuaram morando nos arredores de Jonesboro, na plantação da família Ragland, onde foram escravos. Na verdade, quando Lemuel Ragland, filho de William, morreu em 19 de maio de 1870, Stephen Ragland foi registrado no censo como trabalhando para a viúva de Lemuel, Mary, na época com sessenta anos. Entre os outros membros da família que moravam nas proximidades, provavelmente no mesmo alojamento ou barracão de madeira da plantação, estavam Vinny e Willy Ragland, assim como Charles, Jack, Jerry, Mariah e Catherine Lemens.

Depois de algum tempo em Jonesboro, a cidade hoje famosa por ambientar o romance épico sobre a Guerra Civil Americana, *…E o Vento Levou*, a família mudou-se para o Henry County, um distrito rural vizinho conhecido por seu solo rico e algodões de primeira qualidade. Stephen e seus filhos, Henry e Jeremiah, trabalharam nessas terras como agricultores independentes ou empregados. No entanto, além da fama pela qualidade do algodão, Henry County também tinha uma reputação mais sombria, pois foi lar da Ku Klux Klan, que se expandiu muito na região na primavera de 1866. O primeiro ato da KKK no condado foi linchar um ex-escravo, Dave Fargason, durante um grupo de estudos sobre educação de crianças negras. O filho de Stephen, Henry Ragland, também foi confrontado por uma gangue de homens brancos armados em outra situação, mas conseguiu escapar com vida. R. H. Hankinson, um historiador especialista na região, observa que, pouco tempo depois, a KKK foi dissolvida na região – embora ainda permanecesse a ameaça de violência.

Com efeito, a ameaça de violência e a pobreza extrema estimularam muitos a migrar para o norte ou para o oeste em busca de melhores perspectivas. Algum tempo após a virada do século, a filha de Stephen Ragland, Ann, seu marido Cosby Smith, com quem casara em 1892, e seus seis filhos, decidiram percorrer a jornada de quase 5 mil quilômetros para começar uma vida nova em Los Angeles, numa época em que petróleo e laranjas eram mais importantes para a economia da cidade do que a indústria cinematográfica.

A decisão do casal de se mudar também inspirou o caçula de Stephen, Jeremiah, junto com sua mulher, Claudie Ritchie, cujo pai tinha o nome maravilhoso de Mattie Turnipseed [1], e sua abundante prole a deixar a Geórgia. Por volta de 1910, quando Claudie tinha vinte e cinco anos, eles foram para Chattanooga, no Tennessee, na esperança de uma vida melhor para a família.

É provável que nem Ann nem Jeremiah tenham visto novamente o pai deles, Stephen Ragland, embora este tenha chegado à idade relativamente avançada de setenta e oito anos, dando seu último suspiro em Paulding County, Geórgia, em 31 de outubro de 1926.

Àquela altura, Jeremiah e Claudie já haviam criado cinco filhos, apesar de um ter morrido no nascimento. Claudie, que foi denominada oficialmente no censo como "mulata" ou de raça mista, trabalhava de faxineira na loja de departamento Miller Bros, a mais importante na época. O marido dela, Jeremiah, fez biscates como barbeiro e segurança de bar, até o dia que montou sua própria alfaiataria. Naquele tempo, os negros eram impedidos de ter empregos bem pagos ou de obter empréstimos. Trabalhos independentes eram a única opção para que pudessem crescer na vida.

Ao mesmo tempo que as mulheres da família criavam os filhos, elas não deixavam de agarrar as oportunidades que surgiam, e fizeram de tudo para se aprimorar. A filha de Jeremiah, tia-avó de Meghan, Dora, foi a primeira Ragland a cursar uma faculdade e a primeira que se profissionalizou, tornando-se professora. Sua irmã mais nova, Lillie, foi ainda mais longe. Matriculou-se na Universidade da Califórnia, já mais velha, e realizou um treinamento para ser corretora de imóveis, montando, em seguida, o próprio negócio em Los Angeles. Ela foi tão bem-sucedida que chegou a ser listada como uma das afro-americanas mais influentes.

Os irmãos delas não alçaram voos tão altos: um era garçom e o outro, Steve, bisavô de Meghan, trabalhava como passador de roupas na tinturaria do centro de Chattanooga. Joseph, tio de Meghan, admite: "Culturalmente, nossa família não teve grandes figuras masculinas". Steve casou-se com Lois

Russell, filha de um porteiro de hotel, quando ela tinha catorze ou quinze anos. No censo de 1930, o casal foi registrado como vivendo com o filho bebê, Alvin Azell – que mais tarde se tornou avô de Meghan –, além do pai de Lois, James Russell, e diversas sobrinhas e pensionistas.

Quando Alvin tinha idade suficiente, pegou as trouxas e foi para Cleveland, Ohio, em busca de emprego. Lá, ele conheceu Jeanette Johnson, filha de um mensageiro e ascensorista do hotel cinco estrelas St. Regis. Pouco depois do fim da Segunda Guerra Mundial, Jeanette havia se casado com um patinador profissional, Joseph Johnson, com quem teve dois filhos: Joseph Junior e Saundra. Não demorou até Johnson, que viajava muito de cidade em cidade para realizar apresentações, sair patinando de sua vida, deixando Jeanette criar os filhos por conta própria. Foi quando entrou em cena o galanteador e elegante Alvin Ragland, que, logo, fez o coração de Jeanette bater mais forte.

Eles se casaram e foram morar em um apartamento no subsolo de um prédio de três andares em Cleveland. A primeira filha deles, Doria, mãe de Meghan, nasceu em setembro de 1956, e foi logo em seguida que Alvin juntou as malas da família e embarcou naquela famosa travessia pelo país, para assim começar uma nova vida em Los Angeles, onde outros Ragland já estavam bem estabelecidos. Durante algum tempo, ele trabalhou para sua tia Lillie no ramo imobiliário, depois abriu sua loja de antiguidades e quinquilharias no centro de Los Angeles. Contudo, nessa época, o casamento deles acabou e Jeanette viu-se mais uma vez com um filho nos braços. Alvin se casou pela segunda vez em 6 de maio de 1983, com Ava Burrows, uma professora, que deu à luz o único filho dessa união, Joffrey, alguns meses depois.

A essa altura, Doria Ragland já havia crescido e concebido uma criança. Dois anos antes, ela dera à luz sua filha, Rachel Meghan Markle, às 4h46 do dia 4 de agosto de 1981, no Hospital West Park, em Canoga Park, Los Angeles. A chegada de Meghan mudaria a história de sua família para sempre.

O progresso da família de Meghan, de catadores de algodão sob o sol escaldante até um de seus membros se casar com um príncipe real diante das câmeras de televisão, é uma extraordinária história de ascensão social. E que sublime contraste pode ser observado com relação a um passado não tão distante. A última americana a se casar com um membro da Família Real Britânica foi Wallis Warfield Simpson, nativa de Baltimore, Maryland. Embora ela tivesse se divorciado duas vezes, sendo que os dois ex-maridos ainda estavam vivos, o Rei Edward VIII insistiu em casar-se com ela, apesar da forte resistência da Igreja, do governo e do Império, pois todos eram contra o fato de uma divorciada tornar-se consorte real. No fim das contas, ele abdicou ao trono e se casou com Wallis em junho de 1937, numa cerimônia modesta em um castelo francês. Foi anunciado como o romance real do século, pois o rei renunciara a tudo pela mulher que amava.

Avancemos oito anos. Ao mesmo tempo que o Duque e a Duquesa de Windsor, títulos que Edward e Wallis passaram a ostentar, teriam ficado maravilhados com a aceitação da realidade do divórcio por parte da Casa de Windsor, também teriam ficado perplexos que a noiva do Príncipe Harry tem ascendência multiétnica. Lembremos que a família de Wallis, Warfield, enriqueceu às custas da mão de obra escrava.

Por sua vez, eles se consideravam senhorios benevolentes e esclarecidos, sendo que o primo em terceiro grau de Wallis, Edwin Warfield, que foi eleito o quadragésimo quinto governador de Maryland, em 1903, deu vários discursos sobre o assunto "Escravidão como a conheci". Todavia, a tolerância de Edwin parava por aí; na eleição para governador, ele adotou a plataforma da supremacia branca, que acreditava que "negros iletrados" não deveriam receber os benefícios do Estado.

Embora Wallis tivesse sido criada em relativa pobreza – ela e sua mãe faziam parte do ramo mais humilde da afortunada família Warfield –, ela usufruiu dos serviços de babá, faxineira e mordomo negros. Eles eram parte

de sua vida, ainda que subalternos que jamais se aproximaram de sua intimidade. De fato, em determinada ocasião, ela observou que a primeira vez que apertou a mão de uma pessoa não branca foi quando ela e seu marido, o Duque de Windsor, cumprimentaram o povo de Nassau, durante a época em que ele foi governador das Bahamas na Segunda Guerra Mundial. Pessoas de "cor", simplesmente, não participavam da vida de Wallis e seu marido, exceto quando traziam uma bandeja com bebidas. Ela pertencia a uma classe, uma época e uma região em que, de maneira quase natural, Wallis e suas amigas eram racistas pelo acaso. Em cartas e conversas informais, ela usava, sem se dar conta, a palavra "preto" e outros termos ofensivos. Quando Wallis nasceu em 1896, o tataravô de Meghan, Stephen Ragland, lutava para ter uma vida miserável como agricultor. A simples ideia de que uma mulher birracial se casaria com um príncipe do reino, no ambiente ilustre da Capela de St. George, local onde ocorreram diversos casamentos reais, inclusive o do Rei Edward VII e, mais recentemente, a união do terceiro filho da Rainha, o Príncipe Edward, teria sido inconcebível.

Mas Meghan não é a primeira a desafiar essa noção em particular. Em 2004, a filha de um príncipe, Lady Davina Windsor, casou-se com o tosquiador de ovelhas e surfista Garry "Gazza" Lewis, um maori, nativo da Nova Zelândia, em uma cerimônia privada no Palácio de Kensington. Vigésima nona na linha sucessória, Lady Davina e seu marido foram convidados para o casamento do Príncipe William e Kate Middleton, e parecem já ter a presença confirmada nas núpcias de Harry e Meghan. A família real quase não deu bola para essa união entre a filha do Duque, a Duquesa de Gloucester, e um membro do segundo grupo étnico mais populoso da Nova Zelândia. Mas, como era de se esperar, nem todos os membros da aristocracia britânica são tão receptivos. Quando a glamourosa crítica culinária Emma McQuiston, filha birracial de um magnata do petróleo nigeriano, casou-se com o Visconde de Weymouth, herdeiro do famoso palácio de Longleat, em 2013, a reação da mãe dele foi: "Tem certeza do que está fazendo com 400 anos de linhagem sanguínea?".

Ironicamente, a própria Meghan não é exatamente uma forasteira, como muitos podem pensar, e sua linhagem europeia é bem mais antiga do que 400 anos.

O interesse popular em Meghan, como não podia deixar de ser, talvez tenha se depositado mais no histórico familiar de escravidão, e como, por meio de muito esforço e dedicação, seus ancestrais ascenderam socialmente neste mundo cruel; o que pouco se sabe é que Meghan tem, pelo lado do pai, ligações com as famílias reais da Escócia, da Inglaterra e outros lugares. Quando ela escreveu, "ser birracial traça uma linha turva que é, igualmente, assombrosa e iluminadora", ela não tinha ideia de que o sangue de reis e escravos corria em suas veias.

Para começar, é possível traçar uma linha direta, através de vinte e cinco gerações, até Robert I da Escócia, talvez o mais pitoresco dos reis escoceses. Mais conhecido como Robert de Bruce, ele é o guerreiro lendário que, enquanto se escondia numa caverna para evitar ser capturado pelos inimigos ingleses, observou uma aranha tentando tecer uma teia. A aranha, repetidas vezes, tentou e falhou subir pelo longo fio, o qual representava o fracasso do próprio Bruce no campo de batalha. Ele deu à aranha uma última chance. Se ela tivesse êxito em escalar o fio, ele travaria uma última batalha para libertar seu país.

A aranha triunfou, assim como Robert de Bruce, derrotando os ingleses na sangrenta Batalha de Bannockburn, em 1314. Ele permaneceu como rei até sua morte, em 1329, reconhecido como um dos monarcas escoceses mais bem-sucedidos e mais amados por todos.

Essa ligação fascinante com um distante mundo de reis vem da família Markle, do pai, cuja linhagem conta uma história compartilhada por muitos – ancestrais cujas raízes estavam no Velho Mundo, mas navegaram para o Ocidente em busca de uma vida melhor.

A família Markle, que tem suas origens na Alemanha e na Holanda, morou por gerações na Pensilvânia, trabalhando como fazendeiros, caieiros, carpinteiros, mineiros, soldados e, no caso do bisavô de Meghan, o gigante Isaac "Ike" Markle, como bombeiro para a Companhia Ferroviária da

Pensilvânia. O filho de Ike, Gordon Arnold, avô de Meghan, abriu o próprio posto de gasolina, trabalhou na indústria de calçados e chegou a um cargo administrativo no serviço postal da pequena cidade de Newport. Em março de 1941, meses antes de os Estados Unidos entrarem na Segunda Guerra Mundial, ele se casou com Doris Mary Rita Sanders, oriunda de New Hampshire.

É a linhagem da avó de Meghan que pode ser diretamente ligada à realeza escocesa. Por meio de seu ancestral Roger Shaw, o pingo de sangue azul de Meghan acabou sendo transportado até a América. Filho de um mercador de vinhos e navegador da cidade de Londres, Shaw navegou de Plymouth, no oeste inglês, até Massachusetts, por volta de 1637.

Como muitos outros jovens da época, Roger Shaw via a América como uma terra de promessas e oportunidades. Graças à influência do pai, as autoridades lhe deram uma licença "para vender vinho e todos os tipos de bebidas alcoólicas, para cristãos e indígenas, como melhor conviesse, em ocasiões justas e prementes, e não de outro modo". Com o tempo, ele se tornou um considerável latifundiário, fazendeiro e reconhecido pilar da comunidade.

Pela família de Shaw, com origens em Yorkshire, no norte da Inglaterra, encontramos o elo fundamental com a realeza. Na região, eles eram respeitados donos de terras, e foi o casamento, em 1490, de um dos membros do clã, James Shaw, com Christina Bruce, a filha herdeira de Sir David Bruce, 6º Barão de Clackmannan, descendente direito de Robert de Bruce, que selou a ligação real.

Ao longo das gerações, Doris também pode se vangloriar de outra interessante ligação com a realeza, desta vez, por meio de sua ancestral Mary Bird, que apareceu nos registros familiares do Castelo de Windsor, em 1856, e, provavelmente, trabalhou como camareira. Há certa exultação nessa história: como uma Cinderela moderna, a descendente de Mary se casará com um príncipe só dela.

Este, porém, não é o único laço com a realeza britânica. Meghan também descende do imigrante inglês Christopher Hussey, que morou na ilha

baleeira de Nantucket, perto da costa de Massachusetts, assim como do Reverendo William Skipper, que desembarcou em New England, em 1639. A linhagem do Reverendo Skipper merece uma referência especial. As ligações dele com a realeza e subsequentes conexões com a família Markle asseguram que, de acordo com o genealogista Gary Boyd Roberts, de Boston, Meghan é descendente da vigésima quarta geração do Rei Edward III. Nascido no Castelo de Windsor, ele governou com sucesso a Inglaterra durante cinquenta anos, até sua morte em 1377.

Além disso, de acordo com Roberts, Meghan tem parentesco distante com a maioria das famílias reais europeias graças a sua parente Margaret Kerdeston, que viveu no século XV e foi avó paterna de Anne de Foix-Candale, Rainha da Hungria e Boêmia. Há outras ligações reais ainda mais tangíveis. Os ancestrais de Skipper, Sir Philip Wentworth e Mary Clifford, têm ligações sanguíneas distantes com a falecida Diana, Princesa de Gales, e com a Rainha Mãe. Em consequência do casamento consanguíneo na realeza, o Príncipe Harry, de acordo com Roberts, também é descendente de Margaret Kerdeston, separados por mais de 240 linhagens, fazendo do príncipe e de sua noiva primos muito, muito distantes.

Como observou Gary Boyd Roberts a respeito de Meghan: "Muito da história americana e inglesa está refletido em sua ancestralidade diversa".

Claro que muitas pessoas de ascendência europeia podem reivindicar ligações com a realeza, mas no caso de Meghan, tais conexões ganham novo significado. Sua herança europeia e afro-americana era um constante lembrete, principalmente na infância, a respeito de suas diferenças e distinções. Foram coisas que ela aprendeu a reconhecer e abraçar durante a vida.

2.

A Infância de uma Markle

Crescer na família Markle, nos anos 1950, foi como um capítulo do livro *As Aventuras de Tom Sawyer*. O jovem Tom Markle, pai de Meghan, e seus dois irmãos mais velhos, Mick e Fred, curtiram uma infância idílica na pequena cidade de Newport, na Pensilvânia, onde viviam em uma modesta casa de madeira. Os garotos brincavam em cipós na mata que ficava no fim da rua de terra, pescavam bagre no Rio Juniata, e no verão colhiam amoras que a mãe deles, Doris, transformava em deliciosas tortas e geleias. Quando era adolescente, Tom ganhava um dinheirinho extra como reorganizador de pinos no salão de boliche da região. Ou acompanhava o pai, Gordon, que trabalhava na administração do serviço postal, para assistir aos Phillies, amado time de beisebol da Filadélfia, marcarem *home runs* na televisão em preto e branco do lugar.

Na época em que Tom concluiu o Ensino Médio na Newport High School, seu irmão Mick juntou-se à Força Aérea dos Estados Unidos, onde trabalhava com telecomunicações, embora alguns digam que, em determinado momento, foi recrutado pela CIA (Agência Central de Inteligência). O irmão Fred mudou-se para o sul, encontrou a religião e acabou se tornando bispo consagrado da Igreja Católica Ortodoxa do Oriente na América, localizada em Sanford, Flórida, onde ele é conhecido como "Bispo Dismas".

Tom assumiu outra postura quanto ao seu futuro. Depois de formar-se, ele deixou a cidadezinha de Newport e foi para Poconos, uma região turística montanhosa no nordeste da Pensilvânia. Lá, trabalhando em um teatro local, aprendeu sobre a parte técnica dos bastidores do ramo, e, assim, adquiriu excelentes experiências que lhe renderam frutos na carreira profissional. Então, ele viajou para Chicago para assumir uma vaga como técnico de iluminação na WTTW, a afiliada local do Serviço Público de Radiodifusão. Ele também trabalhou no teatro Harper Playhouse junto com os novos proprietários, Bruce e Judith Sagan, que queriam criar no distrito de Hyde Park, também lar de um certo Barack Obama, um novo e vibrante centro cultural. Logo tornou-se diretor de iluminação do teatro, trabalhando no controverso musical *Hair*, em apresentações de dança e em dramas russos clássicos, assim como em concertos de jazz e música de câmara.

Tom trabalhava muito e se divertia bastante, aproveitando o tempo livre com os amigos que estudavam na prestigiada Universidade de Chicago. Durante uma festa de arromba na Casa Internacional dentro do *campus*, em 1963, Tom, com dezenove anos na ocasião, conheceu Roslyn Loveless, de dezoito anos, uma estudante que trabalhava como secretária num dos escritórios da empresa ferroviária Amtrak. Ambos altos – ela com 1,75 m e ele com 1,93 m – e com o mesmo cabelo ruivo, a atração foi imediata, sendo que Roslyn ficou encantada com o senso de humor peculiar e o "jeito leve" dele. Os dois se casaram no ano seguinte; a primeira filha deles, Yvonne, nasceu em novembro de 1964, e o filho, Tom Junior, dois anos mais tarde, em 1966. Naquele tempo, a vida era difícil – Tom quase sempre trabalhando dezoito horas por dia e Roslyn aguentando o emprego como secretária enquanto criava dois filhos. Era como equilibrar pratos todos os dias, mesmo com a mãe de Roslyn, Dorothy, ajudando sempre que podia.

Apesar das pressões diárias, eles desfrutavam uma vida social agitada e tinham um círculo de amigos divertidos, com Tom sempre mantendo todos entretidos com seu tipo excêntrico de humor. Roslyn lembra-se de certa vez, em um restaurante grego, quando ele fingiu ter um papagaio chamado

Stanley, passando o papagaio imaginário de pessoa para pessoa, implorando para que as garçonetes não se apoiassem sobre ele. "Foi hilário", ela recorda. Quando Yvonne e Tom Junior começaram a perder seus dentes de leite, ele mandou aos dois cartas enormes de duas fadas do dente, Hector e Ethel, que descreviam suas vidas e explicavam o que aconteceria aos seus dentes. De tempos em tempos, levava os filhos para o seu local de trabalho. Era uma curtição, porque, ainda por cima, na época, ele fazia a iluminação do programa de marionetes que era uma febre: *Vila Sésamo*. Uma viagem ao estádio Wrigley para assistir aos Cubs, time de beisebol de Chicago, dirigir o carro do pai no estacionamento da WTTW, ser içado dentro do guindaste de iluminação do estúdio, caçar moedinhas em um palco enevoado com gelo seco: essas são algumas das boas lembranças que Tom Junior guarda com carinho.

Aos olhos dele, Thomas era o pai divertido, o pai que inventava as melhores e mais divertidas brincadeiras que o faziam gargalhar – isso quando ele estava por perto. O que, infelizmente, não era muito frequente. A esperança na infância era, na maioria das vezes, obliterada por decepções. Ele era consumido pelo trabalho, e os frutos do trabalho vinham na forma de nomeações ao Emmy local – e cheques bem gordos. O preço que ele pagou por tamanho sucesso foi o fim de seu casamento, as recorrentes noites mal dormidas, as festas de elenco regadas a bebidas, além das distrações e o cansaço constantes que afetavam sua saúde. Uma das primeiras memórias de Tom Junior é o som de vozes alteradas, portas batendo e palavras raivosas. Em algum momento do início dos anos 1970, quando as crianças ainda estavam no primário, o casal resolver seguir caminhos distintos.

Durante algum tempo, Tom morou em Chicago e via os filhos aos fins de semana. Mas isso não durou muito. Ele tinha um sonho, e esse sonho era Hollywood. Pouco antes do divórcio em 1975, Tom deixou para trás a ex-mulher e os filhos para começar sua nova vida na Costa Oeste. Os filhos não veriam o pai de novo pelos próximos anos.

Por insistência do irmão Richard, que morava no Novo México, Roslyn e os filhos viajaram para Albuquerque a fim de construir uma vida nova. Por um tempo, foi uma época feliz. O tio Richard não era seu pai, até onde Tom Junior sabia, mas, pelo menos, ele estava por perto, ensinando-o a dirigir seu Fusca em um estacionamento e mostrando-lhe como se atirava. Além do mais, Richard e Roslyn tinham boa convivência. Pela primeira vez em suas vidas, os filhos não precisavam viver com uma atmosfera rancorosa em casa.

O lado negativo era que, como único ruivo da escola, Tom Junior via-se constantemente assediado e sofrendo *bullying* de seus colegas de turma. Alguns alunos roubavam seu dinheiro do almoço, enquanto outros começavam brigas. Ele detestava ir à escola, pois era comum voltar com o olho roxo. O pior estava por vir. Certa noite, ele foi assistir ao filme *Agarra-me se Puderes* com a mãe e o novo namorado dela, um especialista em artes marciais chamado Patrick. Quando voltaram para casa, viram que estava ocorrendo um assalto. Quando Patrick resolveu atacar os ladrões, tomou tiros no estômago e na boca, e as balas passaram de raspão por Tom Junior. Apesar de Patrick ter sobrevivido, Tom Junior ficou traumatizado.

Entre assédios e assaltos, Tom Junior decidiu deixar Albuquerque e ir morar com o pai, que agora desfrutava a vida de frente para o mar, em Santa Monica, no sul da Califórnia. Ele chegou a tempo de se matricular no Ensino Médio.

Embora ainda idolatrasse o pai, havia um enorme senão nessa nova vida: sua irmã, Yvonne. Alguns anos antes, a moça havia se mudado para lá ao fazer catorze anos. Eles brigavam como cães e gatos e suas brigas eram infernais.

Quando o trio se mudou de Santa Monica para uma casa maior na Providencia Street, próxima ao clube de campo de Woodland Hills, Tom Junior logo se apoderou do porão para transformá-lo em quarto. O garoto ficou empolgadíssimo quando um amigo lhe vendeu uma cama d'água de tamanho *king-size*. A empolgação, imediatamente, virou frustração, pois assim que a cama chegou e ele se sentou sobre ela, o colchão vazou toda a

água e ele foi engolido por aquele *tsunami*. Ao verificar o que havia acontecido, ele descobriu diversos buracos na cama novinha. Havia apenas uma suspeita. Sua irmã Yvonne, na mesma hora, assumiu a responsabilidade, mas alegou que era por vingança, pois disse que queria o quarto para ela. Mais um episódio cruel e rancoroso nessa batalha fraterna. Como o próprio Tom Junior me disse: "Se não conseguisse o que queria de você, ela se tornava seu pior pesadelo".

Em meio a essa dinâmica de discussões, eis que surge a figura de Doria Ragland. Pequenina, zelosa, com olhos castanho-claros e um cabelo cacheado volumoso, essa foi a mulher que transformou Thomas em uma manteiga derretida. Antes mesmo de ele a apresentar para os filhos, já havia mudanças em seu comportamento. Ele andava mais relaxado, começou a tirar folgas no trabalho, estava alegre, despreocupado. Em resumo, ele estava feliz. O casal se conheceu no *set* da novela do canal ABC, *General Hospital*, onde ela estava fazendo um treinamento para maquiadora, enquanto ele já estava bem estabelecido como diretor de iluminação. Apesar da diferença de doze anos entre eles, os dois rapidamente se apaixonaram.

Após a conclusão do Ensino Médio na Fairfax High School, Doria viu sua educação ser tragicamente afetada pelo terremoto de San Fernando, em 1971. O sismo destruiu a outra escola da região, a Los Angeles High School, e as autoridades precisaram juntar os alunos das duas instituições. Assim, Doria estudava das sete da manhã até o meio-dia e, depois, os alunos da LAHS frequentavam o curso pela tarde. Apesar das dificuldades, ela era membro do *Apex Club*, uma turma para jovens academicamente avançados. Depois do Ensino Médio, Doria foi vendedora de joias, ajudava na loja de antiguidades de Alvin chamada *'Twas New* e cuidava de uma barraca na feira de quinquilharias aos domingos. Ela também trabalhou como agente de viagens. Era uma maneira de obter descontos em passagens aéreas para poder conhecer o mundo sem gastar muito.

Tom Junior não se deu conta direito da nova moradora da casa na Providencia Street. Como passava o tempo todo andando de skate, dirigindo

kart e trabalhando numa floricultura, mal notou quando Doria foi morar na casa deles. Ele estava ocupado demais aproveitando a vida com seus novos amigos.

Quanto a Yvonne, foi indiferença, para não dizer antipatia, à primeira vista. Ela se ressentia pelo fato de que a recém-chegada levava para longe dela o foco do pai, pois ansiava que Thomas conseguisse, por meio de suas influências no *showbiz*, um trabalho para ela como modelo ou atriz. Quando ainda morava em Albuquerque com a mãe, ela havia feito alguns trabalhos como modelo de joias e vestidos de noiva. Agora, adolescente brigona, ela via notas de dólar no letreiro de Hollywood. Sempre que seus amigos vinham visitá-la, ela desdenhava da presença da namorada afro-americana do pai, referindo-se a ela, de acordo com o irmão, como "a empregada". Por outro lado, a melhor amiga dela, hoje uma corretora imobiliária de sucesso, não se lembra de Yvonne usar esse palavreado, e, mesmo que tivesse usado, ela teria atribuído a isso seu humor negro, típico de Chicago. Não obstante, como sua mãe bem lembra, Yvonne nunca foi uma jovem particularmente tolerante.

A chegada de Doria também coincidiu com a época que Yvonne resolveu adotar os princípios sombrios da magia negra. Mesmo quando criança, Yvonne sempre teve um fascínio pelo macabro, chegando a levar para o quarto, certa vez, uma lápide em decomposição que achara no porão do prédio, em Chicago. Dessa vez, como seu irmão Tom recorda, ela comprou uma cópia da *Bíblia Satânica,* de Anton LaVey, montou um altar em seu quarto, jogava com um tabuleiro Ouija, acendia velas negras e se vestia com roupas góticas, ou seja, pretas dos pés à cabeça. Talvez tudo não tenha passado de uma obsessão adolescente rebelde, e o irmão jamais a testemunhou realizando rituais satânicos, mas ele me descreveu como se sentia perturbado pelo comportamento "esquisito" dela. Ela saía de casa no cair da noite e raramente voltava antes do amanhecer. Uma amiga de Yvonne se lembra daquela época, descrevendo como ela e Yvonne se vestiam e saíam para dançar, sobretudo quando alguma banda britânica estava na

cidade. "Nós nos maquiávamos e nos enfeitávamos", relembra ela. "Nós saíamos para nos divertir". O ritual de garotos conhecendo garotas, mais do que qualquer coisa satânica, era a meta delas.

A maior parte dos vaivéns entre irmão e irmã era mais provocações e ofensas do que bruxaria. Em certa ocasião, Yvonne foi à floricultura onde Tom Junior trabalhava meio-período para pedir dinheiro emprestado ao irmão. Enquanto ele e seu colega, Richard, um cientista cristão devoto, estavam atendendo alguns clientes, ela pegou a Bíblia Sagrada de Richard e desenhou com seu batom vermelho um pentagrama, o sinal do diabo, no livro. Antes de ir embora, ela escreveu "666", a marca da Besta, em outra página. Tom Filho conseguiu se vingar: ligou para casa e disse à irmã que Richard havia ficado tão traumatizado com a profanação de sua Bíblia que correra até a estrada e fora atingido por um ônibus. Seu ardil fez com que ela voltasse correndo até a floricultura para ver como Richard estava.

Certamente, Doria poderia ser absolvida por ficar se perguntando no que havia se metido quando se deparou com essas discussões caluniosas dentro da família. Uma coisa era apaixonar-se por um homem doze anos mais velho que ela, outra bem diferente era ser jogada de cabeça nessa família turbulenta, com irmão e irmão brigando o tempo todo. Com uma personalidade forte e cabeça no lugar, Doria trouxe um senso de família para esse lar sofrido.

Quando ela chegou, todos estavam acostumados a fazer o que bem entendessem. Thomas trabalhava todas as horas do dia e da noite, Yvonne saía para a balada com as amigas, enquanto Tom Junior fumava maconha com seu grupo. Ela os uniu como uma família; Doria era vista como uma *hippie* pacífica e legal. Logo ficou amiga da vizinha ao lado, Olga McDaniel, uma ex-cantora de casas noturnas, e Doria passava horas papeando com a mulher. "A melhor forma de descrever Doria é que ela era como um abraço apertado", contou-me a filha de Olga. A tacada de mestre dela foi levar Tom Junior a um abrigo animal e ajudá-lo a escolher um cão para a família, ao qual ele deu o nome de Bo. Não demorou para o novo morador barulhento,

um cruzamento de Golden Retriever com Beagle, dominar a casa de cinco quartos inteira, localizada no subúrbio arborizado de Woodland Hills.

No Dia de Ação de Graças, Doria convidou os Markle para se juntarem ao clã Ragland, inclusive sua mãe Jeanette, seu pai Alvin, o meio-irmão Joseph e a meia-irmã Saundra, para uma verdadeira festa à moda sulista, com torta de batata doce, quiabo, presunto e feijão. "Bons tempos", lembra Tom Junior. "Quando os conheci, fiquei apreensivo e nervoso, mas eles eram muito calorosos e inclusivos, o tipo de família que sempre quis. Eram todos muito felizes e com um real senso familiar".

Essa integração familiar foi formalizada quando, no dia 23 de dezembro de 1979, Doria e Tom se casaram no templo da "Self-Realization Fellowship", na Sunset Boulevard, um pouco a leste de Hollywood. O local foi escolhido por Doria, que aderira aos ensinamentos de Yogananda, um guru de yoga indiano que havia chegado a Boston em 1920, e pregava uma filosofia de respiração e meditação como parte da prática de yoga, ajudando seus seguidores a percorrerem uma senda de iluminação. As estrelas de Hollywood, como Linda Evans e Mariel Hemingway, o fundador da Apple, Steve Jobs, e o ex-Beatle George Harrison, seguiam seus ensinamentos. Mas, mesmo em uma atmosfera "iluminada", casamentos inter-raciais eram incomuns.

Menos de meio século antes do casamento de Tom e Doria, a Califórnia havia rejeitado leis antimiscigenação, que baniam casamentos entre brancos e negros. No entanto, só em 1967 que as leis antimiscigenação foram declaradas inconstitucionais no país inteiro, em uma decisão histórica da Suprema Corte dos Estados Unidos, em *Loving vs Virginia*, sendo que a história chegou a ser dramatizada em um filme de Hollywood, estrelando Ruth Negga e Joel Edgerton.

Em 1958, Richard e Mildred Loving, um homem branco e uma mulher negra, casaram-se em Washington, D.C. Quando os dois voltaram para seu estado natal, a Virginia, foram presos dentro do quarto por força da Lei Estadual de Integridade Racial. O juiz Leon Bazile suspendeu a sentença do

casal, sob a condição de que os Loving deixassem a Virginia e não voltassem pelos próximos vinte e cinco anos. Eles recorreram da sentença, mas o juiz Bazile refutou uma nova apreciação da decisão, escrevendo: "O Poderoso Deus criou as raças branca, negra, amarela, malaia e vermelha, e as colocou em continentes diferentes. Se não houvesse interferência em seu arranjo, não haveria motivo para tais casamentos. O fato de ter separado as raças demonstra que Ele não pretendia que elas se misturassem".

Os Loving, em seguida, com o apoio do Fundo de Defesa Legal da NAACP (Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor), da Liga dos Cidadãos Nipo-Americanos e de uma coalizão de bispos católicos, recorreram com sucesso à Suprema Corte americana, que escreveu em sua decisão: "Casamento é um dos 'direitos civis básicos do homem', fundamental à nossa existência e sobrevivência… Sob nossa Constituição, a liberdade de se casar ou não com uma pessoa de outra raça pertence ao indivíduo e não pode ser infringida pelo Estado", condenando a lei antimiscigenação da Virginia como "criada para manter a Supremacia Branca". Apesar de essa sentença ter descriminalizado a miscigenação, casais inter-raciais ainda eram vistos com maus olhos por muitos, confrontados por atos ocasionais de racismo e, por vezes, de hostilidade.

No grande dia dos dois, Thomas, usando uma jaqueta esportiva e uma camisa de botões, e Doria, em um vestido branco esvoaçante com um buquê no cabelo, fizeram seus votos de casamento na presença do Irmão Bhaktananda. Ele salientou que a fusão do casal era para o "bem maior de todos" e para que se unissem a Deus. Os filhos dos seguidores da Self-Realization têm uma reputação de serem almas abertas e curiosas. Portanto, quando Doria engravidou apenas um ano após a cerimônia, ela e Tom mal podiam esperar pela chegada do novo membro da família. As boas notícias não pararam por aí, pois a gravidez de Doria coincidiu com a primeira indicação de Tom para o prêmio Emmy, na categoria design e iluminação, por *General Hospital*; mais tarde ele seria indicado outras oito vezes. Nada

mal para um homem que era oficialmente daltônico. Se 1980 foi um bom ano, 1981 seria ainda melhor.

Conforme os meses passavam e o termômetro do verão não parava de subir, Doria ficou impaciente para que a espera acabasse. Com as temperaturas durante o dia sempre na casa dos trinta graus, ela levantava as mãos ao céu por haver na casa um climatizador evaporativo que parecia um "pântano" e que a casa bagunçada era escura e sombreada. Em seu tempo livre, Thomas decorava o quarto do bebê, pintando as paredes e pendurando personagens da Disney e figuras de anjos ao redor do berço branco. Finalmente, às 4h46 do dia 4 de agosto de 1981, no Hospital West Park, em Canoga Park, o obstetra Malverse Martin anunciou que Doria e Tom, agora, eram pais de uma saudável menininha. A mais recente integrante da irmandade das "Garotas do Valley" era, como bem observou sua mãe, uma leonina. Leoninos típicos deveriam ser "calorosos, ativos e motivados pelo desejo de serem amados e admirados. Eles costumam ter uma aura de realeza. Adoram estar sob os holofotes, por isso que muitos deles seguem carreira nas artes dramáticas". Nunca um signo do zodíaco foi tão preciso!

A chegada de Rachel Meghan Markle transformou a vida do pai. "Ele ficou muito, muito feliz", lembra Tom Junior. "Passava todos os minutos que podia com ela. Meu pai estava mais apaixonado por ela do que qualquer outra pessoa no mundo, e isso incluía Doria. Ela se tornou a vida inteira dele, sua princesinha. Ele estava maravilhado por Meghan".

Yvonne, a meia-irmã de Meghan, então com dezessete anos, apenas passava direto pela bebê, pois estava mais interessada em baladas e maquiagem do que brincar com uma recém-nascida. "'Bebês, eca, não obrigada', essa era a nossa impressão", relembra uma das amigas de Yvonne. Ela era uma adolescente que queria se divertir, e diversão, com certeza, não incluía ficar fazendo as vezes de babá para a nova integrante da família. Yvonne não só era indiferente à bebê, agora apelidada de "Flor" e "Botão", como se sentia jogada para escanteio, já que seu pai devotava todas as atenções para a bebê Rachel. Sem dúvida, ela se lembrava das constantes

ausências do pai na infância, e tinha certo ciúme da atenção agora totalmente focada à sua meia-irmãzinha.

Tornou-se uma compreensível fonte de atritos o fato de seu pai não dedicar, aos olhos de Yvonne, tanto tempo quanto ela gostaria para usar os contatos dele a fim de indicá-la para oportunidades de trabalho como modelo ou atriz. Dito isto, algum tempo depois, ele conseguiu um papel secundário para a filha em *General Hospital* e uma ponta num episódio da novela *Matlock*, na qual ela era morta antes do primeiro intervalo comercial. Contudo, parece que ela não soube explorar essas oportunidades.

Tom não só passava todos os minutos em que estava acordado com a segunda filha, como, à sua maneira peculiar, tentava impor um pouco de disciplina naquele lar, de certo modo, *laissez-faire*, tudo para proteger sua pequena "Flor". Antes, ele sempre disse ao filho que, se quisesse fumar maconha com os amigos, deveria fazê-lo apenas dentro de casa, mas a ordem mudou com a chegada da bebê. Tom Junior me contou que, certa vez, ele e os amigos estavam fumando um baseado na sala, enquanto Meghan chorava no quarto. O pai gritou para avisar que estava subindo para trocar a fralda da menina. Pouco depois, ele apareceu na sala carregando uma fralda cheia. Em seguida, juntou-se aos garotos no sofá, tirou uma colher do bolso e começou a comer o "conteúdo". Enojados, os garotos saíram correndo da casa. Só algum tempo depois que ele confessou ter trocado por uma fralda limpa cheia de pudim de chocolate. Aquela foi a maneira de ele de impedir que os garotos fumassem maconha enquanto Meghan estivesse por perto.

Mas esse era, basicamente, o máximo de disciplina que rolava por lá. O lar da família era, praticamente, uma central festiva: as amigas de Doria frequentavam a casa, tocavam música, praticavam yoga (Doria passara a dar aulas dessa atividade) e realizavam churrascos. Quem via de fora, parecia uma grande família feliz, pois os parentes de Doria, principalmente a mãe Jeanette, tomavam conta da bebê para os recém-casados. Até Tom Junior dava uma mão para dar uma folga a Tom e Doria. Na maior parte do tempo, Tom e Doria pareciam felizes, mas logo começaram as discussões. Por mais

que Tom amasse Meghan, ele também amava o trabalho; e ainda era um *workaholic* e não passava menos de oitenta ou noventa horas por semana no *set* de filmagens. E, aos olhos dele, isso valia a pena, e Meghan provava ser seu amuleto da sorte. Após duas indicações, em 1982, ele e os colegas de *General Hospital*, finalmente, venceram o Emmy local por "feitos notáveis e excelência em design de iluminação".

Mas tudo tem seu preço. Doria não havia optado por cuidar dos filhos dele, criar e educar sozinha a filha deles, tentar impulsionar sua carreira e colocar em ordem a imensa casa da família. E, embora não fosse culpa de Tom, eles moravam em uma vizinhança predominantemente branca, na qual, em virtude da pele escura dela e da pele clara de Meghan, as pessoas, quase sempre, achavam que Doria era a babá. Toda hora a paravam e perguntavam, com certa inocência, onde morava a mãe da menina. Era uma humilhação pela qual não precisava passar.

Parecia também que Tom estava mais casado com o trabalho do que com ela. Tal sentimento também era compartilhado por sua primeira esposa, Roslyn. Gradualmente, as palavras duras e as brigas se tornaram a regra em vez da exceção, com Tom Junior e Yvonne reconhecendo os sons mais que familiares de um fim de relacionamento. De acordo com os amigos da família, as constantes reclamações de Tom a respeito de Doria sobre assuntos sem importância, e outros mais sérios, convenceram-na do que ela deveria fazer. Chegou um ponto em que Doria decidiu dar um basta e voltou para a casa da mãe, Jeanette. Uma amiga da família fez o seguinte comentário: "Doria não é um capacho, disso eu tenho certeza. Ela falava por si, sabia se proteger e defendia a filha com unhas e dentes. Sempre andava de cabeça erguida. Eu confiei em sua decisão".

O casal se separou quando a pequena "Flor" deles tinha apenas dois anos de idade, mas só se divorciaram cinco anos depois. Tom tinha direito a ficar com a filha nos fins de semana e a devolvia nas noites de domingo. Na época, como Meghan contou ao escritor Sam Kashner, o trio se sentava e jantava com os pratos no colo, enquanto assistiam a *Jeopardy!*. "Éramos tão

próximos", lembra ela, uma memória porventura vista pelo prisma tolerante de uma criança desesperada em ver os pais reunidos, ao invés de aceitar a dura realidade de pais em conflito. Outros não eram tão otimistas, ressaltando a perplexidade de Tom, para não dizer rancor, por Doria ter dado tão pouco tempo para que a relação se estabelecesse. Quando Meghan tinha idade suficiente para compreender *Jeopardy!*, o casal já estava divorciado e vivendo suas vidas de forma independente.



Fundada em 1945 por Ruth Pease, a Little Red School House é uma instituição de Hollywood estabelecida para filhos e filhas da elite do *showbiz* de Los Angeles [atualmente, se chama Hollywood Schoolhouse]. Embora os pais raramente vissem Johnny Depp, cuja filha frequentava a escola, esperando do lado de fora dos portões da escola, Flea, baixista do Red Hot Chili Peppers, costumava buscar a filha depois da aula em um Mercedes Benz todo grafitado. A pedagogia – baseada no programa de quatro estágios do psicólogo suíço Jean Piaget – é eclética, imaginativa e cara: US$18.800 anuais para o jardim de infância e chega a US$22.700 no último ano do Ensino Fundamental, em preços atualizados. Como o colégio escolhe apenas os melhores e os mais inteligentes, crianças mais velhas precisam prestar uma provinha antes de pleitear a matrícula. Em 1983, Doria, que estava estudando para ser assistente social, e Tom matricularam Meghan, na época com dois anos, na creche/jardim de infância desse colégio exclusivo.

O ambiente era conveniente para todos os envolvidos. A Little Red School House era próxima dos estúdios da ABC, em Los Feliz, onde Tom trabalhava, e a alguns minutos do trabalho de Doria e de sua nova casa, um pouco ao sul de Hollywood. Meghan ficaria nesse colégio até atingir os onze anos de idade. Ao mesmo tempo que leitura, escrita e aritmética faziam parte da grade escolar, as crianças podiam mergulhar em uma infinidade de matérias, de espanhol a física quântica. No verão, as crianças trabalhavam

no jardim comunitário e faziam trilhas pela natureza, na praia de Leo Carillo ou perto do Griffith Park. Depois da aula, Meghan gostava de andar de bicicleta ou corria com a mãe, que também incentivou Meghan a praticar yoga desde cedo. A mãe insistia que ela ajudasse a preparar o jantar, uma rotina diária que Meghan considera ter promovido seu amor por cozinhar e comer.

Enquanto isso, as apresentações de palco da escola, assistidas por pais orgulhosos, incentivavam o promissor interesse de Meghan pelo teatro. Quando fez cinco anos, Meghan divertia os pais com uma versão da música "The Wheels on the Bus", e, mais tarde, figurou em *Bye Bye Birdie* e *West Side Story*. No Halloween, Meghan e sua amiga Ninaki "Nikki" Priddy interpretaram dois cadáveres que discutiam o tamanho e o conforto de seus respectivos caixões. Em outra oportunidade, ela dividiu o protagonismo em uma adaptação de *How the Grinch Stole Christmas*. Infelizmente, a coadjuvante, Elizabeth McCoy, caiu de cama, com uma gastroenterite, horas antes da apresentação começar, deixando Meghan desesperada para decorar as falas das duas. "Aquela foi a pior experiência da minha vida, tentando aprender suas falas", Meghan contou tempos depois para uma consternada McCoy. Ironicamente, ninguém sequer pensou em perguntar a uma garotinha de cabelos loiros desgrenhados, óculos de grau e um jeito atrapalhado e desajeitado, que estava espiando tudo lá do coral, se ela queria assumir o papel. O nome dela era Scarlett Johansson, hoje uma das atrizes mais bem pagas e que foi aluna do colégio por um breve tempo.

McCoy, que hoje é uma *chef* e roteirista renomada, teve outro motivo para agradecer Meghan. Dois anos mais nova que Meghan, Elizabeth confessa que era uma "criança esquisita". Intensa, muito inteligente e acima do peso, ela se interessava por assuntos excêntricos, como OVNIs, ocultismo e fantasmas. As outras crianças achavam que ela era estranha. Não ajudava também o fato de que ela sofria com pequenas convulsões, uma forma de epilepsia que a fazia entrar num estado de transe de tempos em tempos, o que a tornava inacessível. Já que as convulsões duravam apenas alguns

instantes, as crianças sempre achavam que ela estava sonhando acordada ou não estava prestando atenção.

Meghan, como Elizabeth viria a descobrir, não era como a maioria das crianças, que ignoravam sua existência ou caçoavam dela. A primeira vez que Meghan viu Elizabeth tendo uma convulsão, ela foi socorrê-la prontamente, sentando-se ao lado da menina e a reconfortando. Elizabeth também se lembra de que Meghan oferecia consolo quando ela era provocada pelas "garotas más", como as descreve. Ela recorda: "Eu era uma criança intimidada e deprimida, e minha única salvação eram as crianças que gostavam de mim. Eu gostava muito da Meghan. Ela não me rejeitava, se eu começasse a falar dos meus assuntos excêntricos, ela parava para ouvir. Era muito gente fina e falava coisas muito legais também. Sempre gostei de estar com ela".

Estava claro que Meghan havia herdado o forte senso de certo e errado da mãe, e estava preparada para lutar por ela e pelos outros. Certa ocasião, as tais "garotas más" anunciaram que formariam um clube "Só Garotas Brancas" e chamaram Meghan para participar. "Vocês estão de brincadeira?", disse Meghan para a surpresa das colegas, rejeitando a ideia apenas com essa frase. Elas nunca mais falaram no assunto depois disso.

Mas esse enfrentamento no meio do recreio salientou algo com que Meghan lutava constantemente. Mais ou menos nessa época, no Natal de 1988, ela conta a história de como seu pai comprou dois conjuntos de bonecas cujos corações eram preenchidos pela tradicional família de mamãe, papai e dois filhinhos. Um dos conjuntos era com bonecas negras, o outro com brancas, e misturou os dois para representar a família de Meghan. Em seguida, embrulhou tudo em um papel brilhante e colocou a caixa sob a árvore de Natal.

A batalha de Meghan para se compreender de maneira instintiva, conscientizou-a para observar aqueles que tinham dificuldades de se adaptar. Como recorda Elizabeth McCoy: "Você nunca se esquece das pessoas que foram más ou legais com você. Por isso jamais me esqueci da Meghan. Ela foi uma das pessoas mais corretas que já conheci. Se alguém

estivesse sendo tratado injustamente, ela fazia questão de defender quem quer que fosse. Teve uma vez em que fiz chorar uma das garotas que mexeram comigo. Tentei me desculpar e Meghan ficou ao lado da outra garota, porque era ela que estava em prantos."

"Meghan qualificava da maneira certa. Defendia aqueles que precisassem. A postura dela era: 'Posso ver que está machucada e vou protegê-la'. Ela era um ser humano genuinamente decente, que ajudava quem estivesse em necessidade. E não dava a mínima para quem era diferente dela".

Até o pai de Elizabeth, Dennys McCoy, um mundialmente renomado roteirista de animações, faz questão de elogiar Meghan. Ele lembra: "Ela se destacava porque era uma garota equilibrada, que era inteligente e madura para a sua idade. Ficamos surpresos por ela ter se tornado atriz. Achávamos que ela seria advogada".

Quando ela tinha dez anos, Meghan era bastante antenada e adorava um debate, participando de discussões sobre racismo nos Estados Unidos, em especial após o famoso espancamento de Rodney King pela polícia de Los Angeles, em 1991; sobre a Guerra do Golfo, que aconteceu naquele mesmo ano; e durante a campanha presidencial de 1992, entre Bill Clinton e George H. W. Bush. Durante uma discussão em classe sobre a guerra iminente na região do Golfo, um colega estava chorando, pois não sabia se o irmão mais velho, que servia no exército dos EUA, voltaria para casa. O assunto aqueceu tanto os ânimos dos alunos, liderados por Meghan, que fizeram um protesto no próprio pátio do colégio. Eles fizeram faixas e cartazes com palavras de ordem contra a guerra. O interesse foi tão grande que a estação de TV local, a KTLA, enviou uma equipe de filmagem para televisionar o protesto.

Inclusive, perto de sua residência, aconteceram os protestos de Los Angeles, no fim de abril e começo de maio de 1992, que foram incitados após quatro policiais do Departamento de Polícia de Los Angeles serem filmados espancando brutalmente Rodney King, um homem negro desarmado, e mesmo assim foram inocentados de agressão e uso de força excessiva. Conforme os incêndios e saques se espalhavam como tentáculos pelas vias públicas de LA, Meghan e seus colegas foram mandados para casa.

Meghan observava com espanto as cinzas dos incêndios nos prédios e casas flutuando sobre seu jardim. Ela achou que estava nevando, mas sua mãe sabia exatamente o que estava acontecendo e ordenou que ela ficasse dentro de casa. E quando os alunos voltaram para a escola, havia um senso melancólico de ansiedade, as crianças, inclusive Meghan, reuniram-se diante de uma janela no segundo andar do colégio para assistir à polícia prendendo um homem. Ao todo, durante os seis dias de protestos, ocorreram 63 mortes e mais de 2.300 pessoas ficaram feridas, resultando em mais de 12 mil prisões.

A experiência despertou a ativista emergente dentro dela, e Meghan decidiu usar sua influência sempre que fosse possível. Ela já havia ganhado certa reputação ao escrever para empresas, principalmente as gigantes do setor alimentício, sobre embalagens danificadas ou defeituosas. Toda hora, ela recebia das companhias alimentícias saquinhos de salgadinhos, batatas fritas ou do que quer que fosse, como forma de reparação, e ela sempre dividia os frutos de suas reclamações com seus colegas de turma.

A jogada mais memorável dela foi quando escreveu para a empresa de produtos domésticos Procter & Gamble, pois eles fizeram um comercial sexista que usava a frase de efeito "Mulheres de toda a América estão lutando contra panelas e frigideiras engorduradas" para vender um detergente para máquinas de lavar louça. Ela e os colegas assistiram aos comerciais como parte de um trabalho de Estudos Sociais. Contudo, foi a reação de dois garotos de sua sala para com o anúncio do detergente que a enfureceu. Ela lembra que eles disseram: "Isso aí, as mulheres têm de ficar lá mesmo – na cozinha". Meghan sentiu-se confusa. Ela ficou com raiva e incomodada, sabendo que eles estavam errados, mas também se sentiu, como ela bem lembra, "pequena, muito pequena para dizer qualquer coisa naquele momento".

Ao chegar em casa, contou ao pai o ocorrido, que sugeriu que ela canalizasse seus sentimentos em cartas manuscritas de reclamação. Ela escreveu não só para o diretor da empresa de detergentes, dizendo que a frase deveria ser mudada para "Pessoas de toda a América", mas também

para Hillary Clinton, na época Primeira Dama, Linda Ellerbee, âncora do *Nick News* da Nickelodeon, e para a famosa advogada de direitos das mulheres Gloria Allred, que tinha seu escritório em Los Angeles.

Ao passo que a Primeira Dama Clinton e Linda Ellerbee escreveram cartas de incentivo, e Gloria Allred também ofereceu seu apoio, de acordo com Meghan, ela jamais recebeu uma resposta da Procter & Gamble. No entanto, quando o anúncio foi novamente ao ar um mês depois, ela viu o impacto de seu trabalho. A frase fora mudada para "Pessoas de toda a América estão lutando contra panelas e frigideiras engorduradas". O sucesso dela, mais uma vez, fez com que as câmeras de TV chegassem ao colégio, desta vez com Ellerbee entrevistando Meghan e suas colegas sobre a campanha promovida por apenas uma estudante.

"Não acho que seja certo que as crianças cresçam acreditando nesse tipo de premissa, que só a mãe faz tudo", Meghan disse a Ellerbee. "É sempre 'mamãe faz isso', 'mamãe faz aquilo'". Algum tempo depois, essa e outras situações inspiraram-na a fazer parte de um grupo de Washington, o *National Organization for Women*, ou Organização Nacional pelas Mulheres, do qual, como Meghan lembra com orgulho, tornou-se uma das mais jovens, se não a mais jovem membro do grupo, fundado em 1966, que faz campanhas pelos direitos das mulheres.

Mais de vinte anos depois, em 2015, Meghan refletiu sobre esse capítulo de sua vida enquanto proferia um discurso como recém-nomeada Defensora das Mulheres por Participação e Liderança Política da ONU. "Foi naquele momento que me dei conta da amplitude das minhas ações. Aos onze anos, eu havia criado um pequeno nível de impacto ao me posicionar em prol das igualdades", disse ela.

Embora as experiências que ela teve na infância tivessem sido cruciais para estabelecer seus passos como ativista, a mãe dela acredita que a menina havia nascido programada para tentar tornar o mundo um lugar melhor e mais igualitário. Em resumo, ela tinha uma bússola moral. Doria fazia sua parte: rígida em casa, mas também pronta para mostrar à filha que o mundo

era muito maior que Woodland Hills. Ela a criou para ser, em suas palavras, "uma cidadã global", levando-a a lugares como Oaxaca, no México, onde Meghan lembra de ter visto crianças brincando nas estradas de terra e vendendo chicletes para levar um dinheirinho extra para casa. Quando Meghan, na época com dez anos, e sua mãe visitaram as favelas da Jamaica, a estudante ficou horrorizada ao ver aquela pobreza extrema. "Não fique assustada, minha Flor", disse-lhe a mãe. "Fique atenta, mas não tenha medo".

A experiência dela faz lembrar as vezes em que a falecida Diana, Princesa de Gales, levou pessoalmente seus filhos, William e Harry, para visitar os desabrigados e enfermos no centro de Londres, para que eles pudessem compreender que a vida não começava nem terminava nos portões do palácio.

As campanhas de Meghan feitas por cartas, seu interesse em assuntos atuais, as viagens relevantes e a sensibilização sobre questões de gênero, tudo isso formou uma jovem que estava prestes a embarcar numa jornada em que feminismo e feminilidade podiam coexistir, assim como uma ética de trabalho duro combinada com uma disposição para tentar o novo e o interessante.

Curiosamente, ao mesmo tempo que suas campanhas escritas estavam em curso, outra campanha escrita estava tomando forma, desta vez relacionada à atrevida série cômica *Married… with Children*, na qual seu pai trabalhava como diretor de iluminação. Meghan sempre se sentava no chão do estúdio após a aula, esperando o pai terminar o trabalho para que pudesse a levar de volta para casa. De fato, ela entusiasmou seus colegas de classe quando teve permissão para levar vários deles ao *set* para conhecer o elenco.

Enquanto ela ficava sentada, quietinha, lendo ou estudando, todos os tipos de cenas picantes estavam rolando durante as filmagens, algumas envolvendo vários níveis de nudez e seminudez, assim como piadas de mau gosto sobre sexo. Algo não muito comum para uma rotina pós-aula de uma jovem estudante. Em janeiro de 1989, um mórmon do Michigan, Terry Rakolta, liderou um boicote contra o programa após a exibição de um

episódio intitulado "Os Cálices Dela Transbordam", que tratava da compra de um sutiã. Esse episódio mostrava o personagem de Al Bundy olhando de forma sedenta para uma modelo nua em uma loja de departamento.

A tempestade midiática resultante fez com que alguns patrocinadores retirassem seus anúncios, e o conservador Conselho Televisivo de Pais descreveu o programa como "a comédia mais grosseira do horário nobre da televisão… temperada com obscenas frases de efeito, masturbação, estilo de vida homossexual e a predileção do personagem principal por revistas de pornografia e clubes de *striptease*".

Meghan, mais tarde, descreveu suas próprias encucações sobre a época em que convivia com o elenco da comédia, quando apareceu no *talk show* de Craig Ferguson. Ela contou ao apresentador: "É um lugar muito perverso para uma garota crescer. Frequentei uma escola católica. Eu estava lá, com meu uniforme escolar, e, de repente, estou diante da [ex-atriz pornográfica] Traci Lords". Ainda que ela não pudesse assistir ao programa quando era exibido, sua mãe deixava que ela beijasse a tela quando aparecia o nome do pai nos créditos, no fim do programa.

Poderia até ser perverso, mas o programa pagava as contas – e as mensalidades do colégio particular de Meghan. Nessa época, sem que ela soubesse, seu pai foi agraciado com o que representou uma diminuição drástica na carga de trabalho dele. Em 1990, ele ganhou na loteria estadual da Califórnia, arrebatando US$750 mil com cinco números, entre eles a data de aniversário de Meghan. Foi um belo retorno pelos milhares de dólares gastos durante anos comprando bilhetes de loteria.

Como ainda tinha muitos problemas financeiros relacionados ao divórcio de Doria, ele manteve o prêmio em segredo. Mas ele foi muito ganancioso, e seu ardil acabou se revelando sua maior ruína. Para evitar o registro do próprio nome perante as autoridades da loteria, ele mandou um velho amigo de Chicago, já falecido atualmente, buscar o prêmio. De acordo com o filho, o plano deu errado quando o "amigão" investiu a maior parte da fortuna em um negócio falido no ramo de joias.

Antes de perder o tesouro todo, Tom deu uma soma considerável para o filho abrir uma floricultura e comprou um segundo carro para Yvonne, que destruíra o primeiro que ele lhe havia dado.

Três anos após ser sorteado, Tom declarou falência, e a loteria provou ser mais uma maldição do que uma bênção. Pelo menos, ele guardou parte do dinheiro para pagar a fase seguinte da educação de Meghan, no Immaculate Heart, um colégio particular só para moças, a poucos metros de sua casa em Los Feliz. A partir de então, fazia mais sentido ela morar com o pai durante a semana, já que a casa dele ficava a alguns passos de distância do colégio. Foi uma decisão que gerou implicações mais amplas na maneira com que ela seria vista pelas novas professoras e colegas de turma.

3.

Uma Rua Chamada Gladys

A Sixth Street, no centro de Los Angeles, não é um lugar para desavisados. E depois do anoitecer, mesmo os mais atentos evitam passar por lá. O perigo espreita nas sombras e o desespero toma conta das calçadas. Lá é o coração da Skid Row, área mais pobre da cidade, onde desabrigados e necessitados multiplicam-se e mudam suas barracas de lugar o tempo todo, fazendo delas lares improvisados para mais de duas mil pessoas. Los Angeles é a capital dos sem-teto dos Estados Unidos. Na última contagem, havia mais de 57 mil homens, mulheres e crianças dormindo nas ruas da Cidade dos Anjos; assentamentos surgem o tempo todo sob viadutos da cidade, em prédios vazios e outros espaços abertos.

Essa região, em particular, é mais organizada que a maioria dos acampamentos improvisados da Skid Row, com voluntários distribuindo água, comida e meias limpas. E há um lugar em especial, na esquina da Sixth com a Gladys, que oferece um acolhedor oásis de calma e tranquilidade em meio a gritos, gemidos e uivos daqueles que moram em tendas e barracas de papelão, que ocupam os dois lados da rua.

Ali fica a Hospitality Kitchen [Cozinha da Hospitalidade] mais conhecida como Hippie Kitchen [Cozinha Hippie], que faz parte de uma obra comunitária chamada Catholic Worker [obreiros católicos], fundada há mais de oitenta anos por Dorothy Day e Peter Maurin. O objetivo definido por

eles é "alimentar os famintos, abrigar os sem-teto, tratar os doentes, vestir os desnudos, visitar os prisioneiros". Em um dia comum, voluntários distribuem uma refeição simples, mas nutritiva, para cerca de mil pessoas que fazem uma fila em volta do quarteirão; para muitos, essa é a única refeição do dia. Não há orações ou proselitismo, apenas feijões, salada, um pedaço de pão e uma boa fatia de boa vontade.

Às vezes, os ideais descompromissados da obra de caridade deles os colocam em conflito direto com a hierarquia católica, com a polícia local e, até, com outras obras de caridade para os sem-teto. Os ativistas da Catholic Worker são conhecidos por protestar contra tratamentos injustos de desabrigados, militarismo americano e políticas nucleares, além de serem contrários à pena de morte. Atos de desobediência civil, inclusive vigílias e passeatas barulhentas, já levaram alguns a serem detidos ou presos. A ex-freira de oitenta e três anos, Catherine Morris, que é uma das principais defensoras da Cozinha Hippie há mais de quarenta anos, perdeu a conta de quantas vezes ela e seu marido, Jeff Dietrich, já foram presos por atos pacíficos de desobediência civil. Eles gostam de ver a si mesmos como Merry Pranksters [algo como Alegres Brincalhões, em português], nome derivado dos primeiros seguidores hippies do autor e poeta da contracultura Ken Kesey.

Embora protestos façam parte integral da crença da Catholic Worker, alimentar os desabrigados e necessitados é a maior prioridade. E foi no jardim da Cozinha Hippie – um pequeno refúgio a céu aberto repleto de murais coloridos, canto de canários em um aviário e água borbulhando de uma fonte – que Meghan Markle teve o que só pode ser descrito como uma epifania.

Com o apoio da mãe, ela visitou a Cozinha Hippie pela primeira vez quando tinha apenas treze anos, e achou a experiência "muito intimidadora". Na época em que Meghan se mobilizou como voluntária, no início dos anos 1990, a vizinhança de desabrigados havia mudado muito, passando de, predominantemente, homens brancos, velhos e alcoólatras, para uma comunidade mais jovem e volátil de viciados em crack, cocaína e outras

drogas letais. “Eu era jovem e sentia uma energia pesada por lá. Embora eu estivesse com um grupo de voluntários bacanas, eu fiquei muito impressionada”, disse ela, algum tempo depois.

Ela poderia muito bem ter considerado aquela visita como uma experiência, e jamais ter retornado se não fosse por uma conversa dentro de sala de aula com sua professora de teologia da Immaculate Heart High School, Maria Pollia, uns três anos depois. Durante a aula, Maria, que já havia sido voluntária na Cozinha Hippie durante anos, descreveu a própria experiência inicial e como encarou seus medos e dúvidas.

“Fica em um dos piores cruzamentos da Skid Row”, disse ela. “Um dos mais miseráveis e angustiantes. É de cortar o coração. Dirigir à noite por lá, parece que se está andando por lugares sobre os quais Charles Dickens escreveria. Pessoas reunidas em volta de fogueiras dentro de latões. Era muito, muito assustador. Foi um despertar para mim.” A mensagem para a turma, contudo, foi a de colocar os medos de lado e entrar em contato com os sem-teto de igual para igual. Eles também são pessoas, pessoas com nomes, pessoas com um passado e, com sorte, um futuro pela frente.

“A vida se trata de colocar as necessidades alheias acima de seus próprios medos”, ela aconselhou. Foi uma mensagem que ecoou na mente de uma Meghan com dezesseis anos. “Aquele frase me acompanhou para sempre”, disse ela, em outro momento.

Depois da aula, Meghan conversou com a professora, que a aconselhou sobre coisas práticas relacionadas ao voluntariado na Cozinha Hippie. Animada, Meghan começou a ir regularmente, servindo e limpando mesas, o que a colocava em contato direto com os visitantes da Cozinha Hippie. Maria Pollia relembra: “O que ela aprendeu foi o que eu aprendi – que contato humano é o que as pessoas mais desejam. Elas querem que alguém lhes diga oi e saibam o seu nome”. Meghan absorveu com seriedade todos os conselhos e começou a voltar com suas próprias histórias.

“Foi extraordinário que, assim que se viu nessa situação, ela mergulhou de cabeça. Ela não estava apenas distribuindo sopa e fazendo a fila seguir, mas estava criando laços com as pessoas, aprendia os nomes delas e ouvia suas

histórias." E, como observa Catherine Morris, todos na Skid Row têm uma história. Podia ser uma história azarada, uma história de deixar passar oportunidades ou uma história em que se fez uma má escolha; todas chamavam a atenção de Meghan, que oferecia uma nova perspectiva sobre que tipo de vida a pessoa poderia levar.

A experiência de Meghan era corroborada por outros, como a voluntária Sophie Goldstein, uma colega de sala, que descreveu como ela também enfrentou seus medos e preocupações. "Quando cheguei aqui pela primeira vez, devo admitir, eu estava um pouco nervosa", escreveu ela no blogue da Catholic Worker. "Eu olhei para o lugar e congelei de medo. Então conheci as pessoas. O que os Obreiros me disseram foi que, muitas vezes, eram pessoas que não conseguiam pagar as contas, e, depois, não sabiam como agir ou se envolviam com drogas. Tive que dar a cara a tapa. Percebi que eram pessoas reais. Não são apenas sem-teto malucos dos quais você ouve falar o tempo todo, ou sobre os quais meus amigos falam. São seres humanos que não têm nada a ver com os comentários levianos que as pessoas fazem sobre eles".

Para Meghan, essa foi uma experiência transformadora e motivadora.

Até aquele momento, a única experiência profissional de Meghan havia sido na Humphrey Yogart, uma loja de *frozen* iogurte, onde ela trabalhou quando tinha treze anos, servindo os clientes e limpando as mesas por quatro dólares a hora, empregada sob as leis da Califórnia, que permitiam que menores matriculados em uma escola trabalhassem de dez a doze horas por semana. A proprietária Paula Sheftel contou ao *Daily Mirror* que Meghan era bastante esforçada e popular entre os clientes: "Ela precisava provar que tinha uma personalidade extrovertida e trabalharia bem em grupo. Muitos jovens não aguentam a pressão. É preciso ter uma personalidade especial para alguém tão jovem lidar com isso. Meghan tinha essa qualidade desde cedo".

Meghan teve uma grande oportunidade de praticar habilidades interpessoais na agitada loja de iogurte, mas também adquiriu outra lição

valiosa que lhe seria útil mais tarde. Numa tarde, Meghan viu Yasmine Bleeth, uma das estrelas de *Baywatch*, que ela admirava demais. Ao terminar de limpar a lata de lixo, Meghan se aproximou da estrela e começou a falar: "Eu amei você no comercial da Soft & Dri". Bleeth sorriu, perguntou-lhe o nome e estendeu a mão para um aperto. Depois, Meghan diria: "Aquele momento com Yasmine é exatamente o modelo no qual me baseio para interagir com os fãs".

Uma loja de iogurte em Beverly Hills era muito diferente da Cozinha Hippie na rua Sixth com a Gladys, que, como suas viagens com a mãe ao México e à Jamaica, aprimoraram sua conscientização. Como mais tarde ela ressaltou em um livro chamado *The Game Changers*: "Sim, garanta sua segurança e nunca se coloque em situações de risco, mas, assim que cumprir essa parte da lista, acho realmente importante que nos lembremos de que alguém precisa de nós, e que um ato seu de doar/ajudar/realizar pode se tornar um verdadeiro ato de graça a partir do momento em que o coloca em prática".

Se essa foi uma aplicação concreta de sua jornada espiritual, o encontro dela com o trabalho do teólogo católico Tom Merton enfatizou sua curiosidade intelectual e maturidade emocional. Em um mundo preto e branco, o pensamento imprevisível de Merton, com sua perspectiva cinza em constante mutação, de possibilidades e "talvezes" suavizados, é difícil de ser definido. "Além de lutar com suas próprias questões, Meghan estava lutando para compreender Merton, cujo pensamento estava no cerne da aula de teologia que ela frequentava", disse sua ex-professora Maria Pollia.

Merton, sem dúvida, é o autor católico americano mais influente do século XX, tendo vendido mais de um milhão de cópias de sua autobiografia, *The Seven Storey Mountain*. Ele teve uma vida desafiadora e turbulenta. Criou um filho enquanto estudava na Clare College, em Cambridge, no Reino Unido, e juntou-se por pouco tempo à Liga Jovem Comunista até, finalmente, ser crismado na igreja católica, em 1939, quando tinha vinte e poucos anos. Em 1941, ele ingressou na Abadia de Getsêmani, no Kentucky,

onde ganhou a reputação de ser um monge que buscava a espiritualidade, não um acomodado, um homem que não reconhecia a verdade absoluta, mas via a grande ambivalência, as contradições e a dualidade da existência.

Para uma americana média de dezesseis anos, habituada a uma dieta acadêmica de frases curtas e questões de múltipla escolha, Merton pode ser uma figura exigente e complexa. Ainda assim, talvez pela própria dualidade racial, Meghan sentiu-se atraída pelo trabalho do teólogo americano. "Ela era uma pessoa em busca de conhecimento; tinha um profundo desejo de conectar-se com os outros", lembra a Sra. Pollia. Havia um lado pragmático para sua perplexidade. Quando ela estava na sétima série, no Immaculate Heart, foi-lhe pedido que preenchesse um formulário durante uma aula de inglês, no qual uma das perguntas estava relacionada a suas origens raciais. Não havia a opção para birracial. Era um dilema digno de uma abordagem no estilo de Merton.

Em vez disso, ela pousou a caneta sobre a mesa e deixou a opção em branco, pois não queria ofender nenhum dos pais. "Então, eu não assinalei nada", lembrou ela, anos depois. "Deixei minha identidade em branco – um ponto de interrogação, absolutamente incompleta – muito como eu me senti". Quando conversou naquela noite com o pai sobre a experiência, ela pôde sentir a fúria impotente dele por querer proteger a filha. Ele disse a ela: "Se isso acontecer de novo, desenhe a caixa da opção que a representa".

Em sua aula de teologia de 1997, intitulada Vivenciando Deus, Meghan foi encorajada a pensar fora da caixa, provando-se intrépida diante dos desafios intelectuais suscitados pelo Padre Thomas Merton e outros místicos. Ela adotou conceitos que exigiam considerável maturidade e careciam de reflexão. Pela primeira vez em suas trajetórias escolares, os alunos foram apresentados a uma matéria sem respostas óbvias, demandando deles mais do que a capacidade de memorizar páginas de um conjunto textual. Pollia contou-me, "ao amadurecermos para a vida adulta, compreendemos que há muitas inconsistências, muitas dicotomias, e que a vida é um encontro contínuo com o mistério. É bastante incomum uma pessoa tão jovem sentir-se à vontade nesse tipo de conversa. Todos atingem o objetivo no final, mas

em vez de recuar e temer tais conceitos, Meghan já demonstrou interesse em se aprofundar cada vez mais nessas questões. Ela era extraordinária. Alguém me perguntou: 'Você se lembraria dela, se não fosse pelo Príncipe Harry? Com certeza! Ela é uma das cinco alunas de maior destaque em minha carreira, e juro não estar falando isso da boca para fora".

Durante esse curso de filosofia, Meghan e suas colegas depararam-se com um verdadeiro paradoxo; especificamente, como uma mãe jovem, uma glamourosa humanitária, na flor da idade, podia morrer na banalidade cruel de um acidente de carro. Ela e suas amigas assistiram ao funeral de Diana, Princesa de Gales, no início de setembro de 1997. As lágrimas escorriam por seus rostos diante daquele momento comovente em que as câmeras se aproximaram do caixão real. Pousado sobre as flores brancas estava um envelope com apenas uma palavra: "*Mummy*" [mamãe], contendo o último bilhete do Príncipe Harry para sua amada mãe. Meghan não foi a única a se perguntar como uma tragédia dessas pôde acontecer com um ícone vivo; dezenas de teorias da conspiração se espalharam pela internet e outros lugares, já que milhões de pessoas tentavam entender o absurdo.

Ela também não foi a única a sentir a perda de Diana de maneira muito pessoal. Depois de saber da tragédia, ela e uma amiga, Suzy Ardakani, sentaram-se juntas para assistir a vídeos antigos do casamento, em 1981, entre o Príncipe Charles e Lady Diana Spencer. De acordo com os amigos da família, ela ficava intrigada com Diana, não só por seu estilo, mas por sua missão humanitária independente, vendo-a como um modelo a ser seguido. Inspirada pela princesa, ela e sua amiga Suzy coletaram roupas e brinquedos para crianças menos privilegiadas. Na verdade, o interesse dela pela princesa era tanto que a mãe de Suzy, Sonia, chegou a presenteá-la com a biografia que escrevi, *Diana: Her True Story*, que permaneceu em sua cabeceira nos anos seguintes. Como sua amiga de infância Ninaki Priddy observou: "Ela sempre foi fascinada pela Família Real. Meghan gostaria de ser a Princesa Diana 2.0".

A morte de Diana era um lembrete doloroso para a família Ardakani, que, apenas dois anos antes, também experimentara a força transformadora de um ato aleatório do destino. Numa tarde de 1995, Matt Ardakani, pai de Suzy, estava trabalhando em sua loja de autopeças no centro da cidade, quando um transtornado veterano do Vietnã, que havia assassinado a própria família, entrou na oficina e começou a atirar ao acaso. O Sr. Ardakani foi atingido na coluna e no pulmão, sendo levado às pressas para o hospital. Quando Suzy ficou sabendo do tiroteio, foi Meghan quem primeiro consolou a soluçante adolescente e que a acompanhou até o hospital, onde ficaram acordadas por horas.

A mãe de Suzy, Sonia Ardakani, relembra o ocorrido: "Ela e Suzy permaneceram sentadas ao lado da cama de Matt por horas, rezando para que ele resistisse. Temos certeza de que aquelas orações o ajudaram a sobreviver". Embora tenha ficado paraplégico para sempre, Matt sobreviveu e não parou de trabalhar até hoje.

A empatia instintiva de Meghan pelos outros e seu interesse em retribuir – princípio basilar da missão do Immaculate Heart –, assim como seus evidentes traços de maturidade, amabilidade e atitude positiva, tornaram-na a escolha mais óbvia para ser a líder do grupo no retiro espiritual Kairós, no outono de 1998. Como centenas de escolas católicas nos Estados Unidos, a Immaculate Heart organizava regularmente retiros espirituais Kairós (palavra grega que significa "momento oportuno") para alunos, que eram concebidos para ajudar os adolescentes a contemplar o lugar de Deus em suas vidas.

Durante o retiro de quatro dias, que foi realizado no Holy Spirit Retreat Center, em Encino, seis garotas foram selecionadas para liderar grupos de oito em diversas discussões, sendo o papel delas encorajar a participação e o debate. Como líder, a tarefa mais árdua era fazer uma apresentação de trinta minutos que abordasse uma lista exigente de assuntos, desde autoimagem e confiança a valores essenciais e encontrar a si mesmo.

Christine Knudsen, que organiza o retiro Kairós no Immaculate Heart há vinte e três anos, descreveu para mim as qualidades que ela observa na hora

de escolher as líderes. "Procura-se uma garota que tenha passado por alguma experiência e tenha certa profundidade. Os tipos de comentários e pontos de vista trazidos por Meghan proporcionaram a ela essa profundidade, porque ela tinha que lutar com suas próprias questões".

Estava claro que sua estrutura familiar disfuncional, a separação e o divórcio subsequente dos pais ainda na infância, eram preocupações que a afligiam. "Sei que aquilo era difícil para ela, um pai aqui, o outro acolá, e nenhuma simpatia entre eles", lembra a Srta. Knudsen. Embora Meghan não fosse a única garota do *campus* com pais divorciados, o que a destacava era a maneira com que lidava com o assunto. Do mesmo modo que muitos filhos de pais divorciados, ela aprendeu a se tornar uma diplomata habilidosa, mediando as partes beligerantes. Essa interação parental niilista ensinou a Meghan uma lição valiosa: como controlar as emoções. "Ela é muito equilibrada", observa uma colega de escola. "Era difícil para ela. Às vezes, ela sentia que precisava escolher um lado".

Quanto mais envelhecia, mais sentia-se mãe do próprio pai. Isso tornou-se fonte de conflitos, principalmente quando ela começou a sair com outros garotos. Como disse uma amiga, "coisas típicas de uma adolescente".

Existiam também outras questões que a incomodavam bastante, ainda que, na época, raramente discutisse sobre elas em público. Adaptar-se ao meio era uma preocupação constante. Mais tarde, ela mesma lembrou: "Durante o Ensino Médio, havia panelinhas: as garotas negras e as garotas brancas, as filipinas e as latinas. Por ser birracial, eu me sentia num limbo. Portanto, todos os dias na hora do almoço eu me ocupava com reuniões – clube de francês, diretório estudantil, qualquer coisa que eu pudesse fazer entre o meio-dia e uma hora da tarde, lá estava eu. Não tanto para estar mais engajada, mas para que eu não tivesse que almoçar sozinha".

O fotógrafo John Dlugolecki, que fotografou Meghan e outras alunas durante o Ensino Médio, notou que Meghan nunca pareceu fazer parte de qualquer grupo étnico, como afro-americanas e asiáticas. Dlugolecki também salientou que Meghan "não era considerada de raça mista por suas

colegas", acrescentando que, "nós só a víamos com Tom, nunca com a mãe". Por isso, os professores ficaram levemente chocados quando finalmente conheceram Doria. "Todos achavam que [Meghan] era italiana, porque ela tinha a pele muito clara", lembra uma de suas ex-professoras. "Então conhecemos a mãe dela e percebemos que ela era birracial".

Por mais equilibrada e confiante que ela parecesse no Kairós ao expor seus próprios demônios, pelo menos os relacionados às discórdias no âmbito familiar, essas experiências, claramente, permitiram-na encorajar as colegas a enfrentar seus conflitos internos. Como Meghan lembrou em uma edição de 2016 da revista *Sharp*: "Nos anos escolares, houve um longo período da minha vida em que eu era só a garota com um cabelo muito crespo, um grande espaço entre os dentes e pernas magrelas. Sempre fui a inteligente. Minha autoimagem estava limitada apenas a ser a inteligente".

A Srta. Knudsen recorda: "É preciso ser muito honesto sobre quem você é e estar disposto a compartilhar todas as coisas que enfrenta, os sucessos e os fracassos. Ela era articulada, confiante, enérgica e corajosa. Lembro de ouvi-la dizer: 'Por que não podemos fazer isso assim, alguém já pensou nisso?' Ela estava sempre pensando na melhor maneira de fazer alguma coisa, sem apenas ficar reclamando".

Para muitos alunos, o retiro é um rito de passagem em suas vidas juvenis, um momento em que encaram suas questões emocionais com muita sinceridade. Perceber que seus colegas também lidam com os mais diversos problemas é visto como uma incrível catarse. "É um momento para dizer a verdade, e os líderes são os que dão o exemplo", observa a Srta. Knudsen. "A atmosfera é: 'Estou disposto a compartilhar minha verdade com você, e isso o torna disposto a compartilhar as suas verdades'. Por isso, as lágrimas correm soltas, mas são lágrimas de cura. Como tudo fica exposto, você se dá conta de que todos carregam uma cruz e que ninguém é perfeito, não importa a aparência".

Embora o ambiente familiar desarranjado e o senso de isolamento de Meghan tenham causado muito sofrimento durante a infância, também a ajudaram a despertar um ímpeto psicológico que a motivou na conquista de suas ambições. Desde muito nova, Meghan sonhava em se tornar uma famosa atriz de Hollywood. Ela tinha a fantasia de ganhar o Oscar algum dia, praticando seu discurso de agradecimento em frente ao espelho do quarto. Como James Lipton, o venerável inquisidor do antigo programa *Inside the Actors Studio*, nunca se cansa de lembrar sua plateia, a maioria dos atores advém de lares caóticos. Esse tipo de experiência cruel lhes dá o combustível emocional para catapultar suas performances dramáticas.

Desde o primeiro dia no Immaculate Heart, Meghan entregou-se de corpo e alma ao departamento de teatro. Além de ter sido o ponto de partida em direção aos seus sonhos, o departamento de teatro da escola tinha uma função bem diferente. Age como um clube acolhedor, uma irmandade não oficial e uma família muito unida. Como um vencedor do Emmy por seis vezes me contou: "Você pode não se encaixar em lugar nenhum, mas aqui você cria um senso de pertencimento".

Além de fazer parte da diretoria, Meghan assumiu vários cargos, incluindo presidente da Sociedade Genesiana da escola, um grupo dedicado à preservação das artes performáticas que organizava ou cuidava ativamente de peças, festivais dramáticos e produções teatrais amadoras. No entanto, como nunca ocupou nenhum cargo formal, ela sempre ficou à margem do conselho estudantil, não chegando a fazer parte dele.

O Immaculate Heart foi capaz de recorrer a um excelente time de mestres de Hollywood para dirigir e produzir peças e musicais. Entre eles estavam a famosa preparadora vocal Rachael Lawrence, o coreógrafo e estrela do musical *Jersey Boys*, Joseph Leo Bwarie, e, com maior destaque, Gigi Perreau, uma ex-atriz infantil cujo trabalho é reconhecido com uma estrela na Calçada da Fama de Hollywood. A Sra. Perreau começou a carreira em filmes desde os dois anos de idade, quando ela interpretou a filha de Greer

Garson no filme *Madame Curie*, de 1943. Aos dez anos, ela já havia aparecido em vinte e cinco filmes, incluindo trabalhos no *set* com Nancy Reagan, no *thriller* de 1950 *O Segredo da Boneca*. Quando se aposentou da carreira dramática, a Sra. Perreau, agora com setenta e sete anos, trouxe sua experiência para as produções teatrais e musicais de sua antiga escola, além de dar aulas de interpretação.

Gigi lembra que Meghan era uma criança magra que desabrochou na figura de uma linda e confiante mulher durante sua época no Immaculate Heart. Ela me disse: "Nunca tivemos problemas com ela, era pontual, decorava as falas quando precisava, muito dedicada, muito focada. Ela era uma aluna maravilhosa, uma garota amável desde aquela época, e muito esforçada. Ela era dedicada demais. Sempre soube que ela seria alguém especial".

Nas aulas de interpretação, eles sempre abordavam assuntos do dia, e Gigi lembra-se de Meghan como uma jovem curiosa, que adorava ouvir as histórias dos tempos de Gigi na França e em outros países europeus. Ela fazia questão de explorar o mundo além da placa "Hollywood".

Quando ela ensaiava para uma peça, o pai dela sempre estava por perto. Como vencedor do Emmy, indicado quase todos os anos enquanto trabalhava em *General Hospital*, ele logo se viu participando como diretor técnico de todas as produções escolares em que Meghan estava envolvida. A maioria das alunas não sabia quem era o pai de Meghan. Ele era conhecido apenas como "o cara do macacão". Aqueles que estavam no grupo de teatro eram mais respeitosos, chamando-o de "Sr. Markle". "Ele gostava de ser visto como grosseirão", lembra a Sra. Perreau, "mas ele sempre foi muito generoso com as garotas. Se tivéssemos um ensaio mais tarde, ele saía e comprava lanches para todos no McDonald's. Também era muito humilde. Nunca quis receber os créditos pelo trabalho realizado". Ele era solteiro e tímido, e Gigi admite ter sentido uma "paixonite" pelo cara corpulento de macacão que, claramente, estava tentando criar sozinho a filha adolescente. Ela o chamou

para sair, e eles foram assistir a uma peça juntos no Doolittle Theatre, ao sul de Hollywood. Embora tenham se divertido, nada mais chegou a acontecer.

O foco de Tom era em Meghan. Fotógrafo entusiasta, ele tirou inúmeras fotografias de Meghan nos palcos, ensinando-a a fazer poses e como trabalhar com ângulos. Ele estava assistindo com orgulho dos bastidores quando, no dia 28 de março de 1996, ela fez a primeira apresentação solo em que cantava, interpretando a secretária na produção escolar do musical *Annie*. A diretora Perreau lembra que a atriz iniciante de catorze anos estava "muito empolgada e nervosa com a canção", e descreveu a performance dela como "encantadora". Meghan também interpretou uma aspirante a atriz na comédia escrita em 1937, *Stage Door*, e participou de *Back Country Crimes*, uma comédia de humor negro do dramaturgo americano Dr. Lanie Robertson. Em março de 1997, nas notas pessoais do programa da produção musical para o Immaculate Heart, *Into the Woods*, de Stephen Sondheim, na qual ela interpretava a Chapeuzinho Vermelho, Meghan anunciou sua ambição ao mundo. Entre agradecimentos a amigos e ao seu "adorável" namorado, ela revelou que desejava fazer parte da Northwestern, uma prestigiada universidade perto de Chicago. Essa, ela previu, seria sua próxima parada na caminhada até a Broadway. Estava na cara que Meghan não escondia sua confiança.

No terceiro ano do Ensino Médio [2], ela apareceu em mais uma produção do colégio, *Steppin' Out*, mas no último ano, ela decidiu testar suas habilidades além dos limites da Immaculate Heart. Era um novo desafio que lhe dava a chance de se diversificar por conta própria, sem que seu pai a observasse da cabine de iluminação. Havia também a pequena questão de passar mais tempo sozinha com seu namorado da época. Assim, ela se viu em uma sala com outras quarenta garotas, esperando para fazer a audição para a tragédia grega de Sófocles, *Édipo Rei*, que seria montada em janeiro de 1999 pela St. Francis High School, uma escola só de garotos em La Cañada Flintridge.

Como era a primeira grande produção dramática do diretor Emmanuel (Manny) Eulalia na St. Francis, ele queria causar um impacto, então ele escolheu a dedo a garota que faria a protagonista Jocasta. Nem chegou a ser uma competição. "Meghan foi uma revelação", lembra ele. "Ela tinha um quê indescritível. Como diretor, é tudo o que você sempre quer ver. Ela era muito carismática, sem dúvida".

Depois de assinar um documento formal em que se comprometia a chegar na hora certa, vestida apropriadamente e abster-se de insinuações sexuais e raciais – um código de conduta um tanto à frente de seu tempo –, Meghan e o restante do elenco começou uma cansativa agenda de ensaios que duraria dois meses. Nos ensaios, ela impressionou o diretor do espetáculo pela pontualidade, preparação e comando de palco. Nos números musicais da apresentação, a voz dela tinha grande potência, mesmo ao vacilar um pouco nas notas mais agudas.

Embora fosse a única garota do Immaculate Heart a fazer a audição, ela tinha o status de estrela para a escola de garotos. Ela já tinha saído com alguns rapazes da St. Francis, inclusive seu primeiro namorado de longa data, Luis Segura. Bem à maneira tradicional, Maria, a irmã dele, arranjou o primeiro encontro entre os dois, e o casal se viu regularmente durante quase dois anos. Ela pôde conhecer bem a família Segura, inclusive o irmão mais novo de Luis, Danny, que interpretou Creonte, em *Édipo Rei*, e que sempre dá créditos a Meghan, que na época tinha dezessete anos, por encorajá-lo a subir aos palcos. Por sua vez, ela acompanhou Danny ao baile da St. Francis, em abril de 1998, realizado no Hotel InterContinental, no centro de Los Angeles. Por meio deles, ela também ficou amiga de outros garotos da St. Francis, todos frequentando as casas uns dos outros.

Descrevendo-a como "doce e divertida", Luis – hoje um corretor imobiliário bem-sucedido no centro de Pasadena –, sem dúvida, foi uma das inúmeras vozes a incentivá-la para inscrever-se no concurso da St. Francis de Rainha do Baile, naquele outono.

Esse auge em seu status social no Ensino Médio veio acompanhado de muita concorrência por parte de dezenas de outras garotas no concurso. As aspirantes tinham que escrever um ensaio listando suas conquistas – o trabalho regular de Meghan na Cozinha Hippie deu-lhe maior destaque na mesma hora – antes de passar por um interrogatório perante os membros dos corpos docente e discente. Os nomes das finalistas foram anunciados na linha de cinquenta jardas em um palco montado às pressas, durante o intervalo de um jogo de futebol americano na St. Francis. Em meio a gritos e assobios, Meghan, proclamada a rainha daquele ano, foi devidamente coroada pela vencedora do ano anterior. Toda a "corte" deixou o campo, em uma procissão de conversíveis clássicos, para que o jogo pudesse voltar para o segundo tempo. Aquilo demonstrou sua popularidade e encanto, pois nenhuma das garotas que eram líderes de torcida ou oriundas das escolas católicas locais só para garotas foi a escolhida.

Apesar de agora ela ser a "Rainha Meghan", o diretor teatral dela, Manny Eulalia, lembra que todo esse paparico não lhe subiu à cabeça. Ela continuava com os pés no chão, brincando com os colegas de elenco que a parabenizavam. Assim que a notícia se espalhou de que a "Rainha Meghan" era a protagonista do espetáculo, os ingressos se esgotaram num instante para assistir àquela tragédia sombria. Em três noites, no início de janeiro de 1999, o elenco adolescente se apresentou com a casa cheia em um teatro com 250 assentos, na Escola Preparatória Flintridge. Nos anos anteriores, o interesse em produções escolares havia decepcionado muito. Mas não nessa ocasião. Quando Meghan apareceu pela primeira vez, ouviram-se aplausos efusivos, apesar do aviso para que a plateia não se manifestasse com muito entusiasmo.

"Muitos alunos só iam para a apresentação a fim de ver Meghan", lembra Manny, com um sorriso no rosto. "Com certeza, ela tinha um fã-clube. Muitos garotos de lá arrastavam um caminhão por ela". Ao fim da produção de oitenta minutos, a plateia aplaudiu de pé, Meghan e o restante do elenco.

No programa da peça, ela escreveu: "Gostaria de oferecer meu agradecimento à minha mãe, meu pai, Sushi, Aubergine, Danny boy, Brad,

Gabe, todas as meninas doces, lindas e incríveis do Immaculate Heart, aos caras incríveis da St. Francis, e ao elenco e à equipe fenomenais".

Embora tenha sido considerada um destaque em *Édipo Rei*, a carreira de atriz escolar de Meghan Markle é mais lembrada por sua atuação como a sedutora sul-americana Lola Banana, na comédia musical *Damn Yankees*, escrita em 1955. Como a produção estava sendo feita por outra escola católica só para garotos, a Loyola High School, no centro de Los Angeles, mais uma vez ela teve que concorrer contra garotas de outras escolas católicas. Recém-chegada do triunfo em *Édipo Rei*, ela abocanhou o papel principal de Lola Banana. A história, baseada em uma releitura moderna do pacto faustiano, envolvia a sensual Lola, o pacto dela com o demônio e suas tentativas de seduzir um fã de beisebol que se tornara a estrela do time, Joe Hardy. Quando Meghan, usando longas luvas de cetim e uma malha com lantejoulas, atravessou o palco durante o número burlesco e atrevido "Whatever Lola Wants", a casa veio abaixo.

"Foi tipo NOSSA", contou-me uma das pessoas que estava na plateia. "Ela estava fantástica. Lembro-me de estar sentado ali e pensando: 'Caramba, essa é uma garota do Immaculate Heart'. Ela brilhou e rebolou durante o número inteiro de maneira impecável. Não era obsceno, ela estava interpretando uma personagem. Por um lado, era encantador, mas, por outro lado, também era NOSSA. Essa garota já tinha nascido uma estrela".

Em outro momento, em outro país, algo muito semelhante aconteceu, quando a (normalmente) recatada aluna Kate Middleton rebolou na passarela com um vestido reto sobre um biquíni durante um desfile de moda da faculdade. O Príncipe William, que estava sentado na primeira fila, sussurrou ao amigo ao lado dele: "Ela é maravilhosa". O resto nós e a família real já conhecemos. Naquela ocasião, foi uma grande surpresa para os professores e colegas que assistiam o musical ver outro lado de Meghan. Geralmente vista como divertida mas ponderada, madura e controlada, o número sensual de música e dança de Meghan foi uma revelação. Após a apresentação, seu namorado e sua professora de teologia, Maria Pollia,

foram ao camarim e a presentearam com um buquê de rosas vermelhas. Foi um momento emocionante. Meghan, que ficara mais que animada por conseguir o papel, caiu em prantos. "Ah, não precisava", ela soluçava, comovida por tudo aquilo. A Sra. Pollia recorda: "Ela já tinha aparecido em muitas produções e sempre foi muito bem. Porém, daquela vez, ela era a estrela. Naquela noite, uma estrela nasceu".

Talvez tenha sido adequado, na ocasião, Meghan ser acompanhada por um garoto da Loyola High School ao baile de formatura da Immaculate Heart em abril de 1999, novamente no Hotel InterContinental (que agora se chamava Omni Hotel). Meghan e o acompanhante, Giancarlo Boccato, hoje um administrador imobiliário, pareciam um casal muito glamouroso enquanto dançavam de rosto colado. Eles eram, como salientou o fotógrafo John Dlugolecki, "um casal de estrelas".

Uma estrela acadêmica também. A cerimônia de formatura dela, em junho de 1999, que foi realizada no Hollywood Bowl, foi outra chance de brilhar. Ela saiu de lá com um punhado de prêmios brilhantes relacionados ao seu trabalho intelectual, artístico e beneficente. Meghan foi agraciada com os prêmios Bank of America Fine Arts e o Notre Dame Club of Los Angeles Achievement Award, recebeu uma menção honrosa no National Achievement Scholarship Program (um programa de bolsas dos Estados Unidos) para alunos afrodescendentes excepcionais, e também ganhou um prêmio por orientar alunos mais jovens.

O futuro dela parecia muito promissor. Como ela previra três anos antes, foi aceita na Northwestern University, onde pretendia estudar Letras, já que queria explorar sua habilidade escrita. Ela resistiu à ideia de estudar teatro, por considerar isto um clichê da típica garota californiana que vai para a faculdade e, depois, volta às suas raízes em Hollywood sem experimentar outras disciplinas. Meghan era talentosa em tantas áreas que alguns imaginavam que, em algum momento, ela entraria para o mundo da política ou da advocacia. Todos sentiam que ela faria alguma coisa de importante na vida e, ao mesmo tempo, retribuiria à comunidade. A palavra "elegante", que ela usou para descrever-se no anuário do colégio, e a escolha de uma citação

atribuída à ex-Primeira Dama Eleanor Roosevelt para ilustrar sua fotografia do último ano de Ensino Médio, refletia a personalidade forte dela. Estava escrito: "Mulheres são como saquinhos de chá; elas não percebem o quanto são fortes até serem mergulhadas em água quente".

Como lembra sua professora de teatro Gigi Perreau: "Eu não sabia ao certo em que direção Meghan seguiria, porque ela também era interessada em atividades humanitárias. Ela tinha um bom coração, absorvera a filosofia da escola de que não há nada que não possamos fazer, e ela parecia focada no futuro".



Alguns anos após se formar, Meghan voltou ao colégio de origem. Conversou com algumas professoras e se atualizou das novidades. "Mantenha contato, querida", disse Gigi, enquanto Meghan se preparava para ir embora. A promissora atriz ainda estava lutando para conseguir um lugar ao sol na pérfida Hollywood, por isso trabalhava como recepcionista em um hotel-restaurante em Beverly Hills para pagar as aulas de teatro. Com certo ressentimento, ela disse à antiga mentora: "Não quero mais voltar aqui até chegar ao topo".

As professoras e alunas do Immaculate Heart perceberam que a hora havia chegado.

4.

“Você Consegue Dizer ‘Oi’?”

Verão, e a vida era leve para Meghan. Recém-graduada pelo Immaculate Heart e com um futuro na Northwestern University abrindo-se à sua frente, Meghan encheu-se de memórias de seu último verão em Los Angeles e, em seguida, fez as malas para o primeiro semestre longe de casa. Na prática, ela estaria começando uma vida nova. Nenhuma das colegas do Immaculate Heart, nem ninguém de Los Angeles, estava indo para a Northwestern, então ela estava determinada a deixar uma boa impressão. O aparelho ortodôntico que ela usara durante o Ensino Médio ajustou gradualmente seu sorriso com dentes afastados, e agora Meghan sorria sem qualquer inibição.

Assim que o tratamento dentário terminou, ela fez uma série de retratos como portfólio para audições. Já que ela estava indo para Chicago no outono, o máximo que ela poderia esperar era um trabalho de um ou dois dias em algum dos muitos clipes ou curtas-metragens que estavam sendo filmados pela cidade. Ela já havia ganhado cerca de 600 dólares por alguns dias de trabalho em um clipe de Tori Amos, “1000 Oceans”, que foi gravado num estacionamento no centro de LA. Meghan, usando uma blusa azul de alcinhas, apareceu como uma das pessoas de uma multidão que examinava curiosa uma caixa de vidro com Amos lá dentro, contorcendo-se enquanto cantava. Dá a impressão de ser uma espécie de arte performática – mas com uma melodia. O vídeo de quatro minutos e meio, dirigido por Erick Ifergan,

culmina com cenas de jovens manifestantes encarando cavalos e mangueiras da polícia, uma reprise musical das manifestações de LA. O clipe de Amos é, para quem acompanha de perto o trabalho de Markle, a primeira aparição pública de um dos gestos mais característicos da jovem: jogar continuamente o cabelo para trás, tirando-o do rosto com a mão.

Naquele fim de semana, ela tinha outra audição confirmada, desta vez para um vídeo da Shakira. Seria um festival dançante com muita animação, completamente diferente da visão de alienação urbana de Amos. A melhor amiga de Meghan, Ninaki "Nikki" Priddy, levaria ela de carro até a audição e, em seguida, iriam fazer compras para que ela pudesse usar uma peça nova na recepção aos alunos da Northwestern, no Hotel Beverly Hilton. O encontro era a primeira oportunidade que ela teria para sondar quem seriam seus colegas de faculdade e para deixar uma boa impressão dela própria. Durante o dia, Nikki e Meghan também planejaram vaguear pela cidade, filmando cenas das ruas de LA – e elas mesmas – com a câmera de vídeo de Nikki.

A audição para o clipe da Shakira não foi tão boa quanto ela esperava. Foi divertido dançar loucamente, mas, quando acabou, ela disse a Nikki: "Estou exausta; fiquei muito nervosa, pois meu peito quase saiu para fora do top com aquele sacolejo todo".

Ela sabia que sua performance não tinha sido boa o bastante para que ela trabalhasse como dançarina a 600 dólares por dia, mas esperava poder estar entre os figurantes. Pagava menos e não tinha destaque diante das câmeras, mas, ainda assim, seria divertido. Enquanto esperava na sala de testes, ela encontrou com uma garota que conhecera nas filmagens do clipe de Tori Amos. Foi a última vez em que as duas se viram – a menina não chegou a ligar para Meghan.

Após chegarem ao shopping center, Meghan e Nikki dirigiram por Los Angeles na perua Volvo de Doria, que tinha uma placa personalizada na qual se lia MEGNMEE [algo como "Meg e eu"]. Enquanto Meghan fazia breves comentários, Nikki estava responsável pela câmera. A dupla fez piada com a maioria gay de West Hollywood com a seguinte brincadeira infantil:

"Poderíamos caminhar peladas pela rua e ninguém daria bola". As meninas aproximaram o foco em uma mulher que parecia ter acabado de receber aplicações de colágeno nos lábios, e elas ficaram maravilhadas com as casas ao longo de Beverly Glen e de outras regiões ricas de Beverly Hills e seu entorno.

Assim que voltou para a casa da mãe, Meghan experimentou as roupas novas para o encontro de estudantes no Beverly Hilton. Ela teve uma visão de como queria se distinguir na Northwestern e decidiu que vestiria um *look* monocromático, preto e cinza, um esquema de cores estiloso, sofisticado e sóbrio. Com isso em mente, ela escolheu uma minissaia, uma blusa tomara que caia e uma camisa aberta na frente com fundo branco, fazendo as vezes de uma jaqueta. Foi um presságio da roupa executiva que ela usaria para interpretar Rachel Zane, mais de uma década depois.

Meghan aproveitou seu último verão em casa, mas também estava com a cabeça atribulada. A relação entre a moça e o pai não andava muito bem, fazendo com que ela, deliberadamente, procurasse distância dele. As cortinas emocionais dela estavam fechadas – Meghan foi ficar com a mãe e não visitava o pai sequer para buscar a correspondência. A situação desconcertou os amigos, pois sabiam que Meghan era a menina dos olhos do pai, que sempre perdoava qualquer coisa que ela fizesse. Não que os outros filhos dele, Tom Junior e Yvonne, tirassem proveito dessa sua atitude extremamente relaxada; eles sempre faziam as lições de casa a tempo, independentemente das distrações. A questão é que a mãe de Meghan era atenta aos limites. Embora dançasse com Meghan e suas amigas ao som do rádio ou conversasse sobre maquiagem, Doria era mais rígida que o ex-marido. Meghan sempre levava o pai na conversa. Yvonne costumava contar a história da vez em que Meghan, antes do Natal, estava folheando um catálogo de joias e, ao escolher um anel, Thomas prometeu dá-lo de presente a ela. A menina provocou a irmã mais velha dizendo que, não importava o que o pai desse a Yvonne, ela sempre receberia o presente mais caro, porque ela era a filha favorita dele. Portanto, embora o desentendimento entre pai e

filha fosse incomum, os amigos dela não deram muita importância, considerando-o uma tempestade de verão. Contudo, não foi a melhor despedida, pois ela não voltaria tão cedo da faculdade.

Além de deixar para trás o lar de sua infância, ela também estava deixando para trás a garota que considerava sua "irmã", Ninaki Priddy, que era sua melhor amiga desde os tempos em que mal andavam. Meghan e Nikki ficaram melhores amigas já na Little Red School House, dormindo uma na casa da outra, inúmeras vezes, e brincando na piscina da modesta casa dos pais de Nikki, ao norte de Hollywood. Elas continuaram próximas quando foram para o Immaculate Heart, e chegaram a viajar juntas pela Europa com os pais de Nikki, Dalton e Maria, e a irmã caçula dela, Michelle. Nikki gostou tanto de Paris que foi estudar na Sorbonne no verão seguinte. Quando aterrissaram em Londres e posaram na frente do Palácio de Buckingham, elas jamais imaginariam, nem por um segundo, que um dia Meghan seria recepcionada dentro dos portões de ferro forjado. Agora, o início da faculdade e a iminente separação estavam cada vez mais perto, por isso procuravam preencher cada momento com risadas e boas lembranças.



Meghan olhou em volta para o seu dormitório e começou a desfazer as malas. Ela estava alojada no dormitório dos calouros conhecido como North Mid-Quads, ao lado da república Kappa Kappa Gama. Ainda não havia decidido se faria a "corrida" – o sistema de peregrinação particularmente americano em que os alunos visitam todas as repúblicas (ou fraternidades, como eles costumam chamar por lá) a fim de encontrar uma que lhes agrade; depois torcem para que sejam escolhidos para entrar – ou se faria parte dos grupos de amigos que se hospedam nos dormitórios. As primeiras semanas em uma nova universidade são bastante difíceis; há muito julgamento e análise à medida que centenas de adolescentes ansiosos, com hormônios saindo pela pele, tentam orientar-se física e psicologicamente. A

tal "corrida" só exacerba esse sentimento de vulnerabilidade, de querer pertencer. Sem amigos nem conhecidos de sua cidade natal, Meghan, de personalidade naturalmente gregária, esforçou-se muito para fazer novos amigos.

Porém a autoestima da jovem estava prestes a sofrer um grande e inesperado revés. Ela havia crescido no caldeirão cultural que é Los Angeles. O colégio onde estudou, o Immaculate Heart, era um caleidoscópio de garotas de diferentes cores e nacionalidades. Contudo, ela descobriu que apesar de a cidade de Evanston, onde está a Northwestern University, ficar a poucos quilômetros de Chicago, a faculdade em si era predominantemente branca. Afro-americanos compõem um terço da cidade, mas apenas cinco por cento do corpo discente. Havia ainda menos alunos birraciais. Na Northwestern, ela se destacava.

Apenas uma semana após o início do semestre, enquanto Meghan revisava a agenda das aulas do curso escolhido, Letras, uma colega do dormitório aproximou-se e perguntou: "Você disse que sua mãe é negra e seu pai é branco, certo?".

Meghan sorriu sem graça e concordou com a cabeça, sentindo-se incomodada na mesma hora. "E eles são divorciados?", continuou a colega de quarto. Meghan acenou novamente. A garota olhou para ela com um ar de presunção. "Ah. Isso faz sentido". Meghan sentiu como se tivesse tomado uma punhalada com aquele comentário sarcástico. "Faz sentido como?", ela se perguntou. É claro que ela compreendia a insinuação: que o fracasso de um casamento inter-racial era inevitável. Ela guardou consigo esse diálogo e foi uma das memórias à qual se referiu anos mais tarde em um artigo que escreveu para a revista *Elle*, em 2015.

Los Angeles sempre foi uma grande bolha multicultural, e agora Meghan estava sendo exposta a mentes tacanhas e ideias ultrapassadas e provincianas. Essa não era a primeira nem seria a última vez em que ela ouviria ou seria objeto de grave injúria racial. Como sua pele era mais clara, muitos colegas não percebiam que ela era birracial, então ela ficava como se

fosse uma mosca na parede enquanto eles faziam piadas racistas ou expressavam opiniões de cunho preconceituoso. O incidente acima, em especial, ficou gravado em sua memória, moldando suas reflexões sobre como os outros viam sua família, sua herança e a ela própria. "A memória mais forte que tenho de Meghan é de sua profunda autoestima", lembra o professor Harvey Young. "Ela era atenciosa e compreendia o que significava enfrentar preconceito e discriminação".

Mas Meghan era durona o bastante para não deixar que aquilo a desanimasse – ela estava mais preocupada em se soltar. Como não estava mais sob o olhar vigilante da mãe, ela começou a usar maquiagem mais pesada e experimentou fazer luzes no cabelo. Depois de tomar uma decisão, ela foi até a Kappa Kappa Gama e foi iniciada na irmandade, que era cheia de garotas consideradas "problemáticas, inteligentes e atraentes". Como observou Melania Hidalgo, membro da KKG: "O que todas temos em comum é que somos muito obstinadas, ambiciosas e passionais". A irmandade a acolheu com entusiasmo, e Meghan acabou sendo eleita como chefe de recrutamento da irmandade, responsável por admitir ou não novas garotas ao clã da KKG. Por ser uma jovem extrovertida, confiante e articulada, ela era perfeita para a função de vender a imagem da irmandade. Às vezes, ela era um pouco persuasiva demais, chegando ao ponto de alguns alunos, de acordo com a colega de classe Ann Meade, acharem-na assertiva ao extremo. Na maioria das vezes, os colegas lembram-se de sua sede de viver e da "personalidade explosiva" – uma moça dinâmica e autoconfiante.

Como membro da irmandade, ela também participou da Maratona Dançante da Universidade de Northwestern, um dos eventos beneficentes estudantis mais conhecidos dos Estados Unidos. O ano em que Meghan dançou, desde a criação do evento em 1975, foi a primeira vez que uma mulher, Ginger Harreld, atuou como mestre de cerimônias, apesar de dividir os trabalhos com um aluno. Embora a maratona dançante não fosse mais o exaustivo festival de dança "vencer ou morrer" da época da Depressão, as trinta horas que Meghan ficou de pé, dia e noite, certamente ajudaram-na a queimar as calorias dos chamados "freshman fifteen" – o peso em libras,

equivalente a sete quilos, acumulados no primeiro ano em virtude de bebidas, comidas enlatadas do dormitório e visitas noturnas ao Burger King aberto 24 horas.

Claro, toda essa socialização tinha um foco para muitas das alunas: a busca por um namorado. Mais sofisticada e preparada que a maioria de suas coetâneas, Meghan era vista como uma mulher que tinha o "pacote completo". Geralmente, ela preferia namorados latinos bem vestidos, como Luis Segura, mas mudou o gosto durante o período na Northwestern. O primeiro namorado dela foi Steve Lepore, um jovem galã de Ohio, aluno do segundo ano, branco, jogador de basquete e com dois metros de altura. Ele fazia Meghan, com um metro e setenta, parecer minúscula. A relação com Lepore aumentou sua popularidade entre as companheiras da irmandade KKG, que ficaram "impressionadas por ela ter fisgado um partidão daqueles". "Eles formavam um belo par", lembra uma ex-colega de turma. Mas o relacionamento não durou muito. Para os dois últimos anos de faculdade, a estrela em ascensão do basquete aceitou uma oferta de transferência para a Wake Forest University, em Winston-Salem, Carolina do Norte. Adeus, Meghan; olá, perspectiva de jogar basquete profissional.

Embora fossem um casal universitário aparentemente perfeito, eles tinham suas diferenças. As ambições esportivas de Steve representavam ele ter que recusar festas, dormir mais cedo e, nas vésperas de jogos, Meghan não era bem-vinda para passar a noite com ele. Meghan, por outro lado, era uma baladeira que curtia a liberdade proporcionada pela universidade, longe dos pais, bebendo e voltando para casa quando bem entendesse.

Apesar de ter ficado sem seu namorado do primeiro ano, Meghan fez dois ótimos amigos na Northwestern, que a acompanhariam para o resto da vida.

Foi durante uma aula de literatura, discutindo o trabalho do autor afro-americano Toni Morrison, que ela conheceu Lindsay Jill Roth, uma loira *mignon* de Lattingtown, Nova York, um subúrbio abastado de Long Island, com casas de milhões de dólares, que ficava de frente para Oyster Bay. Os pais dela eram advogados, apesar de sua mãe já estar aposentada na ocasião.

Ao contrário das amigas de Meghan do Immaculate Heart, Lindsay era judia. Inteligente, engraçada e articulada, as duas estudavam juntas, saíam para beber e dançar, e conversavam noite adentro, falando pelos cotovelos.

O outro melhor amigo dela não poderia ser diferente. Filho de pastores evangélicos, Larnelle Quentin Foster era um afro-americano exuberante e vistoso, que escondia o fato de ser gay de familiares e amigos – embora tenha se confessado para Meghan. Meghan e Larnelle começaram a frequentar as mesmas aulas na Escola de Comunicações, depois que ela mudou seu curso de Letras para uma formação dupla em Artes Dramáticas e Relações Internacionais. A formação dupla refletia sua indecisão – ela não tinha certeza se seguiria uma carreira na política e no mundo diplomático ou se batalharia por um estrelato nas telas. A despeito de a segunda opção, como ela reconhecia, ser uma espécie de clichê de Los Angeles, ela estava em boa companhia – Warren Beatty, Stephen Colbert, Zach Braff e David Schwimmer se formaram na Northwestern. No entanto, Larnelle não tinha como notar que o entusiasmo da amiga era mais por Hollywood do que pelo Departamento de Estado [equivalente ao Ministério das Relações Internacionais no Brasil]. Os dois, que frequentavam de tudo, desde produções estudantis até propostas vanguardistas, gostavam de debater tanto sobre a estrutura teatral e a linguagem de uma peça quanto sobre atuação, ao mesmo tempo que Meghan participava de curtas-metragens feitos por colegas. De vez em quando, ela também fugia do *campus* para realizar testes para comerciais de TV.

Aos fins de semana, Meghan gostava de ir à casa da família de Larnelle para fazer refeições. Lá, os dois amigos adoravam experimentar diferentes receitas, inclusive a atual especialidade de Meghan: comida indiana.

A "família adotiva" adorava Meghan, atraídos por seu senso de humor peculiar e pelo sorriso contagiante. Ela até aceitava o convite para ir com eles à igreja. "Se fosse pela minha mãe, claro que eu estaria com Meghan", disse ele. "Ela dizia: 'Ah, eu amo tanto a Meghan'. E eu respondia algo do tipo: 'Sim, mãe, eu também a amo'". Mas Larnelle também sabia que deixaria

o coração da mãe arrasado se ela descobrisse que ele era gay. Provisoriamente, Meghan serviu de disfarce para ele, que, por sua vez, oferecia-se como companheiro dela, um papel que matava de inveja muitos caras héteros no *campus*. "Como você conseguiu sair com ela?", eles perguntavam a Larnelle. "Consegui porque eu não estou querendo nada com ela!", Larnelle contou em entrevista ao *Daily Mail*.

Os dois melhores amigos de Meghan representavam a dualidade de sua herança: o iconoclasta, excêntrico e independente afro-americano e a profissional branca. A presença deles ajudou Meghan a explorar e integrar esses lados de sua personalidade, absorvendo e sintetizando essas perspectivas, conforme ela desenvolvia sua própria identidade.

Na pausa entre os semestres, foi um alívio voltar para Los Angeles, não só pelo clima, mas também por estar de volta a uma cidade tão diversa, onde mulheres loiras e de olhos azuis estão em minoria. Porém, como ela veio a descobrir, a imagem de tolerância e aceitação era uma aparência que podia facilmente ser desconstruída.

Ela conta a história de uma noite em que foi com a mãe a um concerto. Conforme Doria dava a ré em seu Volvo para sair de uma vaga no estacionamento, outro motorista gritou com ela, a chamando de "preta". Meghan enrubesceu e sentiu a pele formigar de frustração, partilhando da dor e da raiva de Doria. Ela olhou para a mãe e viu seus olhos marejados. Meghan sussurrou as únicas palavras que conseguiu articular: "Está tudo bem, mamãe". Mas não estava bem. As duas foram para casa em silêncio, o sangue latejando nas orelhas de Meghan, e os dedos de Doria segurando o volante com força.



A experiência de crescer como birracial foi usada como ponto de partida para debates que Meghan e outros sete colegas tiveram com o professor de história e teatro Harvey Young, cujos seminários estavam focados em peças

afro-americanas, compreendendo seus significados, impacto e história. Meghan, que havia oscilado entre duas comunidades durante a vida, sabia bem como as pessoas respondiam a questões de raça, diferenças raciais e diversidade. Young disse: "Ela tinha uma compreensão bastante sofisticada do que significa viver em um corpo racial que é percebido e tratado de maneiras distintas com base nas comunidades em que se encontra".

A aula de Young trouxe à baila o lugar ambíguo de Meghan na sociedade. Ela lembrou mais tarde: "Foi a primeira vez que pude dar nome ao sentimento de ser muito clara na comunidade negra e muito miscigenada na comunidade branca".

As experiências dela na Northwestern, dentro e fora da sala de aula, e o autoconhecimento adquirido teriam grande importância em sua vida, provendo-lhe um arcabouço de perspectivas e força interior para que tentasse penetrar a estrutura evasiva e delicada de Hollywood.



No início de seu terceiro ano, ficou claro que se Meghan continuasse naquele ritmo, obteria a maior parte de seus créditos para a conquista do diploma muito antes do programado. Só por diversão, ela cursou uma matéria de engenharia industrial, na qual o professor adotou o clássico francês *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, como livro obrigatório. Como ela mais tarde escreveu em seu blogue, The Tig: "Parecia uma escolha estranha, mas, no fim das contas, a matéria tinha uma inclinação motivacional e emancipatória que aplico a tomadas de decisão na minha vida até hoje". Já que o tempo estava ao lado dela, e como ainda estava incerta quanto ao caminho que seguiria após a universidade, ela decidiu ir a campo para adquirir alguma experiência prática nas relações internacionais. Meghan sabia que o tio Mick Markle trabalhava como especialista de sistemas de comunicação para o governo dos Estados Unidos – o papo no meio familiar era de que ele trabalhava para a CIA, a agência de espionagem

do governo no exterior. Portanto, ela pediu para que ele a ajudasse a conseguir um estágio no exterior pelo Departamento de Estado. “Meghan, eu a ajudarei, se puder”, ele respondeu. E ele ajudou. O tio Mick mexeu uns pauzinhos, e apesar do atraso de Meghan em entregar a papelada administrativa, isso não fez diferença em decorrência dos excelentes registros acadêmicos dela e da influência do tio. Logo depois, ela recebeu a notícia de que havia conseguido fazer parte de um programa de estágio de seis semanas como assistente do adido de imprensa na Embaixada Americana de Buenos Aires, na Argentina. Foi uma aventura e tanto para a moça de vinte anos de idade voar de Los Angeles a Buenos Aires sozinha. Ela se juntou a uma equipe de cerca de 28 funcionários do Departamento de Estado em um refúgio americano de médio porte. Antes de começar a trabalhar,
foram-lhe dadas orientações a respeito do edifício e da cidade, tendo a segurança como prioridade. A jovem estudante foi alertada sobre quais lugares evitar, o que fazer em caso de emergência e para quais números ligar. Informações básicas, mas vitais. Às vésperas do 11 de Setembro completar o primeiro ano, todas as embaixadas americanas do mundo, inclusive a de Buenos Aires, foram alçadas ao Código Laranja de segurança, o segundo maior nível.

Na maior parte do tempo, sua rotina diária era servindo como garota de recados, arquivando documentos, atendendo telefonemas e elaborando cartas oficiais. Por saber trabalhar em equipe, ela impressionava os superiores pelo entusiasmo e boa conduta.

Ela era uma funcionária dedicada, realizando os trabalhos mais entediantes e banais de maneira rápida e eficiente. O superior dela, Mark Krischik, hoje aposentado, lembra dela como uma jovem que era ótima colega de trabalho e que conduzia suas tarefas com “eficácia e criatividade”. Embora tenha vagas lembranças do período, havia um papo sobre uma paquera com um oficial da marinha americana designado para atuar na guarda da embaixada. Mas o mais certo era seu amor pela culinária espanhola e pela vida noturna agitada da cidade.

Como seu aniversário de vinte e um anos aconteceria no dia 4 de agosto de 2002, ela foi autorizada a viajar na escolta que buscaria o Secretário de Finanças dos EUA, Paul O'Neill, que estava realizando uma série de visitas em países da América do Sul. Seria um momento incrível. Contudo, a oportunidade de receber tratamento VIP por uma ou duas horas, rapidamente transformou-se em uma experiência assustadora.

Ela estava esperando na comitiva, quando o Secretário O'Neill aterrissou no Aeroporto Ezeiza, a cerca de vinte e cinco quilômetros do centro de Buenos Aires. A Argentina, na época, havia deixado de honrar uma dívida de 141 bilhões de dólares, então, nem o Fundo Monetário Internacional nem o governo americano estavam interessados em socorrer o país. Antes de deixar Washington, O'Neill anunciara que as nações da América do Sul deveriam organizar suas políticas para "assegurar que auxílios não fossem desviados para contas bancárias na Suíça". Embora o alvo dele fossem os desvios de bilhões de dólares para as contas pessoais de membros da elite política corrupta, homens e mulheres miseráveis pelas ruas culpavam os Estados Unidos pela calamidade econômica que havia recaído sobre eles. Depois que o avião pousou, exatamente às cinco horas, a comitiva de O'Neill dirigiu-se a um encontro com o presidente Eduardo Duhalde, chefe do governo interino. Embora O'Neill já esperasse um trajeto conturbado, até ele ficou surpreso com os manifestantes que cercaram o comboio. "Lembro-me da chegada, pois os manifestantes começaram a bater na limusine com seus cartazes. Foi um evento memorável", ele brincou, tempos depois.

A assistente do adido de imprensa ficou aterrorizada, lembrando que aquele foi o momento mais assustador de sua vida. A situação foi ainda mais preocupante, não só em virtude do 11 de Setembro prestes a completar um ano, mas porque relatórios de inteligência sugeriam que militantes islâmicos poderiam estar estabelecendo uma rede terrorista na América do Sul. Meghan já vinha em estado de alerta, e é fácil de imaginar como deve ter sido apavorante ver-se diante de uma massa colérica de manifestantes atacando seu carro.

Porém, a experiência não pareceu fazê-la abdicar de uma possível atuação futura em uma agência governamental. "Se ela tivesse continuado no Departamento de Estado, teria se tornado uma excelente aquisição do corpo diplomático americano. Ela tinha tudo o que é preciso para ser um diplomata de sucesso", recordou, também, Mark Krischik.

Certamente, ela tinha comprometimento suficiente com a carreira no Departamento de Estado, tanto que prestou o Teste de Admissão à Carreira Diplomática, ainda em seu período na Argentina. O exame, com três horas de duração, contém uma mistura de política, história, conhecimentos gerais e matemática, exigindo compreensão de tudo, desde as origens do jazz até leis trabalhistas praticadas no Leste Asiático. Provou-se ser algo ainda distante; Meghan foi reprovada no exame. No entanto, ela quis ir a Madri fazer um curso de seis semanas de língua espanhola no programa para Alunos de Estudos Internacionais. Essa era uma especialização que ela precisava, caso quisesse dar mais uma chance ao mundo da diplomacia.

Quando voltou à Northwestern, foi capaz de entreter os amigos com histórias sobre *tapas* e tango, e tentou apagar da memória a decepção por não ter passado no Teste de Admissão à Carreira Diplomática. De qualquer modo, o destino parecia impulsioná-la ao mundo do entretenimento. O pai, diretor de iluminação, reivindicou alguns favores para conseguir a ela um papel secundário em *General Hospital*, assim como fizera com a filha mais velha, quase uma década antes. Em novembro de 2002, Meghan participou da audição para um pequeno papel, no qual teria cerca de cinco falas. Graças à influência do pai, ela conseguiu o trabalho. O episódio foi ao ar pouco antes do Dia de Ação de Graças.

Algumas semanas depois, durante uma festa natalina entre amigos, ela foi abordada por um homem que se apresentou como Drew. Não era uma cantada, na verdade, ele queria agenciá-la. Uma amiga havia mandado ao homem a cópia de um filme estudantil em que Meghan aparecia, e ele ficou impressionado, por isso resolveu falar com ela: "Sabe o que eu acho? Que

você vai ganhar muito dinheiro e eu vou ficar com uma comissão de 10 por cento. Acredito que você deveria ficar aqui na região".

Mas, naquele momento da vida, Meghan não podia ficar em Los Angeles. Ela tinha matérias para concluir na Northwestern e uma formatura para comparecer. No entanto, ela prometeu voltar. Como ela pôde constatar, quando uma porta se fecha, outra se abre. Se o Departamento de Estado não a queria, talvez Hollywood a quisesse.



Assim que chegou da Northwestern, com o diploma nas mãos, Meghan foi em busca de testes de comerciais; ela não conseguiu nenhum deles, mas eram bons para adquirir experiência. À essa altura, esse era um caminho já conhecido, pois Meghan participara de diversas audições, ainda na Northwestern. Então ela recebeu uma ligação. Sua melhor amiga da faculdade, Lindsay Jill Roth, estava trabalhando no *casting* de um filme chamado *De Repente É Amor*, estrelado pelo galã Ashton Kutcher. Ela havia conseguido um teste para Meghan para um papel de uma palavra.

"Você consegue dizer 'oi'?", perguntou o diretor.

"Sim, posso", respondeu Meghan. "Mas eu li o roteiro e tenho mais a ver com essa outra personagem, então adoraria fazer a leitura dela também". Naturalmente, a outra personagem tinha um papel maior.

O diretor e os membros do *casting* trocaram olhares. "Essa garota é corajosa", diziam os olhares. Meghan não conseguiu o papel que ela propôs, mas fisgou o papel para o qual Lindsay a recomendara. Uma vez no *set* de filmagens, o diretor permitiu que ela improvisasse, expandindo suas falas de uma para cinco. Em termos cinematográficos, foi um grande triunfo.

Em seguida, ela arranjou outro papel menor no drama jurídico futurista *Century City*, estrelado por Viola Davis e Nestor Carbonnel, entre outros veteranos. Ela interpretou um membro da equipe com uma só fala: "Um brinde a Tom Montero, que teve a capacidade de instalar esse incrível

assistente virtual". A cena dela foi filmada em um dia, então precisou buscar novas audições, à mercê de ninguém. Era uma vida de dificuldades, vendendo o almoço para pagar o jantar, vida essa pela qual passam milhares de aspirantes ao glamour de Hollywood.

Certo dia, a caminho de um teste, o botão elétrico que destravava as portas de seu Ford Explorer falhou em abri-las. Ela tentou usar a chave, mas nada aconteceu. Tentando não entrar em pânico, ela deu a volta até o porta-malas, que tinha uma chave diferente. Por milagre, a tampa abriu. Como já estava atrasada, não teve outra escolha senão esgueirar-se pelo banco de trás até o assento do motorista. Ainda bem que ela estava em forma, pois praticava yoga e corrida, e ainda bem que o carro ligou e estava com o tanque cheio. Quando chegou ao estúdio do *casting*, parou em uma vaga afastada no estacionamento, para poder sair da mesma forma sem chamar atenção.

Sem grana para consertar o SUV, Meghan repetiu esse esquema durante meses – estacionava longe dos outros carros e esperava até não ter ninguém por perto para vê-la brotando do porta-malas; depois, fingindo estar procurando roteiros ou fotos na traseira do carro, entrava por ali novamente.

Claro que ela sabia que haveria contratempos; Meghan já estava há algum tempo na indústria do entretenimento para acreditar em histórias de ascensão meteórica. Portanto, ela se mantinha otimista. O lema dela era: "Eu escolho a felicidade", e ela fazia questão de continuar feliz, saindo com amigos para comer pizza e tomar vinho, frequentando aulas de yoga e passeando até onde seu orçamento permitia. Houve uma noite em que seu orçamento limitado a levou para um boteco, em West Hollywood, popularizado pelos "Young Turks" da indústria do entretenimento (jovens figurões ávidos para desafiar o antigo *establishment* de Hollywood), interessados na sensação de que estavam se misturando em um autêntico ambiente *beatnik*. Uma fala arrastada, com leve sotaque nova-iorquino, chamou sua atenção. O dono da voz estava conversando com alguns amigos.

Com mais de um metro e oitenta, cabelos loiros avermelhados e olhos azuis, Trevor Engelson parecia um surfista ou jogador de vôlei, um arquetípico garoto bronzeado da Califórnia. Ele tinha o ar e o jeito de falar de uma versão *light* de Matthew McConaughey, embora fosse nascido e criado em Great Neck, Nova York; era filho de um dentista bem-sucedido e bisneto de imigrantes judeus.

Assim como Francis Ford Coppola, Trevor havia frequentado o Ensino Médio na Neck North High School, e como Coppola, pelo menos a princípio, queria ser diretor de cinema. "Percebi que era necessário talento para essa arte, então vi que estava fora de cogitação", disse ele, com autodepreciação. Ainda no Ensino Médio, ele conseguiu um emprego como assistente de produção em filmagens na cidade de Nova York, trabalhando incansavelmente nos fins de semana e durante as férias escolares. A experiência lhe rendeu frutos, e ele foi aceito na Annenberg School of Cinematic Arts, na Universidade do Sul da Califórnia. O caminho dele estava traçado.

Após a formatura em 1998, Trevor trabalhou no filme de baixo orçamento *Ladrões de Cofre*, notável apenas pela aparição de Paul Giamatti num papel de nome estranhíssimo: "Veal Chop" [Costeleta de Vitela]. Então Engelson, que gostava de se ver como um trabalhador esforçado, foi contratado como auxiliar de elenco em *Do Fundo Do Mar* – um filme que, desnecessariamente, demonstrava as péssimas e inevitáveis consequências de se criar grandes tubarões brancos superinteligentes por meio de modificações genéticas. Enquanto esteve nas filmagens, estudou como trabalhavam seus chefes, os produtores cinematográficos. Ele gostou do que viu. Não parecia que eles trabalhavam tanto e, mesmo assim, ganhavam muito dinheiro e conquistavam as garotas mais bonitas. Ao abordar um dos produtores, Alan Riche, dirigiu-se a ele com franqueza: "Alan, quero fazer o que você faz, quero ser produtor". Riche o aconselhou para que, primeiro, trabalhasse como agente. Assim que *Do Fundo Do Mar* foi concluído, Riche indicou o ambicioso assistente para a agência Endeavor Talent Agency. Ele

começou na base da hierarquia, como motorista do setor de correspondências, entregando roteiros e outras encomendas relacionadas à agência por toda a cidade.

Trevor era atraente e determinado, e, em seu devido tempo, foi subindo na carreira até se tornar assistente de um agente de roteiristas cinematográficos chamado Chris Donnelly. Ele estava no caminho certo para alçar grandes voos. Porém, a ambição desmedida do rapaz atrapalhou sua jornada. Enquanto Donnelly estava de férias, Trevor enviou roteiros não contratados, conhecidos como roteiros especulativos, para atores e diretores com o selo da Endeavor. "Achei que estava sendo proativo", Trevor admitiu, tempos mais tarde. Mesmo que sem ressentimentos, ele foi demitido por exceder suas funções. Sem se deixar intimidar, rapidamente encontrou um emprego como assistente de um colega e ex-aluno da USC, Nick Osborne, e seu sócio, Jeffrey Zarnow, na O/Z Films. Como disse Trevor: "Eles precisavam de alguém para colocar comida na mesa". Depois de vender seu primeiro roteiro, *The Road to Freaknik*, para a Fox Searchlight por 25 mil dólares, ele comemorou com muita festa.

Quando Osborne fundou a própria empresa cinematográfica, a Underground Films, Trevor tornou-se seu assistente e, muitos anos mais tarde, assumiu o controle do negócio. Por trás das piadas e brincadeiras entre amigos, Trevor era uma alma obstinada, um jovem determinado a deixar sua marca nessa austera indústria. Quando Meghan o conheceu naquela noite, em West Hollywood, ela gostou do que viu, atraída pela paixão, obstinação e ambição dele. Trevor era um típico nova-iorquino: atrevido, direto, sem frescuras e corajoso. Porém, às vezes, ele talvez fosse um pouco rude demais para uma garota sofisticada que preferia elegância a grosserias. Era também um cara que tinha um aforismo para cada ocasião. "Esperança é a maior moeda que temos nesse negócio", ele disse à ingênua aspirante. Verdade ou não, é uma ótima frase de efeito.

A declaração preferida dele pertencia ao lendário produtor de Hollywood, Neal Moritz, o homem por trás da franquia *Velozes e Furiosos*: "Não se

dedique por cinco minutos, se não for se dedicar por cinco anos". Trevor citou tantas vezes essa frase que, com o tempo, a própria Meghan começou a usá-la, mencionando-a como se estivesse formada em sua cabeça. A versão dela era mais refinada: "Não se dedique a algo por cinco minutos, se não estiver disposto a se dedicar por cinco anos". Mas Trevor tinha aforismos – e audácia – aos montes. Como ele disse a um antigo colega de faculdade em uma entrevista para o *podcast* da *Scripts and Scribes*: "Acredito piamente que toda essa merda pode chegar ao fim a qualquer minuto, e é preciso tirar vantagem [disso]. Sou judeu e tudo mais, mas acredito que só se tem uma oportunidade real de viver, portanto, se tiver a chance de se divertir sem machucar ninguém no processo, e ainda puder dar um jeito para que as coisas se resolvam de algum um jeito, ótimo – eu sempre encontro uma maneira de me divertir muito. Isso nunca foi um problema".

Ele era o exemplo paradigmático do jovem que se vira do avesso, tanto para trabalhar quanto para se divertir. Cuba, Palm Springs, Nova York: o mundo estava aos seus pés – pelo menos, até atingir o limite de seu cartão de crédito. Como ele declarou: "Se estou em um avião indo para algum lugar, quando aterrisso estou trabalhando, no avião estou trabalhando, até quando estou bebendo estou trabalhando. Mas sempre estou me divertindo mais do que a maioria das outras pessoas que conheço". Um produtor sequioso e uma atriz ambiciosa. Casal clássico de Hollywood.

Quando iniciaram as produções do filme de Trevor, *Zoom*, no início de 2005, Meghan havia conseguido, pouco tempo antes, uma breve aparição no seriado cômico *Cuts*. Era apenas uma fala, uma mísera fala, mas Meghan sentiu que agora estava a caminho da fama. Mais tarde, em um blogue anônimo, *Working Actress*, que foi atribuído como sendo de sua autoria, ela descreveu esse sentimento: "No início da minha carreira, lembro de entrar em desespero e, em seguida, comemorar por ter conseguido uma fala em uma série tosca da UPN. Na época, foi um grande sucesso. Recebi telefonemas de felicitações, buquês de flores e fui convidada para jantares de comemoração regados a vinho e brindes. Foi um marco histórico que

representava mais trabalhos, e uma chama de esperança que dizia 'caramba, você realmente está fazendo isso'".

Enquanto esperava pelo grande dia, para conseguir pagar as contas, ela segurava as pontas como recepcionista de um restaurante em Beverly Hills, trabalhava em uma loja local onde ensinava a arte de embrulhar presentes, e outra de suas habilidades, sua escrita manual impecável, rendia-lhe um bom dinheiro como calígrafa. Essa técnica ela aprendeu no Immaculate Heart, chegando a comentar posteriormente: "Sempre tive um dom para desenhar letras cursivas". Naquela época, o mais próximo da fama que chegou foi, em junho de 2005, ao escrever nos envelopes dos convites para o casamento do cantor Robin Thicke e da atriz Paula Patton.

Os papéis estavam vindo, mas não tão rápido quanto ela gostaria. No verão de 2005, ela foi chamada para um papel no seriado *Love, Inc.*, e no mesmo ano, perto do Dia de Ação de Graças, para um telefilme chamado *Deceit*, seguido de uma aparição como corretora de seguros no seriado de curta duração *The War at Home*.

Ao passo que Meghan estava se virando, mas a passos de tartaruga, Trevor foi do céu ao inferno, pois *Zoom*, que tinha sido lançado no verão de 2006, mostrou-se um desastre completo. O filme de ação em família, descrito como "maçante e sem graça", recebeu um índice de apenas 3% de aprovação no site especializado *Rotten Tomatoes*. A estrela do filme, Tim Allen, chegou a ser indicado para o Framboesa de Ouro na categoria de Pior Ator.

A vida não estava muito melhor para Meghan. Até o momento, 2006 vinha sendo ruim para conseguir papéis tanto no cinema quanto na TV. Contudo, a vida social do casal teve um pequeno estímulo, quando, no mês de agosto, foram convidados para ir aos Hamptons, na Mostra Fotográfica da Coach Legacy. O evento, que celebrava a fabricante de bolsas americana, contou com a presença do casal tomando champanhe e ombro a ombro com ricas *socialites* e quase celebridades – mas isso de nada serviu para que subissem na escalada para o sucesso.

As rejeições diárias teriam desanimado qualquer um com menos garra, mas Meghan sabia que era só uma questão de tempo. Quanto mais garotas desistissem e fossem para casa derrotadas, mais aumentavam as chances de ela ser contratada para algum trabalho. Como Trevor dizia, "Não se dedique por cinco minutos, se não for se dedicar por cinco anos". E os cinco anos dela ainda estavam longe de acabar.

Como outras garotas que estavam na luta, ela carregava uma bolsa de academia contendo um guarda-roupa essencial para qualquer papel para o qual pudesse ser chamada: vermelho, para uma latina briguenta; tons pastéis, para a garota que mora ao lado; amarelo mostarda, para afro-americanas. Saias curtas, saias longas, *blazer*, biquíni e camisetas; tudo que ela precisava estava naquela sacola. Como ela mesma reconheceu, ser etnicamente "ambígua" permitia que ela pudesse pleitear qualquer tipo de papel. "Infelizmente, isso não tinha importância", ela escreveu mais tarde na revista *Elle*. "Eu não era negra suficiente para papéis de negros e não era branca suficiente para papéis de brancos, deixando-me no limbo, uma espécie de camaleoa étnica, que não conseguia encontrar trabalho".

Ela estava sentada de moletom, com os antebraços cobertos para evitar que o óleo da pele encostasse nos envelopes que ela estava ortografando para um cliente de caligrafia, quando seu agente Nick Collins ligou. Collins, nascido em Boston e graduado na Brown University, conhecia bem a luta que era conseguir destaque em Hollywood – ele ganhava uns trocados como garçom em um restaurante de Brentwood antes de Bob Gersh torná-lo seu assistente, na agência de talentos de mesmo nome. Portanto ele simpatizava com sua luta para ficar na superfície.

Ele conseguiu um teste para ela. Havia só um porém. Ela precisava se apresentar em vestes que os produtores timidamente descreviam como "traje sensível ao corpo", ou seja, um biquíni, um maiô, uma saia curta ou um *shorts*, para que pudessem ter uma ideia de como era o corpo dela. Sim, era um teste para a função de "garota da mala" no popular *game show* televisivo, *Deal or No Deal* [*Topa ou Não Topa*, no Brasil], mas como não havia nada no

horizonte, ela concordou em ir. Afinal de contas, eram só alguns minutos de carro de sua casa em West Hollywood, que ela agora dividia com Trevor, até Culver City, onde estavam acontecendo as audições. Ao escolher sua saia mais curta, não tinha como ela não pensar: “Foi para isso que conquistei um diploma em Relações Internacionais?”.

5.

Saias Curtas, Saltos Altos

Como muitas adolescentes, Tameka Jacobs pisou em Hollywood deslumbrada e ansiosa para deixar sua marca como modelo ou atriz. Com quase um metro e oitenta centímetros de altura, ela se destacava perto das concorrentes. Além de belíssima, com genes de várias ascendências: crioula, norueguesa, afro-americana, francesa e espanhola.

Inicialmente, fez alguns trabalhos como modelo antes de prestar um teste para um novo programa de entretenimento, *Deal or No Deal*, apresentado por Howie Mandel. O programa, baseado no original holandês e copiado pelo mundo todo, era baseado na tensão entre ganância e prudência, receita infalível de sucesso. Os participantes escolhem entre vinte e seis malas contendo um valor em dinheiro, que varia entre um centavo e um milhão de dólares. Durante o jogo, o participante elimina várias malas na esperança de sobrar a mala de um milhão de dólares. De tempos em tempos, oferece-se ao participante um acordo feito por um banqueiro anônimo. A oferta, para deixar o jogo e levar uma quantia modesta, é contestada pela possibilidade de seguir em frente e ganhar o prêmio máximo. A audiência sempre fica ansiosa para que os competidores arrisquem tudo.

As malas em si são carregadas por vinte e seis lindas garotas sorridentes, dispostas de maneira tentadora na frente do participante. Era aí onde ficava Tameka. Foi solicitado para que ela fosse a garota da mala 21, uma posição

que ela manteve desde o primeiro dia do programa, em dezembro de 2005, até o último episódio, em 2010.

Quando Tameka recebeu o convite para participar do *game show*, ficou felicíssima. Era quase tudo que ela havia pedido aos céus. Ela recebia 800 dólares por episódio e, regularmente, eram gravados sete episódios por dia. Isso representava um total de 5.600 dólares diários, mais de 23 mil dólares por semana, quando a maré estava boa. Além disso, havia patrocínios e presenças *VIP*. Fama e riqueza em troca de ficar parada por algumas horas, segurando uma mala cheia de dinheiro de mentira.

Ademais, era divertido ser a garota da mala. As outras garotas eram barulhentas, traiçoeiras e brincalhonas; era como estar numa república universitária. Havia apenas dois inimigos – o frio do estúdio e os doloridos saltos altos que elas eram obrigadas a usar.

Meghan juntou-se ao grupo em 2006 para a segunda temporada, depois de passar com sucesso na audição. Junto com a modelo Chrissy Teigen, ela começou como reserva, caso uma das garotas regulares ficasse doente ou não chegasse a tempo para a gravação. Por fim, ela conseguiu uma vaga em tempo integral, como a garota da mala número 24 – perto de Tameka. Quando ela chegou, Tameka a identificou como outra garota multirracial. "O assunto nunca foi discutido entre nós", lembra ela. "Nós apenas nos entreolhamos e já sabíamos". Foi um código tácito, um entendimento comum de uma vida de mal-entendidos, olhares confusos e comentários sarcásticos condensados em um só olhar superior. Elas também tinham ligações em comum – no início da carreira, Tameka foi acolhida sob as asas da modelo, apresentadora e estrela Tyra Banks, que era, como Meghan bem sabia, uma lenda em sua antiga escola, o Immaculate Heart. Agora era a vez de Tameka retribuir o favor, ensinando a Meghan os segredos das personalidades, sobre quem e o que buscar por ali. Ela a inteirou sobre o dia a dia e o que trazer para o *set* – era necessário um par de botas peludas confortáveis depois de um dia com salto alto em temperaturas congelantes. Enquanto conversavam, ficou claro para Tameka que Meghan via aquele

serviço como trampolim para ganhar uma grana antes de se aventurar em trabalhos mais sérios de atuação.

Um dia comum de *Deal or No Deal* começava às 5h30 da manhã, pois Meghan e as outras "garotas da mala" gastavam horas para arrumar o cabelo e a maquiagem, além dos últimos ajustes em seus trajes ousados. Como a roupa mudava a cada episódio, e vários episódios eram filmados por dia, quase sempre elas tinham que enfrentar três visitas aos figurinistas. Uma arara cheia de lindos vestidos de festa chegava e, sem qualquer cerimônia, as roupas eram retalhadas para que deixassem à mostra as pernas e os decotes das jovens.

Depois de ajustes no comprimento e no formato, havia uma última sessão de figurino, quando as garotas tinham que contrair o abdômen para as marcações nos vestidos. Alguns eram tão apertados que as garotas mal conseguiam abaixar para colocar os agonizantes saltos altos – então uma assistente se aproximava para ajudar.

Todas as garotas da mala usavam cintas modeladoras, não só para manter suas barrigas mais lisas, mas para mantê-las aquecidas nas temperaturas polares do estúdio. O toque final era a inserção de uma espécie de palmilha, que a garota da mala número 13, Leyla Milani, costumava chamar de "filés de peito de frango" – ou, às vezes, chumaços de tecidos – dentro dos sutiãs, para aumentar o volume dos seios e ressaltar mais o decote.

Enquanto Meghan ficava por horas e mais horas tentando não tremer de frio, com os pés doloridos por causa dos saltos altos e um sorriso falso no rosto, ela só pensava no cachê que receberia no fim da semana. Não era o que ela tinha em mente quando resolveu seguir a carreira de atriz, mas, aos vinte e cinco anos, estava ganhando mais do que havia ganhado a vida inteira, e a agenda de filmagens era perfeita: longos blocos de gravações seguidos de semanas de sossego, o que lhe dava a oportunidade para fazer mais audições e viajar com o homem que ela, carinhosamente, chamava de Trevity-Trev-Trev, um apelido que ele recebera originalmente do rapper LL Cool J.

Como a jovem já tinha conhecido os Hamptons, havia outros lugares que ela queria visitar, à medida que a agenda permitisse: Grécia, México, Tailândia, qualquer lugar no Caribe, todos estavam em sua lista. A apaixonada por gastronomia que morava nela tinha o sonho de ir a Bangkok e provar o cardápio do Chote Chitr, o restaurante que tinha sido mencionado na Rádio Pública Nacional [NPR, na sigla em inglês)] e no *New York Times*. A ambição mútua do casal, assim como o amor dos dois por aventura, de entrar em um avião para algum lugar distante e incomum, era o elemento central da relação. Com o tempo, Meghan adquiriu a reputação de conhecer os mais novos restaurantes ou os hotéis mais singulares de lugares exóticos do planeta.

E ele a acompanhava – se tivesse tempo. Os dois eram indivíduos determinados, sendo Trevor tão ou mais ocupado que a namorada. Dava para notar que, ao contrário dos namorados e maridos de suas "irmãs" de *Deal or No Deal*, Trevor nunca visitava Meghan no *set*. Era tão incomum que sua ausência era comentada pelas outras garotas. Contudo, havia muitas outras celebridades, principalmente estrelas do esporte, que passavam por lá, alguns, claramente, tentando se aproximar e ter um contato mais pessoal com as garotas. Um convidado habitual causava um grande frisson: Donald Trump, que na época organizava o concurso de Miss Universo, e, certa vez, fez uma participação especial como o banqueiro de *Deal or No Deal* para promover seu programa, *O Aprendiz*. O magnata imobiliário, frequentemente à beira da falência, passeava pelo *set*, dando seu cartão para as garotas e as convidando para jogar golfe em um de seus campos. Tameka Jacobs me disse: "Ele era muito, muito asqueroso, mas algumas garotas sentiam-se atraídas por dinheiro e poder, então pegavam o número dele".

Meghan era uma das garotas que fugia do futuro presidente. Não que ela fosse conhecida por participar de qualquer evento "depois do expediente" – ocasiões em que um bando de lindas mulheres, com vários seguranças a tiracolo, visitava os bares de West Hollywood. Pelo fato de Meghan hoje ser conhecida como uma badalada *socialite*, foi surpreendente descobrir que a

moça raramente se juntava às colegas (se é que algum dia o fez) nessas noites barulhentas de caraoquê e bebidas.

Para uma garota que acabaria tendo uma vida agitada no Instagram, é também notável saber que ela nunca posava para fotos bobas, fazendo caretas para as câmeras, como o resto das colegas de trabalho. Meghan conhecia seus ângulos – afinal, ela havia aprendido com o melhor, seu pai –, então, literalmente, sempre saía bem na foto. Se fosse captada com uma bebida na mão, sempre era uma taça de champanhe, e jamais era ouvida falando palavrões.

À exceção das fotos promocionais com o figurino do *set* de *Deal or No Deal*, o único trabalho promocional de Meghan para o programa foi por interesse pessoal; no Emmy de 2006, ela apareceu na antessala promocional, onde as celebridades recebem brindes em troca de posar para uma fotografia ao lado da logomarca da empresa, e foi devidamente fotografada olhando para tapetes de yoga e roupas de ginástica. A falta de envolvimento de Meghan em fofocas "profissionais" – ela sempre estava estudando falas para um teste, recorda Leyla Milani – e em eventos pós-expediente, eram motivos pelos quais ela se destacava. Outro motivo eram seus hábitos alimentares. Enquanto as outras garotas "chupavam balas e comiam vegetais crus" entre as cenas, Meghan comia pizza ou batatas fritas, aparentemente despreocupada com o peso. E, embora muitas das outras garotas agradecessem por aquela oportunidade, Meghan via o trabalho como uma vaga temporária. Tameka bem lembra: "Ela era um doce de pessoa, adorável, sem defensivas, de coração aberto, com a cabeça no lugar. Olhando para trás, estava claro que ela tinha uma marca e queria proteger essa marca para uma carreira futura como atriz de verdade". Ela sabia bem qual era sua meta, e, com certeza, não era passar o resto dos seus dias em *Deal or No Deal*.

Durante o intervalo nas gravações em novembro, Meghan fez um teste e foi aprovada para o papel de uma suspeita de assassinato latina em *CSI: New York* – o papel, mais uma vez, mostrava toda a exuberância de Meghan, pois

a personagem entrava em cena com um espartilho. Depois, lá estava ela de volta ao estúdio gelado da NBC, em Culver City.

No período que Meghan passou em *Deal or No Deal*, Trevor estava produzindo um filme: uma comédia romântica chamada *Licença para Casar*, estrelando o comediante Robin Williams e Mandy Moore. Meghan, em segredo, torcia para que houvesse um papel para ela, mas os papéis menores que lhe serviriam estavam com atrizes mais experientes, que já trabalhavam com o diretor, Ken Kwapis, na série televisiva *The Office*. A situação começou a se tornar fonte de conflitos entre o casal, pois Meghan ficava desapontada por Trevor não se esforçar para incluí-la em algumas de suas produções.

Mas tudo bem. A jovem sentia que aquele poderia ser o ano dela. No ciclo de audições de fevereiro para a temporada de pilotos de 2007, ela voltou confiante e com uma atitude positiva de uma reunião com a grande agente de elenco, Donna Rosenstein. Rosenstein tinha sido vice-presidente da ABC durante muitos anos, supervisionando os elencos de seriados, como *NYPD Blue, Roseanne* e *Twin Peaks*, e, desde então, havia montado a própria empresa. Até aquele momento, ela era a melhor chance de Meghan para o sucesso.

Meghan adorou o papel para o qual havia sido convocada, uma *stripper* aposentada e moradora de rua chamada Kelly Calhoun, que havia sido resgatada de sua vida decadente por um policial cristão convertido, que se apaixonara e casara com ela.

A série, chamada *The Apostles*, era parte um drama policial, parte uma espécie de *Desperate Housewives*, com uma narração semelhante, e era ambientado em um subúrbio afastado no sul da Califórnia, onde todos os moradores eram policiais casados. Pouco depois da leitura, Meghan recebeu a notícia pela qual ansiava há muito tempo: "Meghan, você conseguiu o papel", disse-lhe a agente, toda animada. Quando contou ao pai, ele escreveu para a jovem uma linda carta para parabenizá-la, e a atriz guarda essa carta em uma caixa entalhada a mão, ao lado da cama.

A personagem de Meghan não era a mais feminista das mulheres, mas comparada ao papel de garota da mala, Kelly Calhoun era, pelo menos, um passo na direção certa. O marido afro-americano, interpretado por Keith Robinson, encontra-se em conflito e a repreende por conta de seu passado imoral, porém sente-se atraído pela personalidade atrevida, mas vulnerável, da jovem. Naquela vizinhança bastante unida, Kelly encontra incentivo e amizade por parte das outras esposas. Ela as surpreende, primeiro, por compartilhar dicas sexuais sobre como manter as coisas quentes entre quatro paredes, depois, começa a ensiná-las truques de *striptease*, demonstrando como se despir de maneira sedutora. Meghan tinha um bom pressentimento quanto ao trabalho. Preenchia todos os requisitos: um elenco forte – Shawn Hatosy, de *Alpha Dog*, especializado em personagens tensos e irritadiços, era um dos protagonistas –, uma história sólida, temas feministas e muito espaço para conflitos e tensões na isolada comunidade policial.

O piloto, filmado como um longa-metragem, foi concluído em junho de 2007. Após diversas análises e muito vai e vem, a Fox Studios decidiu torná-lo uma sequência única, exibindo-o no ano seguinte como um filme para televisão. Foi uma grande decepção para Meghan, que nutria grandes expectativas pelo seriado. Pelo menos, agora, ela podia acrescentar "stripper" em seu currículo como atriz. O que ela o fez imediatamente.

Enquanto Meghan trabalhava em *The Apostles*, Trevor estava cuidando da filmagem de uma comédia com Sandra Bullock e Bradley Cooper, *Maluca Paixão*, escrita por dois de seus clientes. Bullock assumira o controle do filme como produtora, deixando Trevor livre para gerenciar seu grupo cada vez maior de autores e diretores.

Ele estava sempre lutando para fazê-los trabalhar e para encontrar novos clientes. Sempre que ia a alguma cafeteria, ele entregava cartões de visita para quem quer que estivesse digitando em *laptops*, pois poderia ser um escritor ou roteirista. "Qual é a pior coisa que pode me acontecer? Ler um roteiro ruim?", dizia ele, rindo. Ele lia roteiros sem parar, chegando ao ponto

de deixar uma pilha deles no banheiro de casa, além de algumas canetas à prova d'água para fazer anotações.

No que se refere a Meghan conseguir um papel por intermédio do namorado – isso acabou se mostrando um grande fracasso. Pelo menos, até aquele momento. Mas o contrário vinha ocorrendo com a agente de elenco Donna Rosenstein, que a chamou para a leitura do papel de Sadie Valencia, a filha mimada de um dono de cassino de Las Vegas, na história da família de um chefão do crime que estava se esforçando para andar nos trilhos. Havia grandes expectativas de que a comédia, *Good Behavior*, também estrelada por Treat Williams, de *Chicago Fire*, como o pai dela, e Catherine O'Hara, de *Schitt's Creek*, como a matriarca da família, fosse bem recebida – e engraçada o bastante – para se tornar uma série da rede ABC.

Quando o programa, que foi filmado em Las Vegas e Los Angeles, e também estrelava o ator canadense Patrick J. Adams, foi testado com uma audiência maior, recebeu parecer negativo. No fim das contas, foi só mais um piloto que acabou sendo televisionado como filme para TV.

Todavia, trabalhos continuaram a surgir. Agora com vinte e sete anos, Meghan, assim que concluiu o trabalho nas gravações de *Good Behavior*, foi escalada como Wendy, em *90210*, uma *remake* da série de sucesso *Beverly Hills, 90210* [*Barrados no Baile*, no Brasil], que ela assistia na adolescência. A nova versão tentava ser igualmente icônica, porém, atualizada e com cenas mais picantes.

Na estreia da série, a personagem de Meghan, mais uma vez, teve uma introdução um tanto indecente, aparecendo em frente à escola West Beverly Hills High fazendo sexo oral dentro do carro em um aluno, enquanto outros alunos passavam de um lado para outro. A personagem dela durou apenas dois episódios e sumiu sem qualquer explicação para a trama. A série, contudo, continuou por cinco temporadas. Com várias participações especiais em séries já conhecidas, como *Knight Rider*, *Without a Trace* e *The League*, Meghan estava quase se tornando um rosto familiar para a audiência televisiva. No entanto, fama de verdade, ou mesmo um salário

regular – ela mal ganhava o suficiente para pagar o plano de saúde para atores –, parecia longe de se tornar uma realidade. Ela estava sempre na iminência de trabalhar em um grande sucesso.

Quando o diretor J. J. Abrams – que mesmo antes de seus enormes sucessos com *Star Wars* e *Star Trek*, havia sido enaltecido como o mentor por trás de *Missão Impossível III* e *Lost* – chamou Meghan para interpretar uma aprendiz de agente do FBI, Amy Jessup, em sua produção de ficção científica, *Fringe*, ela novamente teve grande expectativa de que alguma coisa aconteceria. Ela apareceu nos episódios um e dois da segunda temporada, e, apesar de o diretor Akiva Goldsman, mais conhecido pelo sucesso *Uma Mente Brilhante*, dar indicações de que o público poderia ver mais da Agente Jessup, ela nunca mais voltou para a história bizarra sobre metamorfos assustadores e universos paralelos. Na verdade, ela foi vista em seguida alterando o próprio universo de maneira mais convencional, cheirando algumas carreiras de cocaína, na famosa comédia para a TV, *The Boys and Girls Guide to Getting Down*. Baseado no premiado filme independente de 2006, que contava com a presença da companheira de *Deal or No Deal*, Leyla Milani, o longa-metragem mostra as incertezas no cenário de relacionamentos em Los Angeles.

No filme, que conta com sexo, drogas e tudo mais, Meghan aparece como uma garota solteira usando um vestido preto apertadíssimo – reminiscências de *Deal or No Deal* – antes de sair pela noite, perambulando pela cena de solteiros no centro de LA, onde ela dá umas fungadas em carreiras para manter o motor de depravações em funcionamento.

Com papéis no currículo em que cheirava cocaína, fazia sexo oral e ensinava *striptease*, que melhores referências ela poderia ter para trocar uns beijinhos nas telas com o ex-drogado, comediante e, na época, queridinho do cinema britânico, Russell Brand? A aparência "exótica" dela proporcionou-lhe o papel de Tatiana em *O Pior Trabalho do Mundo*, filmado na primavera de 2009. Sem qualquer fala, ela continuava fora dos créditos na lista oficial do elenco. Ainda assim, ela se saiu melhor que a ex-mulher de

Brand, Katy Perry, e a cantora Alanis Morissette, cujas cenas foram excluídas.

Nessa época, era seu cônjuge que estava na mira dos holofotes. Trevor havia sido indicado pelo *Hollywood Reporter* como um dos "Top 35 Under 35" [os 35 melhores com menos de 35 anos de idade] da próxima geração de 2009 por seu trabalho como empresário e produtor. Todos aqueles anos de reuniões e bajulações estavam valendo a pena – e ele já tinha ao seu lado a linda garota com que havia sonhado. Juntamente com aquela excelente crítica do *Hollywood Reporter*, a honraria veio acompanhada de uma festa no My House, um clube de Hollywood famoso pelas cordas de veludo que descem do teto e pelo serviço de *open bar*, onde Meghan deu o seu melhor para brilhar como a bela e talentosa, além de encorajadora, namorada de um autêntico mandachuva.

Trevor podia agora dar-se ao luxo de oferecer a Meghan algumas migalhas de sua enorme pilha de roteiros. Ao menos, faria cessar as contínuas reclamações sobre ele não lhe dar um papel em uma de suas produções. Dois clientes, Marcus Dunstan e Patrick Melton, escritores por trás dos filmes *Jogos Mortais IV, V* e *VI*, criaram um filme de dezenove minutos, *The Candidate*, baseado no conto de Henry Slesar. Meghan foi escolhida para o papel da secretária, numa cena que exibia um envelope, endereçado à mão, com uma bela caligrafia – uma piada interna sobre suas habilidades caligráficas.

Trevor, em seguida, encontrou um papel secundário para ela em *Lembranças*, um melodrama com o tema do 11 de Setembro, estrelando o galã britânico Robert Pattinson. O filme, gravado em junho, foi escrito por seu cliente Will Fetters, e acabou se tornando o maior êxito do produtor até o momento, sendo um sucesso de avaliação e bilheteria. Meghan estava provando ser seu amuleto da sorte.

Não que ela achasse isso. Mais cedo naquele ano, em janeiro de 2010, a jovem atriz começou um blogue anônimo que ela chamou de *Working Actress*, onde ela descrevia com frequentes detalhes desanimadores a vida de

uma atriz em busca de emprego. Em determinada postagem, ela escreveu: "Não vou mentir. Já passei muitos dias encolhida na cama, com um pedaço de pão e um pouco de vinho. Uma festa de autopiedade para uma mulher só. É horrível e ridículo". Ela descrevia como era ter cenas secundárias cortadas de um filme, a contínua rejeição, atrizes irritantes nas filas das audições e testes de gravação que davam errado. "Só o que faz é se preparar para a próxima decepção", disse ela a respeito dessa que é uma das profissões mais exigentes. Embora seu blogue, que foi finalizado abruptamente em 2012, fosse anônimo, o *Daily Mail* relatou em fevereiro de 2018 que colegas blogueiros e atores confirmaram ser ela a autora. "Sim, era Meghan Markle que escrevia nele", disse o ator Lance Carter, que entrou em contato com ela antes de reproduzir um de seus *posts* no site dele.

Pouco depois de começar o blogue, em julho de 2010, Meghan estava pronta para fechar para balanço. Ela foi escolhida para contracenar com o ator Jason Sudeikis, na comédia *Quero Matar Meu Chefe*. Em sua cena de trinta e cinco segundos, ela fazia uma garota da FedEx paquerada por Sudeikis, que dizia que ela era "bonita" demais para aquele emprego. Meghan era educada e tranquila, uma profissional fazendo seu trabalho. E pronto. Se você piscar, pode perder a cena. No entanto, ela conseguiu conhecer seu ídolo, Donald Sutherland, que interpretava Jack Pellit no filme. "Fiquei tão empolgada por trabalhar com ela", entusiasmou-se ela no blogue *Working Actress*. "A cabeleireira disse que ele era uma joia rara e que eu o adoraria, então quando o encontrei (com todo aquele seu ar de sofisticação), disse: 'Sr. Sutherland, ouvi dizer que vou me apaixonar pelo senhor antes mesmo da pausa para o almoço'. Ele riu e quebrou o gelo. E resisti ao maior impulso da minha vida de dar um berro".

Apesar de ter desfrutado daquele momento tiete, ela precisava reconhecer que aquele foi mais um trabalho como atriz que ressaltava única e exclusivamente sua aparência e *sex appeal*. Hora de recalibrar. Ela estava chegando aos trinta, uma idade notoriamente cruel em lugares como Hollywood, quando logo seria considerada ultrapassada. Se ela não tomasse

cuidado, sua agente começaria a lhe dar dicas para mudar a data de nascimento no currículo.

Outra temporada de *casting* havia passado e não tinha nada mais que uma série de audições em sua agenda. Era difícil não se sentir desanimada, principalmente quando ouvia sobre o sucesso de suas colegas da mesma idade. Os cinco anos se passaram e ela não tinha dado um grande salto de superação.

Estava na hora de vasculhar o saco de aforismos do Trevor. Além daquele do "dedique-se por cinco anos", havia outro predileto: "Esse não é um negócio para preguiçosos. Ou você comprará uma ilha, ou será mandado para uma".

Meghan aprumou a saia, fixou o olhar e caminhou até a próxima sala de testes. Ela ainda não estava pronta para ser jogada em uma ilha.

6.

Nasce uma Estrela (Sob Medida)

Rachel Zane era uma mulher de personalidade forte e marcante. Um desafio para os produtores conseguirem a atriz perfeita para o papel; assim como seria um desfio para a atriz que fosse interpretá-la. Até seu nome exalava uma aura esnobe. Rachel Zane era *sexy* mas inalcançável, uma personagem criada como par romântico em uma nova série; tão nova que seu título ainda não havia sido definido. As opiniões estavam divididas. Alguns executivos da USA Network, que estava trabalhando na série em 2010, queriam *A Legal Mind*. Outros achavam que o título *Suits* era feito sob medida para um escritório bem cheio de advogados elegantes e bem-vestidos. *Suits* prevaleceu. Essa foi só uma dentre as inúmeras batalhas diárias para dar ao seriado uma identidade própria. Elenco e química seriam fundamentais para tornar *Suits* uma receita de sucesso. Patrick J. Adams era perfeito para o papel de Mike Ross, o gênio jurídico de memória eidética, que não pôde pagar uma faculdade de Direito, pois sustentava a avó doente em um asilo de alto padrão. Os olhos do ator foram a chave para que ele conseguisse o papel: azuis, penetrantes e com cílios longos. Os outros traços de seu rosto são os de um garoto comum. Ele combinava um ar de inteligência com o desleixo necessário para dar consistência ao papel do rapaz brilhante que havia abandonado a escola e ganhava a vida fazendo exames de admissão para o curso de Direito no lugar de outros alunos.

Após várias semanas de *casting*, no dia 7 de julho, eles contrataram a estrela Gabriel Macht, de *The Others*, como o bem-sucedido advogado Harvey Reginald Specter, e chamaram Rick Hoffman como o sócio de personalidade dúbia, Louis Litt, assim como Gina Torres, que interpretava a poderosa fundadora Jessica Lourdes Pearson.

Um papel ainda faltava ser preenchido, Rachel Zane. Ela era uma assistente jurídica inteligente, elegante, sofisticada, tão respeitada por seus pares no escritório fictício que tinha sua própria sala, enquanto vários dos advogados secundários ainda trabalhavam no andar principal. A atriz precisava ter uma aura *sexy*, mas não tão óbvia, segura de seu poder como mulher, mas com certa vulnerabilidade, demonstrada pelo fato de que era incapaz de passar no LSAT [3], exame que determina a aptidão para o curso de Direito. Os produtores da série buscavam uma mulher que tivesse rigidez e atitude sem deixar a simpatia de lado.

"O papel foi um pesadelo para a equipe de elenco", lembra um dos executivos do estúdio. "Foi quando Meghan Markle apareceu". Certa vez, a famosa diretora de *casting* April Webster lhe disse para usar "menos maquiagem e mais Meghan" quando fosse realizar audições, por isso, Meghan foi com uma roupa casual-profissional-sexy para fazer o teste. Com certo atraso, ela percebeu que a blusa roxa de alcinha, o jeans preto e o salto alto que estava vestindo serviam mais para o personagem de uma advogada solteira à caça do que uma assistente jurídica atraente com conhecimentos enciclopédicos da lei.

Antes da audição, Meghan foi até uma loja da H&M, escolheu um vestido preto simples de trinta e cinco dólares e voltou correndo ao estúdio. Não houve tempo sequer para ver se o tamanho estava certo. Os produtores da então denominada *A Legal Mind* pediram que ela pusesse a roupa nova antes de fazer o teste. Foram os trinta e cinco dólares mais bem gastos de sua vida. Como disse o criador da série Aaron Korsh ao autor Sam Kashner: "Nós todos nos entreolhamos [depois do teste de Meghan Markle], tipo

'nossa, é ela mesma'. Acho que é porque Meghan tem a habilidade de ser inteligente e incisiva sem deixar a doçura de lado".

Com a escolha de Meghan Markle, a personagem de Rachel Zane tomou forma. Originalmente, a assistente jurídica brilhante e linda chamava-se Rachel Lane, mas o departamento responsável achou que o nome era muito parecido com o de uma pessoa real. Em vez disso, preferiram o sobrenome da diretora de *casting* do seriado, Bonnie Zane, um elogio interno à lendária profissional de Hollywood por sua contribuição à série.

Meghan não seria exatamente a principal escolha para o papel. Já com trinta anos na ocasião, ela estava, em tese, muito velha para interpretar uma jovem assistente legal, e a multirracial Gina Torres, que faria o papel de Jessica Pearson, já tinha preenchido a cota de "diversidade étnica".

A principal rival de Meghan era a jovem, e mais experiente, atriz canadense, loira e de olhos azuis Kim Shaw. Àquela altura, Meghan já havia aprendido a lidar com suas expectativas e não levar as rejeições para o lado pessoal. Ela era muito clara, muito escura, muito magra, muito alguma coisa ou outra para diversos papéis.

Meghan não achou que tinha feito uma boa audição, então ligou do carro para seu agente Nick Collins, da Gersh Agency. Ela lhe disse que não conseguiu decorar direito as falas. Em suas próprias palavras, foi a pior audição de sua vida. "Acho que não fui bem hoje, e preciso muito voltar lá", ela lamentou. "Quero muito esse papel". O agente dela, como ela mesma relatou à *Marie Claire* em 2013, já tinha ouvido isso de muitos de seus clientes, e a resposta dele era sempre a mesma: "Não posso fazer nada. Apenas foque-se na próxima audição". Mais uma vez, ela sentiu aquele momento de: "Por que estou me sujeitando a essa tortura?" Ela tinha um excelente diploma, um currículo de dar inveja, ótimas influências; não precisava se colocar naquela situação todos os dias. Mas era inevitável que Meghan se sentisse daquele jeito. Como ela disse certa vez em uma entrevista com Al Norton: "Se você cresce numa região mineradora, provavelmente vai querer ser mineiro. Cresci na indústria, e sempre estava

em estúdios por causa do meu pai, portanto parecia natural que eu me tornasse uma atriz".

Apesar de consideráveis apreensões, ela procurava manter-se otimista, frequentando aulas de yoga e meditando para ter os pés no chão. Durante esse período, ela continuou indo a outras audições, embora nenhuma a inspirasse tanto quanto *A Legal Mind*. Em seu coração, ela sabia que o papel seria perfeito para ela. E o fato de que a personagem partilhava de seu primeiro nome, Rachel, dava um algo a mais – era o destino.

Embora Meghan achasse ter falhado na audição, sem seu conhecimento, nos bastidores, os executivos estavam ocupados redigindo o contrato para o piloto, se a rede televisiva aprovasse. Como ela lembra: "Não fazia ideia de que eles tinham adorado minha audição. Eles amaram minha interpretação de Rachel e já estavam preparando um contrato para mim. Olhando para trás, foi uma grande lição. Acho que sempre somos nossos mais duros críticos".

Os chefões da USA Network preferiram Markle no lugar de Shaw, contratando-a formalmente em 24 de agosto de 2010. Como explicou o então copresidente Jeff Wachtel: "[Shaw] era mais uma daquelas garotas loiras comuns; [a decisão] foi difícil, porque as duas foram muito bem. Meghan tinha certo brilho e era mais urbana, um pouco mais da cidade grande".

O fator decisivo foi a maneira com que eles queriam que Rachel e Mike interagissem. Como Wachtel disse ao *Hollywood Reporter*, em 2017: "Uma das coisas que precisávamos no início com *Suits* era que o personagem de Patrick aparecesse como uma figura muito chamativa: ele é brilhante, tem memória fotográfica e simula sua entrada no mundo da advocacia, depois, depara-se com essa garota que acaba se tornando o amor de sua vida. Precisávamos de alguém que tivesse verdadeira autoridade sobre ele, mas ainda assim fosse superbacana. E a coisa funcionou logo de cara. Foi muito divertido".

Meghan ainda estava fazendo outros testes quando o celular tocou – era seu agente dizendo que ela havia sido escalada para o piloto da série *Suits* e começaria a filmar no outono, em Nova York. Ela ficou extasiada, mas também com o pé atrás. Afinal de contas, ela já conhecia essa história, principalmente no caso de *The Apostles*, que, na época, estava confiante que seria sua grande oportunidade. Depois de oito anos, pulando de audição em audição, será que ela finalmente tinha conseguido uma boa chance? A escolha de Meghan rendeu um pequeno artigo no *Hollywood Reporter*, notando que seu papel não havia aparecido nos créditos na comédia de 2010, *O Pior Trabalho do Mundo*.

Quando ela começou a leitura padrão do roteiro, ficou na cara que Meghan e Patrick geraram uma química, essa qualidade indescritível que é, no *showbiz*, o equivalente a um casamento perfeito. Era vital que eles tivessem uma faísca, já que os altos e baixos na história de amor dos dois representariam um arco narrativo no decorrer da série – isso se a série fosse escolhida pela rede de televisão.

No outono de 2010, Meghan pegou um voo para Nova York a fim de gravar o piloto de noventa minutos da série. Depois da euforia de conquistar o papel, ela caiu novamente na realidade. Ela já tinha gravado cinco pilotos, inclusive um para a ABC com o atual coprotagonista, Patrick J. Adams, e nenhum tinha ido para frente. Talvez ele fosse seu amuleto de má sorte. Como ela mais tarde relatou: "[Um piloto é] como um bebê, que você espera e espera para ver se cria apego, mas depois é difícil de desatar o laço. Um que eu me apeguei muito foi o *The Apostles*, que foi meu primeiro piloto. É um pouco de revisionismo da minha parte, mas, quando olho para trás, penso: 'Teria sido incrível'. Mas vai saber?".

No primeiro dia de filmagem, Meghan, que normalmente fica tranquila, estava um pouco tensa. Embora tivesse crescido dentro de estúdios, e não fosse uma novata em produções televisivas, uma coisa era ficar nos bastidores assistindo as cenas, ou pairando nas beiradas com um papel secundário, outra completamente diferente era estar no centro das atenções.

Não obstante, todas aquelas horas após a escola nos estúdios profissionais, observando a interação de atores e equipe técnica, ouvindo fragmentos de conversas e fofocas entre assistentes de produção, e passando tempo na mesa da cantina, tudo isso a ensinara como comportar-se no *set*. Ela era simpática com todos, desde os assistentes até o diretor de iluminação. Havia certo grau de interesse naquele trabalho, pois Meghan havia aprendido com o pai que o posicionamento de uma luz poderia embelezar ou deformar levemente um belo rosto, e que alguns posicionamentos dependiam de boa vontade.

Meghan era lembrada como animada e carinhosa, faladora, mas ótima ouvinte, que não dominava as conversas dentro do estúdio. Ela era um membro da equipe que irradiava inteligência, guardando seu lado mais ambicioso e austero para as importantes interações com Patrick J. Adams.

Em um seriado que se tornou conhecido, tanto pelas roupas quanto pelo enredo, a visão da figurinista Jolie Andreatta do *look* de Meghan na tela era crucial. Mais tarde, ela lembrou: "Rachel é clássica, sem rodeios, com um toque de rebeldia no ar. O estilo dela é discreto e sua bela figura destaca bem isso".

Assim que Meghan voltou de Nova York, Trevor a levou para um *resort* de frente para o mar em Belize, na América Central, para umas férias. Foi lá, em meio à vegetação tropical e ao som das ondas, que ele pediu a mão da namorada de seis anos em casamento, deslizando um anel de diamante solitário em seu dedo. Meghan ficou exultante. "Os dois ficaram com os olhos marejados", lembra uma amiga. "Eles estavam muito apaixonados".

Meghan estava noiva de seu namorado de longa data e havia feito um piloto que parecia trazer bons augúrios. A conversa estava adiantada com relação à série. Finalmente, seu sonho hollywoodiano estava se tornando realidade. Como seu meio-irmão, Tom Junior, me contou: "Meg estava em plena ascensão, casando com um cara dono de produtora e ganhando muita grana".

Todos aqueles rumores no *set* se transformaram em uma alegre realidade, quando, em janeiro de 2011, a USA Network deu sinal verde para a primeira

temporada. As gravações começariam no dia 25 de abril, em Toronto. Finalmente, depois de anos de audições que não levavam a nada, papéis que desapareciam na sala de edição, e o mais desolador, pilotos que nunca foram para frente, Meghan agora estava numa série. O único lado ruim era ter que pegar um voo de cinco horas para ver o noivo em Hollywood. Mas como ela e Trevor pegavam voos como outros acenavam para táxis, o sacrifício valeria a pena. Era um casal de jovens ambiciosos; Trevor, quem sabe, ainda mais determinado que Meghan. Ele compreendia que aquela era uma oportunidade que ela não poderia perder.

No entanto, a alegria foi atenuada por uma tristeza. Enquanto ela estava se preparando para a série, a mãe telefonou para dizer que Alvin Ragland, seu avô de oitenta e dois anos, havia tropeçado e caído depois de se enroscar com a coleira do cachorro que havia levado para passear. Ele bateu a cabeça no asfalto e morreu em decorrência do traumatismo em 12 de março. Meghan lembrava de Alvin como uma pessoa de bom caráter cujo conhecimento sobre antiguidades ela adorava, e que tinha um entusiasmo que inspirava sua própria fascinação pelas coisas belas da vida. Na partilha de bens após a morte do pai, Doria herdou uma casa térrea e bem simples num lugar que é conhecido como "Beverly Hills dos negros". Ficava perto da Universidade do Sul da Califórnia, onde, na primavera seguinte, Doria, que estava estudando, concluiria seu mestrado em assistência social. A filha ficou extasiada, talvez mais do que a própria mãe. Ela assistiu, com muito orgulho, Doria receber o diploma em um palco improvisado em meio a muitas cerimônias de graduação que estavam ocorrendo no imenso *campus* naquele mês de junho. Dadas as dificuldades do passado da mãe, os problemas durante o Ensino Médio após o terremoto de San Fernando, em 1971, e os empregos temporários que ela pegava para pagar as contas, sua conquista era um genuíno triunfo pessoal, sinal de sua inteligência e determinação.

O primeiro episódio de *Suits* foi ao ar em 23 de junho, recebendo, no geral, críticas favoráveis e, o mais importante: o público adorou. Elenco, equipe e os donos do dinheiro ficaram eufóricos; os produtores estavam empolgados que a aposta deles em escalar Meghan para contracenar com Patrick havia dado bons resultados, já que os fãs da série só falavam na química do casal na tela.

A química dos dois fora da tela era igualmente perceptível, quase constrangedora, de acordo com alguns convidados do casamento de Meghan e Trevor, que aconteceu na Jamaica em setembro de 2011. Os dois atores, claramente, haviam desenvolvido um laço de familiaridade que era inevitável em função de trabalharem tão próximos por tanto tempo e com tamanha intensidade. Patrick J. Adams tem uma impressão diferente da interação entre os dois na época. Tempos depois, ele contou à escritora Lesley Goldberg: "De certo modo, Meghan e eu éramos os mais próximos, porque éramos os mais jovens do elenco, e nós éramos os atores com menos experiência. Nós crescemos juntos no decorrer do programa".

Ele teria mantido certa distância se soubesse que ela tinha sido escalada para fazer o papel de uma assassina em série calculista em um episódio do seriado criminal *Castle*, intitulado "Once Upon a Crime" [algo como "Era uma vez um crime"], que ela filmou durante um hiato de *Suits*. No papel de Princesa Bela Adormecida, a personagem de Meghan tramava uma complexa série de assassinatos com temas de contos de fada, e ela foi escolhida para o papel com a influência de sua muito cara agente, Donna Rosenstein.

Para Meghan, gravar a primeira temporada de *Suits* acabou sendo mais estressante do que organizar o próprio casamento. Depois de escolher o Jamaica Inn, em Ocho Rios, um lugar idílico, com varandas de frente para o mar, ela delegou a organização para uma coordenadora de casamentos da região, que tratou de cada detalhe do casamento. Em decorrência da vida agitada que ela e Trevor estavam levando, a moça foi a salvação da pátria. Ela só teve que se preocupar com a lista de convidados, escolher as flores,

concordar com o cardápio – e levar um ou dois biquínis na mala. Ah, e o vestido branco sem alças para o casamento.

Três semanas antes do grande dia, Trevor participou de um obscuro *podcast* em que falava sobre sua carreira com dois velhos amigos, Kristian Harloff e Mark Ellis. O jeito engraçado e autodepreciativo dele – o rapaz contou uma história sobre como foi repreendido por um antigo agente da Endeavor por ficar muito distante do mictório ao urinar, pois o senhor teve medo de receber "respingos" em seu terno italiano favorito – era bastante diferente de sua futura esposa que, como diziam suas antigas colegas de *Deal or No Deal*, era sempre muito contida e ponderada. O *podcast The Schmoes Know* foi transmitido ao vivo, ou seja, Trevor pôde ser visto tomando uns goles de um cantil todo entalhado – um presente de Meghan – durante o programa. Ela lhe enviou uma mensagem de texto para "deixar o cantil de lado, pois tirava toda sua credibilidade como profissional". Quando um dos Schmoes sugeriu chamar Meghan para o programa, Trevor interveio: "Ela é muito importante, vá se foder". O *podcast* denunciou algumas diferenças entre suas personalidades. Trevor era língua solta, despreocupado, indiferente, o extremo oposto de Meghan, que protegia meticulosamente a "Grife Meghan", sempre interessada em transmitir uma imagem de sofisticação e estilo.

Pode ser que ela tenha sentido que, às vezes, Trevor beirava a imprudência de tão displicente que era, principalmente agora que a estrela dela estava em ascensão, tendo *Suits* sido renovada para uma segunda temporada. Era motivo para comemoração, mas também incertezas, já que, novamente, os recém-casados ficariam distantes um do outro, encontrando-se a cada duas ou três semanas, dependendo se Trevor tivesse reuniões ou compromissos para ver a família, que morava em Long Island. O casamento deles seria uma rara oportunidade para relaxar, e o casal estava determinado em curtir um longo fim de semana de festas, inclusive corridas de carrinho de mão na praia, que culminaria em uma cerimônia de casamento de doze minutos, que apareceu na coluna "Hitched, Hatched, Hired" do *Hollywood Reporter*.

Com o oceano ao fundo, o casal recitou votos escritos por eles mesmos, prometendo amar e respeitar um ao outro. Uma das madrinhas de Meghan lembra: "Foi um casamento muito emocionante. Comecei a chorar desde o momento em que a vi com o vestido". Embora o par tivesse casado oficialmente em Los Angeles em uma breve cerimônia civil, essa era a verdadeira celebração para familiares e amigos, com direito ao serviço completo: um coral empolgante de "Hava Nagila", música tradicional judaica, cantada enquanto os noivos eram içados em suas cadeiras por cima dos convidados.

Ao voltar da celebração em solo jamaicano, Trevor e Meghan puderam passar mais tempo juntos, antes que as gravações voltassem em Toronto. Mas foi só ela pensar que poderia aproveitar essa breve pausa, que o pai logo veio procurar sua ajuda. Nos últimos meses, ele vinha tomando conta de sua mãe, Doris Markle, que estava mais frágil a cada dia, por isso havia trazido ela da Flórida para sua casa em Los Feliz. Como a casa dele era perto dos estúdios da ABC TV, onde ele trabalhava, podia visitá-la durante o dia para ver se estava tudo bem. Infelizmente, como o esquecimento crônico de Doris transformou-se em demência, essa deixou de ser uma opção prática. A gota d'água foi quando ela esqueceu uma panela no fogão, causando um pequeno incêndio na cozinha. Ao chegar em casa, Tom deparou-se com bombeiros e paramédicos no local.

A única opção era colocá-la em uma clínica especializada, então a levou para o Broadview Residential Care Center, uma casa de repouso acessível em Glendale, Los Angeles. Assim que a primeira temporada de *Suits* terminou, Meghan a visitava o máximo que podia, percorrendo o trajeto de vinte quilômetros de sua bela casa em Hilldale, West Hollywood, até onde sua avó estava acomodada. Meghan lia para ela, escovava seus cabelos e fazia alguns artesanatos simples com ela. Conforme aprofundou-se no crepúsculo da demência, Doris passou a não mais reconhecer o filho, Thomas, nem o neto, Tom Junior. Ainda assim, seus olhos brilhavam quando ouvia a voz e sentia o toque reconfortante de Meghan. "Com a demência, a vovó ficou estranha

comigo e com o papai, mas sempre ficou bem ao lado da Meg", lembra Tom Junior, irmão de Meghan. "Ali pude ver o lado íntimo de Meghan, uma pessoa genuinamente amorosa e carinhosa. Ela tinha um relacionamento maravilhoso com Doris, mesmo sem a conhecer profundamente".

Em outubro, Meghan e Trevor caminharam pelo tapete vermelho do jantar do Anti-Defamation League Entertainment Industry Awards, no Hotel Beverly Hilton, o evento de maior prestígio em que ela já havia estado presente. E, mais importante, ela era a Mestre de Cerimônias da noite. Para a ocasião, ela usou um vestido simples de veludo da estilista Stella McCartney, enquanto Trevor, radiante de orgulho, apareceu com seu estilo desleixado de sempre. Eles se misturaram com as outras celebridades, e Meghan brilhou. Ela estava no caminho certo.

Meghan continuava a visitar sua avó enferma na casa de repouso. Os dois Tom, pai e filho, só podiam visitá-la nos fins de semana, mas Meghan a via frequentemente durante a semana. Como Doris estava piorando rapidamente, Thomas resolveu trazer os irmãos de avião para que se despedissem da mãe. Ela morreu no dia 25 de novembro de 2011, com Trevor e Meghan presentes no funeral. Era a primeira vez em que a maioria dos Markle conhecia o produtor de TV. O irmão de Meghan comentou: "Ela estava completamente apaixonada e parecia muito feliz quando os vi juntos, apesar da triste circunstância. Eles pareciam muito felizes juntos".

Essas reuniões familiares eram poucas e esparsas. A última vez em que Meghan tinha visto sua meia-irmã Yvonne, que havia mudado o nome para Samantha, foi quando ela e o pai viajaram para Albuquerque, para a colação de grau da filha mais velha. "Ela era amável, muito educada e doce", contou-me Roslyn, a primeira esposa de Thomas, sobre a visita de Meghan. Durante a cerimônia de graduação, Meghan sentou-se ao lado da filha pré-adolescente de Samantha, Noel, conversando rapidamente com a garota, depois posou para fotos, sorrindo e tentando deixar todo mundo relaxado.

Essa foi a última vez que Meghan viu seus parentes do lado Markle. A atriz também teve que deixar Trevor para trás, pois voltou a Toronto, onde precisava se ambientar novamente para os próximos nove meses de

filmagens da segunda temporada da exitosa produção. Claro que o casal se falava por Skype ou FaceTime, mas era desgastante estarem separados, principalmente durante o longo e acinzentado inverno canadense. Ela se esforçava ao máximo para manter uma *vibe* californiana na casa alugada em Summerhill, iluminando as paredes coloridas para tentar expressar uma aura leve e descontraída em meio à gélida melancolia. Velas, plantas frondosas e, é claro, lençóis brancos com grande número de fios, iguais aos de um hotel de luxo, traziam um toque hollywoodiano a Toronto.

Podia até estar frio do lado de fora, mas estava muito quente no *set*; o romance promissor, ainda que continuamente frustrado, entre Rachel Zane e Mike Ross, alimentava o crescente sucesso de *Suits* tanto quanto as reviravoltas maquiavélicas sobre um escritório advocatício e seus clientes. Nas telas, faíscas brotavam entre Rachel e Mike, espectadores embevecidos, principalmente depois do último episódio da segunda temporada, que culminou com os dois personagens em um caloroso momento íntimo no arquivo da firma. Os fãs passaram a ficar bastante interessados no casal da ficção. Adams lembra-se de um encontro ao acaso com um montanhista sueco que torcera o tornozelo numa trilha, na Nova Zelândia. Quando Adams, que estava de férias, foi ao seu socorro, o jovem logo esqueceu do machucado e disse ao ator o quanto ele queria que Mike e Rachel "resolvessem as coisas".

A intimidade na tela levou a especulações de que o par estaria caindo na armadilha de muitas estrelas que atuam juntas: Elizabeth Taylor e Richard Burton, Angelina Jolie e Brad Pitt, Daniel Craig e Rachel Weisz. Na verdade, o canadense Adams já estava comprometido com outra atriz, Troian Bellisario – filha dos produtores Deborah Pratt e Donald P. Bellisario – com quem contracenara, em 2009, na peça *Equivocation*. Eles se apaixonaram, mas se separaram após um ano, e Bellisario conseguiu um papel na primeira temporada de *Pretty Little Liars*. Com uma jogada que seu personagem Mike Ross teria aprovado, Adams elaborou uma linda maneira de reconquistar o coração da herdeira do *showbiz*. Por baixo dos panos, ele conseguiu um

papel em *Pretty Little Liars* e, depois, para a surpresa da ex-namorada, juntou-se a ela na mesa de leitura da série. Seu estratagema funcionou, o casal retomou o relacionamento e, por fim, ficaram noivos em 2014 e se casaram em 2016.

Apesar de o romance "vai, não vai" entre Rachel e Mike dar à série certa tensão sexual, foi outro homem na vida de Rachel, o pai dela, um poderoso advogado rival, interpretado pelo ator afro-americano Wendell Pierce, que prendeu para valer a atenção dos cerca de 4 milhões de fiéis espectadores da série.

Conforme a história se desenvolve, descobrimos que Rachel, para a decepção do rico e bem-sucedido pai, está empacada como assistente legal, porque ela não consegue passar no exame de admissão para a faculdade de Direito. Embora a personagem dela tivesse alguns problemas com o pai, era a herança birracial de Rachel Zane que provocava controvérsia, com telespectadores afro-americanos e brancos confusos que uma garota, aparentemente, tão clara pudesse ter um pai negro. Um fã perguntou se ela era adotada, enquanto outros eram mais hostis sobre a herança fictícia da assistente. Embora o próprio presidente americano fosse birracial, a decisão dos produtores da série em escalar uma mulher multirracial como o equivalente moderno de uma mulher branca comum da classe alta ajudou a mudar um pouco a direção dos ventos quando se tratava de estereótipos raciais e imagens tradicionais de beleza.

Como a popularidade da série vinha crescendo, Meghan e seus colegas foram solicitados para que se dedicassem às mídias sociais para ajudar nos índices de audiência. Embora nunca tivesse ouvido falar em Instagram, ela se viu abrindo uma conta e postando fotografias da vida particular. O que começou como uma obrigação transformou-se em um hábito diário prazeroso e altamente viciante, e a atriz conseguiu arrebanhar mais de um milhão de seguidores. Sua primeira imagem, do dia 24 de maio de 2012, mostrava o roteiro de *Suits* do episódio "Break Point"; uma edição da *Forbes*, a revista americana de negócios; e o primeiro livro da comentarista de

noticiários Rachel Maddow, *Drift: The Unmooring of American Military Power*, sobre a ascensão da autoridade presidencial e a decadência do Congresso. Em sua estreia no Instagram, Meghan demonstrava que ali estava uma atriz com inteligência aliada à beleza, e que estava envolvida e engajada no mundo à sua volta. Postagens subsequentes seriam menos diretas, destacando suas comidas favoritas, *selfies* atraentes, viagens ao exterior e imagens de Toronto. Era uma visão bastante ponderada de seu mundo particular.

O envolvimento dela com o mundo externo não era apenas por meio do prisma distorcido do Instagram. Em fevereiro de 2012, Meghan fez parte da campanha contra o racismo da USA Network, aparecendo nas telas em *Characters Unite*, um premiado programa de utilidade pública criado para abordar as injustiças sociais e diferenças culturais. Usando uma camiseta com as palavras "*I won't stand for racism*" [não vou aceitar o racismo] estampadas no peito, ela incentivava as pessoas a se unirem contra o preconceito, ao mesmo tempo que partilhava suas experiências de ser uma mosca no meio dos brancos, que contavam piadas sobre negros ou faziam comentários preconceituosos.

Perto de onde morava, a atriz se oferecia para ajudar em um sopão de Toronto para os desabrigados, no St. Felix Centre, que foi fundado pelas Irmãs Felicianas. Ela também pediu aos produtores de *Suits* para que, no fim de um dia de filmagens, fossem doados os alimentos restantes da cantina, o bufê diário ilimitado de petiscos feito para alimentar os atores e a equipe durante as gravações. Todos ficaram felizes em atender o pedido, e a família *Suits* fez significativas doações em dinheiro para a obra de caridade.

O elenco e a equipe também foram incentivados a criar laços, tornando-se uma família, o que era bom para todos. Um *set* feliz era mais produtivo. O resultado foi um grupo coeso, que andava de bicicleta e saía para beber ou jantar, jogava jogos de tabuleiro e tomava uísque, como lembra um dos membros do elenco, "até altas horas". O elenco também se reunia no feriado de Ação de Graças canadense, quando Meghan trazia seu grande

liquidificador para preparar sopas e coquetéis para todos. Foi durante um desses encontros do elenco que Meghan se inspirou para fazer um programa que acabou se tornando um de seus favoritos. Durante uma conversa ocasional com o colega Gabriel Macht, ele lhe disse que adorava passar as férias com a esposa rodando em um *trailer*. Depois de ouvi-lo falar com entusiasmo sobre uma viagem para a Nova Zelândia, Meghan decidiu seguir o mesmo exemplo. Ela e Trevor também alugaram um *trailer* e passaram duas semanas dirigindo pela pouco populosa Ilha Sul da Nova Zelândia. Eles foram andar por glaciares, visitaram as vinícolas de Marlborough e alugaram uma casa na praia por alguns dias.

Ela se lembra nitidamente da noite extraordinária que passaram em um acampamento em Akaroa, uma pequena vila ao redor de um vulcão extinto. Como ela, mais tarde, recordou-se ao falar com a Radio ZM da Nova Zelândia: "Estava lavando o cabelo quando ouvi algo diferente, então abri a cortina do chuveiro e havia um garoto de uns treze anos, que tinha rastejado por baixo da barraca para tentar roubar minha calcinha. Peguei a toalha, ainda com xampu no cabelo, e gritei: 'Onde está a sua mãe?!'. Encontrei os pais dele e eles ficaram envergonhadíssimo, claro. E até hoje – ah, meu Deus – aquele garoto deve estar sentado em casa, em frente à TV com a família, dizendo 'aquela é a garota do *Suits* que vi pelada!'". Agora, claro, ele vai poder se vangloriar de ter visto uma princesa hollywoodiana no banho. Apesar do encontro com esse bisbilhoteiro mirim, ela classificou a viagem como uma das melhores de sua vida.

Quando voltou para casa, ela conversou com Trevor sobre a possibilidade de uma adição à família. Ela queria um cachorro. Então, pouco antes do Natal, ela e Trevor estavam namorando um casal de filhotinhos, com seis semanas de idade, em uma agência de adoção de animais, em Los Angeles. Os filhotes haviam recentemente sido resgatados de serem sacrificados em um abrigo de animais. Ambos eram mestiços de Labrador, um preto e um dourado. Por sorte, David Branson Smith, o roteirista filho de Sally Bedell Smith, que escreveu biografias da Princesa Diana e do Príncipe Charles,

adotou o filhotinho preto, ao qual deu o nome de Otto; Meghan ficou com o filhotinho dourado, chamando-o de Bogart. Ela creditou à apresentadora e comediante Ellen DeGeneres e sua esposa, Portia de Rossi, sua decisão final. Enquanto Meghan interagia com o cachorrinho, Ellen deu um toque no vidro da vitrine e gritou: "Leve o cachorro!". Meghan lembra: "Então eu o peguei porque a Ellen mandou". Não demorou para o adorável Bogart já estar figurando nas fotos dela e do marido no Instagram, praticamente monopolizando o *feed* de sua rede social.

Em fevereiro de 2013, Meghan mandou um e-mail para David Branson Smith para dizer que ela e Trevor "ficavam se perguntando se [Bogart] e seu irmão se reconheceriam… Uma ideia meio afetiva". Agendas foram consultadas e os dois irmãos se reencontraram na praia de Malibu. Como lembrou Sally Bedell Smith no *Sunday Times* de Londres: "Otto pulou do carro do David e foi logo na direção de Bogart. Os dois ficaram brincando por toda a hora seguinte, como irmãos separados pelo tempo". Meghan filmou e postou o reencontro como uma profissional das mídias sociais, exclamando: "Meu deus, que lindo, eles têm até o mesmo tamanho!". Acabou sendo o único encontro dos cães, mas dois anos depois, em 2015, Bogart ganhou a companhia de outro cachorro, um Beagle mestiço que Meghan chamou de Guy.

A essa altura, o "outro cara" na sua vida estava cada vez mais distante. Apesar de Trevor ter aberto um escritório em Nova York – a apenas uma hora de voo de Toronto – para expandir suas operações e ficar mais perto de Meghan e de sua própria família, desavenças começaram a surgir no casamento. O que antes encantava, agora irritava. Meghan, uma confessa perfeccionista que era tão exigente quanto controladora, tolerava o jeito desleixado de Trevor de encarar a vida há anos. Ele era famoso por chegar atrasado, com as roupas amassadas, o cabelo desgrenhado e, toda hora, com uma mancha nova em seu blazer listrado. "Foi mal, cara" era uma frase constante, conforme pulava de reunião em reunião, sempre após o horário marcado.

A casa de Meghan em Summerhill era o templo da ordem e da nítida perfeição. Quando ela voltava para casa, em Los Angeles, após Trevor ficar sozinho por algumas semanas, a visão com que se deparava começou a chateá-la cada vez mais. Embora Trevor a visitasse com certa frequência, ele sempre se sentia um estranho cuja presença era uma distração irritante.

Quisesse ela admitir para si mesma ou não, Meghan, que chegara a declarar que não conseguia imaginar uma vida sem Trevor ao seu lado, estava agora criando um mundo novo ao seu redor. Como Toronto estava se tornando mais o seu lar do que Los Angeles, a dinâmica da relação foi, subitamente, alterada. Ela era dona de si mesma agora, com uma renda constante, fazendo novos amigos dentro e fora do set, sem mais depender dos contatos do marido.

Um liquidificador de 500 dólares simbolizou o crescente afastamento. Meghan insistiu que o eletrodoméstico favorito de sua casa em West Hollywood fosse com ela para Toronto, então ela o embalou e o colocou no banco traseiro do carro, que foi levado de caminhão para o Canadá, embora pudesse muito bem comprar um novo liquidificador. O aparelho ficava no balcão da cozinha na casa de Toronto, um lembrete material de que sua casa não era mais em Los Angeles.

Embora Meghan estivesse despontando profissionalmente, a carreira do marido estava estagnada. Durante esse tempo, ele produziu *Amber Alert*, um suspense de baixo orçamento sobre um grupo de participantes de um *reality-show* que encontra um carro contendo uma criança raptada. Apesar da premissa intrigante, o filme não emplacou nas bilheterias e obteve críticas ainda menos favoráveis. Sem projetos novos à vista e com o hiato de *Suits*, Trevor levou Meghan para uma viagem de bicicleta pelo Vietnã. Não ajudou muito o fato de ele ter sofrido com uma intoxicação alimentar em razão de Meghan querer experimentar todo tipo de pratos locais, como uma versão feminina do guru culinário Anthony Bourdain. A fuga deles para lugares exóticos, que antes servia de pano de fundo para o amor mútuo, agora só realçava a distância entre os dois.

O marido não era o único a sentir o afastamento de Meghan. Os amigos dela em Los Angeles também notaram a mudança, agora que ela estava subindo na vida. Não tinha mais tempo para amigos que conhecia há anos, cancelando almoços em cima da hora ou esperando que eles reorganizassem suas agendas para encaixá-los em sua vida ocupada de atriz de sucesso. Por ser uma pessoa que sempre pensa em sua rede de contatos, ela parecia reestruturar cuidadosamente sua vida, construindo novas amizades que pudessem aperfeiçoar ou aprimorar sua carreira. Novas pessoas, como a talentosa estilista Jessica Mulroney, que trabalhou com Sophie Trudeau, esposa do primeiro-ministro canadense Justin Trudeau, e seu famoso marido Ben, filho do ex-primeiro-ministro canadense Brian Mulroney, agora estavam em seu círculo de relacionamentos, com Meghan encontrando regularmente com eles no recém-aberto Soho House, em Toronto. Conforme ela expandia seus horizontes sociais, o círculo de LA sentia que estava sendo deixado para trás. À medida que ela ia ficando um pouco esnobe, todos esperavam que Trevor mantivesse seus pés no chão.

Sem que ninguém percebesse, o casal foi seguindo caminhos diferentes. Em fevereiro de 2013, Trevor foi à cerimônia do Oscar sem Meghan, que sonhava em participar do evento desde criança. O irmão mais velho de Trevor, Drew, fez um comentário jocoso em sua página do Facebook: "Meu irmão no Oscar dessa noite prova que eles deixam entrar qualquer mendigo que estiver na rua". Parece que Meghan estava muito ocupada gravando para estar ao lado dele.

Algumas semanas depois, no dia 8 de abril de 2013, Meghan abraçou por completo seu outro lar, quando foi assistir ao time do Toronto Maple Leafs, de hóquei sobre o gelo, vencer os New York Rangers no Air Canada Center. Ela não só estava assistindo ao jogo, como estava lá para torcer pelo amigo Michael Del Zotto, nove anos mais novo que ela, patinando como zagueiro pelos Rangers. Del Zotto cometeu uma infração, incorrendo em uma punição de dois minutos no banco, por levantar seu taco acima do permitido contra o rival Nazem Kadri.

Duas semanas depois, em 21 de abril, Meghan estava no Madison Square Garden para assistir Del Zotto e seus companheiros dos Rangers derrotarem o New Jersey Devils, e foi captada pelas lentes do fotógrafo James Devaney, vestida casualmente com um jeans e um cachecol cinza, sentada sozinha. Em uma série de *posts* no Instagram, Meghan documentou suas aventuras pelo hóquei no gelo, chegando, em certa ocasião, a aparecer ao lado de Del Zotto e Rick Hoffman, seu colega em *Suits*. Um ano mais tarde, Del Zotto saiu nas manchetes em virtude do relacionamento com a estrela pornô Lisa Ann, mais conhecida por suas paródias com a ex-presidenciável Sarah Palin. Lisa Ann o repreendeu publicamente, de acordo com o *Toronto Star*, pois ele a importunava constantemente para que ela arranjasse encontros com outras mulheres enquanto ele estivesse na estrada. Ela expôs o comportamento dele em uma série de tuítes.

Qualquer que fosse a natureza da amizade entre os dois – assessores de Meghan e Del Zotto negaram enfaticamente ao jornal *The Sun* que eles estivessem em um relacionamento –, o casamento de Trevor e Meghan já tinha acabado. A notícia triste, no verão de 2013, surgiu como uma surpresa. Todos ao redor ficaram chocados, mas não tanto quanto os pais de Trevor, David e Leslie, que a acolheram como uma filha.

Como a dama de honra Ninaki Priddy contou à escritora Rebecca Hardy: "Eu sabia que eles brigavam de vez em quando, mas não era nada demais. O único obstáculo era a distância, porque ela estava morando em Toronto e Trevor, em Los Angeles. Mas achei que eles iriam contornar a situação. Trevor levava trabalho para o Canadá só para estar com ela, e comandava o escritório remotamente".

Surpreende também que Trevor, mesmo após cinco anos, mal consegue conter sua raiva quando o nome dela entra na conversa, deixando de lado o jeito relaxado de nova-iorquino, que só diz "e aí, *bro*, beleza?", e passa para um estado de completa fúria. "Não tenho nada para falar sobre ela", ele diz aos inquiridores. Trevor passou de admirador de Meghan para, como relatou um amigo, "sentir como se fosse uma pedra no sapato dela". Um rico

empresário amigo dos dois declarou que o casamento acabou de forma tão repentina que Meghan enviou para Trevor os anéis de diamante pelo correio. Outra pessoa confirmou que a escolha de terminar o casamento foi tomada por Meghan, e que a decisão veio "completamente do nada".

Houve outras consequências. A separação também afetou a amizade de trinta e poucos anos com a *designer* de joias Ninaki Priddy. Depois de ouvir o lado de Trevor da história, ela decidiu que não queria mais estar perto de Meghan. O motivo exato é um segredo guardado a sete chaves. Como ela descreveu no *Daily Mail*: "Só o que posso dizer agora é que acho que Meghan calculou direitinho a maneira com que foi lidando com as pessoas e os relacionamentos. Uma vez decidido que você não faz mais parte de sua vida, ela se torna uma pessoa muito fria. É um mecanismo de defesa que ela tem. Não há o que negociar, ela toma uma decisão, e pronto… Pelo jeito que as coisas se desenrolaram, Trevor sentiu que ela havia puxado seu tapete. Ele ficou bem magoado".

A atriz Abby Wathen, que estrelou com Meghan no filme de baixo orçamento *Random Encounters,* antes de *Suits*, teve uma perspectiva diferente sobre o rompimento de Meghan. Ela contou em um documentário da ITV, *Prince Harry and Meghan: Truly, Madly, Deeply*, "nós duas passamos por um divórcio, por isso nós nos entendíamos. Fiquei arrasada, mas ela ficou cheia de energia. Ela recuperou suas forças. Não era o tipo certo de relação para ela, então preferiu seguir em frente".

Agora livre e desimpedida, Meghan passava mais tempo explorando o centro de Toronto. Era quase sempre vista, com uma taça de vinho na mão, no Bar Isabel, um local onde o polvo grelhado e as batatas assadas no alho faziam com que ela se sentisse em uma espécie de "*overdose* de carboidratos". Ela também ficava extasiada com a massa do Terroni, uma luxuosa cadeia de restaurantes italianos, e adorava *poutine*, um prato originado na Quebec dos anos 1950, que é composto por batatas fritas cobertas com molho e lascas de queijo. De acordo com Meghan, o melhor *poutine* é aquele que solta guinchos ao mordê-lo. Nas noites em que ficava

em casa, Meghan, que adora cozinhar, preparava uma sopa de legumes em seu amado liquidificador, ou cozinhava abobrinhas na água ou num caldo de legumes até ficarem numa consistência que ela chamava de uma "obscena e *sexy* papinha", que ela então misturava com alguma massa.

Foi sua fascinação pela gastronomia que a levou fazer um trabalho para a revista *Men's Health*. Em 2013, eles filmaram uma entrevista para o site, pedindo que Meghan lhes contasse o segredo de um bom hambúrguer e um bom filé. Foi descontraído, informal e muito natural; por ser californiana, disse a jovem, ela preferia tacos de peixe, mas em uma refeição rápida "para o seu homem", ela gostava de jogar um filé na grelha. Ela também concordou em fazer uma versão mais *sexy* da mesma gravação. Esse vídeo, que apareceu dois anos depois, mostrava Meghan divagando sobre o papel dela em *Suits*, com o cabelo preso em um coque, usando óculos escuros, uma saia de couro bem curta e uma jaqueta sensual. Ela desabotoa a blusa preta transparente a ponto de revelar um sutiã de bolinha. "Cozinhar nunca foi tão *sexy*", alardeava o título da gravação. Tanto o filé quanto Meghan estavam pegando fogo. Mas havia uma hesitação em seu olhar. Ela estava interpretando para as câmeras, mas parecia desconfortável, consciente de que estava se retratando como um objeto sexual que seria desejado pelos homens. Meghan achou que havia deixado esse estigma para trás, lá no estúdio de *Deal or No Deal*. No que dependesse dela, esse seria um papel que ela não interpretaria por muito mais tempo.

Durante a pausa de *Suits*, Meghan fez a protagonista de um suspense de baixo orçamento chamado *Anti-Social*. O drama, baseado em uma série de roubos reais envolvendo gangues de pichadores, foi gravado em Budapeste e Londres. Embora os investidores da produção quisessem ver cenas de nudez entre Meghan e seu parceiro, Gregg Sulkin, dez anos mais jovem que ela, o autor-diretor Reg Traviss bateu o pé e se recusou a explorar sua atriz. Mais tarde, ele explicou: "não era necessário para a história".

A fama de Meghan vinha crescendo a cada temporada de *Suits*, que agora era a série americana de maior audiência na faixa etária mais relevante: entre

dezoito e quarenta e nove anos. Em novembro de 2013, ela foi convidada para participar da estreia no tapete vermelho de *Jogos Vorazes – Em Chamas*, na Leicester Square de Londres. Dois dias depois, Meghan e o modelo Oliver Cheshire apresentaram o famoso baile filantrópico Global Gift Foundation, que arrecadou fundos para a Eva Longoria Foundation e a Caudwell Children. Não que ela fosse fã de tapetes vermelhos, pois achava um sacrifício estar naquela agitação em meio às celebridades. Como ela escreveu no *Working Actress*: "Detesto caminhar no tapete vermelho. Fico nervosa e tensa, e nunca sei para onde olhar. Simplesmente, volto a me sentir como a criança tímida que já fui. Odeio mesmo. Assim que saio do tapete, tenho que me sacudir toda. Parece dramático, mas é uma experiência bem ruim para mim". Na cabeça dela, Meghan nunca quis a fama. Atuar era a chance de ter uma "vida boa", divertindo-se ao "usar roupas descoladas e trabalhando com pessoas incríveis".

Mesmo assim, enquanto estava em Londres, Meghan, uma mulher pública compulsiva, esperava expandir sua imagem ao discutir os últimos seis episódios da segunda temporada de *Suits* com membros da imprensa. Katie Hind, repórter do *Mail on Sunday*, não esperava muita coisa quando concordou em encontrar Meghan numa noite tranquila de novembro, pois, para ela, era só mais uma atriz emergente em busca de menções na imprensa. Pelo que ela havia lido, a ambição de Meghan era tornar-se política, mas caiu na carreira artística após trabalhar na embaixada americana de Buenos Aires, na Argentina.

Enquanto elas tomavam uma garrafa de Prosecco no bar da cobertura do hotel Sanctum Soho, o papo foi tomando outra forma, voltando-se ao assunto "homens", em particular, como Hind relatou, ao "seu grande interesse em homens britânicos com certo status". Para a surpresa da repórter, Meghan pegou seu iPhone e lhe mostrou a foto de um homem bonito em sua conta no Twitter. "Você conhece esse cara, Ashley Cole? Ele me segue e não para de querer conversar comigo no Twitter. Ele está insistindo muito".

Katie, mantendo a frieza, respondeu: "Aposto que sim". Meghan continuou confidenciando. "Ele quer sair comigo enquanto estou em Londres. O que você acha? Você o conhece?".

Claro que a repórter conhecia a reputação dele, tanto como jogador de futebol do Chelsea quanto da seleção inglesa, e por ter sido marido da cantora Cheryl Cole, da banda Girls Aloud; um cara que havia traído a esposa com muitas mulheres, que acabavam vendendo suas histórias para os tabloides. Assim que Hind revelou a má notícia, a atriz pareceu um tanto desanimada, talvez imaginando que sua visita a Londres pudesse lhe render um novo romance. "Obrigada mesmo", Meghan disse à repórter do *Mail*, acrescentando em seguida: "Algumas amigas minhas também me disseram para ficar longe dele. Acho que vou deixar para lá".

Durante as três horas seguintes, Meghan continuou bebendo mais taças do vinho italiano borbulhante, enquanto ela e Katie, ambas com trinta e dois anos, discutiam sobre como era difícil um relacionamento moderno e encontrar o cara certo. Meghan admitiu que era recém-divorciada – por "diferenças irreconciliáveis", lia-se nos papéis do divórcio – e que estava solteira, pronta para outro relacionamento.

A conversa embriagada terminou e as duas se despediram com um abraço, ao que Katie desejou boa sorte a Meghan. "Não que ela precisasse", a repórter comentou ironicamente ao ver que Meghan, incapaz de chamar um táxi, persuadiu o dono do Sanctum a levá-la de carro até seu hotel, o Dean Street Townhouse, por causa da chuva.

7.

A Hora da Revelação

Sentindo-se inchada e um pouco acima do peso, com uma calça preta de couro um pouco apertada, Meghan, que tinha acabado de voltar de suas férias "repletas de carboidratos", estava um pouco mal-humorada ao sentar-se junto com seus colegas de *Suits* no palco do Langham, um hotel cinco estrelas de Pasadena. Ela olhou para o mar de críticos de televisão à sua frente e parecia grata por seus colegas estarem respondendo às questões da Associação de Críticos de Televisão durante a conferência de janeiro que estava planejada há bastante tempo. Até aquele momento, ela estava sentada em silêncio, observando o vaivém, a discussão caminhando para o assunto da mudança de horário de *Suits* na grade da programação, passando de 22h para 21h. "Isso afetará os palavrões?", perguntou um crítico, referindo-se ao uso liberal de xingamentos na série.

Meghan deu uma acordada e resolveu responder. Ela olhou para o criador e produtor executivo da série, Aaron Korsh, reformulando jocosamente a pergunta: "Vai mudar para nós estar na faixa das 21h, dizer 'merda' e 'porra'?". "Claro que não, porra!", respondeu Korsh. Todos gargalharam. Meghan é assim: leva as coisas na esportiva, é ligeiramente brincalhona, uma pessoa gente fina. A intervenção dela ganhou a plateia. Mas isso já não seria o suficiente. Meghan queria abrir as asas; ela tinha coisas a serem ditas, observações a fazer, que iam muito além do formato perguntas e respostas

relacionadas a *Suits*. Ela era uma jovem viajada, com apreço por diferentes países, culinárias e culturas. Meghan sabia um pouco de tudo: da política no Oriente Médio até maquiagem. O papel dela em *Suits* parecia uma espécie de ponto de partida para algo maior. A moça sabia que ainda não estava explorando todo seu potencial. Mas, para isso, ela precisava ser mais influente.

A recente visita dela a Londres, por exemplo, rendeu-lhe apenas uma pequena menção no *Daily Mail* e uma fotografia no jornal gratuito *Metro*. A jovem compareceu em diversos tapetes vermelhos desde o início da série, mas o que começou como algo empolgante, agora era rotina. Ela continuava a ser um rostinho bonito na multidão.

Meghan percebeu que ela precisava se esforçar mais, expandir sua visibilidade. Desde que *Suits* conquistou maior sucesso, ela pôde notar que o público mais jovem, principalmente garotas adolescentes, ouviam o que ela tinha a dizer. O Instagram dela crescia exponencialmente, mas fotos estáticas de sua vida, suas refeições e seus cachorros não serviam como válvula de escape para suas ideias a respeito do mundo em geral. Ela tinha um ponto de vista genuíno sobre uma miríade de assuntos; só precisava de um veículo para se expressar.

Após somente alguns dias, em 22 de janeiro de 2014, ela foi ao encontro anual da revista *Elle* chamado Women in Television Celebration, sua terceira aparição desde a estreia de *Suits*. Meghan sentiu que havia chegado em casa. Sentia-se inspirada por estar cercada de mulheres tão criativas e estimulantes, como a celebridade da culinária e estilo de vida Giada De Laurentiis e a atriz multipremiada Tracee Ellis Ross, que, como Meghan, era birracial. Ao contrário de Meghan, Ross veio da realeza de Hollywood; sua mãe era Diana Ross, e o pai era o agente musical e executivo da indústria Robert Ellis Silberstein.

A carreira de Ross incluía um tempo como modelo, inclusive na passarela de Thierry Mugler, contribuições como editora e escritora para as revistas *Mirabella* e *New York*, e como estrela de *Girlfriends*, uma comédia há muito

tempo no ar, pela qual ela já tinha ganhado vários prêmios NAACP. A nova comédia dela, *Black-ish*, na qual ela interpretava uma médica e mãe de quatro filhos, acumulava ótimas críticas. Lado a lado com Ross e outras, ouvindo suas histórias de sucesso, agitou alguma coisa dentro de Meghan, que sentiu que precisava fazer mais. A pergunta era: como?

A resposta veio indireta e inesperadamente. Em fevereiro de 2014, a DirecTV, empresa de TV via satélite, comemorou o Super Bowl televisionando uma enorme festa de pré-jogo no dia anterior ao grande jogo. A partida divertida com times de celebridades, chamada DirecTV Celebrity Beach Bowl, foi organizada em uma agitada tenda no Pier 40, no Rio Hudson, na baixa Manhattan. Para o evento, eles criaram a maior praia coberta do mundo, trazendo mais de um milhão de caminhões de areia.

A banda Paramore estava agendada para entreter a multidão e a estrela culinária Andrew Zimmern entraria ao vivo durante o intervalo. A garota gente boa, Meghan, juntou-se à modelo Chrissy Teigen, uma ex-colega de *Deal or No Deal*, e outras celebridades, incluindo o *quarterback* aposentado Joe Montana, lenda do futebol americano, os comediantes Tracy Morgan e Tom Arnold, e o *chef* celebridade Guy Fieri, para uma partida na praia, na qual o time de Meghan venceu.

Após o *show*, Meghan ganhou muito mais – uma nova amiga influente, a lenda do tênis Serena Williams. Na época, Williams detinha a marca de dezessete títulos mundiais no individual e quase o mesmo tanto em torneios em duplas. O mais importante: ela explorou sua carreira de quinze anos como superatleta e a transformou em patrocínios lucrativos, incluindo sua própria linha de roupas, e até alguns acessórios esportivos. "Nós nos identificamos imediatamente, tirando fotos, rindo durante o jogo de celebridades e conversando sobre coisas além do tênis ou da atuação, tipo coisas de garotas", Meghan escreveu depois. "Assim começou nossa amizade".

O que também impressionou Meghan foi como Serena usava suas plataformas *online* para manter-se conectada e expandir sua base de fãs. Ela

tinha uma loja de roupas virtual, além de contas em Instagram, Snapchat e Reddit, e uma *newsletter* regular, tudo reunido no site serenawilliams.com.

Nesse momento, ela viu uma luz acender. Meghan, há algum tempo, vinha lutando para manter um site atualizado, e, vendo como Serena controlava seu próprio site, ela se sentiu confiante de que também poderia seguir o exemplo da amiga. A ideia foi reforçada quando uma empresa de comércio virtual a abordou, oferecendo criar um site completo e operante com seu nome do início ao fim. A princípio, ela ficou empolgada com a possibilidade. "Será o seu nome, meghanmarkle.com, e podemos gerenciá-lo para você", eles lhe disseram. Essencialmente, o nome dela incentivaria consumidores a visitarem o site. Apesar de haver criação de conteúdo, a meta principal era vender roupas, e Meghan receberia uma porcentagem das vendas. Ela avaliou a oferta, então deu um passo para trás e respirou fundo. Por mais tentador que pudesse parecer, quanto mais ela pensava no assunto, mais via que aquilo não era para ela. "Eu queria compartilhar muitas outras coisas", ela explicou a amigos. Meghan queria um lugar onde pudesse expor seu lado mais íntimo, onde sua voz pudesse ser ouvida, e onde, se houvesse comércio virtual, tivesse um lado ético e ponderado, em vez de sair vendendo as últimas tendências de moda efêmera. Ela queria salientar a importância da retribuição. Jogar sobre si um balde de gelo na cobertura em Manhattan do amigo golfista Rory McIlroy para o ALS Challenge [Desafio do Balde de Gelo] e, depois, postar o resultado no Instagram não era o bastante, embora isso tivesse arrecadado dinheiro para uma boa causa: pesquisas e conscientização sobre a enfermidade ELA (esclerose lateral amiotrófica).

Por ora, ela deixou a ideia do site em segundo plano. Com a pausa de *Suits*, ela voou até Vancouver, no oeste do Canadá, para aparecer em um filme do canal Hallmark Channel TV chamado *When Sparks Fly*, no qual interpreta Amy, uma destemida repórter mandada de volta à sua bucólica cidade natal para escrever um artigo de interesse humanitário sobre crescer como filha de fabricantes de fogos de artifício. O antigo namorado está prestes a casar

com sua melhor amiga do colégio e Amy, no fim das contas, acaba percebendo que, talvez, a vida na cidade grande não seja para ela. Era uma história sem muita importância e dava uma graninha, mas foi só isso. A trama, relativa ao difícil retorno para casa, era o oposto de sua próxima excursão, uma visita à antiga faculdade, a Northwestern University.

Se ela ainda precisava de provas de que tinha um público maior que os limites de *Suits*, era só olhar para a fila que dava a volta no Ryan Auditorium, já que 600 alunos disputavam um cobiçado lugar para ver Meghan e o restante da família *Suits*.

Nikita Kulkarni, uma aluna do primeiro ano de Comunicação Social, que esperou cinco horas para o evento, estava sem fôlego de tanta ansiedade. "Não achei que fosse real quando as pessoas me falaram sobre o acontecimento. Pensei que estavam brincando comigo. Fiquei muito empolgada para ver Meghan!".

Meghan atraiu todas as atenções dos alunos da Northwestern, com quem compartilhou experiências de faculdade e discutiu sobre a evolução da personagem. Ela ofereceu à adorável plateia um passeio pela mente de sua *alter ego*, Rachel Zane. "Ela possui camadas e é humanizada; embora pareça muito confiante, ela tem uma porção de inseguranças e vulnerabilidades, e, como mulher, eu me identifico com isso e imagino que os fãs também sentem o mesmo".

Após o bate-papo, ela posou para fotos, assinou pôsteres e, mais tarde, ela e o colega Rick Hoffman, que faz o papel de Louis Litt, gravaram um vídeo promocional para a Maratona Dançante da Northwestern University, um evento beneficente de arrecadação em que Meghan havia participado quando estava no primeiro ano.

Essa era a quarta parada das sete que fariam nessa turnê universitária de *Suits*, que incluía as Universidades da Califórnia, em Berkeley e Los Angeles, a Universidade do Arizona, Universidade de Boston, Harvard e Columbia. Era uma aposta da rede televisiva e dos produtores do programa para

gratificar o engajado público universitário, oferecendo-lhes uma prévia do capítulo que marcava a estreia da segunda metade da temporada.

Ao voltar para casa, a ideia do site voltou para a linha de frente, e ela entrou em contato com o amigo fotógrafo Jake Rosenberg. Formado pela Ontario College of Art and Design, Rosenberg havia inaugurado o Coveteur.org seis meses após graduar-se em desenho industrial. Embora amasse fotografia, ele também era um entusiasta de *branding* e design. Durante uma sessão de fotos em 2011, ele e a amiga estilista de vinte e poucos anos, Stephanie Mark, acabaram criando um site dedicado a retratos de lindos armários e fragmentos de casas de indivíduos. "Achamos que seria divertido e interessante ver como são, de verdade, as casas e armários de pessoas estilosas", Mark contou à escritora Susan Price, da *Forbes*. O casal fez seis sessões de fotos, que foram postadas em seu novo site, que chegou a cair em virtude da quantidade de visitas. Os dois perceberam na mesma hora que estavam em um ramo lucrativo, além de divertido.

"Voltávamos e falávamos sobre o que tínhamos visto, onde as pessoas que conhecemos estavam fazendo compras, sobre quais restaurantes e bares as pessoas estavam falando", disse Mark. "Percebemos que tínhamos todo esse conteúdo". Eles expandiram a cobertura e, em 2013, redesenharam o site para criar espaço para anúncios e reportagens, uma mistura de marketing e editorial. Rosenberg ouviu as preocupações de Meghan sobre o possível site. Regado a tapas e muitas taças de vinho, eles discutiram sobre a visão dela do site, que, basicamente, seria um guia intimista de viagem, gastronomia, moda e maquiagem, com uma pegada de artigos mais sérios sobre assuntos femininos. Em essência, seria muito parecido com o blogue da Gwyneth Paltrow, GOOP, com elementos de *Marie Claire* salpicados com o foco e estilo da própria Meghan.

Agora, com um projeto organizado, Meghan recusou a oferta da primeira empresa para criar o site comercial "Meghan Markle" e decidiu tentar um estilo próprio. Primeiramente, ela contratou um *web designer*. Quando ela

mostrou o resultado para Rosenberg, o olhar afiado e treinado dele lhe disse que poderia haver problemas.

"Eu imploro, por favor, não vá por aí; use o *designer* gráfico da Coveteur", ele falou para a amiga. O resultado foi o TheTig.com, que contava com a elegante caligrafia de Meghan e uma logomarca com uma gota de vinho no lugar do ponto da letra "i". Meghan havia escolhido o nome, The Tig, em homenagem a um vinho italiano chamado Tignanello. É um mosto de Sangiovese, e o primeiro Chianti feito com uvas verdes – um vinho nascido do desejo do vinicultor em dar destaque ao seu produto em um mar de tintos. Meghan gostou daquela ideia. Destacar-se. Ela faria um brinde para comemorar.

Para Meghan, o Tignanello tinha um significado mais profundo, representando aquele momento de revelação, quando finalmente compreendeu quais componentes resultariam em um bom vinho, para dar corpo, envelhecimento e lágrimas. Ela quis levar essa empolgação da descoberta para o site, escrevendo: "The Tig é uma plataforma para o paladar refinado – aqueles com fome de comida, viagens, moda e beleza. Eu queria criar um espaço para compartilhar todos esses amores – convidar amigos para que compartilhassem também, e para ser terreno fértil de ideias e animação – para um estilo de vida inspirado". Espumante, efervescente e divertido, The Tig apelava aos seus fãs, que apreciavam seu estilo elegante e personalidade requintada. Ao mesmo tempo, ela vislumbrava usar o The Tig para expressar seus pensamentos a respeito de assuntos mais sérios, como questões de cunho social e político que afetavam as mulheres.

Meghan, a típica garota ambiciosa, criou um site para outras garotas requintadas como ela que queriam se juntar à festa. Com a ajuda de Jake Rosenberg, do estilista Wes Gordon e de Brett Heyman, *designer* da marca de bolsas de acrílico Edie Parker, que criara para Meghan uma bolsa *clutch* com "Ms Tig" grafado, o palco estava formado. Por fim, ela também seguiu o conselho de sua companheira de série, a atriz Gina Torres, que havia lhe

dito, usando um dos apelidos de longa data de Meghan, "Nutmeg, reserve um espaço para que a mágica aconteça".

Quando as filmagens começaram novamente, os dias atarefados de Meghan não deixavam muito espaço para que mágica nenhuma acontecesse. Ela acordava às 4h15, virava um copo com água quente e um limão espremido, e comia uma tigela de aveia com bananas fatiadas e agave. Então, soltava os cães no jardim dos fundos antes de entrar em sua SUV da Audi para o estúdio, uma réplica labiríntica de um escritório de advocacia, com atenção aos mínimos detalhes, até blocos de anotações rosa e canetas sobre as mesas das secretárias, com paredes de vidro pivotantes que permitiam às câmeras filmar de qualquer ângulo sem reflexos. O horizonte de Nova York era projetado, e as cenas externas eram gravadas em Toronto, com planos de fundo com imagens de Manhattan para dar uma noção de localidade. Após definir a maquiagem e o figurino pela manhã, Meghan trocava de roupa "segurando o ar" para que ela ficasse muito, muito justa, e então esperava no *trailer* até a cena dela estar pronta para gravar.

Com o nascimento do The Tig, Meghan ficava com as mãos ocupadas, garantindo que a novidade fosse alimentada, regada e mimada. Era um trabalho em tempo integral, com ela permanecendo acordada até altas horas, navegando pelo Instagram em busca de ideias sobre quais eram as tendências, interesses e atualidades; ela mesma escrevia todo o conteúdo curto e rápido; e instigando todo tipo de celebridade a responder às cinco perguntas que ela havia criado para o "Tig Talk". A atriz e cantora Emmy Rossum deu o pontapé inicial dizendo que, se tivesse apenas seus últimos dez dólares – uma das perguntas padronizadas – ela cantaria na rua por dinheiro. Outros, como o guru da moda Joe Zee e a modelo Jessica Stam, fizeram suas contribuições, enquanto Meghan recrutou a *designer* de interiores Natasha Baradaran para falar sobre sua cidade favorita, Milão. Ela sabia que grandes nomes incentivavam visitas e atraíam a participação de outras celebridades. Uma das primeiras pessoas que ela quis chamar para o Tig Talk foi a modelo e empresária Heidi Klum. Ela contatou todos que

conhecia, na esperança de conseguir o e-mail ou o telefone de Klum ou de sua assistente. No fim, Heidi acabou dando a mesma resposta que "a Rainha", que disse para Meghan que qualquer coisa ficava melhor após um gole de vodca. Claro que a Rainha da qual estamos falando é a rainha da TV, Elizabeth Hurley, que interpreta a conivente e ocasionalmente cruel Rainha Helena, no seriado do E! *The Royals*, uma ironia relacionada à Casa de Windsor.

Havia resenhas de lugares legais para visitar, restaurantes interessantes e *chefs* inovadores. Essa última categoria a apresentou a um novo amor. Há anos, ela vinha comendo no The Harbord Room, um pequeno restaurante no centro de Toronto inaugurado em 2007. Era comandado pelo encantador *chef* celebridade Cory Vitiello, que se gabava de fazer o melhor hambúrguer da cidade. A *foodie* em Meghan ficou intrigada.

Nos últimos sete anos, Vitiello ficou famoso dentro e fora da cozinha. Ganhou fama ao namorar a herdeira e ex-política canadense Belinda Stronach, assim como a falante Tanya Kim, do *eTalk*, antes de voltar suas atenções para a repórter de fofocas da TV canadense Mary Kitchen. Agora com o The Tig, Meghan viu-se com uma ferramenta para conhecê-lo melhor. Muito melhor. Para Meghan, a vida se mostrava um mar de rosas, mas as coisas estava prestes a sofrer uma reviravolta.

Numa noite, Meghan estava encolhida com seu *notebook*, uma taça de vinho na mão, preparando-se para uma noite de buscas por histórias e pessoas para povoar o The Tig. A metodologia dela era mergulhar em outros blogues e sites de notícias sobre estilo de vida, achar *links* para se inspirar e, de vez em quando, mexer no Instagram, usando *hashtags* para guiá-la até potenciais matérias para o Tig. Contudo, antes, ela quis dar uma olhada nas páginas de *Suits* no Facebook, Twitter, Reddit e USANetwork.com. O episódio mais recente contava com um enredo focado em Rachel Zane, e iria

ao ar naquela noite na América. Ela ficou curiosa para saber a reação ao namorico de sua personagem com um antigo namorado. Quando Meghan tomou outro gole de seu vinho tinto, ela quase engasgou ao rolar pelos comentários. "Sua vagabunda!", "Estou deixando de segui-la! Como pôde trair o Mike?", "Sua piranha…", e a coisa foi ficando cada vez pior, conforme o episódio ia sendo exibido em diferentes fusos horários pelo país. Meghan deletou os piores comentários de sua página e do *feed* do Twitter, bloqueando os usuários abusivos. Noite adentro, ela foi ficando realmente preocupada, e com muito medo, já que apareciam mais e mais *emojis* de facas e revólveres.

Os fãs não estavam apenas furiosos com a personagem Rachel Zane por beijar o ex-namorado, Logan Sanders, interpretado por Brendan Hines; estavam furiosos com Meghan Markle. Eles acreditavam que a atriz era responsável pelo enredo, não os roteiristas. Enquanto ela refletia sobre como fãs ficavam envolvidos por uma história, que era, diga-se de passagem, um faz de conta, os comentários continuavam a esquentar. Agora havia ameaças de morte. "Meghan Markle, eu quero matá-la. Sua vaca". A coisa estava fora de controle, como ela contou depois à escritora Vanessa Pascale, do *Miami Living*.

Na manhã seguinte, ela foi ver o criador de *Suits*, Aaron Korsh. "Isso tem de parar", ela disse a ele, acrescentando que era preciso reduzir o dano. Os produtores e escritores sempre foram legais com ela, incorporando aspectos de sua própria personalidade na personagem Rachel, tornando-a uma apaixonada por gastronomia, porque Meghan adorava cozinhar, e a fizeram birracial em virtude das origens da família de Meghan. Desta vez, as falas estavam ficando nebulosas, beirando o desconfortável, sendo que os fãs não sabiam distinguir a Meghan, da vida real, da Rachel, do mundo fantasioso. Além disso, Meghan não era esse tipo de garota. A continuação do enredo tinha Rachel agindo com maior fervor na tentativa de seduzir o antigo namorado, já que tinha deixado Mike. Aquele desenrolar da trama não parecia certo para Meghan, menos ainda porque vaticinava uma possível

saída da personagem, situação para o qual ela não estava preparada. Como ela disse depois para a revista *Miami Living*, ela expôs suas preocupações sobre a mudança de rumo da personagem para o criador da série, Aaron Korsh.

"Eu gosto da Rachel, gosto de interpretar Rachel, gosto de tudo o que ela defende. E isso me parece fora de contexto", disse ela, abrindo o coração. Foi um gesto corajoso, falar para o criador da série que não gostava da direção para a qual sua personagem estava indo. Mas ela sentia que devia se manifestar em consideração aos fãs e à sua própria integridade. Sem falar que estava assustada com o tom agressivo na internet e com as ameaças de violência.

A editora Angela Catanzaro, que trabalhava na série desde o começo, concordou com Meghan, dizendo a Korsh: "Eu amo a Rachel, mas se levar essa cena ao ar, nunca mais vou gostar dela. Não é o tipo de mulher que eu iria querer ver trabalhando com o meu marido".

Korsh entendeu a sabedoria de suas palavras, e, no prazo de um episódio, o romance de Mike Ross e Rachel Zane foi corrigido e voltou aos trilhos. Sem mais pânico. Pelo menos, não por enquanto.



Meghan olhou para o telefone sem acreditar. A caixa de entrada do e-mail estava enchendo quase mais rápido do que ela podia ler a linha do assunto. O site dela, The Tig, estava provando ser mais popular do que ela havia imaginado. Nesse estágio inicial, todos os e-mails iam diretamente para seu celular, e, conforme Meghan rolou rapidamente pela lista em expansão, um remetente lhe saltou aos olhos: as Nações Unidas. Podia ser apenas um convite para um evento beneficente, mas, caramba! Meghan abriu a mensagem e leu o conteúdo com grande surpresa. As Nações Unidas pediram que ela considerasse a possibilidade de envolver-se com seu novo programa de igualdade de gênero, HeForShe. Quando Meghan discou para o

número fornecido no e-mail, o contato da ONU Mulheres explicou que eles haviam lido seu curto ensaio no The Tig sobre independência feminina, que Meghan publicara para coincidir com o Dia da Independência dos Estados Unidos. Ela havia começado com as seguintes palavras: "Faça um brinde a si mesma hoje – pelo direito à liberdade, à emancipação das mulheres (*e dos homens*) que lutaram para conquistá-la, e por poder conhecer, aceitar, honrar, educar e amar a si mesma. Neste dia, e em todos os outros, comemore sua independência". Em seguida, ela apresenta os pensamentos da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie.

Apesar de sentir-se honrada pelo contato, ela também queria entender melhor do que se tratava o projeto, em vez de sair concordando cegamente com tudo. "Terei uma semana de pausa nas gravações, posso ir e fazer um estágio na ONU, em Nova York?", ela perguntou, oferecendo-se para servir o café e atender telefonemas. Em questão de poucas semanas, funcionários surpresos da ONU viram-se introduzindo Meghan aos corredores agitados da instituição localizada em Nova York. Na verdade, o trabalho era um pouco mais do que servir o cafezinho. Ela acompanhava Elizabeth Nyamayaro, chefe do movimento da ONU HeForShe que encorajava homens a apoiar mulheres na busca por igualdade de gênero, e Phumzile Mlambo-Ngcuka, diretora executiva da ONU Mulheres. Ela também participou de reuniões no Banco Mundial, na Fundação Clinton e até na sala de comando do Secretário Geral da ONU, Ban Ki-moon.

No lançamento público da campanha, foi-lhe designado um assento na primeira fila, quando a atriz de Harry Potter e Embaixadora da Boa Vontade da ONU, Emma Watson, fez um discurso inspirador para que homens e mulheres se juntassem à campanha HeForShe. Watson ressaltou que no ritmo atual levaria setenta e cinco anos até mulheres receberem salários iguais pelo mesmo trabalho e que só em 2086 todas as adolescentes da zona rural africana receberiam uma educação secundária.

Durante o lançamento da campanha, Meghan vivenciou seu próprio momento "Tig" quando presenciou a interação entre a ex-presidente da

Finlândia, Tarja Halonen, e uma funcionária da ONU. "Senhora Presidente, posso fazer algo pela senhora?", perguntou a moça. "Você gostaria de água ou uma caneta?" Halonen sorriu e respondeu: "Um batom".

Meghan sentiu-se conectada com a ex-presidente naquele momento. Ela viu que não havia nenhuma contradição entre uma mulher comandando uma nação e, ainda assim, usar batom – ela podia ser feminina e feminista ao mesmo tempo; como ela mais tarde escreveu, "um trabalho para o ganha-pão, e, depois, assar um pão para os filhos em casa".

Naquela ocasião, antes de Donald Trump entrar na corrida presidencial, uma de suas ídolas era a empresária Ivanka Trump, que tinha sua própria linha de joias e roupas. Ela ficou animada quando Ivanka concordou em preencher seu questionário para o Tig Talk. Mais animada ainda, quando aceitou o convite para tomar uns drinques e jantar com Meghan da próxima vez que ela estivesse em Nova York.

Meghan disparou no The Tig: "Nem me façam falar sobre a coleção de joias dela: abri a essa hora várias "vitrines *online*" no meu computador, aconchegada na minha cama com uma taça de vinho, fascinada com os lindos designs. Além disso, tem sapatos, coleção de casa, roupas e a natural extensão de sua marca, uma coleção para crianças – sábia escolha, dado que agora ela é uma orgulhosa mamãe… Quando tomarmos uns drinques, vou fazer questão de beber o que ela pedir – porque essa mulher parece ter a fórmula para o sucesso (e para a felicidade) já pronta".

Com nomes conhecidos como o de Ivanka Trump, sua "pequena ferramenta que poderia funcionar" – o apelido dela para o site – estava ganhando vida própria. Ela ficou orgulhosa, e não à toa, quando o site foi nomeado Melhor da Web, tanto pela revista *Elle* quanto na *Instyle*.

No entanto, ela precisava de ajuda para tocar o barco. Cada *post* no The Tig precisava ser cruzado com postagens no Instagram, Pinterest e Facebook para aumentar o tráfego; por sorte, havia um aplicativo para isso. Ainda melhor, havia agora uma pessoa, Judy Meepos. Meepos, que na época era editora-chefe da seção "Tech, Yeah!" da revista *Instyle*, recebeu muitos

emojis de beijinhos de Meghan em agosto, quando escreveu um perfil de tirar o fôlego sobre Markle e o The Tig. Meghan decidiu contratá-la em outubro de 2014.

Judy ficou responsável não só pela mídia social, mas, também, como a própria disse, "escrevia e editava postagens diárias, colaborações e parceiras já iniciadas, além de servir como editora de mercado para *posts* e aparições na TV". A popularidade do The Tig e da conta no Instagram de Meghan significava que, após meros seis meses, sua pequena ferramenta estava pronta para ganhar uns trocados por meio do comércio virtual. Ela seguiu o exemplo de Jake Rosenberg e do Coveteur ao associar-se com o RewardStyle.com, um site de *e-commerce* que, de maneira um tanto desajeitada, anunciava-se como uma "plataforma de monetização de conteúdo ponta-a-ponta, só por meio de convite, para influenciadores digitais e marcas de primeira linha ao redor do mundo". Ou, em linguagem mais clara, uma maneira inteligente de ajudar blogues requintados a ganhar dinheiro.

O site RewardStyle foi fundado em 2011 por Amber Venz e seu futuro marido Baxter Box como uma maneira de Amber monetizar seu blogue de moda. Durante algum tempo, o sistema deles funcionou como um sonho. Blogueiros colocavam em suas postagens *links* "clicáveis", que levavam diretamente para varejistas e marcas. Se um leitor clicasse e fizesse uma compra, o blogueiro ganhava uma comissão, criando um fluxo de renda semipassivo.

Com o The Tig nas mãos competentes de Meepos, Meghan embarcou num voo para Dublin, onde havia sido solicitada para participar do encontro One Young World Summit, um fórum internacional para líderes jovens de amanhã. A conferência bienal era o projeto de dois publicitários, David Jones e Kate Robertson, com a meta de "reunir os jovens líderes mais brilhantes de todo o mundo, permitindo-lhes criarem laços duradouros para que façam mudanças positivas". A organizadora Kate Robertson sentia que Meghan tinha algo a dizer e era popular com a plateia em idade estudantil.

Ela não só discutiria questões globais com outros jovens, como também estaria lado a lado de celebridades humanitárias, como a primeira presidente mulher da Irlanda, *Sir* Bob Geldof e Kofi Annan, ganhador do Prêmio Nobel. Para o fórum sobre igualdade de gênero, estava ao lado dela um painel de altíssima qualidade que incluía a advogada Sabine Chalmers, a vice-presidente da General Electric, Beth Comstock, a pioneira digital Michelle Phan e a diretora de cinema Maya Sanbar. No início, Robertson, que comandou a discussão, estava preocupada se Meghan aceitaria participar de um fórum no estilo perguntas e respostas. Foi uma agradável surpresa ver a eloquência de Meghan, e ela ainda disse que "não era uma simples atriz subindo no palco e falando sobre igualdade de gênero. Ela era boa de verdade – muito direta, muito confiante e muito 'não-celebridade'". Outros integrantes da plateia também ficaram impressionados por seus conhecimentos a respeito de direitos humanos e questões de gênero, assim como sua acessibilidade e seu calor humano. A advogada de direitos humanos Phiwokuhle Nogwaza disse à revista *People*: "Ela é muito afável e gentil. Também amigável, carinhosa e acolhedora. Não senti como se estivesse conversando com uma daquelas grandes celebridades da TV. Era como conversar com uma garota normal. Ela conhecia os detalhes dos problemas, o que achei incrível. Ela é humilde e muito pé no chão".

Meghan também tinha um talento à parte para misturar o glamour de celebridade com o comprometimento com causas humanitárias, então ela e o namorado *chef*, Cory Vitiello, pegaram um voo para a Flórida no início de dezembro para irem à Miami Art Basel, um desdobramento da feira original suíça. O evento, agora anual, começou em 2002 e atrai 77 mil visitantes por ano. Eles se hospedaram na rede Soho House, o lugar para ver e ser visto, seu reduto favorito.

Meghan ficou empolgada. Embora não fosse muito ligada a arte, preferindo moda, culinária e vinhos, ela abraçou a oportunidade para criar contatos com um leque maior de membros e convidados que estavam chegando ao Soho Beach House, um restaurado hotel *vintage* à beira-mar.

Ela tentou não ficar encarando quando o magnata do rap Russell Simmons e a atriz e ativista Rosario Dawson chegaram ao evento, ou demonstrar muito interesse quando a filha de Goldie Hawn, Kate Hudson, acenou para amigos de um terraço. Ela sentiu que havia "chegado lá". O esforço tinha sido grande, ela estava em uma das séries de maior sucesso, seu blogue era considerado um dos melhores da internet. A Semana de Arte de Miami, ou pelo menos sua versão Soho Beach House, seria dominada por ela.

Um grande amigo dela, Markus Anderson, diretor da Soho House, casualmente usando chinelo e *shorts*, perambulava para cumprimentar os convidados e lhes informar sobre os próximos dias de dança, coquetéis e luxuosos tratamentos de beleza. Isso sim era vida. Uma cesta de presentes com uma garrafa de gim Sapphire aguardava Meghan e Cory no quarto deles, além de um bar completamente abastecido. A tenda das celebridades teria uma seleção completa de drinques com temas tropicais. Sem falar nos espumantes e champanhes…

Markus Anderson é um grande agregador e faz-tudo. Ele tem um talento especial para juntar duas pessoas que ele pensa terem interesses comuns. Durante o almoço, ele colocou Meghan ao lado de Misha Nonoo, uma estilista do Bahrein. Na época, ela era uma *designer* promissora, conhecida tanto por seu casamento com o *marchand* Alexander Gilkes, amigo dos príncipes William e Harry, quanto por suas criações rebeldes. Meghan e Misha se deram muito bem, tomando drinques desde o almoço até a noite. No decorrer da tarde, elas começaram a falar sobre a nova coleção de Nonoo, que seria revelada na Semana de Moda de Nova York. Meghan estaria numa pausa de *Suits* e iria para lá.



Horas mais tarde, Meghan estava novamente em um voo, desta vez em direção à Espanha, um dos cinco países que ela visitaria numa turnê relâmpago. Nesse caso, não havia hotéis de luxo nem coquetéis elegantes.

Em vez disso, Meghan integraria a turnê da United Service Organization (organização em prol dos veteranos), visitando bases militares americanas na Espanha, Itália, Turquia, Afeganistão e Inglaterra. Ao lado de Meghan estava Kellie Pickler, uma veterana das turnês da USO e estrela do país, e seu marido, o compositor Kyle Jacobs, o comediante Rob Riggle, a coprotagonista de *Glee*, Dianna Agron, o ex-defensor do Chicago Bears, Brian Urlacher, e o arremessador do Washington Nationals, Doug Fister, além do presidente da Junta de Chefes do Estado-Maior, o general do exército Martin E. Dempsey e sua esposa, Deanie.

Quando a trupe, que se reuniu com o presidente da USO, J.D. Crouch, e sua esposa Kristin, encontrou-se no terminal de passageiros da Base Conjunta Andrews, em Maryland, no dia 5 de dezembro, Deanie Dempsey disse às celebridades selecionadas: "Acolham essa experiência. Vocês irão sentir orgulho de nossos militares e de suas famílias". Meghan estava animada e um pouco apreensiva. Ela não só viajaria a bordo do Air Force 2, especialmente contratado para a turnê, como encontraria milhares de militares e suas famílias durante a viagem. Embora já tivesse participado de encontros com fãs, nunca tinha sido nessa escala ou com essa intensidade.

Depois de chegarem em Rota, na Espanha, Meghan e o grupo da USO conheceram o USS *Ross*, um destroier equipado com mísseis Aegis. Então, eles se apresentaram diante de uma plateia de dois mil militares e suas famílias num hangar da base. Meghan, usando um capacete azul, posou com os soldados antes da apresentação. Ela sabia que ela, Kelly Pickler e Dianna Agron estavam passando adiante uma tradição honrosa, seguindo os passos de estrelas como Marilyn Monroe, Bob Hope e Jayne Mansfield, que entretiveram as tropas, oferecendo-lhes um gostinho de lar, um lembrete de por que as tropas estavam conduzindo seus trabalhos. Agora, as coisas eram um pouco diferentes. Havia mulheres no exército e famílias nas bases, então era "adeus, *cheesecake*" e "olá, simplicidade e diversão". No palco, ela fez um de seus números, falando um pouco sobre *Suits*, antes de exibir seu salto de

doze centímetros ao chamar Pickler e sua banda para tocarem o sucesso "Red High Heels".

O grupo da turnê da USO repetiu a performance em Vicenza, na Itália, para soldados da 173ª Brigada Aérea e para o US Army Africa, antes de ir para a base aérea em Incirlik, na Turquia. Embora a base estivesse a centenas de quilômetros das batalhas ocorrendo na vizinha Síria, a atmosfera era mais tensa e a segurança mais rígida. Meghan sorriu e tentou dizer mais do que "obrigado" enquanto distribuía *cupcakes* para centenas de soldados reunidos para assistir aos shows de Pickler e Jacobs, e a trupe faz vários esquetes de comédia.

Na manhã seguinte, os artistas da USO e seus "acompanhantes" reuniram-se na pista para dirigirem-se ao show mais desafiador, na base aérea de Bagram, no Afeganistão. Esse era o posto mais isolado, lar de 40 mil membros do exército e soldados. "Burocratas, administradores, especialistas em logística e milhares de empreiteiros civis da Força Internacional de Assistência para Segurança moram na base aérea de Bagram", disse o fotógrafo britânico Edmund Clark. "A menos que saia para fazer uma patrulha, sua vida se limita à base".

Rodeada por cercas e arames farpados, reforçadas com sacos de areia, com radares de penetração no solo usados para garantir que inimigos não usassem túneis para invadir a base de coalisão, Bagram era relativamente segura. Exceto pelos ocasionais foguetes talibãs que atravessavam as paredes.

Meghan e os colegas artistas juntaram-se aos militares para uma refeição antes de subirem ao palco. Meghan virou de costas para a plateia e tirou uma rápida *selfie* com os soldados uniformizados, depois começou seu discurso motivacional, "nunca quis ser uma donzela que almoça; sempre quis ser uma mulher que trabalha…".

Mais uma vez, *cupcakes* eram distribuídos, enquanto caças a jato e aviões de carga C-130 taxiavam do lado de fora. Meghan e os outros posaram com grupos de militares na frente de uma parede coberta por uma rede. Enquanto as celebridades desenhavam seus sorrisos treinados diante das

câmeras, as tropas mal conseguiam sorrir com o canto da boca. Ao contrário das estrelas que vieram fazer uma visita de alguns dias, eles teriam muitos meses pela frente, nesse tédio entorpecente intercalado por explosões de ação frenética que podiam acontecer a qualquer instante. Foi uma interação comovente.

A última parada deles em Cambridge, Inglaterra, seria uma ótima maneira para descontrair. Antes da apresentação final, os pilotos da base ofereceram à trupe da USO um passeio para que conhecessem os equipamentos militares no comando, inclusive o F-15E Strike Eagles e o CV-22 Ospreys, um híbrido de helicóptero e avião. Meghan passou o tempo conversando com as famílias, dando atenção especial às crianças. Naquele fim de tarde, o casal Dempsey organizou uma reunião de agradecimento para os artistas da USO num *pub* em Cambridge, o The Anchor, com os artistas, por sua vez, agradecendo calorosamente os Dempsey e a USO pelo privilégio de poder entreter as tropas. Antes do fim da noite, o presidente da Junta de Chefes do Estado-Maior fez uma serenata para o grupo. "Podíamos ter feito com que ele se apresentasse em Bagram!", alguém brincou.

Aquela foi a primeira e última turnê da USO da qual Meghan participou. Ela expressou seus sentimentos em uma postagem no Instagram, onde ela mostrou uma foto da turnê com uma legenda sincera: "Sentindo gratidão pelas nossas tropas, e pela oportunidade de agradecê-los pessoalmente pelo sacrifício e dedicação. Sinto-me honrada e muito, muito abençoada".

8.

Os Dois Lados da Moeda

O PASSAPORTE ESTAVA EM MÃOS. Conferido. A bolsa de remédios homeopáticos. Conferido. As vacinas, incluindo hepatite A e B, febre tifoide, raiva e tétano, todas atualizadas. Conferido. Repelente de insetos superforte. Conferido. Uma mala com camisetas leves de manga comprida. Conferido. Meghan estava pronta para uma jornada bastante madura, embarcar em sua primeira missão de reconhecimento em nome das Nações Unidas. Embora sua visita a Ruanda, no coração da África, fosse focada em questões relacionadas à igualdade de gênero, também era uma chance para os funcionários das Nações Unidas testarem a estrela de *Suits*, para ver se ela era capaz ou se estava disposta a se comprometer como uma embaixadora da boa vontade pela organização internacional. Uma funcionária da ONU ressaltou que o envolvimento de Meghan como defensora da igualdade de gênero estava no nível de uma colaboração informal.

No início de janeiro de 2015, quando ela pousou em Kigali, capital da Ruanda, a primeira parada seria para conhecer e ser apresentada às mulheres do país, integrantes do parlamento. Quase uma semana de reuniões havia sido agendada para discutir o papel das mulheres na democracia da nação e os desafios a serem enfrentados por Ruanda para que pudesse avançar nessas questões. Constatava-se reiteradamente que só quando as mulheres fossem tratadas igualmente, em casa, nas escolas e no

trabalho, eles poderiam gozar de vidas ricas e plenas e seriam capazes de trazer retornos à comunidade. A sub-representação de mulheres nos altos cargos, uma característica não só de países em desenvolvimento, mas em todo o mundo, era uma questão que sempre a preocupava. Na ocasião, a ONU estava comemorando o fato de que Ruanda foi o primeiro, e na época era o único, país a ter maioria feminina no parlamento da nação, com quase dois terços dos assentos ocupados por mulheres.

Era um grande passo adiante, Meghan chegando a elogiar o presidente de Ruanda, Paul Kagame. "Precisamos de mais homens como esse", disse ela.

Apesar de Kagame ter seus críticos, essa era uma reviravolta notável para um país que, apenas vinte anos antes, sofrera com um triste genocídio. Os números eram chocantes, com aproximadamente um milhão de pessoas mortas, a maioria brutalmente atacada com machadinhas, e dois milhões de desalojados em campos de refugiados. Meghan viajou para ver o outro lado de Ruanda com os próprios olhos, então a atriz e a equipe da ONU viajaram de *van* até o campo de refugiados de Gihembe, onde havia um imenso conjunto de barracas armadas nas encostas verdejantes que serviam de lar para 17 mil pessoas, que haviam fugido da violência e da devastação da guerra na vizinha República Democrática do Congo. Ela queria conversar com as mulheres das classes mais pobres, descobrir como elas lidavam com uma vida que deveria ser temporária, mas tornara-se permanente. Inevitavelmente, toda visita feita por uma celebridade, mesmo que a população local não tenha ideia de quem seja, atrai multidões. Então, Meghan posou alegremente com dezenas de crianças curiosas e empolgadas.

No caminho de volta pela estrada esburacada, passando por caprinos pastando e campos verdejantes, ela verificou seus e-mails ao acaso, impressionada que o sinal estava melhor ali do que em certas partes de Toronto e Los Angeles. Enquanto sacolejava no veículo, soube que tinha sido convidada para participar do BAFTA, o prêmio do cinema da Academia Britânica que acontece algumas semanas antes do Oscar.

Seus agentes lhe disseram que ela seria patrocinada por uma empresa de joias de luxo, levando-a num voo direto de Kigali a Londres, onde prepariam maquiagem e cabelo antes de colocá-la dentro de um vestido de gala. "Não", ela gritou por dentro. Participar do BAFTA sempre fora seu sonho, mas ela não suportaria o choque emocional tão drástico, de um trabalho com propósito que vinha fazendo a semana toda em Ruanda para o glamour exterior de uma premiação. Haveria outros BAFTAs, outros tapetes vermelhos. Mas, por ora, havia apenas Ruanda. Em outra oportunidade, ela escreveu: "Esse tipo de trabalho é o que alimenta minha alma".

É claro que ela não era a primeira, nem seria a última, celebridade a lutar para conciliar a superficialidade de beijinhos de Hollywood com a dura realidade da vida de tantos no mundo em desenvolvimento. A atriz Angelina Jolie, vencedora do Oscar e enviada especial do ACNUR, é um exemplo vívido de uma estrela que lida com os dois lados da moeda. Quanto mais ela se envolvia com missões humanitárias, mais ela tinha que aprender a ligar e desligar. Da mesma forma como fazia ao interpretar uma personagem, só que na vida real.

Pouco depois de sua volta de Ruanda, Meghan estava dedicada à Semana de Moda de Nova York, em fevereiro. Ela estava lá, na primeira fila, assistindo às modelos na passarela no desfile de seu mentor na moda, Wes Gordon, mas ela também foi fotografada examinando a coleção estilosa de Misha Nonoo. O tema era o apelo fundamental de Meghan: o "empoderamento" feminino. Nonoo fez as modelos prepararem os próprios cabelos, puxando-os em rabos de cavalo com um mínimo de produtos e quantos grampos quisessem colocar. "Isso definia a proposta", entusiasmou-se Meghan.

Ela ainda estava delirando com a coleção, quando apareceu no programa de moda de Joe Zee na internet, no Yahoo! Style. Os dois voltaram alguns anos, desde que se conheceram em 2011, bebendo e falando bobagens até altas horas. O que Joe gostava em Meghan era seu posicionamento completamente anti-Hollywood; ela gostava mais de pessoas do que de si mesma.



Em meio ao brilho e glamour, continuou sua atuação pela ONU Mulheres, indo participar de reuniões posteriores no Banco Mundial e na Fundação Clinton, aprendendo mais sobre os fatos e os números do desequilíbrio de gênero no mundo em desenvolvimento e, aliás, em seu próprio país. Embora sempre tivera um lado atencioso, ultimamente seus amigos notavam que ela parecia mais ponderada, mais equilibrada e mais agradecida, em grande parte pela oportunidade que tinha de fazer a diferença. Nos tempos em que pelejava para conseguir um lugar ao sol na escada do sucesso, seu tempo era gasto não com causas, mas com intermináveis audições, apenas para conseguir se sustentar. Tais ambições, aparentemente, foram deixadas de lado quando ela se graduou na Northwestern. Mas, agora, o sucesso como atriz combinado com sua representatividade no The Tig abriram as portas e trouxeram de volta as memórias da garotinha que escrevera cartas de reclamação sobre propagandas sexistas e uma jovem que almejava um emprego no Departamento de Estado.

Ela viajou a Londres para dar apoio a Emma Watson na iniciativa HeForShe, momento em que a atriz de Harry Potter fez uma transmissão ao vivo pelo Facebook para engajar seus fãs na campanha. Então, agora era a vez de Meghan assumir um papel central diante de uma amigável e inspiradora plateia. Meghan respirou fundo e se concentrou. Ela estava prestes a atingir um marco pessoal. A mãe e os amigos dela estavam lá para lhe dar apoio na frente de luminares globais, como o Secretário Geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon, a Diretora Executiva da ONU Mulheres, Phumzile Mlambo-Ngcuka, a atriz Patricia Arquette, e sua própria mentora na ONU, Elizabeth Nyamayaro, assim como Hillary Clinton. (Ironicamente, no mesmo dia, Clinton ofuscou a aparição de Meghan com seus comentários sobre o uso controverso de um servidor de e-mail pessoal durante seu mandato como Secretária de Estado.)

No dia 10 de março, um dia que ficaria para sempre em sua memória, Meghan estava prestes a falar diante das Nações Unidas como a mais nova designada Embaixadora por Liderança e Participação Política da ONU Mulheres.

Compreensivelmente, a voz de Meghan soou um pouco mais aguda quando a atriz, geralmente tranquila, abriu seu discurso: "Sinto-me orgulhosa por ser mulher e feminista, e, esta noite, estou extremamente orgulhosa de estar diante dos senhores neste dia tão importante, que serve como lembrete para todos nós de que chegamos muito longe, mas, também, em meio às celebrações, um lembrete da estrada a percorrer…".

Ela contou suas vivências nas manifestações em Los Angeles, em sua sala de aula, sobre o detergente Ivory e dos garotos chauvinistas em sua escola; de como ela escreveu para a Procter & Gamble, para a advogada de direitos das mulheres Gloria Allred, para a jornalista Linda Ellerbee e para Hillary Clinton. A futura presidenciável sorriu ao ser citada. Meghan falou de maneira inspiradora sobre como sua carta foi importante e como ela se sentiu por ter ajudado, ainda que discretamente, a fazer a diferença.

Ela apontou para a fraca representação de mulheres nos parlamentos do mundo, citando dados e mostrando que o número de mulheres legisladoras crescera apenas 11% desde 1995. "Onze por cento em vinte anos. Qual é? Isso tem de mudar", disse ela, seguida de aplausos.

Quando Meghan concluiu, o Secretário Geral da ONU, Ban Ki-moon, liderou os aplausos de pé. Foi uma honra e tanto, e que teria grande repercussão, pois seu discurso foi reproduzido em numerosas salas de aula ao redor da América e do mundo, inspirando e provocando uma nova geração de jovens mulheres a fazer a diferença.

"Meghan Markle ajudou a chamar a atenção do mundo inteiro para questões de igualdade de gênero", disse uma porta-voz da ONU Mulheres. "A ONU Mulheres confia e torce para que ela, em seu novo e importante papel público, continue a usar sua visibilidade e voz para dar apoio à promoção da igualdade de gênero".

Ela parecia ter tudo e mais um pouco; era jovem, militante articulada com um site moderno e de bom gosto, além de uma carreira bem-sucedida na TV. Curiosamente, o discurso dela para a ONU Mulheres parecia ser sua grande conquista no envolvimento com a organização internacional. Depois que ela foi designada oficialmente como embaixadora, parece que seu trabalho de caridade em nome da ONU decaiu consideravelmente.

Não obstante, os convites para representar questões que lhe eram caras ou discuti-las em programas de bate-papo começaram a surgir com toda força. Portanto, nada mais natural que ela fosse solicitada para apresentar o almoço do Women in Cable Telecommunications 2015. Maria E. Brennan, diretora executiva da WICT, explicou a escolha, dizendo: "Meghan é um exemplo brilhante de alguém que não só interpreta uma personagem feminina de força, mas também o é na vida real".

O apresentador de *talk show* Larry King convidou-a novamente para o seu programa – antes ela participara para falar de *Suits*, com Patrick J. Adams – para debater sobre seu papel como defensora dos direitos das mulheres. Meghan provava sua habilidade diplomática, desviando-se com maestria da pergunta de Larry King sobre qual país tinha o pior registro sobre igualdade de gênero, dizendo que temos que levar em conta o contexto cultural.

Acompanhando seu trabalho humanitário vinham as indubitáveis vantagens de ser uma estrela da TV. Como seu status de celebridade cresceu, também aumentou seu cachê. Ela descobriu que poderia cobrar uma taxa só por aparecer. Intensificando essas oportunidades para ela, estava a Kruger Cowne, uma agência de relações públicas, *branding* e internet, com matriz em Chelsea, no centro de Londres, e escritórios em Santa Monica.

A agência, fundada em 1999, representa um grande leque de celebridades, como o chefão da Virgin, Richard Branson, Cher e *Sir* Bob Geldof, assim como obras beneficentes, como a One Young World, que Meghan representava. A linha de tratamentos de pele Clarins e a poeta paquistanesa Fatima Bhutto também eram clientes que tinham seus nomes

frequentemente mencionados pela atriz. O cachê de Meghan? Vinte mil dólares ou mais por aparição.

A jovem entrara em um mundo dourado de glórias, chegando a escrever sobre a rápida transição em seu cotidiano no blogue anônimo *Working Actress*. "Trabalho longas horas, viajo patrocinada pela imprensa, minha mente memoriza. Minha mente gira. Meus dias ficam nebulosos. Minhas noites são agitadas. Meu cabelo está aprumado, meu rosto está pintado, meu nome é reconhecido, meu estrelato está crescendo, minha vida está mudando".

Em março, pouco antes do discurso nas Nações Unidas, ela se viu na ilha de Malta, no Mediterrâneo. A visita, patrocinada pela revista *Elle*, era uma chance para descobrir um pouco sobre suas raízes – e para desfrutar um pouco da culinária da região, quase sempre negligenciada. Malta tinha um lugar reservado em seu coração; sua tataravó por parte de pai, Mary Merrill, filha de Mary Bird, antiga governanta da família real britânica, e de um soldado britânico, nascera ali, e ela estava ansiosa para saber mais.

Ela foi de balsa até a pequena ilha de Gozo, provou o famoso queijo Gbejna (usado em deliciosos folheados recheados), em seguida, após voltar para a ilha principal, explorou a Casa Rocca Piccola, em Valletta, e foi ver as pinturas de Caravaggio na Catedral de São João. Durante a estadia de uma semana, ela se apaixonou pela culinária maltesa. Meghan mergulhou nas lições de gastronomia da *chef* Pippa Mattei, equivalente à Martha Stewart de Malta, em sua casa em Attard. Dado que Meghan gostava de enfatizar esse lado garota californiana, conectada com a culinária da horta para a mesa, então ali ela teve a oportunidade de conhecer a versão maltesa. Mattei levou-a para comprar produtos na feira e ao mercado de peixes local, depois ensinou-lhe como preparar massas e pastéis caseiros, seguido de uma refeição no jardim de Mattei.

Para a garota que deu o nome The Tig em homenagem à bebida favorita, uma visita a Malta não seria completa sem uma degustação de vinhos. Por isso, a atriz visitou a vinícola Meridiana para uma tarde de lazer, explorando

tintos frutados e brancos saborosos. Como os vinhos malteses raramente chegam, quando chegam, às terras americanas, essa foi uma experiência única. Ela não chegou a descobrir muito mais sobre seus antepassados malteses – mas, pelo menos, suas papilas gustativas terão o que lembrar da viagem.

A visita dela a Malta foi uma turnê solitária, apesar de seu namorado *chef* ter a culinária local como uma de suas inspirações. Como Meghan, ele andava bastante ocupado, prestes a começar um novo empreendimento, o FLOCK Rotisserie and Greens, um restaurante especializado em frango assado e salada. O *chef* admitiu que vinha testando um bocado de receitas de frango assado com Meghan, e Cory trabalhava virtualmente 24 horas por dia, comandando três restaurantes.

O rapaz também estava na frente das câmeras, gravando episódios de *Chef in Your Ear*, para a Food Network Canada, que ficaram prontos para exibição em dezembro de 2014. Arrancando uma folha da cartilha de filantropia de Meghan, ele se ofereceu como voluntário para o Kids Cook to Care, um programa para jovens que aprendiam a fazer refeições caseiras com *chefs* celebridades. A ideia era despertar a compreensão de técnicas culinárias adequadas e a importância de servir a comunidade.

Em virtude de seus compromissos no restaurante e nas filmagens, ele não pôde se juntar a Meghan na aventura exótica seguinte – Istambul, destino que ela, junto com o ator Eddie Redmayne, Jamie Dornan de *Cinquenta Tons de Cinza* e a cantora Paloma Faith, aceitou ir para comemorar a abertura da mais recente filial do Soho House.

Era mais um interlúdio glamouroso no ano mais ocupado e mais bem-sucedido até a data. A grande visibilidade por conta de seu discurso na ONU foi acompanhada por um convite para tornar-se o rosto de uma das varejistas mais antigas e respeitadas do Canadá, a Reitmans. E mais, a rede de lojas de noventa anos queria que ela colaborasse com sua própria linha de roupas. Seu rosto não só estaria em cartazes e na TV de todo o Canadá, como ela iria influenciar a maneira de vestir das mulheres.

Foi uma oportunidade maravilhosa, apesar de que, ao comentar a proposta para amigos mais experientes, eles desdenharam da ideia de envolver-se com uma marca varejista tão antiquada. "Ah, era onde minha mãe comprava suas calças jeans nos anos 1980", todos falavam. Meghan não estava tão certa disso. Pelo fato de ser americana, ela não teve a mesma reação instantânea quanto à respeitável loja como seus amigos canadenses. Nas reuniões com os executivos da loja, Meghan trouxe um olhar de renovação. "Há peças tão legais por aqui que, se forem renovadas, ficarei feliz em fazer parte do empreendimento", ela disse à colunista de moda Jeanne Beker. Eles planejaram uma campanha promocional estrelando Meghan usando as roupas mais acinturadas, elegantes e modernas da Reitmans. Num comercial, Meghan é filmada entrando em um restaurante elegante no qual duas senhoras almoçando avidamente olham de soslaio para a estrela da TV. Uma exclama, "Quanto estilo", enquanto a outra pergunta o que ela está vestindo. Então, elas tentam se esgueirar por cima do encosto para ver melhor a etiqueta de sua blusa. Pegando-as no ato, Meghan sorri e diz: "Queridas senhoras, é da Reitmans". Outra propaganda mostrava Meghan como uma mulher de negócios, com saltos altos finíssimos e jeans apertado, falando ao celular enquanto caminha rapidamente pela rua. Conforme a câmera a acompanha, ela vê sua imagem na vitrine da loja. Seu belo *alter ego* do reflexo se arruma e rebola para a câmera antes de mandar um beijo para sua outra metade. Deixa para o *slogan* da marca: "Reitmans. Really." (algo como "Reitmans. De verdade.").

Ela não só era a embaixadora da marca: ela trabalhou duro numa coleção cápsula que seria lançada na primavera de 2016. Meghan estava empolgada, refletindo sobre o tempo em que era uma garotinha e como se sentava com a mãe em sua loja de roupas, A Change Of A Dress, em La Brea, Los Angeles. Naqueles tempos remotos, Doria levava a filha para depósitos de tecidos, por onde ela perambulava por entre os corredores de tecidos. Agora ela tinha a oportunidade de criar a própria coleção de moda. Meghan e a equipe de design rascunharam ideias, brincaram com amostras, examinaram os

zíperes e vestiram algumas peças de modelo. Como ela comentou depois: "Estou bastante envolvida com o processo de design, e tenho certeza que isso os deixa loucos. Mas como não poderia? Meu nome está na marca".

No primeiro desfile da Coleção Meghan Markle estavam quatro vestidos distintos: Soirée, Date Night, o vestido longo Sunset e "um vestido branco curto", o Terrace. Uma vez aprovados os designs, a atriz apenas cruzou os dedos das mãos e dos pés, ansiosa para que os fãs e o público em geral gostassem de seus esforços. Como ela escreveu em seu blogue: "Ralei com o pessoal do design e da estamparia, ofereci minhas ideias para tudo e cheguei a uma coleção limitada de peças que refletem facetas do meu estilo pessoal, e acho que vocês irão amar".

Todos os vestidos eram vendidos a menos de cem dólares, revelando a natureza econômica da criadora, que se vangloriava por só comprar peças das araras de liquidação. "Sempre fui daquelas de ficar vasculhando os cabides, tentando encontrar o melhor custo-benefício".

Óbvio, não era bem a verdade. Quando sua amiga estilista Misha Nonoo a convidou para acompanhá-la na premiação de 2015 do CFDA/Vogue Fashion Fund, em Nova York, no início de novembro, ela ficou animadíssima para vestir uma das peças da coleção dela. Era um vestido curto cinza metálico combinado com um profundo decote "V" de parar o trânsito, fazendo os fotógrafos brigarem por uma foto da estrela de TV.

Acima de tudo, a Srta. Markle, ou "Ms Markle" (em inglês, como estava gravado em sua bolsa), agora também era a personagem central de um romance de literatura feminina, *What Pretty Girls Are Made Of*, escrito por sua melhor amiga Lindsay Roth, que visitava tanto sua casa em Toronto que o quarto de visitas foi batizado de "Quarto da Lindsay". Roth precisou de cinco anos, e muitas taças de vinho, para criar esse livro jovial sobre as aventuras de sua heroína, Alison Kraft. Desde criança, Alison sonhava apenas em ser atriz. Pena que, depois de anos de audições, ela não teve a carreira estelar com que planejara. Após muita meditação, ela vai em busca de outros empregos e acaba trabalhando para um guru da maquiagem.

Claro, um retrato um pouco disfarçado de Meghan durante os anos de vacas magras na primeira década do século XXI. Lindsay tinha todo o material de pesquisa que precisava, não só dos lábios de Meghan, mas também pelo blogue *Working Actress*, escrito entre 2010 e 2012, sobre altos e baixos da vida para uma batalhadora aspirante a atriz, cuja autoria, hoje, é creditada a atriz de *Suits*. Meghan adorou o livro, postando efusivamente no Instagram para promover a obra. Naturalmente, ela estava na festa de lançamento, logo depois de ter levado a amiga para um jogo de hóquei no gelo. Lindsay, fazendo uma alusão ao título, além de colocar Meghan como a "pretty"[bela, em português] número 1 que a inspirou, também enviou uma cópia de seu divertido livro para Kate Middleton, no Palácio de Kensington, acompanhada de um cartão informando à duquesa que, na sua concepção, ela era a definição literal de "beleza".

Lindsay, depois, com muito orgulho, postou nas redes sociais o cartão de agradecimento formal do escritório da Duquesa de Cambridge. Nem por um segundo ela imaginou conhecer a futura rainha, no Castelo de Windsor, em virtude do casamento da melhor amiga com o Príncipe Harry. Se ela tivesse sugerido esse tema para o pessoal da editora, eles ririam na cara dela em seus escritórios em Nova York.

Na verdade, Meghan *estava* prestes a se casar, mas nem com o Príncipe Harry nem com o namorado Cory Vitiello. Estava previsto que ela caminhasse até o altar com o advogado durão Mike Ross, no clímax da quinta temporada de *Suits*. As filmagens estavam marcadas para 13 de novembro, antes da pausa de Natal do programa. Ao ler o roteiro, Meghan achou que, já que iria casar, pelo menos queria ter uma opinião quanto ao estilo do vestido de noiva. Como mais tarde disse à revista *Glamour*, ela contatou as figurinistas de *Suits*, Jolie Andreatta e sua amiga, a estilista especializada em casamentos Jessica Mulroney, em busca de inspiração. As três mulheres se encontraram na filial de Toronto da Kleinfeld's, uma loja de noivas fundada em Nova York. O magazine, que conta com quase três mil metros quadrados de roupas de noiva em Manhattan, e tem até um

programa na TV, *Say Yes to the Dress*, possui um *outlet* bem menor no The Bay, no Canadá. "Preciso de alguma coisa que seja confortável e não enrugue; clássico e meio que de conto de fadas", explicou Meghan. Jessica conseguiu um vestido longo Anne Barge, com decote "V" e uma renda no rosto. Meghan experimentou. "Isso é a cara da Rachel!", ela exclamou.

"Precisamos do vestido em dois dias", disse Jolie. "Será que conseguimos?" No roteiro original, Mike e Rachel finalmente iriam se casar. No entanto, após o produtor Gabriel Macht e o criador da série Aaron Korsh revisarem o roteiro, decidiram que seria mais plausível se Mike fosse para a cadeia e dissesse à personagem de Meghan, uma soluçante Rachel Zane, que não poderia se casar com ela – pelo menos, não ainda. Esse foi o gancho deixado pelo último episódio da quinta temporada, que foi exibido em março de 2016.

Depois de filmar as cenas emotivas, Meghan pegou um voo para um lugar tanto ou mais frio que Toronto. A garota californiana foi para a Islândia ver a Aurora Boreal, descobrindo no caminho a cidade dos Elfos, Álfabærinn, de onde ela não pôde resistir postar uma fotografia no Instagram. De uma pessoa que admitia não saber quase nada sobre o funcionamento das mídias sociais, Meghan agora era uma viciada, postando *selfies* fofas, fazendo comentários sarcásticos – suas resoluções de Ano Novo foram correr uma maratona, parar de roer as unhas, parar de xingar e reaprender francês – e ensaios inteligentes em suas contas cada vez maiores nas redes sociais.

Nos dezoito meses desde o lançamento, Meghan usava assiduamente o The Tig para promover o que achava ser importante e belo: uma fotografia charmosa de Doria no Dia das Mães, uma receita de massa de beterraba com *pesto* de rúcula, sugeria listas de leitura, sua imagem favorita do artista Gray Malin ou uma foto rápida dela mesma comendo um ouriço-do-mar cru enquanto estava nas águas quentes do Caribe. Meghan era incansável, diligente e disciplinada quanto a criar conteúdo diariamente. Ela trazia escritores convidados, como a guru das relações públicas Lucy Meadmore, para escrever sobre uma viagem para a Costa Rica; seu professor de yoga,

Duncan Parviainen; e a colega de *Suits*, Abigail Spencer. Contudo, havia sérias implicações por trás disso tudo; em um ensaio intitulado "Campeões da Mudança", Meghan escreveu apaixonadamente sobre relações inter-raciais, recontando a história de família sobre o preconceito que sofreram durante uma viagem de carro de Ohio à Califórnia. "Lembra-me de como é jovem nosso país", ela disse aos leitores. Com essa mistura de sério e frívolo, pueril e durão, The Tig transmitia a sensação de uma revista luxuosa para mulheres, mas na voz distinta de Meghan. Como ela disse, "é uma válvula de escape dizer minhas próprias palavras e compartilhar todas essas coisas que acho inspiradoras e excitantes, mas também exequíveis". E estava rendendo uns trocados também. Por meio do *link* de compras virtuais e da promoção de marcas, como Birchbox, uma marca de caixas de beleza por assinatura, ela estava ganhando dinheiro com o projeto. "Nunca vou colocar anúncios", disse ela. "Ou vender uma vela por 100 dólares. Isso é detestável".

Havia momentos em que ela precisava lembrar a si mesma para não ceder à compulsão de fotografar e compartilhar cada detalhe da sua vida. Ela precisava se lembrar de curtir a vida real enquanto ela estava acontecendo. Como Warren Beatty, na época em que namorava Madonna, disse sobre a estrela, quando ela estava fazendo o documentário *Truth or Dare*, "ela não quer viver longe das câmeras, muito menos falar sem elas por perto". Ele fez esse comentário mordaz antes de as mídias sociais crescerem vertiginosamente. Porém Meghan é de uma geração que, se não tomar cuidado, definirá sua existência por meio de redes sociais.

Todavia, o mundo real continuava se intrometendo. Em fevereiro de 2016, a atriz voou até Kigali, em Ruanda, para realizar mais uma vez seu trabalho beneficente.

Antes de partir, ela comemorou o Dia dos Namorados, não com Cory, mas com amigos no West Village, em Nova York. Tornou-se um padrão estarem separados; por serem pessoas ambiciosas, nenhum dos dois estava disposto a conceder tempo – ou esforços – para nutrir um relacionamento profundo. Ele estava imerso em sua rede de restaurantes e na carreira televisiva de *chef*

celebridade; Meghan, em seu mundo como atriz, ativista humanitária e personalidade da moda. Na época em que Meghan embarcou para Kigali, ficou óbvio o futuro reservado para a relação de dois anos entre os dois.

Desta vez, a visita dela à África foi arranjada, não pelas Nações Unidas, mas pela World Vision Canada, uma obra de caridade humanitária cristã evangélica. A organização irmã, World Vision, com base nos Estados Unidos, foi parar nas manchetes dos jornais no ano anterior por conta de sua decisão de não contratar cristãos em casamentos de mesmo sexo. Foi uma posição política rapidamente repudiada pelo independente vizinho canadense. A declaração dos objetivos da missão beneficente diz: "Motivados pela nossa fé em Jesus Cristo, a World Vision serve os pobres e oprimidos para demonstrar o amor incondicional de Deus por todas as pessoas. A World Vision serve todas as pessoas, independentemente de religião, raça, etnia ou gênero".

A princípio, foi uma escolha estranha, principalmente porque Meghan vinha nadando contra a maré com as Nações Unidas Mulheres e não tinha nada em sua agenda com relação ao seu papel de embaixadora da ONU. No entanto, a World Vision Canada estava ávida para aproveitar a fama dela a fim de promover o trabalho deles no mundo em desenvolvimento, em especial, levando água potável para áreas rurais. Independentemente das dúvidas que ainda pudessem haver, ela aceitou o convite para conhecer o trabalho deles em Ruanda. Foi um encontro de mentes muito animado, lembra Lara Dewar, chefe de marketing da WVC. "Ela é incrivelmente acessível. Estava sempre muito aberta para uma conversa sobre qualquer causa que tocasse seu coração e sobre a qual ela quisesse aprender mais".

Para ela, essa visita seria muito diferente daquela viagem patrocinada pela ONU, onde encontrou-se com parlamentares mulheres e discutiu como poderiam promover melhor assuntos relacionados à mulher em uma nação especialmente rural. O passeio, desta vez, era um tipo muito mais tradicional de benevolência; Meghan chegou a assistir à conclusão de um poço em uma vila e, depois, ajudou a ligar o mecanismo que puxava a água

para a superfície. Enquanto isso, seu amigo, o fotógrafo Gabor Jurina, captava as cenas.

Embora sua visita não estivesse diretamente focada em igualdade de gênero, Meghan, rapidamente, compreendeu o conceito de que o acesso de uma comunidade à água potável mantém garotas na escola, porque elas não têm que caminhar horas por dia para encontrar água para suas famílias.

Mais tarde, depois de participar de uma aula de dança, ela visitou uma escola na região de Gasabo e se encontrou com vinte e cinco alunos cujo acesso a água limpa encanada, instalada pela World Vision Canada, transformou suas vidas. Ela se sentou com as crianças, enquanto elas pintavam aquarelas com a água retirada do poço, imagens criadas pelos dedos mergulhados em tinta projetando seus sonhos e planos futuros.

Quando ela voltou para Toronto, organizou uma venda de artes beneficente, usando a arte das crianças como base para aquilo que ela chamou de Projeto Aquarela (The Watercolour Project). A cerimônia, só para convidados, ocorrida em 22 de março na galeria LUMAS, no centro de Toronto, foi apresentada por Meghan e arrecadou mais de 15 mil dólares, suficiente para levar água potável para uma comunidade rural inteira. Aplaudida como a mais nova embaixadora da World Vision, ela contou à plateia de sessenta pessoas, que "acesso a água potável permite que mulheres invistam em seus próprios empreendimentos e na própria comunidade. Isso gera lideranças nas classes menos favorecidas e, claro, reforça a saúde e o bem-estar de crianças e adultos. Cada parte desse mecanismo está interconectada, e a água potável, essa fonte de vida única, é a chave para tudo isso".

Meghan, agora, era o rosto oficial da organização, pequenos vídeos em que ela aparece no site beneficente, na declaração financeira, no material promocional e no perfil *online* deles. Ao contrário das Nações Unidas, em que Meghan era uma das muitas celebridades trabalhando para promover questões importantes dentro da organização, aqui, Meghan era a figura principal dessa obra de caridade cristã, uma das maiores do Canadá.

Meghan girava e posava na frente do cenário branco enquanto o amigo Gabor Jurina tirava fotos sem parar. Vídeo também estava rolando, capturando cenas dos bastidores, enquanto Meghan modelava os quatro vestidos em sua primeira coleção cápsula para a Reitmans. Então, corria para casa para escrever textos sobre a coleção no The Tig.

Ela ficou entusiasmada com o longo inspirado em Los Angeles, vibrou com o tubinho preto no estilo Rachel Zane e se gabou do vestido branco chamativo com barra assimétrica. O vestido Date Night na cor grená fez Meghan sentir-se "moderninha e francesinha". No dia anterior ao lançamento da coleção, em 27 de abril, Meghan voou para Nova York para as filmagens da final do Fashion Fund, um evento patrocinado pela *Vogue* em que *designers* disputam patrocínio e financiamento para suas coleções. Ela estava se misturando e andando com luminares da moda, o protagonismo ideal para o lançamento da coleção. Meghan também viajava sozinha. Em uma notícia que não chocou nenhum de seus amigos, ela e Cory resolveram seguir seus próprios caminhos. Mesmo assim, a separação teve consequências, quando uma amiga de Meghan disse que ela se sentia triste, vulnerável e magoada com o rompimento. Embora houvesse suspeitas de que Cory estivesse saindo com outras mulheres, a raiz do problema era o simples fato de que nenhum dos lados estava preparado para qualquer compromisso maior.

Não importa. No dia seguinte, ela incorporou grande dose de coragem e desfrutou de uma taça de champanhe no evento de lançamento de sua primeira coleção de moda na loja principal da Reitman, em Toronto. Foi um sucesso imediato.

A coleção se esgotou praticamente em um dia. Morra de inveja, Kate Moss. Meghan estava exultante, principalmente porque a empresa ficou tão

animada com as vendas que sua segunda coleção cápsula, a ser lançada no outono de 2016, já estava fechada.

A atriz mal teve tempo de terminar sua taça de champanhe e já foi uma das celebridades convidadas para um almoço em homenagem a dez mulheres que mudaram o jogo antes dos vinte e cinco. Meghan, junto com atletas olímpicas e bem-sucedidas fundadoras de *startups*, foi designada como mentora para as finalistas no quinquagésimo nono aniversário do College Women of the Year. Meghan, agora uma veterana, foi questionada sobre os equívocos mais comuns cometidos pelas universitárias. "Você percebe que há tanta profundidade, há tantas inspirações incríveis, e que jovens mulheres estão pensando fora da caixa de um jeito que nunca vimos antes. É o maior sinal de que estamos em boas mãos, que nosso mundo vai ficar bem, e que essas são as mulheres que mudarão o jogo daqui para frente".

Porém, ela perdeu parte dessa confiança no futuro algumas semanas depois, quando concordou em aparecer no canal Comedy Central para participar de um painel de discussões no *The Nightly Show*, com Larry Wilmore.

Com a realização da eleição presidencial dali a apenas seis meses, e os candidatos republicanos caindo como moscas, Donal Trump parecia o favorito. Na noite em que ela apareceu, os incansáveis ataques do presidenciável à âncora Megyn Kelly da Fox News, chamando-a de "doente" e "superestimada", finalmente geraram reações por parte do canal com inclinações republicanas. Em uma declaração de apoio a Kelly, eles disseram: "Os ataques cáusticos de Donald Trump contra Megyn Kelly, e sua extrema e doentia obsessão por ela, estão aquém da dignidade de um candidato a presidente que quer ocupar o mais alto cargo da nação".

Wilmore perguntou aos convidados, "vocês acham que o momento favorável envolvendo o Sr. Trump poderia ser interrompido?". Meghan juntou-se à brincadeira com o apresentador e seus correspondentes, rindo sarcasticamente, "É uma boa hora para eu ir embora; filmamos *Suits* em

Toronto, e talvez eu fique por lá mesmo. Quer dizer, por favor, se estamos falando da realidade, pelo amor de Deus, é um divisor de águas em termos de como tocaremos o mundo daqui para frente".

Alguns minutos depois, ela pediu licença para fazer outros comentários: "Sim, claro que Trump é polêmico. Pense só nos votos femininos. Acho que foi em 2012, o Partido Republicano perdeu cerca de doze pontos de votos femininos. É um número grande". Ela continuou rotulando Trump de "misógino" e sugeriu que tinha ficado mais fácil votar em Hillary Clinton por causa da índole moral do homem com quem ela estava concorrendo. "Trump facilitou as coisas para que víssemos que não queremos o tipo de mundo que ele está pintando", ela argumentou.

Não demoraria até a sombra de Trump afetar sua vida de maneiras que ela jamais teria imaginado.

9.

Harry e Meghan: Feitos um Para o Outro

Às vezes, sincronia é tudo. Se Meghan Markle tivesse se encontrado com o rapaz diante dela, vestido casualmente e com a mão estendida para cumprimentá-la, alguns anos antes, ela teria sorrido, conversado com simpatia e superficialidade e seguido em frente. O Príncipe Harry não teria impressionado ela – exceto como história para contar às amigas.

Óbvio que ela teria reparado na barba e nos cabelos ruivos dele – seu pai, o meio-irmão e o ex-marido, Trevor Engelson, todos têm cabelos avermelhados –, e no fato de que sua altura de um metro e oitenta e seis centímetros é bastante semelhante à do pai, embora Harry seja mais magro e esbelto, com o andar elegante de um jovem acostumado à vida pública. Mas Meghan teria achado o Harry de antigamente difícil de lidar, quase um caso perdido.

Olhando para trás, Harry foi o primeiro a admitir que, durante os vinte e poucos anos, sua vida mergulhou em um "caos total", o príncipe lutando para dissipar a nuvem negra de sofrimento que envolvia sua vida desde o dia em que foi acordado em sua cama, em Balmoral, no verão de 1997, e lhe disseram que sua mão, Diana, Princesa de Gales, morrera em um acidente de carro.

Embora milhões de lágrimas tenham sido derramadas, enquanto pessoas ao redor do globo assistiam ao príncipe, na época com apenas doze anos,

caminhar por trás do caixão da mãe no funeral televisionado, só ele podia recolher os pedaços de sua vida. Às vezes, nem mesmo o irmão, Príncipe William, sóbrio, pragmático e sensato, era capaz de acessá-lo.

Sem uma mãe, sem uma influência estável e carinhosa em sua vida, Harry tornou-se um trem desgovernado. Ficou famoso por agir como um bêbado furioso, que saía cambaleando de clubes noturnos de Londres, pronto para brigar com algum dos detestáveis *paparazzi* que seguiam cada passo dado por ele. Durante anos, ele foi cuidadosamente protegido por profissionais de relações públicas muito bem pagos, que suavizavam suas escapadas. Então quando, em fevereiro de 2004, Harry foi rotulado como "desgraça nacional" e um "jovem horroroso" pela influente colunista Carol Sarler, durante uma de suas travessuras noturnas, o diretor de comunicações do Príncipe Charles, Paddy Harverson, entrou em ação.

Harry pegou um avião para Lesoto e foi fotografado com um pequeno órfão chamado Mutsu Potsane, ocasião em que falou sobre seu profundo choque quanto ao impacto da AIDS no país. A viagem foi acompanhada por colaboradores reais que, prestativos, divulgaram uma carta que ele escreveu para pacientes de uma unidade hospitalar, que tratava de vítimas de estupro e violência. Era um exercício clássico de relações públicas, utilizando as evidentes qualidades pessoais de Harry – uma personalidade descontraída, decente e bem-humorada –, aliadas ao legado humanitário da mãe, a fim de projetar uma narrativa diferente sobre um jovem conhecido pelas baladas.

Durante muitos anos, esse foi o modelo seguido pelo príncipe, quaisquer indiscrições noturnas eram amplamente compensadas por seu trabalho beneficente e sua vida como soldado profissional, servindo por algum tempo no Afeganistão antes de fazer o treinamento para pilotar helicópteros Apache. No mundo do Príncipe Harry, sempre teve alguém para limpar sua barra. Quando ele se fantasiou com um uniforme nazista para uma festa particular com tema "colonos e nativos", pouco antes do Dia do Memorial ao Holocausto, em 2005, seus assessores aceitaram que foi uma "péssima escolha para a fantasia", mas insistiram que não houve qualquer maldade em

sua decisão. Da mesma forma, quando ele foi filmado se referindo a um colega cadete, em Sandhurst, como "nosso coleguinha 'Paki'", um apelido considerado ofensivo para se referir a alguém nascido no Paquistão; ou quando chamou, na mesma ocasião, outro cadete de "raghead" [cabeça de turbante, em português], termo pejorativo para árabes. Mais uma vez o RP Paddy Harverson veio resgatá-lo.

Se Meghan estivesse em sua vida na época, ela não teria ficado bem impressionada por seu racismo acidental. Nem os outros. "Ele era um jovem bastante perdido", disse-me uma ex-funcionária real. "Harry era profundamente perturbado, infeliz e imaturo, impregnado com visões tendenciosas e discretamente racistas de pessoas diferentes de sua classe e origem".

O possível fundo do poço do estilo de vida festeiro de Harry, provavelmente, tenha acontecido em 2012, quando ele foi fotografado farreando nu, em um quarto de hotel de Las Vegas, durante um jogo de "strip-sinuca" com um monte de estranhos, alguns dos quais pegaram seus telefones com câmeras e ajudaram a jogar na internet as palhaçadas que deixaram o mundo estarrecido. "Exército demais e nobreza de menos" foi sua reação arrependida.

Apesar do alvoroço, o príncipe manteve, a trancos e barrancos, o carinho do público, que simpatizava instintivamente com as dificuldades emocionais pelas quais ele e o irmão passaram em decorrência do divórcio atribulado dos pais e da morte repentina e prematura da mãe. A diferença entre eles era o temperamento mais centrado de William e, mais adiante, o apoio de uma esposa sensata e estável, que o ajudou a atravessar as noites escuras de sua alma. O irmão mais novo encontrou uma curiosa trégua de seus demônios e um senso de propósito durante o período no Exército. Ele não é o primeiro nem será o último jovem que encontrou direção e disciplina no âmbito militar.

Houve um episódio em particular que causou grande impacto no curso de sua vida. No fim da primeira missão em 2008, em um voo de volta do Afeganistão, ele viajou com o caixão de um soldado dinamarquês morto em

combate, que havia sido carregado a bordo por seus amigos, assim como três soldados britânicos, todos em coma induzido, que estavam sendo transportados com seus membros amputados envolvidos em plástico. Aquele voo o colocaria de volta aos trilhos que o levariam aos Invictus Games, ou Jogos Invictus.

"A maneira com que eu via serviço e sacrifício mudou para sempre", lembrou ele em seu discurso de abertura dos Jogos Invictus de 2017.

"Eu sabia que era minha responsabilidade usar a grande plataforma que tenho para ajudar o mundo a compreender e sentir-se inspirado pelo espírito daqueles que vestem esse uniforme".

A ideia do príncipe era combinar suas ligações reais, seu interesse de longa data nas forças armadas e sua paixão por causas humanitárias em um só evento. Os Jogos Invictus são uma festa internacional multiesportiva em que soldados, homens e mulheres, doentes, feridos ou mutilados em serviço, competem em diversos esportes, como remo *indoor* e basquete em cadeira de rodas. Em setembro de 2014, após um ano de planejamentos e reuniões, os primeiros jogos, que envolveram trezentos militares de todo o mundo, foram realizados em Londres. Os jogos foram um triunfo, e deram ao príncipe, que deixaria o Exército em 2015, novo foco e ímpeto. Ele estava plenamente comprometido em usar sua posição única para ajudar e encorajar aqueles que estiveram no pior lado das guerras modernas, veteranos que foram feridos e mutilados, mas que estavam preparados a continuar lutando, fosse no basquete ou numa quadra de tênis. Os Jogos Invictus foram a redenção de Harry. "Desde então, ele começou a se tornar o homem que é hoje", observa um ex-cortesão real. "Não foi um processo fácil. Ele ficou mais aberto e alguém que genuinamente se importa com questões sociais".

A experiência desencadeou alguma coisa em Harry, e ele, cada vez mais, ficava feliz em falar sobre suas esperanças e sonhos pessoais. As conversas dele, públicas e privadas, eram temperadas com o problema principesco de encontrar uma parceira, de sossegar e formar uma família. Estava claro que

ele havia chegado a uma encruzilhada na vida e que seus dias de plantar frutos ruins estavam chegando ao fim. Como o restante dos amigos dele estava sossegando e começando famílias, parecia que o Príncipe Harry corria o risco de se tornar o último homem solteiro. Ele viu o irmão desfrutando dos simples prazeres da vida em família e queria essa experiência para ele.

Em uma festa de aniversário, em fevereiro de 2016, ele contou à apresentadora de TV Denise van Outen, "Não estou namorando e, pela primeira vez na vida, quero encontrar uma esposa". Tornou-se um refrão familiar. Três meses depois, quando ele estava em Orlando, Flórida, para os Jogos Invictus, novamente trouxe à tona o assunto de amor e casamento durante uma entrevista com o *Sunday Times*. "No momento, meu foco está muito no trabalho, mas se alguém surgir na minha vida, será absolutamente fantástico. Não estou colocando trabalho na frente da ideia de casar e ter uma família. Só não tive muitas oportunidades de sair e conhecer outras pessoas".

A dificuldade de encontrar alguém "disposto a me aceitar" era um problema que o atormentava toda vez que conhecia uma garota nova. Estariam elas atraídas por sua personalidade ou por seu título? Como salientou um de seus amigos, "você precisa ser uma garota muito especial para querer ser uma princesa".

Enquanto acomodava a cabeça no encosto do assento para se preparar para o pouso no Aeroporto Heathrow, Meghan Markle também estava pensando em amor e casamento. A atriz estava voltando de um longo fim de semana na ilha grega de Hidra, que já foi lar de um lúgubre poeta e cantor, Leonard Cohen. Foram vários dias de vinho, salmonete, *homus* e incríveis aulas de yoga, enquanto Meghan, sua melhor amiga da faculdade, Lindsay Jill Roth, e as damas de honra de Lindsay discutiam vestidos de casamento,

véus, flores, o passado e o futuro. A relação de Meghan com o *chef* celebridade Cory Vitiello acabara recentemente, desidratada desde a raiz, já que as vidas de ambos se tornaram cada vez mais ocupadas, e Meghan gostava de passar algum tempo fora de Toronto e da casa em que moravam juntos.

Como dama de honra de Lindsay, que desde a saída da Northwestern havia embarcado numa carreira de produtora de TV e romancista, Meghan assumiu esse papel com bastante dedicação, organizando a despedida de solteira nessa linda ilha grega em vez de uma boate barulhenta qualquer. "Há algo de completamente catártico em poder se desligar de tudo – tomar banho de sol sem ninguém olhando, nadar, comer muito e brindar ao aqui e agora", ela escreveu em seu blogue, The Tig. As minifférias foram um sucesso, assim como foi antes o convite surpresa chamando Lindsay para Toronto, onde havia sido organizada uma prova de vestido de casamento na luxuosa loja de noivas Kleinfeld Hudson's Bay (local em que ela havia comprado o vestido de casamento de Rachel Zane) com a ajuda de outra grande amiga, Jessica Mulroney, que trabalhava como relações-públicas da loja de noivas. Lindsay, que estava casando com um estatístico britânico, acabou adorando um vestido de casamento da elegante estilista libanesa Zuhair Murad, que vestia boa parte da elite de Hollywood, incluindo Taylor Swift, Beyoncé e Katy Perry.

Tendo cumprido com suas tarefas como dama de honra impecável, Meghan chegou a Londres em busca de um pouco de autopromoção – e alguns dias divertidos para socializar.

Com mais de seis milhões de seguidores no Twitter, um programa matinal na TV e uma porção de amigos celebridades, o rei da mídia Piers Morgan era um bom chamariz para uma atriz promissora querendo ter o nome nas manchetes. Afinal de contas, a visita de uma semana dela a Londres era, principalmente, para promover a temporada vindoura de *Suits* e para impressionar nas quadras de Wimbledon, evento do qual participaria através de seu patrocinador, a Ralph Lauren.

Como os dois já eram amigos no Twitter, tendo desfrutado de algumas animadas conversas *online*, Meghan contatou Piers no dia 29 de junho enquanto estava sentada na arquibancada, assistindo a amiga e lenda do tênis, Serena Williams, em Wimbledon. Foi ela quem sugeriu que os dois se conhecessem. Eles combinaram um drinque no fim da tarde no *pub* local, o Scarsdale Tavern, em Kensington. Piers era um aficionado em *Suits*, mas essa seria a primeira vez que ele conheceria "Rachel Zane" em carne e osso. Ele lembrou no *Mail* online: "Cada centímetro dela era como uma estrela de Hollywood – muito esbelta, com pernas longas, muito elegante e absurdamente glamourosa". Ou como diriam, "um avião".

Enquanto ela tomava um Dirty Martini, eles conversaram sobre *Suits*, as origens dela, a época em que era a "garota da mala", sobre controle de armas nos Estados Unidos, sua paixão por caligrafia, direitos das mulheres e sua vontade de apresentar, ao menos uma vez, um programa de TV. Piers ficou lisonjeado e impressionado. "Fabulosa, acolhedora, divertida, inteligente e muito agradável", lembrou ele mais tarde. "Ela também parecia real; não uma daquelas atrizes cafonas tão comuns na Califórnia".

Às oito da noite, ela foi embora para um jantar no clube exclusivo para membros na Hertford Street, número 5, em meio a um turbilhão de mensagens de texto, explicando que ela estava solteira há pouco tempo, "fora de prática" com essa história de encontros e tentando fugir de homens "persistentes".

Será que Meghan estava deixando um príncipe da mídia para encontrar um de verdade? Embora Piers tivesse um histórico de cupido das celebridades – eu estava no almoço em que ele apresentou Paul McCartney a Heather Mills, com quem se casou depois –, pouco provável que uma mulher tão cautelosa com o social e sempre pronta para as câmeras como Meghan teria virado algumas doses de Martini antes de encontrar o neto da Rainha no clube exclusivo.

Profissionalmente, o motivo para a visita dela a Londres, a princípio, era promover a nova temporada de *Suits* e a grife Ralph Lauren. O grande dia dela seria em 30 de junho, portanto, ela precisava estar com os olhos bem abertos, o cabelo arrumado e pronta para outra tarde de sorrisos deslumbrantes – e uma ou outra taça de champanhe.

Sempre atenta com sua rede de amizades e contatos, Meghan estava na cola de Violet von Westenholz, uma executiva de RP da Ralph Lauren, que havia organizado o "*Suits Day*" e feito um trabalho de marketing com a imagem dela em nome da marca RL. "Não tem como adorar mais essa joia rara", escreveu uma efusiva Ms Markle a respeito de sua nova "*best friend*". Vale a pena destacar que Violet não era apenas uma especialista da moda com bons relacionamentos, mas seu pai, o Barão Piers von Westenholz, um *designer* de interiores de luxo, é amigo do Príncipe Charles, enquanto sua irmã, Victoria, já tinha sido vista como possível pretendente para o Príncipe Harry.

Por anos, Violet e Victoria acompanhavam os príncipes Charles, William e Harry em suas viagens anuais para esquiar na Suíça. Embora ela fosse modesta quanto a suas habilidades casamenteiras – "Deixo isso para os outros dizerem", disse ela ao *Daily Telegraph* –, parece que foi ela quem arranjou o famoso encontro às cegas entre Meghan e Harry, cronometrado para coincidir com o retorno dele de uma celebração em homenagem à Primeira Guerra Mundial na França.

Meghan sempre teve o cuidado de enfatizar que eles se conheceram em julho, insistindo que a revista *Vanity Fair*, que publicou um artigo encantador sobre ela, imprimisse uma errata, quando eles indicaram que o casal se conheceu em maio de 2016, em Toronto.

Se Violet tinha a influência real, então o amigo de Meghan, o canadense Markus Anderson, embaixador da Soho House, que havia acabado de voltar de umas férias em Madri com Meghan, tinha o poder para reservar um

salão privado no clube só para membros, para uma noite íntima longe de olhares curiosos.

O cenário estava feito, a flecha do Cupido no arco, os astros, como Harry disse durante a entrevista do noivado, estavam alinhados. Não que Meghan tivesse uma opinião formada sobre o homem que estava prestes a conhecer. Quando lhe perguntaram, durante um *quiz* na TV, se ela preferia William ou Harry, ela pareceu desconcertada, e o apresentador teve que encorajá-la a escolher o príncipe que ainda estava solteiro. Meghan, ao que parecia, preferia o ator Dennis Quaid, de qualquer forma.

Aparentemente, Harry tinha uma tarefa difícil pela frente. Dito isto, Meghan estava conhecendo um Harry muito diferente do jovem que fez das constantes visitas a bares sua profissão. No dia 1º de julho, ele tinha acabado de voltar da França, onde foi ao encontro do primeiro-ministro David Cameron, do Príncipe Charles, do Duque e da Duquesa de Cambridge e de outros dignitários em um evento para comemorar o centenário do começo da Batalha do Somme, o dia mais sangrento da história bélica britânica. Em uma vigília no fim da tarde pelos que morreram, Harry leu "Before Action", um poema escrito pelo Tenente W.N. Hodgson, que morreu em combate no primeiro dia da batalha. O evento foi um lembrete sombrio e emocionante da grandeza do dia. E Harry voltou com o ânimo mais sóbrio.

Meghan estava indo ao encontro de um adulto, um homem de foco e firmeza, com um senso de quem era e do que poderia alcançar. Ela perguntou às amigas, antes do encontro, se ele era um cara legal; a resposta estava em seus olhos azuis. Como dizem nos filmes, eles já se conquistaram no "oi". Imediatamente, ela foi sensível a ele, consciente de que esse era um homem que, por trás das brincadeiras e do falatório superficial, estava buscando um porto seguro. A pergunta que ela se fez após aquele primeiro encontro inebriante foi: será que ela poderia proporcionar essa segurança a ele – e tudo o que isso acarretava?

Eles ficaram hipnotizados um pelo outro, Harry fascinado por sua beleza, sofisticação e perspicácia. Enquanto Meghan via Harry como um homem,

não como um título de nobreza. Naquele sutil jogo de egos de um primeiro encontro, ele percebeu que, embora sua avó fosse a Rainha, Meghan fizera um discurso num fórum da ONU. Como ele confessou posteriormente, percebeu que precisava melhorar sua postura.

No fim da noite, eles se despediram e cada um foi para a sua casa. Ele, para o Nottingham Cottage, no Palácio de Kensington, ela, para um quarto no Dean Street Townhouse, no Soho. Os dois estavam com a cabeça a mil por hora. Enquanto revivia aquela noite crucial em sua mente, ela ficou se perguntando se não havia sido muito ansiosa ao aceitar o convite dele para que se encontrassem já no dia seguinte. Mantenha a classe, Ms Markle.

Como Harry confirmou tempos depois, o casal foi a encontros sucessivos, fazendo cada minuto valer a pena, pois ela precisava voltar para Toronto no dia 5 de julho para continuar a promover a nova temporada de *Suits*. A atriz, geralmente mais reservada, estava empolgada. Incapaz de conter os sentimentos, ela se entregou um pouco na conta do Instagram; em 3 de julho, ela postou uma imagem de dois docinhos em formato de coração com a simples mensagem: "Kiss me" (beije-me). Ao lado da fotografia, Meghan postou: "Corações de amor em Londres".

Até ela se surpreendeu consigo mesma. Quando Harry perguntou se ela estaria interessada em ir com ele, em agosto, a um safári de alguns dias – meras semanas após o primeiro encontro – ela se viu dizendo: "Sim, com certez". Agendas foram consultadas, dias foram combinados, planos foram feitos. Ela precisava se beliscar. Aqui estava ela, pronta para viajar meio mundo para passar cinco dias em uma barraca de acampamento no meio do nada, com um homem que ela havia encontrado duas vezes. Era um lado de si mesma que ela ainda estava descobrindo.

O último dia completo que teria em Londres, ela passou em Wimbledon, sentada na área VIP com a editora da *Vogue*, Anna Wintour, e a sobrinha dela. Enquanto assistia à amiga Serena Williams acabar com a russa Svetlana Kuznetsova, começou a chover. Meghan estava usando um simples, mas caríssimo, vestido de camurça preto da Ralph Lauren, então Anna, a eterna

"fashionista", ofereceu à atriz seu cardigã de lã para que a camurça não ficasse manchada pela água enquanto esperavam que o teto do local se fechasse. Quando a partida foi retomada, Anna pegou o cardigã de volta e Serena, facilmente, ganhou o jogo e foi para as quartas de final.

Embora estivesse nutrindo o maior segredo de sua vida, Meghan estava focada no jogo, levantando-se para aplaudir as incríveis jogadas da amiga. No entanto, os fotógrafos ao lado da quadra estavam mais concentrados em Anna Wintour, da *Vogue*, e em Pippa, irmã de Kate Middleton, do que em Meghan. Abaixo dela foi colocada a legenda "pessoa incidental" por uma agência fotográfica. Não por muito tempo.

"Devastada por estar deixando Londres", disse Meghan ao exército de seguidores do Instagram antes de embarcar para Toronto. Demoraria alguns meses para até os melhores amigos entenderem exatamente por que a partida tinha sido tão sofrida. Enquanto bebia uma taça de champanhe a bordo do avião, poderia analisar o curso absurdo que sua vida estava tomando. Mas não por muito tempo. Horas após o pouso, sua vida retomou o ritmo frenético. Mal teve tempo de brincar com seus cães, Bogart e Guy, pois precisava verificar com a equipe de estilistas da Reitmans como estava a vindoura coleção cápsula de inverno. Ela, depois, que mais parecia uma máquina de movimento perpétuo, já estava viajando novamente, voando para Nova York e Boston para continuar a turnê promocional de *Suits*.

Em Boston, ela posou para fotos e fez um vídeo para a revista *Good Housekeeping*, enquanto no *Today Show* da NBC ela abordou sua receita de Salada Caesar com frango grelhado e falou sobre os acontecimentos da nova temporada.

Durante a turnê publicitária, percebeu como sabia pouco sobre o país natal do namorado. No dia 12 de julho, ela fez parte de um *quiz* descontraído no canal Dave TV. Apesar do espírito esportivo, ela falhou em uma série de perguntas sobre o Reino Unido, ficando perplexa ao ser questionada sobre o significado da expressão "apples and pears" na rimada gíria londrina. (Resposta: escadas.)

Meghan também ficou maravilhada com os animais nacionais da Inglaterra, da Escócia e do País de Gales, reclamando: "Eu deveria saber isso?". Ela ressaltou que nem a operadora da câmera sabia que o leão era o animal nacional da Inglaterra. "Você não sabia disso", disse ela.

Ficou encantada ao descobrir que o animal nacional da Escócia é um unicórnio, dizendo: "Não! Sério? É um unicórnio! Vamos todos nos mudar para a Escócia". Quando soube que um dragão era o animal nacional do País de Gales, ela disse: "Você está falando sério? Um dragão! Leões, unicórnios e dragões, minha nossa".

No dia 4 de agosto, ela estava em Nova York para seu aniversário de trinta e cinco anos, ocasião em que ficou no hotel cinco estrelas St. Regis, no centro da cidade, preparando-se para o grande dia da amiga Lindsay. "Parabéns para a mais bondosa, generosa, incrivelmente inteligente e linda (por dentro e por fora) #damadehonra[4] que uma garota poderia ter!", Lindsay postou no Instagram. Curiosamente, em seu aniversário, um buquê de peônias, suas flores prediletas, foram entregues na suíte do hotel onde ela estava hospedada. Porventura, seria um presente principesco?

Decerto, alguma coisa estava acontecendo no coração de Meghan. "Estou sentindo uma alegria que não cabe em mim neste momento", ela escreveu no The Tig. "Tão grata e contente que só o que poderia desejar é mais do mesmo. Mais surpresas, mais aventuras".

E olha que não faltavam aventuras em sua vida. Em meados de agosto, depois do casamento de Roth, ela deixou para trás o elegante serviço do St. Regis, em Nova York, e voou para Roma, onde juntou-se à amiga Jessica Mulroney. Elas planejaram curtir *la dolce vita* com estilo, hospedando-se no igualmente luxuoso hotel Le Sirenuse, na Costa Amalfitana, na Itália.

Com uma vista de tirar o fôlego da Baía de Positano, foi difícil não sentir que estava na antessala para o paraíso. Como sempre, Meghan publicou cada detalhe de sua estadia de quatro dias, chegando a criar uma *hashtag* para o feriado: #MJxItaly. As duas passearam ao redor da piscina, caminharam pela praça do mercado e tiraram fotos do café da manhã com a legenda: "Eat

Pray Love" (Comer, Rezar e Amar). Meghan, que teria algumas semanas para avaliar o safári com o Príncipe Harry, deu uma indicação de seus sentimentos românticos quando ergueu um livro com capa de couro vermelha intitulado *Amore Eterno* (Amor Eterno), e o fotografou sob a luz da lua cheia. Foi-lhe dado, disse ela, por seus amigos como sinal de bons augúrios.

No fim de sua estadia, ela se despediu da amiga com um beijo e se preparou para o voo de treze horas até Joanesburgo. Jessica era uma das poucas amigas que conheciam o segredo do seu próximo destino.



Algumas sobrancelhas devem ter ficado erguidas dentro dos palácios reais, quando a notícia de que o Príncipe Harry estava levando mais uma namorada para um safári em Botswana se espalhou.

Aqueles que monitoram esse tipo de coisa, perceberiam que esse seria o sétimo feriado em Botswana, com a quarta mulher diferente, onde passaria algumas noites românticas sob as estrelas nesse refúgio no sul da África. Com certeza, o rapaz tinha estilo.

E ele não era o único príncipe do reino a mergulhar de cabeça nos prazeres do continente africano. Outro Harry, seu tio-avô, Duque de Gloucester, desfrutou de um romance ardente com a famosa (e casada) aviadora Beryl Markham durante uma visita ao Quênia, em 1928. O irmão mais velho do duque, o Príncipe de Gales, mais tarde e por pouco tempo Rei Edward VIII, levou sua amante, Lady Thelma Furness, para um safári enquanto o marido acampava ali perto. "Esse foi nosso Éden e estivemos sozinhos nele", ela escreveu, sôfrega. "Os braços dele ao meu redor eram a única realidade, suas palavras de amor, minha única ponte para a vida".

Parece haver alguma coisa nas vastas planícies, nos céus infinitos, na luta diária pela existência, que traz à tona o lado apaixonado e espiritual de um príncipe. O Príncipe Charles passou adiante seu apreço mais místico pelo

sul da África aos dois filhos. A mensagem dele a William e Harry foi que a exploração do mundo exterior permitia um engajamento mais profundo com o mundo interior, uma chance de buscar a verdade em seu entorno.

O guia particular de Charles era o filósofo sul-africano Laurens van der Post, e foi quem incentivou o futuro rei a encontrar paz na vasta e uniforme paisagem selvagem do Deserto do Kalahari. Durante uma visita, em março de 1987, Charles e van der Post viajaram ao deserto de Land Rover, dormiram sob toldos e bateram papo em volta de uma fogueira, ouvindo os sons do deserto, enquanto maravilhavam-se com o brilhante céu noturno. No terceiro dia, eles se depararam com uma manada de zebras que se estendia pelo horizonte. Era uma maravilha natural tão imponente e magnífica que Charles foi às lágrimas. Nenhum outro lugar do planeta oferece um lembrete tão vívido do inexorável ritmo da vida – e da morte – do que as planícies africanas.

Talvez, com esses pensamentos e reflexões em mente, o Príncipe Charles convidou o Príncipe Harry para se juntar a ele em uma visita de cinco dias para conhecer a África do Sul, a Suazilândia e o Lesoto. Foi apenas dois meses após a morte da mãe de Harry em um túnel parisiense. Harry ainda estava lutando para lidar com a perda e seu pai achou que um tempo longe da Inglaterra ajudaria no processo de luto.

Acompanhando Harry, que na época tinha treze anos, estava sua "mãe substituta", Tiggy Legge-Bourke, que foi a cuidadora oficial do garoto durante a separação dos pais; também foram seu amigo de escola Charlie Henderson e Mark Dyer, um ex-estribeiro para o Príncipe de Gales. Enquanto o pai de Harry embrenhava-se em compromissos oficiais, o jovem príncipe estava curtindo o primeiro safári na África do Sul. Era o começo de um amor que duraria o resto da vida.

Depois de fazer um *tour* por famosos campos de batalha, como Rorke's Drift, da notória guerra Zulu de 1879, o príncipe conheceu o primeiro presidente negro da África do Sul, Nelson Mandela, e as Spice Girls, que, na

época, estavam no auge de sua popularidade e tinham viajado para o país a fim de realizar um concerto beneficente.

Demorou seis anos para ele conseguir visitar novamente o lugar. Agora com dezenove anos, o príncipe passou dois meses das suas férias escolares no paupérrimo reino de Lesoto, um país incrustado no meio do continente, que estava sofrendo com uma das maiores taxas do mundo de infecção de HIV/AIDS. Inicialmente, foi visto por muitos como um exercício cínico de relações públicas para restaurar a reputação manchada do herdeiro real. Não foi nada disso, pelo menos para Harry. Movido pelo flagelo das crianças e com a clara memória da mãe em sua mente, Harry reuniu esforços com o herdeiro real do país, o Príncipe Seeiso, que também tinha perdido a mãe. Em 2006, eles organizaram o evento beneficente de Sentebale para ajudar as crianças acometidas pela AIDS, para que levassem vidas plenas e produtivas. A obra de caridade Sentebale – o nome significa "não me esqueça" – tornou-se muito popular e, graças ao envolvimento do príncipe, ficou tão conhecida além das fronteiras da nação que se expandiu para a vizinha Botswana. Desde então, Harry tem dado todo seu apoio a essas obras. Em 2008, ele chamou o irmão para fazer parte de uma viagem de motocicleta de mil milhas (cerca de um mil e seiscentos quilômetros) pelo Cabo Oriental da África do Sul para arrecadar fundos em prol da Sentebale e de outras obras beneficentes de apoio a crianças desfavorecidas. "Não é apenas um passeio pelo interior do país; esperamos dar uma direção para muitos", Harry disse à BBC, antes de eles partirem.

Além de suas visitas para ajudar projetos de conservação, obras de caridade para Sentebale e deveres oficiais, Harry fez da África seu destino de férias favorito – principalmente quando tentava impressionar uma namorada. Antes de Meghan, ele levou a apresentadora esportiva da TV Natalie Pinkham, a advogada zimbabuana Chelsy Davy e a atriz Cressida Bonas para safáris. Botswana era o destino predileto. Como sua biógrafa, Penny Junor, observou: "A África é o único lugar da Terra em que o Príncipe Harry pode ser ele mesmo. Ele descreve Botswana como seu 'segundo lar'. Ele não é um príncipe sob os céus africanos. Ele é apenas o Harry".

O problema com esses romances era que, assim que ele retornava ao Reino Unido, seu rótulo de "Sua Alteza Real" atravessava o caminho, e ficava difícil construir um comprometimento profundo e exequível. Os relacionamentos sérios anteriores de Harry com Chelsy Davy e Cressida Bonas afundaram porque elas não aguentaram estar na mira dos holofotes. Como primeira namorada séria de Harry, Chelsy suportou a indesejada atenção midiática por sete anos. Durante a relação instável deles que foi de 2004 a 2011, a loira briguenta era frequentemente descrita como o amor de sua vida.

Ela tornou-se parte do conjunto real, e foi convidada para os casamentos do Príncipe William com Kate Middleton e da filha da Princesa Anne, Zara Phillips, com o jogador de rúgbi Mike Tindall. A advogada principiante admitiu que achava difícil lidar com a pressão. "Era cheia de tudo – loucura, medo e desconforto", mais tarde ela revelou no lançamento de uma coleção de joias, em junho de 2016. "Era complicado ser perseguida por fotógrafos. Eu tentava ser uma pessoa normal e era horrível". Hoje em dia, ela desfruta de uma vida "calma" fazendo joias.

A atriz Cressida contou uma história semelhante. Ela colocou a carreira em segundo plano durante o romance de dois anos com o príncipe. Embora ficasse nervosa com os *paparazzi*, ela concordou em acompanhá-lo num evento beneficente público, na Arena Wembley, norte de Londres. Em uma conversa reveladora, disse que, como atriz, sentia estar sendo definida por um "homem famoso" em vez de pelo que ela própria havia conquistado durante a vida. "Sim, acho que é esse negócio de ser rotulada", reclamou ela, durante uma entrevista para o *Woman's Hour*, da Radio Four. "Principalmente neste país [Inglaterra], acho que as pessoas gostam de rapidamente colocá-la numa caixa ou deixá-la de escanteio".

Outras namoradas, como a modelo de *lingerie* Florence "Flee" Brudenell-Bruce, ex-namorada do campeão de Fórmula 1 Jenson Button, parecia gostar do holofote – mas não do olhar atento de Harry. Ele reclamou, do mesmo modo que outros príncipes através do tempo, do fato de que achava difícil encontrar uma parceira que quisesse ele por quem ele é. Como um de

seus amigos observou no *Sunday Times*: "Ele está sempre em estado de alerta, caso mulheres se atirem sobre ele para ficarem famosas. E, quase sempre, aquelas sinceras que o amam por quem ele é, não querem viver nesse aquário que é a família real pelos próximos cinquenta anos".

Mas, apesar dos obstáculos, não parece que o príncipe sofreu tanto assim, curtindo romances, confirmados ou suspeitos, com uma verdadeira galáxia de mulheres belas e bem-sucedidas. Entre elas, podemos citar as atrizes Sienna Miller e Margot Robbie, a apresentadora de TV Poppy James, a *socialite* brasileira Antonia Packard, e a modelo alemã Anastasia Guseva. A lista não acaba por aí. Apenas algumas semanas antes de conhecer Meghan, ele foi visto "dançando em ritmo quente" com um par de morenas e tomando todas no bar Jak's, no oeste de Londres. A despeito de as trapalhadas das manchetes terem sido domadas, sua maturidade recém-descoberta continua temperada com uma dose saudável de traquinagens.

10.

África dos Meus Sonhos

No mês de agosto, ao menos para o público e a mídia, Harry faria outra viagem à África. Havia uma viagem agendada para o príncipe passar várias semanas no Malawi para ajudar na proteção contra a caça predatória de elefantes antes de viajar para Botswana para trabalhar em medidas para salvar a população decrescente de rinocerontes. No ano anterior, ele havia feito parte de um movimento parecido na Namíbia. Além de seu trabalho beneficente, ele seria, no dia 6 de agosto, um dos convidados no casamento de seu primo George McCorquodale com Bianca Moore, em Netherwood, uma casa de festas para casamentos, em KwaZulu-Natal, África do Sul. Infelizmente, a ocasião social acabou obliterando seus bons trabalhos sociais, e o jornal *Sun* descreveu, segundo relatos, que o príncipe e seus amigos, "mamados", despiram um jovem primo durante uma festividade noturna regada a muito álcool, sob a manchete "Em grande farra, Harry arranca a roupa de convidado em casamento". Um dos baladeiros que o acompanharam disse: "Harry estava todo comportado durante o casamento, mas, depois, ele caiu na farra. Todos estavam rindo e se divertindo".

Farras e brincadeiras tolas à parte, Harry tinha algo mais significativo em mente. Mais para o fim do mês, após trabalhar com manadas de elefantes em Botswana, ele havia agendado para encontrar Meghan no Aeroporto de Joanesburgo, na África do Sul, para juntar-se a ela no voo para o Aeroporto

Maun, no norte de Botswana. A última escala da jornada foi um trajeto sacolejante ao longo de uma série de estradas de terra em um jipe velho com tração nas quatro rodas. Em um bloqueio na estrada, o casal teve que sair do veículo e caminhar sobre um tapete desinfetante, precaução para prevenir que doenças do mundo externo entrassem na vasta reserva de caça. Quando chegaram ao acampamento exclusivo conhecido como Meno a Kwena, ou "dentes de crocodilo", eles foram recepcionados por vistas de tirar o fôlego através das águas escuras do vizinho Rio Boteti, serpenteando ao longo do vale abaixo deles. Era um paraíso natural magnífico, com manadas de elefantes, zebras e antílopes refrescando-se nas águas. Um visitante despreparado jamais saberia que, por quase vinte anos, o rio esteve seco e só se recuperou em 2008, quando milhões de galões de água vieram do Delta de Okavango para enchê-lo, em virtude de uma variação nas placas tectônicas.

Situado entre o delta e a espetacular Reserva de Caça Kalahari Central, o acampamento possui nove tendas luxuosas, todas com banheiros equipados com aquecimento solar nos chuveiros.

É gerenciada pelo conservacionista David Dugmore, não apenas um velho amigo de Harry, mas também do irmão e do pai. Ele e o irmão Roger, que organiza safáris com jipes, foram convidados no casamento de William e Kate, em 2011. Na vanguarda das negociações no conflito entre vida selvagem e o setor pecuário, as visões de Dugmore ajudaram a formar o pensamento dos príncipes quanto à preservação ambiental. Ele tem um plano radical para fazer de Botswana o maior projeto de conservação do mundo, criando um parque transfronteiriço em que animais possam migrar livremente entre Okavango e o Kalahari.

Sem dúvida, ele discutiu sobre os últimos acontecimentos com o príncipe, enquanto ensinava algumas noções básicas de conservação à namorada americana de Harry.

No entanto, eles não percorreram milhares de quilômetros para aprender sobre preservação. Os dias e noites sob a tenda no meio do nada eram uma chance para se conhecerem melhor, sem quaisquer distrações. Isso

significou que, finalmente, a falante e efusiva Ms Markle manteve-se silenciosa em suas mídias sociais; a geralmente prolífica perita da internet desapareceu entre os dias 21 e 28 de agosto.

Jogando papo fora, Harry, que comentou sobre sua vontade de ser um guia de safári, estava em seu território, e, como conhecia bem a África, foi capaz de impressionar Meghan com seu conhecimento dos arbustos e da relação dinâmica entre as tribos indígenas e a flora e fauna nativas. Afinal de contas, como não amar um homem que passa seu tempo ocioso salvando elefantes e rinocerontes?

Embora Meghan já tivesse ido a Ruanda em nome da World Vision Canada, ela nunca tinha experimentado algo tão remoto e descomplicado. Tomar uma taça de um bom vinho tinto à beira da piscina em Le Sirenuse, em Positano, não se comparava com observar as vastas manadas andando pelas planícies, com um coquetel de fim de tarde nas mãos.

Quando o sol finalmente se pôs, depois de uma refeição de frango ou cozido de carne de caça, eles beberam debaixo da redoma cintilante de estrelas. E quando eles se recolheram, tiveram o sono embalado pelo chilreio do cortiçol-de-garganta-amarela e o uivo melancólico das zebras na margem do rio. No amanhecer, foram acordados pelo coro de pássaros, mais barulhentos que o de costume, já que era a temporada de acasalamento.

Durante os dias, o casal podia escolher entre passeios a pé ou safáris diurnos no Deserto do Kalahari. Ao longo das margens do rio, crocodilos são bem comuns, apesar de que visitantes com olhos mais clínicos consigam ver, de vez em quando, leões e guepardos. Após um safári poeirento, os dois puderam relaxar na piscina natural de frente para o rio – sem os crocodilos.

Foi lá, nesse idílio natural, que o casal fortaleceu o relacionamento, ficando claro para os dois que algo de especial estava acontecendo. Como Harry descreveu posteriormente: “Foi absolutamente incrível poder conhecê-la tão rápido quanto o fiz”.

Apesar das iminentes dificuldades de distância e agendas lotadas, no fim daqueles seis dias mágicos eles souberam que o romance que estava nascendo era muito precioso para ser desperdiçado. Como Meghan mais

tarde contou à BBC: "Acho que desde o começo, quando vimos que nos comprometeríamos um com o outro, soubemos que seria preciso investir tempo, energia e o que fosse para fazer dar certo".

Por sorte, eles tinham o exemplo da amiga de Meghan, a recém-casada Lindsay Roth, que conseguia equilibrar a produção executiva de *The Real Girl's Kitchen* para o Cooking Channel, em Nova York, enquanto se encontrava em Londres com Gavin Jordan, um financista da Ernst & Young. O relacionamento à distância deles prosperou e até terminou em casamento – assim como muitos outros casos no círculo de amizades de Harry.

No entanto, com o devido respeito aos amigos homens de Harry, nenhum deles estava na posição de um dos solteiros mais cobiçados do mundo. Harry aceitou o desafio – junto com tudo o que acarretaria em termos de fascinação da mídia e do público, com a sua vida. E, por mais complicado que possa ser um relacionamento à distância, eles tinham que considerar outras questões. Era fundamental para os dois que a relação fosse mantida em sigilo. Meghan e Harry precisavam que o romance deles fosse privado, pelo menos até decidirem, de verdade, se o relacionamento iria sobreviver a longo prazo – ou se era apenas uma febre de verão que não duraria os arrepios do inverno e das ausências inevitáveis.

Eles encararam obstáculos que não existem na maior parte das relações; Meghan precisava se perguntar se estava apaixonada pelo homem ou pelo cargo, e, caso amasse o homem, se ela conseguiria lidar com o cargo. Ela pode até ser uma atriz popular e estava acostumava em ser reconhecida em público, mas nada se comparava ao escrutínio que enfrentaria se escolhesse continuar ao lado de Harry. Namorados que eram celebridades medianas, como o chef Cory Vitiello, era uma coisa; outra coisa completamente diferente era um membro da realeza. Será que ela suportaria? E seus amigos e familiares?

Harry, por sua parte, havia se apaixonado por uma californiana, divorciada, birracial e (um pouco) mais velha que ele. O rapaz não precisava de nenhum lembrete do caos e do azedume causados pela última americana

a se casar com um membro da família real. Quando o Rei Edward VIII apaixonou-se por Wallis Simpson, a mulher duas vezes divorciada de Baltimore, preferiu abdicar do trono a desistir dela.

Muito depois de Edward VIII impor-se esse exílio, o divórcio ainda continuava um grande assunto proibido na família real. Nos anos 1950, a tia-avó de Harry, Princesa Margaret, irmã da Rainha, concordou, depois de muita pressão da Igreja e de políticos, abandonar a relação com outro divorciado, o cavalariço do finado rei, o capitão de grupo Peter Townsend. A vida dela nunca mais foi a mesma.

Óbvio, o pai dele, Príncipe Charles, casou com sua amante Camila Parker Bowles, em Windsor, em 2005, depois de um longo intervalo após a morte de Diana e de sua avó reprovadora, a Rainha Mãe, que morreu em 2002. Aquela união sinalizou um recuo permanente em relação ao posicionamento moral que a família real manteve durante o amargo período que antecedeu a abdicação.

Havia muita história para Meghan aprender e absorver. Muito mais do que dragões, unicórnios e leões! Embora ele fosse instintivamente protetor com relação a ela, Harry queria que Meghan compreendesse claramente em que ela estava se metendo para tomar as próprias decisões. Esperançosamente, esperava que fosse ao seu lado. Ele era o postulante mais ansioso dos dois, pois estava preocupado que o preço da fama pudesse interferir em sua felicidade futura. Tal qual a subida para mergulhar na gelada piscina do acampamento Meno a Kweno, era melhor que ele a apresentasse ao seu mundo, como dizem os ingleses, "pole, pole" (pouco a pouco).

O truque estava no planejamento e na sincronia. Muitos casais com relações à distância põem em prática a regra de sobrevivência dos vinte e um dias – para garantir que eles se encontrem, no mínimo, a cada três semanas. Harry e Meghan conseguiam a cada catorze dias. *Jet lag* – não os *paparazzi* – tornou-se o pior inimigo deles. Meghan, quase sempre, chegava a Toronto e ia direto para o estúdio de *Suits* começar a gravar. Como ela lembrou depois, na entrevista do noivado do casal: "Acho que tivemos bastante tempo para

nos conhecer, sem nunca passar mais que duas semanas sem nos vermos, mesmo havendo uma enorme distância… nós fizemos dar certo".

Quando eles comparavam as agendas antes de seguirem para suas casas, ficou claro que, na verdade, Meghan era a mais ocupada dos dois naquele outono, com seus compromissos de gravação, promovendo sua nova coleção de moda pela Reitmans, seu blogue e seus trabalhos humanitários. Mesmo antes de Harry entrar em sua vida, ela sempre ficava acordada até altas horas, vasculhando a internet em busca de inspiração para o The Tig. Agora ela ficaria ainda mais sobrecarregada.

Quando retornou a Londres, Harry logo voltou para sua rotina real. Após comemorar seu aniversário de trinta e dois anos, em 15 de setembro, na propriedade da Rainha, em Balmoral, nas Terras Altas da Escócia, ele compareceu a eventos em Aberdeen pelo Fundo Memorial de Diana, Princesa de Gales, obra beneficente criada em nome de sua mãe que reconhece jovens que fizeram a diferença em suas comunidades.

Enquanto isso, no último fim de semana de setembro, Meghan viajou a Ottawa, capital canadense, para comparecer à segunda Cúpula da One Young World. A organização sem fins lucrativos tinha o apoio irrestrito de Meghan: "Eles são comissários que se manifestam contra violações aos direitos humanos, crises ambientais, problemas de igualdade de gênero, discriminação e injustiça. Eles são a mudança". Meghan, que já tinha falado na conferência de Dublin, em 2014, juntou-se a outras figuras inspiradoras, com destaque para Mary Robinson, a ex-presidente da Irlanda, o primeiro-ministro canadense Justin Trudeau, assim como a atriz Emma Watson, e os colegas clientes da agência Kruger Cowne, incluindo o ex-secretário geral da ONU Kofi Annan, a poeta e ativista Fatima Bhutto, e a cantora Cher. Comprovando a posição que tinha alcançado, o fotógrafo da *Vanity Fair*, Jason Schmidt, pediu que ela posasse ao lado de Mary Robinson, Fatima Bhutto e a ativista saudita Loujain al-Hathloul, com o prédio do Parlamento de Ottawa ao fundo.

Dentro do centro de conferências, Meghan, falando sem anotações, discursou para um fórum de igualdade das mulheres sobre a vez que confrontou o criador da série *Suits* com relação ao fato de que os roteiristas estavam colocando muitas cenas que se iniciavam com a personagem dela, Rachel Zane, surgindo nua do chuveiro, apenas envolta na toalha. Isso era sexista, isso era desnecessário, isso acabou. A reclamação dela veio anos antes da rebelião a respeito de como as mulheres eram tratadas em Hollywood, sob a égide do escândalo com Harvey Weinstein, e a subsequente campanha #MeToo. Mesmo com todas as suas dificuldades profissionais, Meghan admitiu ter se sentido pequena, nervosa e comovida diante da ativista Luwam Estifanos, ao abrir a apresentação dela. Luwan, bravamente, escapou de uma vida de escravidão na Eritreia, e agora luta para acabar com a prática, que tem aval governamental, em seu país de origem.

A exposição de Meghan na conferência foi um lembrete a Harry, se é que ainda era preciso, de que estava namorando uma mulher muito especial. Mulher para casar, como dizem.

Ela chegou a Londres pouco depois para reencontrar o príncipe. Como a palavra de ordem era privacidade, eles ficaram na modesta casa dele, dentro da propriedade real do Palácio de Kensington. Mais bem lembrado hoje como o lugar em que milhares de pessoas deixaram flores no verão de 1997 em memória de Diana, Princesa de Gales, o Palácio é talvez o lugarejo mais exclusivo do Reino Unido, lar de diversos membros da realeza, incluindo o Duque e a Duquesa de Cambridge com seus filhos, cortesãos e empregados. Como qualquer outro lugarejo, ele se alimenta de fofocas e rumores, mas, na maioria das vezes, o que acontece dentro do Palácio de Kensington fica no Palácio de Kensington.

Se Meghan esperava dormir num palácio, deve ter ficado muito decepcionada; a casa de Harry, o Nottingham Cottage, era menor que o apartamento dela em Toronto – e com o teto mais baixo. Havia sido o lar do Príncipe William e de Kate, enquanto o espaçoso apartamento 1A da Clock

Court, antiga residência da falecida Princesa Margaret, estava sendo reformado. Acolhedor e elegante, o chalé, conhecido como "Notts Cott" pelos residentes, ostenta dois quartos, dois banheiros, duas salas de estar e um pequeno jardim. No verão, tem-se a sensação de estar num vilarejo do interior da Inglaterra, o que porventura explique por que a primeira coisa que Harry fez ao mudar-se foi instalar uma rede de descanso no jardim.

Também tinha o privilégio de ser privado e seguro, sendo as saídas e entradas vigiadas vinte e quatro horas por dia pela guarda armada. Foi aqui, quando as agendas permitiam, que eles começaram a viver juntos, discretamente, secretamente e sem ninguém para atrapalhar. Meghan lembra-se: "Não acho que eu chamaria isso de um turbilhão em termos de relacionamento. Claro que houve fases relacionadas a como isso estava se tornando público depois de uns bons cinco ou seis meses com privacidade quase absoluta, o que foi incrível".

Felizmente, para Meghan, o palácio está também no centro de um grande parque, o que significava que a atriz podia fazer sua corrida – meditação em movimento, como ela chama – ao longo das avenidas arborizadas ou caminhar pela Kensington High Street para fazer compras. Sem dúvida, ela teria sentido um frenesi se soubesse que, quando ia ao Whole Foods, a rede de supermercados americana, que compartilhava o mesmo edifício de escritórios dos jornalistas do grupo de comunicações *Mail*, estava sendo secretamente vigiada pela segurança real.

O Palácio de Kensington era muito mais que uma casa diferente de sua própria casa. Era um choque cultural. Não só pela segurança, mas pelo modo utilitário de vida da realeza. Comida, por exemplo. Como regra, a família real come para viver em vez de viver para comer, tão atentos às suas dietas que conseguem manter a mesma forma e peso. "Malditos orgânicos", disse o Príncipe Philip ao *chef* do palácio Darren O'Grady, quando se deparou com uma cesta de produtos cultivados em casa pelo filho mais velho.

Na infância de Harry, um mimo era ele ser levado pela mãe ao McDonald's para comer um hambúrguer. Na maior parte da vida, ele foi criado à base de comida padronizada em seus internatos e, depois, durante a carreira militar, alimentado com o que estivesse disponível, principalmente quando estava servindo no Afeganistão. Ele foi criado em uma família em que, tradicionalmente, mesmo em ocasiões formais – quando os *chefs* do palácio preparam refeições com vários pratos – todos paravam de comer assim que a Rainha terminava. Quando ela apoiava os talheres na mesa, era sinal de que todos os pratos deveriam ser retirados. Com certeza uma receita díspar para uma digestão tranquila.

Apesar de cada membro da família real ter sua peculiaridade alimentar, nenhum parece gostar de cozinhar – embora o Príncipe Philip goste de um churrasco quando está em Balmoral. Meghan, contudo, vem da outra ponta da cadeira dos apreciadores da gastronomia; ela ama cozinhar, explorando novos alimentos e experimentando sabores diferentes. Durante os primeiros meses do romance, o blogue de Meghan, The Tig, entusiasmou-se com receitas de *fondue* de abóbora, brócolis apimentados no caldo de semente de cânhamo, peras cozidas em suco de laranja, biscoitos de cereais, e chocolate quente com vinho tinto. Como ela gosta de provar suas recomendações antes de postá-las, Harry deve ter funcionado como uma cobaia real.

Meghan também exaltava as virtudes de um "serviço de entrega de alimentos vegetarianos holísticos", com direito a embaixadores de marcas que fossem "especialistas, influenciadores e líderes do mundo saudável". Sábia foi a decisões de manter o Príncipe Philip longe disso tudo.

Como Meghan incentivava uma boa dose de aventuras culinárias, então ela transformou por completo o conteúdo da geladeira de Harry. Meghan nunca deixa sua casa sem ter *homus*, cenouras, suco verde, amêndoas e pudim de sementes de chia na geladeira. Quando a Califórnia enfrentou Kensington, a vitória só poderia acontecer para um lado nesse combate alimentar. Como um observador comentou: "Americanas gostam de mudar seus homens aos poucos".

No entanto, eles não eram prisioneiros do palácio. Como Harry, certamente, deve ter dito a si mesmo, se sua mãe pôde manter em segredo seu romance de longa data com o cirurgião cardíaco Hasnat Khan, então ele conseguiria fazer o mesmo com Meghan. O casal, discretamente, foi assistir ao musical *O Rei Leão* e visitou a Princesa Eugenie, filha da Duquesa de York, e seu noivo Jack Brooksbank, no apartamento dela no Palácio de Saint James.

"Eugenie e Meghan tornaram-se boas amigas, partilhando um amor por arte, cães e madrugadas regadas a jantares de macarrão com queijo", revelou depois um amigo do casal. "Eugenie adora a Meghan e acredita que ela seja perfeita para Harry". O príncipe também a apresentou paulatinamente a seus amigos mais próximos, em especial Hugh van Cutsem e Rose Astor, e seu amigo de escola Tom "Skippy" Inskip e sua esposa, a ruiva Lara Hughes-Young. Um dos primeiros a examinar a última escolha do irmão foi o Príncipe William, motivo pelo qual Harry e Meghan visitavam constantemente o duque, a duquesa e seus filhos, Príncipe George e a Princesa Charlotte, na residência vizinha dentro do Palácio de Kensington.

Eles também visitavam o *gastropub* The Sands End, no sudoeste de Londres, cujo dono é o "segundo pai" e mentor de Harry, Mark Dyer. Dyer ficou maravilhado que Harry havia encontrado uma "moça do bem" depois de tantos anos de impulsividade e farras ocasionais. Provavelmente, ajudou o fato de Mark ser casado com a herdeira texana Amanda Kline, que pôde dar recomendações a Meghan sobre assuntos mundanos, mas vitais para uma atriz, como cabeleireiros, manicures e salões de beleza.

"Meghan gostou dela logo de cara", observou um amigo dos Dyer. "Ela é uma compatriota e incrivelmente carinhosa e alegre – e Harry confia cegamente nos Dyer".

Num certo fim de semana, Harry e Meghan foram para Cotswolds, ficando na fazenda Oxfordshire de propriedade da Soho House. É um lugar sofisticadíssimo para alternativos metropolitanos que querem pôr à prova, em caminhos rústicos, suas botas de marca. Todas as noites, um carrinho de

coquetéis visita os vários quartos e chalés de madeira, oferecendo Martinis e, no caso de Harry, um whisky escocês envelhecido. Enquanto estiveram na Fazenda Soho, o fundador do clube, Nick Jones, apresentou Meghan ao músico Richard Jones, marido da cantora Sophie Ellis-Bextor, o qual Meghan conhecera na abertura da Soho House de Istambul, em 2015. Um ávido piloto amador, ele disse a Meghan: "Permita-me mostrar como se pilota um avião". Como ele depois contou ao *Daily Mail*: "Ela pulou lá para dentro. Levei-a bem ao alto e ela adorou. Ela foi ótima, tinha um talento único, e voamos sobre Cotswolds".

Em 11 de outubro, ela embarcou num meio de transporte um pouco maior do que o monomotor de Richard Jones e voou de Londres para Atlanta, na Geórgia, onde foi palestrante convidada em uma conferência de blogueiros, especificamente para mulheres da geração do Milênio que queriam aumentar sua rede de contatos e aprender como usar melhor o espaço digital. Em um debate de trinta e cinco minutos, num palco com a fundadora da Create and Cultivate, Jaclyn Johnson, ela compartilhou suas pérolas de conhecimento sobre a internet e deixou claro que planejou expandir o The Tig. Àquela altura, seu bebê tinha crescido e se tornado um rapazinho que precisava ser alimentado constantemente. Sua marca, que ela descreveu como sendo para "a garota comum que aspira uma carreira", precisava de ajuda, alguém que pudesse saber instintivamente como canalizar a personalidade de Meghan e satisfazer o apetite crescente do The Tig. Ficou claro que ela queria ser capaz de balancear o site com sua vida pessoal, mas ainda não tinha refletido sobre como o romance real mudaria as coisas.

Durante a conversa gravada, ela também mostrou à sua adorável plateia um lampejo do turbilhão que era o seu mundo, admitindo que havia chegado de Londres na noite anterior e, após a conferência, pegaria um voo para Toronto para gravar três episódios da sexta temporada de *Suits*. O papo deixou a plateia impressionada por sua candura e inteligência. "Charmosa,

inteligente e sem receio de baixar a guarda, Meghan é a definição da mulher moderna", comentou Jaclyn Johnson.

Assim que Meghan terminou de gravar, foi a vez de Harry visitá-la em Toronto. Ao contrário de Meghan, que normalmente é uma garota pronta para ser fotografada, vestindo roupas casuais, como calça jeans ou chino, jaqueta preta e um lenço de caxemira sobre os ombros, lendo tranquilamente a revista *The Economist* enquanto ouve Petit Biscuit ou Christine and the Queens em seu fone de ouvido, Harry é o garoto de gorro, viajando de cabeça baixa, evitando contato visual. Felizmente, ao contrário de Londres, Paris ou Nova York, não há a cultura de *paparazzi* na capital de Ontario, portanto, a vida era mais sossegada para o casal, e, mais uma vez, eles puderam continuar com seu relacionamento longe dos olhares do público e da mídia.

Não fosse por um SUV com policiais à paisana estacionado discretamente na rua arborizada da rica vizinhança de Seaton Village, onde ela agora morava, não havia sinais óbvios de que um membro da família real viera para uma visita.

Com piso de madeira e paredes de cores suaves, a propriedade estilo *loft* de Meghan tinha uma atmosfera de Sul da Califórnia, algo difícil de conseguir numa tarde nebulosa de outubro em Toronto. Diferentemente do interior relativamente utilitário do Nottingham Cottage, a propriedade alugada era devidamente luxuosa, com sala de cinema, cozinha tecnologicamente equipada, três quartos e dois banheiros. Seus cães resgatados, Bogart e Guy, tinham acesso pleno pela casa, e, apesar de ter um canil do lado de fora, os dois sempre dormiam na cama *kingsize* de Meghan. Quando Harry ficou hospedado, com certeza ela colocou nos cães as roupinhas estampadas com a bandeira da Inglaterra, que havia comprado para agradar o namorado.

Meghan também organizou churrascos para amigos que sabiam do segredo, como Jessica e Ben Mulroney, em um pequeno *deck* da casa, ou saíam para tomar alguma coisa na Soho House.

Localizado em um elegante edifício Georgiano no lado oeste da cidade, na Adelaide Street, o clube oferecia mesas aconchegantes e um bar discreto onde o casal podia sair com os amigos mais próximos de Meghan. Nesse lugar, eles puderam se deliciar com a culinária italiana ou subir ao terraço, que tem uma vista panorâmica do horizonte da cidade.

Pelo tempo que ficaram juntos por lá, Meghan cozinhou pratos dignos de um príncipe, especialmente massas e seu incrível frango assado. No Halloween, a noite em que a coleção de Meghan para a Reitmans chegou às lojas, eles se encontraram com a Princesa Eugenie e Jack Brooksbank, que foram passar o feriado no Canadá, para jantar na Soho House, antes de Harry colocar uma máscara e ir pedir gostosuras ou travessuras com a namorada.

Foi uma noite divertida e descontraída, mas seus dias de sigilo e privacidade estavam chegando ao fim. Meghan e Harry estavam prestes a serem desmascarados.

11.

Um Relacionamento Público

Em um dia muito gelado, mas com céu azul, no fim de outubro de 2016, Camilla Tominey, a editora especializada em realeza do *Sunday Express*, estava comemorando com o filho Harry por conta de uma partida de futebol da liga dominical. Para a alegria da mãe, o jovem Harry, de seis anos de idade, havia marcado um gol.

Algumas horas antes, a mãe também havia marcado um gol de "placa", divulgando a maior história da realeza de sua carreira. Sob a manchete O ROMANCE SECRETO DE HARRY COM UMA ESTRELA DA TV, anunciada como uma notícia exclusiva da família real, ela contou aos leitores que o Príncipe Harry estava "namorando secretamente uma linda atriz americana, modelo e defensora dos direitos humanos". A história dela continuava, dando detalhes do romance entre o neto da Rainha e a atriz de *Suits*, Meghan Markle. Ela citava uma fonte que dizia que há muitos anos não via Harry tão contente.

O editor dela, Martin Townsend, estava igualmente contente, muito empolgado com a exclusiva real que dividiu com o *Daily Star Sunday*, uma empresa associada do jornal *Sunday Express*.

A história valia ouro. E Camilla tinha total confiança em sua fonte. Pela primeira vez, o jornal resolveu não fazer uma ligação de cortesia à imprensa

oficial do Palácio de Kensington. O medo era que o palácio emitisse uma declaração, estragando assim o furo de reportagem.

Era como nos velhos tempos da Fleet Street, a capital jornalística de outrora do Reino Unido. Normalmente, os jornais de domingo têm um acordo de cavalheiros por meio do qual permuta suas primeiras edições para que, se um rival tiver esquecido de uma história, eles têm a chance de atualizar seu furo de reportagem. Na noite do sábado, ligações incessantes de jornalistas estavam sendo feitas para o Palácio de Kensington quando a notícia se espalhou de que o *Express* tinha conseguido "uma das grandes". Os concorrentes exasperados de Camilla foram recebidos com um "sem comentários" pela diligente assessoria de imprensa. Extraoficialmente, o diretor de comunicações do Príncipe Harry, Jason Knauf, um americano enérgico, estava relutando em admitir que o artigo tinha boa dose de verdade.

Em questão de minutos após a divulgação da história no *Sunday Express*, as mídias sociais entraram em colapso à medida que blogueiros, entusiastas da realeza, fãs de *Suits* e jornais *online* espalhavam mundialmente a notícia. Da noite para o dia, Meghan Markle passou de uma atriz razoavelmente conhecida para uma das pessoas mais famosas do planeta.

Quando a história se tornou pública, Harry estava com Meghan em Toronto. Após receber um telefonema de Jason Knauf dizendo que seu disfarce havia caído, ele e Meghan serviram-se de uma taça de vinho e brindaram juntos. Mas a comemoração vinha acompanhada de um alerta, Harry dizendo a Meghan: "Nossas vidas nunca mais serão as mesmas".

Pelo menos, eles não precisavam mais se esconder do mundo. E a atriz também não iria perder seu senso de humor travesso por conta dessa reviravolta em sua vida. Poucas horas após a divulgação da história, ela postou uma foto enigmática no Instagram de duas bananas se acariciando, com a legenda "Durma bem XX". A fotografia, que mostrava duas bananas "de conchinha" atraiu milhares de "*likes*" de seus seguidores, que rapidamente perceberam a que ela estava aludindo. Um usuário postou

“Princesa Meghan Markle”, enquanto outro escreveu: “Essa é uma mensagem para seu príncipe ruivo?”.

Igualmente irônica era outra foto que ela postou, mostrando uma xícara de chá inglês e um quebra-cabeça, quem sabe indicando como o casal passava seu tempo dentro de casa. Mas sua atitude descontraída não durou muito.



Há uma cena famosa no filme *Notting Hill* na qual Julia Roberts, que interpreta uma atriz americana famosa, abre a porta da frente da casa de seu namorado livreiro, interpretado por Hugh Grant, e é confrontada por um bando de repórteres e fotógrafos sedentos. Roberts imediatamente bate a porta e volta para dentro. Deve ter sido assim que Meghan se sentiu quando, usando um casaco longo, um gorro e óculos escuros, saiu pela porta da frente, atravessando uma turba de jornalistas, e entrou em uma *van* que a esperava para levá-la para as gravações de *Suits*. Harry, de alguma maneira, conseguiu escapar mais cedo e pegou um voo de volta a Londres.

Meghan podia até ser uma veterana de painéis promocionais, fóruns e palanques, mas nada poderia tê-la preparado para esse tsunami de publicidade que a atingiu.

Em questão de poucos dias, boa parte da mídia impressa e digital a descrevera como “interesseira” cujas “cenas quentes de sexo” em *Suits* estavam até em sites pornográficos. Uma história sugeria que o Príncipe Harry era responsável pelo fim do relacionamento de Meghan com o *chef* Cory Vitiello; outra, que o príncipe a bombardeara com mensagens de texto até que ela concordasse em ir a um encontrou com ele.

Sob a manchete “Namorada de Harry no Pornhub”, um tabloide, só para ajudar, relatou que ela figurava em um site adulto, no qual era possível vê-la “tirando as roupas e gemendo”, montando sobre seu parceiro de cena, Patrick J. Adams, em um escritório, assim como montando nele em um sofá. “Também existem imagens em *close* de sua virilha e do sutiã de renda – e o

vídeo já foi visualizado mais de 40.600 vezes". Outro site pornográfico sobrepôs a cabeça de Meghan no corpo de uma dessas modelos sedutoras.

Os críticos tiveram um dia cheio. A colunista Rachel Johnson, irmã do secretário de relações exteriores britânico Boris Johnson, descreveu a mãe de Meghan, Doria, como uma "senhora afro-americana, com *dreadlocks*, que caminhava no lado errado da rua". Ela continuou: "Se há algum fundamento nessa suposta união do Príncipe Harry, os Windsor engrossarão seu fino e fluido sangue azul; e a pele pálida e os cabelos ruivos dos Spencer serão misturados com um DNA exótico e variado". "O Príncipe Harry pode até se casar com uma rainha gângster – seu novo amor vem de uma vizinhança dominada pelo crime", alegava outro artigo. A história sugeria que a mãe de Meghan morava em uma vizinhança criminosa, cercada por "assaltos sanguinários e violência decorrente do tráfico de drogas".

As histórias pareciam o soar de trombetas abrindo a temporada de caça por meio de uma enxurrada de abusos racistas de valentões virtuais. Em questão de dias, Meghan vivenciou racismo e sexismo em níveis que ela jamais enfrentou na vida. Embora ela viesse debatendo e escrevendo sobre tais assuntos nos últimos anos, nada se aproximava dessa carnificina. Não era nem agradável, nem preciso. Meghan, a ativista, a humanitária e a mulher, sendo reduzida a uma criatura bidimensional. Como escreveu o biógrafo Sam Kashner: "As críticas a Markle eram recheadas de pedantismo, racismo e desinformação".

Era reminiscente do sadismo com que o romance do Príncipe Andrew com a atriz americana Kathleen "Koo" Stark foi recebido, quando foi revelado que ela havia estrelado em um filme erótico que envolvia uma cena lésbica no chuveiro. Mas, na época, não havia internet. Desta vez, Twitter, Facebook, fóruns online e seções de comentários davam ao mundo todo uma plataforma para "entrar na conversa" e mostrar seu pior lado.

Embora Meghan se sentisse compadecida pela mãe, que se via importunada por fotógrafos toda vez que saía de casa, assim como por

amigos confusos que não sabiam o que dizer à mídia, os próprios membros da família entraram na confusão.

Sua meia-irmã Samantha (que antes se chamava Yvonne), apareceu particularmente interessada em dividir os holofotes. Descrevendo Meghan, que não via há anos, como "egoísta", Samantha a acusou de ser uma oportunista superficial, com uma "queda por ruivos". Samantha, que sofre de esclerose múltipla e é limitada pela cadeira de rodas, continuou dizendo numa entrevista para o *Sun* que o comportamento da meia-irmã era "não condizente com um membro da Família Real", repreendendo-a por evitar a família após ter ficado famosa. Ela relatou que sua meia-irmã foi transformada por Hollywood, e então anunciou que estava escrevendo um livro sobre Meghan e sua família, com o título "O Diário da Irmã de uma Princesa Intrometida".

Então, o jovem meio-sobrinho de Meghan, Tyler Dooley, filho de Tom Markle Junior, ponderou e disse que Meghan estava bastante contente, e que a atriz se sentia "magoada" e "ressentida" pelas acusações da tia. Se não bastasse, esses comentários esparsos só aumentavam o senso de disfunção no seio da família Markle.

A cobertura fez com que o pior pesadelo de Harry se tornasse realidade. Meghan havia caído na bobeira de se apaixonar por ele. Agora ela, sua família e seus amigos estavam fadados ao sofrimento. Diante disso tudo, nem Harry, nem Meghan emitiram uma declaração. O Palácio de Kensington também permaneceu de boca fechada. Mas a balbúrdia midiática não podia continuar por mais tempo. Talvez a história que os forçou a dar um basta nisso tudo foi a que apareceu sob a manchete obscena "Dei uma Rapidinha com a Meg", na qual sugeria que o casamento de Meghan com Trevor Engelson havia desmoronado por causa de uma proximidade dela com a estrela canadense do hóquei no gelo Michael Del Zotto. Apesar de Del Zotto e seu agente terem negado categoricamente a sugestão, Harry decidiu agir. Ele entrou em contato com o irmão, que enfrentou uma histeria semelhante durante o namoro com Kate Middleton.

Eles avaliaram o problema e, embora William estivesse cauteloso quanto a emitir um comunicado oficial, principalmente porque isso confirmaria que Meghan era namorada de Harry, ele sentiu que o assunto já tinha ido longe demais para continuar em silêncio. Ao contrário do pai,
William e Harry não são da velha escola real cujo lema era "nunca reclamar, nunca explicar". Eles têm um histórico de usar a lei de maneira agressiva em busca de reparos contra fotógrafos e outros meios de comunicação inoportunos que invadem sua privacidade. Harry chegou ao ponto de sugerir a contratação de um agente aposentado da Scotland Yard para cuidar de Meghan, que achou a ideia "charmosa, mas desnecessária". Isso não impediu que os produtores de *Suits* contratassem a própria artilharia pesada para proteger seu valioso ativo, aumentando, assim, o número de seguranças dentro do *set*, e que a acompanhariam no caminho de casa ao trabalho e vice-versa.

Em meio a essa histeria da mídia, o secretário de comunicações deles, Jason Knauf, redigiu um longo comunicado que abordava as preocupações e reclamações de Harry. O boletim não teve qualquer pretensão de esconder a raiva e o incômodo gerados, e era a voz de um jovem rapaz tentando proteger a mulher que amava – e preservar o futuro deles juntos. No dia 8 de novembro, o Palácio de Kensington emitiu o comunicado extraordinário. Nele reconhecia-se que poderia haver curiosidade quanto à vida privada do príncipe, mas deixava claro que a semana anterior havia "passado dos limites".

> A namorada dele, Meghan Markle, tem sido sujeita a uma onda de abuso e assédio. Alguns desses tornaram-se bastante públicos – a difamação na capa de um jornal de circulação nacional, a conotação racista em colunas de opinião; e o patente sexismo e racismo de *trolls* nas mídias sociais e nos comentários de artigos digitais.
>
> Muito disso tem sido escondido do público – as constantes batalhas legais para evitar que histórias difamatórias saiam nos jornais; a mãe

da moça tem lutado para combater os fotógrafos que ficam acampados em frente à casa dela; as tentativas de repórteres e fotógrafos de invadirem sua casa e as ligações para a polícia que acompanham esses atos criminosos; os subornos vultosos oferecidos pelos jornais ao ex-namorado dela; o bombardeio sobre quase todos os amigos, colegas de trabalho e pessoas amadas em sua vida.

O Príncipe Harry está preocupado com a segurança da Srta. Markle e está profundamente decepcionado que não tem sido capaz de protegê-la.

Não é certo que alguns meses de relacionamento sujeitem a Srta. Markle a tamanha tempestade.

Ele sabe que os comentaristas de plantão dirão que esse é "o preço que ela tem que pagar" e que "isso faz parte do jogo".

Ele discorda completamente. Isso não é um jogo – é a vida privada dele e dela.

Apesar de o comunicado do príncipe ter acalmado um pouco os ânimos, sua confirmação formal de que Meghan era, de fato, sua namorada significava que todos os meios de comunicação, não só os tabloides britânicos, agora viam Meghan como uma possível noiva real. Editores de imagem ao redor do mundo vasculharam seus catálogos antigos em busca de fotografias da mais nova possível futura membro da família real. Uma foto dela experimentando um vestido de noiva para uma cena de *Suits* foi um maná dos céus.

Agora, sua proximidade oficial com a família real tornou-se a nova agenda; muitos jornais relatavam equivocadamente que Meghan havia ajudado Harry a comemorar seu aniversário de trinta e dois anos em Balmoral, e que, durante o período nas Terras Altas Escocesas, ela tinha até conhecido o Príncipe Charles, que a achou "um encanto".

Embora a história estivesse incorreta, elas estavam na direção certa. Meghan realmente já fazia parte da mobília da realeza – como o antigo

jornalista Richard Kay, que foi amigo próximo de Diana, acabou descobrindo, quando, no dia 10 de novembro de 2016, saiu de seu escritório para comprar um sanduíche.

Enquanto caminhava pela agitada Kensington High Street, ele mal pôde acreditar em seus olhos quando reconheceu Meghan caminhando pela rua, segurando duas sacolas com compras do mercado Whole Foods.

O jornalista a seguiu até o Palácio de Kensington e a viu tendo sua entrada admitida para o interior da propriedade. Era um sinal óbvio de que a relação entre a atriz e o quinto na linha sucessória era "séria". Kay observou: "O momento da visita da Srta. Markle é muito significativo, sobretudo porque parece que ela estava no Reino Unido quando Harry declarou publicamente seu amor por ela".

O que denunciou ainda mais foi o fato de que Meghan tinha passado apenas dois dias com Harry antes de voltar para Toronto e retomar as filmagens de *Suits*. Isso *sim* que era compromisso, a atriz se dando ao trabalho de ver o namorado antes de ele embarcar para uma missão oficial de duas semanas no Caribe.

Na viagem, ele representaria a Rainha nas celebrações do aniversário de independência de Barbados, Guiana e Antígua. Era um teste de seu vigor – e ele sabia muito bem que a avó estaria monitorando seu progresso, já que era uma de suas primeiras missões no exterior representando a Vossa Majestade. Acabaria que essa seria uma missão oficial de maior importância do que a imaginada por ele na ocasião.

Dentre várias atividades, ele fez um teste de HIV com a superestrela Rihanna, em Barbados; guardou um minuto de silêncio pela morte de Fidel Castro, em Saint Vincent; e jogou críquete em Santa Lucia.

Harry tratou de manter a tranquilidade quando, em uma recepção para 300 convidados, o primeiro-ministro de Antígua, Gaston Browne, sugeriu que ele e Meghan deveriam retornar à ilha para sua lua de mel. "Imagino que veremos uma nova princesa em breve. Quero que saiba que será muito bem-vindo para sua lua de mel por aqui", foi o que testemunhas relataram

ter sido dito pelo chefe de governo. Harry, mais tarde, foi apresentado a um grupo de modelos seminuas com as seguintes palavras: "O que quer que faça aqui, fica aqui. Portanto, não se preocupe". O príncipe não disse nada, mas, depois, contou aos assessores que achou o incidente "de muito mau gosto".

Não que Meghan estivesse preocupada. Ele estava em contato constantemente por Skype, contando tudo sobre o progresso de sua viagem solitária. Ele recebeu nota máxima da mídia convencional, e a editora real Camilla Tominey comentou: "Com sua namorada americana, Meghan Markle, colocando certos limites nele, é justo dizer que o Príncipe Harry nunca esteve em melhor forma. Confortável com sua posição e completamente relaxado com o holofote sendo voltado para os deveres oficiais como o representante ultramarino da Rainha, ele realmente amadureceu".

Embora a mídia presente tivesse certeza de que o príncipe estava voltando para Londres, foi só um deslize deles. Em vez disso, Harry desviou coisa de 2.700 quilômetros de sua rota só para passar algumas preciosas horas enfurnado na casa alugada de Meghan em Toronto. Os seguidores dela tiveram a primeira dica de que Harry estava chegando, quando Meghan postou uma foto de si mesma usando um colar com as letras "M" e "H", além de uma foto de seu *beagle*, Guy, com a roupinha da bandeira da Inglaterra. Pela primeira vez, uma grande paixão real estava sendo exposta aos olhos do mundo todo nas mídias sociais. Não que tal acesso fosse durar para sempre.

Em quarenta e oito horas, o príncipe estava voltando para o Reino Unido. Ele só teve tempo de tomar um banho antes de aparecer na Cidade de Londres, atendendo telefonemas e fazendo piadas com aqueles que ligavam para fazer doações durante um evento beneficente anual, e sua obra de caridade Sentebale era uma das beneficiárias.

Harry, então, juntou-se aos amigos para um fim de semana de caça, no Castelo Oettingen, na Bavária, Alemanha, antes de reencontrar Meghan, que veio ficar uma semana no Nottingham Cottage, no início de dezembro.

Eles compraram a primeira árvore de natal juntos, e a equipe da loja de jardinagem Pines and Needles, em Battersea, deu-lhes um monte de viscos para desejar boa sorte. Na maior parte do tempo, eles conseguiram evitar os atentos *paparazzi*, pois o casal estava usando gorros azuis para esconder seus rostos. Elas caminharam pelo distrito teatral, onde viram a comédia pastelão *Peter Pan Goes Wrong* e, um pouco depois, a bela dramatização de *The Curious Incident of the Dog in the Night-Time*, baseada no romance de Mark Haddon.

Por mais que quisessem passar juntos o Natal, as tradições reais impunham os próprios planos. Todos os anos, a família real completa se reúne em Sandringham, na propriedade de 240 mil metros quadrados da Rainha, em Norfolk. Namoradas e namorados não participam.

No entanto, eles se encontraram no Ano Novo no Nottingham Cottage, antes de viajarem no dia 2 de janeiro para a remota cidade de Tromsø, norte da Noruega, às margens do Círculo Ártico, para ver a deslumbrante e inspiradora aurora boreal, ou Luzes do Norte.

Mesmo que o feliz casal ainda não estivesse pronto para se comprometer formalmente, eles e os outros precisavam antecipar o futuro. Em sua mente, o criador de *Suits*, Aaron Korsh, decidiu que a vida privada de Meghan estava obliterando sua personagem Rachel Zane. Para o bem dela, era melhor retirá-la da série. Como ele, depois, contou à BBC: "Eu tinha que tomar uma decisão, porque não queria me intrometer e perguntar: 'Ei, como andam as coisas e o que você vai fazer?'. Então, em conjunto com os roteiristas, decidimos fazer a aposta de que essas duas pessoas estavam apaixonadas e que tudo iria dar certo". Como a namorada anterior de Harry, a atriz Cressida Bonas, descobriu, havia um alto preço profissional por namorar um príncipe. Se o romance de Harry e Meghan definhasse, Meghan estaria sem trabalho. Era um romance de alto risco, com consequências para sua carreira conforme as semanas fossem passando.

De fato, por mais quanto tempo uma princesa em potencial poderia ser vista acariciando o namorado na ficção, Patrick J. Adams, com a mão de

Meghan sugestivamente apoiada sobre o joelho dele? Quando Adams foi indagado por uma fã como era "dar uns amassos na telinha numa possível futura princesa inglesa", ele respondeu, impassível: "A mesma coisa que era antes de ela ser uma possível futura princesa".

Dito isto, tanto Meghan quanto Adams já tinham aparecido em mais de cem episódios do seriado de sucesso. Para ele, também, já estava na hora de pendurar as chuteiras do seu personagem em *Suits*. Mesmo que Meghan se sentisse da mesma forma, a vida pessoal dela tinha tirado essa decisão profissional de suas mãos.

Como Adams disse mais tarde ao *Hollywood Reporter*: "Havia um senso natural, que nós dois percebemos, de que o fim havia chegado. Isso estava implícito, então, aproveitamos ao máximo os últimos episódios que gravamos juntos. Nós dois sabíamos que não tinha mais volta. O que tornou cada uma de nossas cenas ainda mais especiais. Foi um período ótimo. E pudemos dar boas risadas de tudo. Mesmo as coisas que possam ter nos deixado desapontados durante o seriado, viraram coisas das quais pudemos rir e trocar figurinhas sobre como isso tudo foi uma loucura".

Pelo tempo em que ela continuasse na série, os produtores estavam prontos e dispostos a usar suas ligações reais e sua fama recém-descoberta – em fevereiro, ela foi classificada na quarta posição de melhores convidados para um jantar pela revista *Tatler* – para aumentar a audiência. Um *trailer* promovia os personagens como "quase da realeza", enquanto outro contava com uma cena da temporada anterior em que Meghan aparecia vestida de noiva.

Outros tiveram a mesma ideia. Um sombrio filme policial britânico, *Anti-Social*, originalmente lançado em 2015, recebeu nova roupagem como sendo uma "edição especial", e contava com o nome de Meghan em destaque no material publicitário. No filme, ela interpretava uma modelo chamada Kirsten, e era vista saindo do chuveiro enrolada numa toalha, tomando champanhe e beijando o amante. Vários amigos de Trevor Engelson, que sabiam que ele sempre ficou relutante em chamar Meghan para suas

produções, agora o provocavam sem dó nem piedade, dizendo que o produtor hollywoodiano estaria ganhando uma fortuna relançando seus filmes, se Meghan tivesse participado dos originais. "Ele recebeu muitas críticas", um amigo dele me contou.

A própria Meghan tinha sérias decisões comerciais a tomar. O blogue dela, The Tig, significava muito para ela. A atriz o vira passar de um site modesto de uma só mulher para uma marca que representava sua visão de vida elegante, refinada e, sobretudo, aventureira. Era inspirador, futilmente feminino, mas sempre com uma questão séria, fosse sobre igualdade de gênero ou sobre direitos humanos. O The Tig era, como ela sempre disse, um pequeno motor com grande potencial. Ela, então, percebeu que seu blogue não poderia continuar do mesmo jeito que no passado, enquanto permanecesse na órbita real. As fotos, comentários, recomendações e pensamentos seriam tirados de contexto e associados com o Príncipe Harry ou com a família real ou com os dois. Ela não era mais Meghan a blogueira, ela era metade de uma sociedade em que o homem com quem ela queria passar o resto da vida junto era o quinto (agora, o sexto) na linha sucessória ao trono. Regras diferentes. Para evitar quaisquer possíveis dúvidas ou protestos, ela aceitou que, se fosse continuar com o príncipe, precisaria mudar drasticamente o conteúdo do The Tig.

Este seria seu primeiro choque de realidade. Se as coisas ficassem mais sérias, na forma de um anel de noivado, então ela teria que repensar toda a existência de sua identidade *online*. Uma amiga disse: "Ela está tentando encontrar maneiras de como reduzir o que ela expõe sobre sua vida, incluindo as mídias sociais e o site. Se ela tivesse que deixar tudo isso para trás em prol da relação, sua aceitação teria ocorrido sem qualquer hesitação".

Mas era muito mais difícil do que parecia. Em janeiro de 2017, por exemplo, na posição de embaixadora global, ela pegou um voo para a Índia, em nome da World Vision Canada. A visita de cinco dias pretendia focar na pobreza infantil e, especificamente, em por que garotas adolescentes de comunidades humildes estavam deixando as escolas. A resposta, em parte,

estava no fato de que, quando as garotas começavam a menstruar, não havia estrutura nas escolas locais para que elas lidassem com essa mudança natural do corpo. Envergonhadas, elas saíam das escolas. Era um assunto delicado, mas que Meghan sabia ser facilmente solucionável com um uso adequado de recursos. Ela se sentia confortável tratando dessas questões, falando para uma plateia em Atlanta, antes de partir, que o trabalho humanitário trazia maior "equilíbrio" a sua vida. Sua fama internacional recém-descoberta permitia que suas visões chegassem a um público muito maior, e talvez por isso que o ensaio sobre sua visita a Délhi e Mumbai para descobrir por que menstruações afetavam potencialmente milhões de adolescentes tenha aparecido na edição de março da revista *Time*.

O trabalho humanitário dela, no entanto, era um assunto delicado. Embora o palácio, a princípio, não tivesse objeções às causas apoiadas por Meghan, estas não eram colocadas sob a proteção da família real. Em suma, ela estava agindo numa operação *freelancer* dentro da "empresa" real.

Estava prestes a acontecer um conflito. Em sua mente, Meghan tinha que aparar as arestas intelectuais e emocionais. O The Tig foi feito para emancipar mulheres e incentivar a igualdade de gênero. Mesmo assim, ela aceitou que o crescente interesse em seu blogue e no Instagram pouco tinham a ver com seu trabalho e mais com o fato de estar namorando um homem que estava em posição de autoridade e influência apenas em razão do nascimento. Meghan compreendia bem a ironia. Ela não era boba, e sabia que, a longo prazo, sua associação com o Príncipe Harry lhe daria um megafone com o qual poderia articular os assuntos que lhe eram caros. O preço era desistir de seu bebê. No início de março de 2017, com pesar, ela se despediu dos milhares de seguidores do Tig: "Após quase três lindos anos nessa aventura com vocês, chegou a hora de dizer adeus ao The Tig", escreveu ela. "O que começou como um apaixonado projeto (meu pequeno motor que poderia funcionar) evoluiu e se tornou uma incrível comunidade de inspiração, apoio, diversão e trivialidades. Continuem encontrando

aqueles momentos Tig de descoberta, continuem rindo e assumindo riscos, e continuem sendo 'a mudança que desejam ver no mundo'".

O Instagram dela, que tinha mais de um milhão de seguidores, teve o mesmo destino. Uma fã, Jennifer Oakes, escreveu: "Não dê bola para as pessoas que gostariam que continuasse solteira para sempre. Com casamento, vêm sacrifícios (de ambos os lados)".

Nem todos foram tão compreensíveis. Pouco antes de fechar o site popular e influente dela, sua meia-irmã Samantha mandou outra flechada: "Há tantas outras coisas no mundo em que se focar além de sapatos e bolsas", ela tuitou. "Meghan Markle precisa praticar o que ela prega ou mudar seu discurso". A crítica atrasada de Samantha, justo quando o site estava prestes a fechar, indicava como ela estava por fora do círculo familiar.

Em questão de dias após despedir-se de sua comunidade *online*, Meghan recebeu uma das clássicas lições sobre a vida no aquário da realeza. No início de março, Harry e Meghan seguiram em direções distintas na Jamaica, em virtude das festividades do casamento de três dias do amigo dele, Tom "Skippy" Inskip, com Lara Hughes-Young.

Harry encontrou com Meghan no aeroporto e a levou de carro até o exclusivo Round Hill Hotel, em Montego Bay, onde eles tinham reservas em uma vila que custava sete mil dólares por noite. Eles foram colocar os trajes de banho, Harry com uma sunga verde, Meghan com um biquíni azul-escuro e com seu clássico chapéu branco. Eles se beijaram e se acariciaram enquanto curtiam as águas quentes do Caribe. De repente, Harry mudou completamente de humor. Nada tinha a ver com Meghan. Era a presença de *paparazzi*, com suas longas lentes focadas no casal. Mesmo com Meghan tentando consolá-lo, seu abraço não foi suficiente para acalmar os ânimos dele. Embora a mídia britânica não tenha publicado as imagens ofensivas, muitas revistas europeias e sites não tiveram tais escrúpulos.

Depois desse entrevero com a mídia, no dia seguinte, Harry era um dos catorze padrinhos do casamento Hughes-Young Inskip na Igreja Batista Hopewell. Ele estava com um humor jovial, enquanto Meghan, que usava

um vestido Erdem de dois mil dólares com estampa floral, ficou visivelmente afetuosa e amorosa durante a cerimônia.

O Pastor Conrad Thomas, que conduziu o casamento, disse logo em seguida: "Harry e Meghan estavam de mãos dadas, e jamais me esquecerei daqueles sorrisos radiantes. Eles estavam muito felizes juntos. Eu disse a ele: 'A próxima vez é você, Senhor'".

Na noite da festa, convidados, inclusive a Duquesa de York e sua filha, Princesa Eugenie, banquetearam com frango assado e lagosta, regados por coquetéis de rum e champanhe. Infelizmente, Harry derrubou uma bandeja de drinques ao fazer uma dancinha na pista igual ao "moonwalk" de Michael Jackson.

"Ele estava indo para trás, todo feliz, tal qual o clipe 'Billie Jean', quando deu uma trombada numa garçonete que carregava uma bandeja de drinques, mandando tudo para os ares", disse um espectador.

"Harry tomou um susto, olhou em choque e colocou as mãos nos ombros da garçonete, pedindo-lhe desculpas".

Foi um contratempo temporário em uma noite de drinques, dança e alegria, Meghan e Harry podendo ser vistos na pista de dança ou nos braços um do outro – ou as duas coisas. Amor, com certeza, estava no ar.

Após a festa animada, Harry levou Meghan para o exclusivo Caves Hotel, em Negril, para passarem três preciosos dias sozinhos. Em seguida, o deslocamento a longas distâncias foi retomado, com Meghan pegando um voo para Toronto, mas voltando a Londres uma semana depois. As ausências do Canadá estavam ficando tão frequentes que ela teve que contratar um *dog sitter* para cuidar de Bogart e Guy.

Dito isto, então foi a vez de Harry aparecer na porta de entrada dela, passando a Páscoa com a amada. Ele tinha outros motivos para estar na cidade – os Jogos Invictus estavam previstos para acontecer em setembro, e ele tinha muitas reuniões e muitos compromissos oficiais para comparecer. No topo da lista da agenda pessoal de Meghan estava a firme decisão de ficar ao lado dele em algum momento durante os jogos. O repórter veterano Phil

Dampier citou uma fonte real como tendo dito: "Harry quer abrir o jogo e deixar para trás os dias de ficar se escondendo, evitando fotógrafos por todos os cantos. Ele quer apresentar Meghan como sua futura esposa. Os Jogos, em que ele dedicou seu coração e sua alma, será a plataforma perfeita para isso". Dampier acertou na mosca.

Finalmente, depois de quase um ano pouco convencional de namoro, sendo quatro meses em segredo e o resto em público, o romance entre Harry e Meghan entrou no ritmo tradicional. Meghan dirigiu até Coworth Park, em Berkshire, no dia 6 de maio, para assistir ao namorado jogar polo. É uma espécie de rito de passagem real. Algumas das melhores – e mais afetuosas – fotografias já tiradas da Princesa Diana foram quando ela comparecia às partidas de polo envolvendo o Príncipe Charles. Kate Middleton, da mesma forma, sempre esteve presente quando o Príncipe William montava em seu cavalo. Não foi diferente quando Meghan, que foi acompanhada por Mark Dyer e sua esposa, Amanda, chegaram ao campo. Ela, respeitosamente, aplaudiu e sorriu enquanto observava o vai e vem desse esporte nada agradável de ser assistido de perto. Entre os convidados da partida beneficente, que serviu para arrecadar fundos para a Sentebale e para outra das obras de caridade de Harry, a WellChild, estavam o vencedor do Oscar Eddie Redmayne, a ex-bailarina Darcey Bussell e o ator Matt Smith, que interpreta o Príncipe Philip na série de sucesso da Netflix *The Crown*. O momento pelo qual todos esperavam, pelo menos para as fileiras apertadas de fotógrafos, seria ver o príncipe beijar sua namorada.

Harry fez com que todos esperassem. Foi apenas no dia seguinte, depois de jogar uma partida com o Príncipe William, que Harry deu aos fotógrafos o que eles queriam: ele beijou Meghan no estacionamento. Agora, estava valendo.

Mais uma vez, Meghan voou para casa, voltando apenas uma semana depois para ir ao casamento de Pippa Middleton com o financista James Matthew, no dia 20 de maio. Para não ofuscar o grande dia da noiva, Meghan não compareceu à cerimônia na Igreja de São Marcos, no vilarejo

de Englefield, em Berkshire. Depois da cerimônia, Harry voltou de carro para Londres para buscar a namorada e, depois, levou-a à festa na casa da família Middleton, na vila de Buckleburry, próxima à igreja.

Evidências iam se acumulando durante o ano todo e, por ora, já estava claro que era só uma questão de tempo até ela própria estar subindo ao altar. Uma estratégia informal estava surgindo para limpar o caminho para o anúncio dos dois. Começou com o encerramento das várias contas de mídias sociais de Meghan, inclusive o The Tig e sua conta no Instagram, acompanhado da decisão de envolver Meghan com os Jogos Invictus e, claro, seguido por aquele beijo na partida de polo. Na época, quando ela chegava no Aeroporto Heathrow, quase sempre Harry estava esperando na pista e a buscava pelo miniterminal VIP. Então, quando Meghan foi a uma convenção de *Suits* em Austin, Texas, embora tivesse evitado perguntas sobre seu futuro, a maioria dos fãs relutantemente aceitou que era provável que aquela seria a última temporada com ela. Quando Meghan admitiu que as cenas de sexo que fizera no passado "agora pareciam estranhas", foi como se ela tivesse traçado o futuro de sua personagem, Rachel Zane.

Algumas semanas depois, em meados de julho, Meghan abriu a porta de sua casa em Toronto e recebeu Sam Kashner, o biógrafo *best-seller* de *Furious Love* – seu estudo de outro casal poderoso, os atores Richard Burton e Elizabeth Taylor. A partir do momento em que ele chegou a sua porta, apostas não precisavam mais ser feitas se haveria ou não um casamento real. O repórter de óculos estava lá em nome da revista *Vanity Fair*, não só para saborear a massa que ela havia comprado no Terroni's (uma luxuosa charcutaria italiana), mas para brindar à vida.

Foi um acontecimento extraordinário. Tradicionalmente, as futuras esposas reais são como esfinges, enrubescendo, evitando fotógrafos, sorrindo educadamente sem proferir nenhuma palavra. Esse é o fio que une Lady Diana Spencer, Sarah Ferguson, Sophie Rhys-Jones e Catherine Middleton. Elas sabem as consequências. Nos tempos em que a irmã de Diana, Sarah Spencer, namorou o Príncipe Charles, ela foi lançada na

escuridão assim que conversou com o correspondente real James Whitaker sobre sua relação.

Para Meghan, dar uma entrevista antes de qualquer anúncio de noivado foi um ineditismo real, mais ainda, porque ela não tomou essa atitude sem entrar em acordo com o Príncipe Harry, seu secretário particular, Edward Lane Fox, e seu diretor de comunicações, Jason Knauf. Nem estava lá para fazer comentários inofensivos sobre moda e a série *Suits*, deixando de lado o assunto do romance real. Não, Meghan contaria a verdadeira história – com suas próprias palavras. Ela foi enfática, sem hesitar sobre o assunto.

"Somos um casal", ela contou a Kashner. "Estamos apaixonados. Tenho certeza de que chegará a hora em que teremos que dar mais um passo e nos apresentarmos, contar mais histórias, mas espero que as pessoas entendam que esse é o nosso tempo. Isso é para nós.

"Faz parte do que torna isso tudo tão especial, que é só nosso.

"Mas estamos felizes – pessoalmente, eu adoro uma linda história de amor".

Quando ele chegou ao ponto, ela enfatizou: "Somos duas pessoas que estão muito felizes e apaixonadas".

Houve uma frase problemática no meio da surpreendente declaração de amor e compromisso. "Ainda sou a mesma pessoa e nunca me defini pela relação em que estava". Talvez não no passado. Mas, certamente, no futuro. A *Vanity Fair* não lhe teria dado uma capa premiada com a ousada chamada "Meghan Markle: Louca por Harry", se ela fosse apenas uma atriz de um seriado de TV mediano. A dica estava no título. No título dele. Quisesse ela aceitar ou não a ideia, no futuro, sua considerável influência, sua capacidade de fazer mudanças, dependeria de uma coisa que vai contra suas principais crenças, em especial, mulheres conquistando poder, não por meio dos próprios esforços, mas por causa de seus maridos.

Aquele era um dilema a ser ponderado em outra oportunidade. Naquele instante, ela iria para onde o sinal de internet era fraco, Botswana, pois ela e Harry comemorariam o aniversário dela de trinta e seis anos. O príncipe

estava tão feliz por voltar à sua segunda casa que até fez um sinal de positivo para os fotógrafos que o aguardavam, quando reencontrou Meghan no aeroporto. O gesto dele fez com que os rumores corressem soltos. Como os jornalistas não sabiam que Meghan e Harry já tinham visitado Botswana, e como William pedira a mão de Kate no Quênia, em 2010, a conclusão óbvia era que, durante essa viagem, Harry ficaria de joelhos. O feriado foi muito romântico, com o casal mais uma vez ficando no acampamento Meno a Kwena, antes de alugarem um carro para percorrerem oito horas até Victoria Falls, uma das mais espetaculares quedas d'água do mundo.

Durante a visita, eles ficaram na propriedade privada de Tongabezi Lodge, às margens do Rio Zambesi, onde foram seduzidos por passeios ao pôr do sol, jantares românticos no Sampan (um barco de madeira com fundo plano) e caças matinais. Eles tinham até um funcionário exclusivo para atender aos seus caprichos.

No fim do feriado, embora especulações estivessem em polvorosa sobre um noivado real, Meghan não esteve presente quando os Príncipes William e Harry, acompanhados da Duquesa de Cambridge, fizeram uma importante peregrinação. Em 30 de agosto, um dia antes de sua mãe se envolver no acidente de carro fatal em Paris, William, Harry e a Duquesa de Cambridge marcaram o aniversário de vinte anos da morte de Diana com uma visita ao Jardim Branco, no Palácio de Kensington, que foi especialmente plantado com suas flores prediletas. Eles, depois, se encontraram com representantes das obras apoiadas pela falecida princesa.

As especulações sobre um casamento cresciam a cada dia, principalmente quando se descobriu que, no início de setembro, Meghan havia devolvido o Audi comprado durante sua estada em Toronto, declarando inocentemente "que se mudaria para Londres em novembro".

O teste mais importante seria nos Jogos Invictus, que começaria em sua cidade adotada, Toronto, no dia 23 de setembro. O projeto de Harry tinha crescido e se transformado em uma espécie de miniolimpíada, contando com 550 competidores de 17 países, que disputavam 12 modalidades esportivas. Não era uma grande surpresa ele ter escolhido aquela semana

para Meghan ser apresentada em palco mundial como uma potencial noiva real. Antes dos Jogos começarem, Harry visitou os estúdios de *Suits* com Meghan, que o apresentou aos colegas de atuação, aos roteiristas e à equipe técnica.

"Meghan mostrou-lhe o *set* inteiro. Todos ficaram muito empolgados. Ele a apoia muito em seu trabalho", um membro do elenco foi citado como tendo dito isso à revista *Hello*.

Na cerimônia de abertura no Air Canada Centre, Harry sentou-se com a primeira-dama dos Estados Unidos, Melania Trump, o primeiro-ministro canadense, Justin Trudeau, e o presidente ucraniano Petro Poroshenko. Como todos esperavam, Meghan estava na plateia, acompanhada de seu amigo, o canadense Markus Anderson, que havia sido tão solícito para arranjar um local para o primeiro encontro entre Meghan e Harry. Usando um vestido roxo e uma jaqueta de couro da mesma cor sobre os ombros, Meghan parecia confortável e relaxada. Embora não estivesse na área VIP, a presença de um guarda-costas da Scotland Yard sentado perto dela era sinal de que seus dias do lado de fora da área especial para pessoas ilustres estavam contados.

Ela ouviu atentamente Harry dirigir-se à plateia de competidores, seus amigos e parentes: "Vocês todos são vencedores, e não se esqueçam de que estão provando ao mundo que tudo é possível".

Como Toronto estava fervendo com uma onda de calor que fazia as temperaturas esbarrarem nos 35°C, a pergunta que não queria calar era: quando eles seriam vistos juntos?

Dois dias após a cerimônia de abertura, um bando de fotógrafos, que estava tirando fotos de uma partida de tênis em cadeira de rodas entre Austrália e Nova Zelândia, foi abordado por uma assessoria de imprensa do Palácio de Kensington.

Sem nomear Harry ou Meghan, ela sussurrou para eles: "Quando eles chegarem, fiquem em seus lugares e não saiam deles. Se o fizerem, eles irão embora".

Alguns minutos depois, o aglomerado da imprensa assistiu com olhos arregalados quando, de mãos dadas, Harry e Meghan entraram no Nathan Phillips Square e se sentaram ao lado da quadra. Na coreografia do romance deles, isso foi de parar o trânsito. Eles riam e brincavam, acariciavam os braços um do outro, sussurravam palavras de carinho e conversavam com as famílias e amigos dos competidores. Quando Meghan recebeu uma garrafa de água, Harry a aconselhou para deixá-la no chão e não beber na frente das câmeras. Fotos de celebridades bebendo água podem parecer esquisitas e deselegantes.

Meghan tinha a própria agenda. Instintivamente antenada à semiologia da moda, foi deliberada sua escolha de combinar um jeans rasgado com uma camisa folgada, desenhada pela grande amiga Misha Nonoo, chamada de "camisa do marido". Naturalmente, a camisa branca, que Meghan já havia descrito em seu blogue como "minha camisa de botões favorita", esgotou em questão de minutos nas lojas. Sua bolsa, que tinha sido feita pela marca ética Everlane, também mandava uma mensagem; tudo o que ela vestia tinha importância.

No passado, a meia-irmã de Meghan a acusou no Twitter de ter vergonha de Samantha, porque ela estava numa cadeira de rodas. Em outro tuíte, ela mencionou que era veterana do exército, uma sugestão que deixou até a mãe, Roslyn, perplexa. "Samantha não é uma veterana", ela me disse. "Ela entrou para o exército, mas saiu depois de quatro semanas de treinamento, porque passou a maior parte do tempo no ambulatório".

Mas ninguém iria estragar o momento.

A multidão entusiasmada aproveitou outro show à parte, assim que chegou o ex-presidente dos EUA Barack Obama, acompanhado do ex-vice-presidente Joe Biden e sua esposa, Jill. Os ex-líderes mundiais foram assediados pelos espectadores, quando a notícia de sua chegada se espalhou. Harry e seus convidados americanos pareciam completamente relaxados enquanto contavam piadas e faziam poses para *selfies* com membros da torcida.

Durante sua turnê pela cidade, o ex-presidente Obama juntou-se a Harry em um hotel no centro da cidade, onde um conjunto de quartos foi transformado em um estúdio de rádio improvisado. O príncipe conduziu uma entrevista de vinte minutos com o ex-presidente sobre sua vida após a Casa Branca, e o papo descontraído dos dois se tornou a peça central da estreia de Harry como apresentador do programa *Today* pela BBC Radio Four, no fim de dezembro.

Conforme os jogos chegavam ao fim, Harry dirigiu-se à torcida que o aplaudia: "Vocês foram responsáveis pela maior edição dos Jogos Invictus até aqui, com uma atmosfera maravilhosa, fazendo com que nossos competidores se sentissem como as estrelas que são".

Na cerimônia de encerramento, Harry deu um beijo na bochecha de Meghan, enquanto assistiam ao show de encerramento, que contou com Kelly Clarkson, Bryan Adams e a lenda do rock Bruce Springsteen. Ao lado deles, dentro da área VIP, estava a mãe de Meghan, Doria Ragland, que havia pego um voo de Los Angeles para ver a filha e, como todos já sabiam, para conhecer e avaliar o futuro genro.

Estava na hora de tirar a poeira do fraque.

12.

Um Chá com a Rainha

Essa seria a audição mais importante da vida de Meghan. Sem ensaios, sem roteiro, sem segundo *take*. Seria ao vivo e improvisada. Quando ela cruzou os portões do Palácio de Buckingham, em uma quinta-feira nublada e chuvosa de outubro, em um Ford Galaxy preto com vidros escurecidos, a atriz estava prestes a fazer a performance de sua carreira. Embora sempre tivesse dito que não é uma mulher que fica nervosa, ela seria perdoada se estivesse com a boca seca. Ela estava prestes a conhecer a Rainha Elizabeth II num chá da tarde. *Glup*. É claro que ela tinha o Príncipe Harry ao seu lado, segurando sua mão, dizendo-lhe que tudo ficaria bem, que apenas fosse ela mesma. Ainda assim, era um chá com a Rainha da Inglaterra.

Havia um toque de mistério nesse encontro, o que não ajudava muito a acalmar os nervos. O Ford Galaxy imbicou na entrada Soberana, pela qual Harry, Meghan e o segurança da Scotland Yard puderam entrar sem serem notados.

Então, eles foram escoltados ao longo dos aparentes quilômetros de tapete vermelho até a sala de estar privativa da Rainha, que ficava de frente para os jardins do palácio, diante da Constitution Hill. Eles entraram e saíram com tanta discrição que até alguns dos funcionários mais antigos só souberam da visita dias depois.

Verdade seja dita, Meghan já tinha antecipado esse momento internamente. Alguns meses antes, ela fez uma excursão secreta ao Rose Tree Cottage, um pedacinho de Inglaterra localizado em Pasadena, nos subúrbios de Los Angeles. Lá vendem-se diversos itens ingleses, mas o produto principal do empório do proprietário Edmund Fry é o chá da tarde. Meghan visitou o local várias vezes, não só para comprar presentes ingleses, mas para tomar o chá da tarde. Talvez ela tivesse ensaiado um pouco.

Em uma cidade dominada por café e bebidas para viagem, o Rose Tree Cottage conta com uma pitada do refinamento inglês. Foi onde Meghan aprendeu a curvar o dedinho ao segurar a xícara e o pires para tomar seu Earl Grey.

Habilidades necessárias para se lembrar quando fizesse reverência à avó de seu futuro marido. No entanto, os sanduíches de pepino com maionese fresca cortados em finas fatias, a seleção de pequenos *scones* e bolos, além da própria mistura de chás da Rainha Mary feita para a Vossa Majestade, com opção de café para os visitantes americanos, contam apenas parte da história.

O chá da tarde é a chance que a Rainha tem para se inteirar das fofocas do andar superior, onde ficam as damas de companhia, da conversa do andar de baixo, onde ficam os mordomos mais antigos, e para ver membros de sua família. Em tempos passados, a Princesa Diana – quando não levava os garotos, o que não era muito frequente – costumava usar essas ocasiões informais para tratar com a Rainha do caso amoroso de seu filho mais velho com Camilla Parker Bowles. Enquanto tomava seu chá, a princesa buscava um pouco de apoio. O que acabou sendo em vão. O tópico era emocionalmente muito desagradável para sua sogra real, então o assunto era deixado de lado.

Embora o encontro com a Srta. Markle e o Príncipe Harry fosse muito menos carregado, ainda havia um ar de tensão na ocasião. Talvez fosse inevitável. Como quinto na linha sucessória, na época, o príncipe precisava obter a permissão formal da avó para se casar. E, de forma alguma, isso

estava garantido. Ela poderia dizer não. Já tinha feito isso. E aí, o que aconteceria?

Há séculos, as Casas Reais da Europa mantêm-se assim definidas em virtude da linhagem sanguínea e dos genes. Nos tempos da Rainha Victoria, os príncipes e princesas ingleses só podiam se casar com seus congêneres alemães. Isso mudou durante a Primeira Guerra Mundial, quando, em 1917, George V não só alterou o nome da família para Windsor, mas permitiu que seus filhos se casassem com membros da aristocracia britânica. Com o passar das décadas, até mesmo esse édito tornou-se consideravelmente ultrapassado.

Na maior parte, a prole da Rainha se casou com plebeus (ou comuns). Um cavaleiro olímpico, um cavalariço, um fotógrafo, a filha do treinador de polo real, um executivo de relações públicas, todos se juntaram à família real sem portar nenhum título. Apenas Lady Diana Spencer pertencia a uma família aristocrática tradicional. E veja só como a coisa se desenrolou. A Casa dos Windsor tem sido sustentada por comuns – não por sangues azuis. Na verdade, o mesmo pode ser dito da maioria das Casas Reais da Europa. Embora o divórcio continue sendo um ponto nevrálgico para a realeza, o próprio pai de Harry acabou com essa história quando se casou com Camilla Parker Bowles.

Qualquer possível incerteza quanto ao resultado desse encontro não estava com Meghan, mas com o homem com quem ela queria se casar. Era ele que vinha sendo avaliado de perto, quase julgado.

Se ele tivesse aparecido para ver a vovó alguns anos antes, quando tinha a reputação nada invejável de um bêbado raivoso com total falta de bom senso, teria sido pouco provável que a Rainha concordasse com um casamento com uma atriz americana divorciada. "Teria sido um enfrentamento desagradável e infeliz", contou-me um ex-funcionário real. Assim como quando ela teve que bater o pé, em 1955, com relação ao casamento da irmã Margaret com o capitão de grupo Peter Townsend, que era divorciado. Pelo menos, a transformação de Harry nos últimos anos, junto com a popular união entre o Príncipe William e Kate Middleton,

garantia o futuro da monarquia. O comportamento impecável de Harry ao representar a Rainha no exterior, e seu comprometimento com os Jogos Invictus, vinha sendo observado e avaliado com atenção pela Soberana. Como me disse um cortesão, "a Rainha confia em seus netos. Ela tem uma confiança neles como jamais teve com seu filho mais velho. Eles, realmente, se estabeleceram como pessoas que mantêm contato com o povo. William e Harry têm grande carisma, são autênticos e críveis herdeiros da monarquia".

O selo final de aprovação veio dos cães da raça Corgi da Rainha. Os cães dessa raça, normalmente irascíveis, foram amigáveis e acolhedores quando Meghan entrou na sala de estar da Rainha. Como um melindroso príncipe Harry disse em outro momento: "Passei os últimos trinta e três anos sendo alvo de seus latidos; essa aqui entra, e nada". Eles se deitaram aos pés dela e abanaram os rabos. "Muito fofos", Meghan disse, depois, à entrevistadora Mishal Husain.

Durante o encontro de uma hora, Meghan testemunhou em primeira mão o genuíno respeito e amor que Harry sente pela avó. "Ela é uma mulher incrível", ela disse mais tarde.

Após um turbilhão de latidos e uma reverência final, Harry e Meghan se despediram, deixando rapidamente o palácio, antes que a fábrica de fofocas real fosse capaz de saber do encontro. Trabalho concluído com sucesso.

Porém, não totalmente. Meghan ainda tinha que conversar com seu esquivo pai e colocá-lo a par dos acontecimentos. Desde sua aposentadoria, Thomas havia ficado mais recluso, indo morar no México, onde comprara um apartamento em Rosarito, uma famosa cidade de praia, a dezesseis quilômetros da fronteira com os Estados Unidos. Ele mudava toda hora o número do celular, e chegou até a se mudar de um apartamento, porque a viúva do recém-falecido proprietário estava ficando "muito amigável".

Quando, por fim, ela conseguiu falar com o pai, ela lhe contou as novidades, alertando-o que a mídia tentaria entrevistá-lo quando o noivado fosse anunciado. Ele já tinha conversado antes com o Príncipe Harry, portanto ele sabia o que vinha por aí. Em determinado momento, Harry pediu à voz do outro lado da linha permissão para se casar com a sua filha.

Não tão tradicional quanto um chá com a Rainha, mas não havia muita coisa nesse romance que seguisse a cartilha convencional da realeza.



Com ambas as famílias alertadas, era chegada a hora do feliz casal prestar a devida vênia ao público; o anúncio do noivado deles seria às 10h da manhã de segunda-feira, 27 de novembro de 2017. A notícia foi divulgada através da Clarence House, lar do Príncipe Charles e da Duquesa da Cornualha, com o pai de Harry expressando seu "contentamento" com o noivado. O anúncio continuava: "Sua Majestade Real e a Srta. Markle ficaram noivos em Londres no início deste mês. O Príncipe Harry informou a Vossa Majestade, a Rainha, além de outros membros próximos da família. O Príncipe Harry também pediu e recebeu as bênçãos dos pais da Srta. Markle".

Em minutos, dezenas de repórteres, fotógrafos e equipes de televisão se aglomeraram do lado de fora do Palácio de Kensington para uma sessão de fotos no Sunken Garden. Às duas da tarde, em um dia gélido e de muita ventania, o feliz casal apareceu e caminhou de braços dados até a margem do lago. Harry parecia mais nervoso que a noiva, com Meghan acariciando seu braço para lhe dar conforto. Eles responderam algumas das perguntas gritadas, o príncipe dizendo à turba que sabia que ela era a escolhida desde o dia em que a conheceu, e descreveu-se "empolgado e nas nuvens". Meghan sorriu e disse que eles estavam "muito, muito felizes".

Enquanto se afastavam, Meghan esfregou as costas dele, como se dissesse "muito bem", e o casal voltou de braços dados para o palácio para uma entrevista de vinte minutos com a repórter da BBC e ativista, Mishal Husain. A mulher de quarenta e quatro anos e mãe de três filhos, que tinha sido indicada como Repórter do Ano de 2015 pelo London Press Club Awards, chamou a atenção de Meghan por sua campanha por salários iguais para as mulheres da BBC. Então ela e Harry escolheram a dedo o nome da jornalista para que ela fizesse a entrevista do noivado.

A conversa televisionada começou com o casal descrevendo o momento em que o príncipe pediu sua mão, dizendo que eles estavam no Nottingham Cottage, assando um frango, quando ele se ajoelhou e pediu que ela se casasse com ele. "Foi uma surpresa maravilhosa, foi lindo, natural e muito romântico", disse Meghan, que confessou ter dito "Sim" antes que ele pudesse concluir o pedido. Eles lembraram que se conheceram por meio de uma amiga em comum, em um encontro às cegas em julho de 2016, e depois de dois encontros consecutivos, Meghan concordou em acompanhá-lo ao safári em Botswana. Na época, Harry nunca tinha ouvido falar de *Suits* ou da atriz californiana, e ela admitiu que não sabia direito a respeito de Harry.

Isso mais ajudou do que atrapalhou no desenrolar do relacionamento amoroso entre os dois. Como Meghan observou: "Tudo que conheci sobre ele, soube por intermédio dele mesmo, em vez de ficar ouvindo uma história diferente da outra ou pelos tabloides ou pelo que quer que fosse. Qualquer coisa que eu ficava sabendo sobre ele e sua família, era o que ele dividia comigo e vice-versa. Então, para nós dois, foi um jeito muito autêntico e orgânico de nos conhecermos". Isso também ajudou a amortecer o choque que os dois vivenciaram com o nível de interesse midiático, uma vez que o romance se tornou público.

Nutrir o relacionamento deles tornou-se uma prioridade, e o casal descreveu como eles prometeram um ao outro, desde o início, que fariam esse relacionamento à distância dar certo. "Era uma questão de escolha, certo?", disse Meghan. "Acho que desde o início percebemos que iríamos nos comprometer um com o outro; sabíamos que precisávamos investir tempo, energia e o que quer que fosse para fazer acontecer".

Ajudou também no enfrentamento dos obstáculos o fato de que, virtualmente, desde o início, os dois se viam como uma "equipe", que tinha visões semelhantes sobre como queria fazer uma diferença positiva na sociedade. O comprometimento mútuo, segundo Meghan, "foi que a fez marcar o segundo encontro em sua agenda".

Ela relembra: "Uma das primeiras coisas sobre a qual começamos a conversar quando nos encontramos foi, exatamente, as tantas coisas que queríamos fazer no mundo e como éramos apaixonados por fazer a diferença ao nosso redor".

Como na entrevista de noivado do irmão, o espírito da finada mãe parecia estar pairando na ocasião. Naquele dia de novembro, em 2010, o foco era no próprio anel de noivado de Diana, que William, com muito cuidado, guardou consigo antes de pedir a mão de Kate Middleton durante as férias no Quênia. Dessa vez, pequenos diamantes da coleção de joias dela decoraram o anel de noivado de Meghan, no qual predominava um diamante da zona livre de conflitos no Botswana, o país onde eles se apaixonaram. Desta forma, Diana estaria presente "junto com eles nessa jornada maluca", segundo Harry.

Assim como o próprio William disse em sua entrevista de noivado, Harry também sentia a ausência da mãe nesses dias especiais. O príncipe não tinha dúvidas de como ela reagiria à nora americana. "Elas seriam como unha e carne, com certeza; acho que ela estaria nas nuvens, pulando de alegria – você sabe, muito feliz por mim".

Certamente, havia um verdadeiro sentido de destino para Harry com relação ao seu romance com Meghan. Como ele admitiu: "O fato de que me apaixonei pela Meghan tão rapidamente foi meio que uma confirmação de que tudo – de que todos os astros estavam alinhados, tudo estava perfeito. Essa linda mulher meio que literalmente tropeçou e caiu na minha vida, e eu caí na vida dela".

A entrevista de noivado de Meghan estava a mundos de distância da entrevista tímida e enrubescida de Lady Diana Spencer, e do comentário do Príncipe Charles, na ocasião, "o que quer que o amor signifique", quando perguntaram a ele se estava apaixonado por Diana – resposta que acabava de vez com sua reputação romântica. Diferente também da história mais formal e convencional de quando o Príncipe William e Kate Middleton ficaram de frente para as câmeras. Na ocasião, uma visível e compreensivelmente nervosa Kate divergiu de William em suas respostas. Mas não desta vez.

Meghan era calorosa, afetuosa e solidária, mais tranquila com a mídia do que seu noivo real. "Uma brisa de ar fresco", foi uma opinião comum.

A recepção arrebatadora da notícia do noivado sugeria que essa era, de fato, uma união popular, e que o país, assolado pela angústia do Brexit, ainda adorava um bom romance. Naturalmente, a Rainha e o Príncipe Philip ficaram "encantados", principalmente porque a união consolidava a tolerância da monarquia pelas próximas gerações. O Príncipe William e a Duquesa de Cambridge estavam "muito animados", enquanto a Duquesa da Cornualha descreveu Meghan como uma "estrela". "A perda da América é um ganho para nós", disse ela.

A primeira ministra Theresa May comentou que o noivado marcava um "tempo de enorme celebração e animação", enquanto Barack e Michelle Obama desejaram-lhes "uma vida de alegria e felicidade juntos". O rei do Twitter, o presidente Trump, permaneceu em silêncio a respeito da primeira americana, desde 1937, a casar-se com um membro da família real. Os pais de Meghan disseram estar "incrivelmente felizes" pela filha, enquanto seu pai na ficção, o ator Wendell Pierce, deu sua bênção a Harry.

E o seu amor das telas, o ator Patrick J. Adams, brincou no Twitter: "Ela disse que só estava saindo para comprar leite". Mais tarde, ele acrescentou seus desejos sinceros: "Sua Alteza Real, você é um cara de sorte, e sei que juntos terão uma vida longa, alegre, produtiva e divertida". Havia uma vítima num dia de sorrisos e risadas. Embora Meghan tivesse conseguido trazer Guy, o beagle, para viver com ela em Londres, seu segundo cão, Bogart, o mestiço de Labrador, foi considerado muito velho para viajar. Ele foi mandado para a casa de alguns amigos de Meghan, onde passaria seus últimos dias.

Era preciso abdicar de outras coisas também. Após o anúncio público, Meghan renunciou ao cargo de embaixadora global pela World Vision Canada e se afastou do envolvimento com questões de igualdade de gênero e emancipação feminina em organizações como a ONU Mulheres e a One Young World. Agora que ela estava dentro das paredes do palácio, tinha que viver de acordo com as regras.

Política, em particular, estava expressamente fora dos limites. Meghan já usou em outras ocasiões seu status de celebridade para apoiar Hillary Clinton, lamentar o Brexit e atacar Donald Trump, como "misógino" e "causador de discórdias". Opiniões tão contundentes serão emudecidas pelo protocolo do palácio, que visa evitar que os membros da realeza, nem sempre com muito sucesso, expressem publicamente suas visões sobre figuras políticas, partidos e assuntos delicados.

O secretário de comunicações dela, Jason Knauf, informou a cerca de cem jornalistas que chegaram para a coletiva no Palácio de Buckingham que, após rodar o mundo, o afastamento de Meghan de seu trabalho humanitário já existente seria como ter uma "folha em branco" para decidir onde poderia melhor investir seu tempo e talento. Será uma luta e um teste para uma mulher que cresceu acostumada a gostar de uma plataforma pública. Como uma amiga de Meghan me disse, "ela trará muita diversidade e novas ideias, novas maneiras de fazer as coisas. Ela não vai apenas se misturar com a realeza".

Durante a entrevista de noivado, o Príncipe Harry deu uma dica sobre a direção que o casal poderia assumir no futuro, trabalhando com crianças nos países da Commonwealth, onde a herança multirracial de Meghan poderia ser um ativo positivo. Em abril, aconteceu o Encontro de Chefes de Governo da Commonwealth, conhecido como CHOGM, na sigla em inglês, dando a Harry a chance de apresentar sua futura esposa a alguns dos Chefes de Estado dos cinquenta e dois países presentes no centro de Londres. Foi uma introdução ao futuro papel de Meghan dentro da família real – e seu primeiro gostinho de um banquete oficial no Palácio de Buckingham.

Uma fonte da realeza disse: "O Príncipe Harry, com certeza, terá um papel a desempenhar, e agora que está se casando com Meghan Markle, o CHOGM proporcionará a oportunidade perfeita para que ela aprenda mais sobre a Commonwealth". Ela teve um vislumbre pela primeira vez em meados de março, quando foi à missa do Dia da Commonwealth, na Abadia de Westminster, na presença da Rainha e de outros membros da família real.

Em meio à indecisão sobre sua futura carreira real, houve também conversas sobre família, com Harry dizendo na entrevista de noivado que a hora para filhos seria em "um futuro próximo".

Apesar de Meghan, em virtude do casamento, ser conferida com o título de Sua Alteza Real e se tornar a Duquesa de Sussex, ela planejava manter a cidadania americana, pelo menos, por hora. Isso significa que ela continuará qualificada a pagar impostos americanos. Em paralelo, ela entrará com uma solicitação para se tornar cidadã britânica, um processo que pode levar até três anos. A solicitação culmina em um questionário sobre história e cultura britânicas. Dada sua péssima performance naquele questionário televisivo, em julho de 2016 – quando ela foi testada em gírias londrinas e sobre animais das Ilhas do Reino Unido – poucos acharam que ela iria se sair muito bem.

Ela não seria a única. Afinal de contas, uma pesquisa da agência YouGov mostrava que, quando o questionário era entregue a um grupo de nativos britânicos, metade das pessoas abaixo dos vinte e quatro anos falharia no exame. Alguns inquiridos achavam que o Havaí fazia parte do Reino Unido, e que o Seguro Nacional era usado para pagar as entregas do supermercado. Outras perguntas no teste, cujo valor é de 50 libras esterlinas, tais como, o que é Vindolanda (um forte romano ao sul da Muralha de Adriano) e o Estatuto de Rhuddlan (a anexação de Gales à Inglaterra), deixaram confusos até mesmo historiadores sociais.

Havia outras mudanças na vida dela também. Como ela e Harry se casariam na Capela de St. George, no Castelo de Windsor, sob os auspícios da Igreja da Inglaterra, Meghan, cujo pai era anglicano e a mãe protestante, precisava ser batizada e crismada antes da celebração de maio. Sua ex-professora de estudos religiosos no Immaculate Heart, Maria Pollia, não tinha dúvida de que Meghan "impressionaria e encantaria" os clérigos da Igreja da Inglaterra, quando fosse se preparar para a conversão na fé. "Ela compreenderá a liturgia e o sacramento, sem falar que demonstrará a profundidade de sua valorização teológica". Sua previsão foi exata, com Meghan formando um forte laço com o Arcebispo de Canterbury, Justin

Welby, que conduziu uma cerimônia de batismo privada na Capela Real, em março. Entre os presentes, que assistiam enquanto o arcebispo despejava água benta do Rio Jordão sobre sua cabeça, estavam o Príncipe Charles, futuro Defensor da Fé, e a Duquesa da Cornualha.

Desde o princípio, o casal estava determinado a ter controle sobre o dia do casamento em si. Como disse o diretor de comunicações deles, Jason Knauf, "o casal, claro, quer que o dia seja um momento especial e de comemorações para os amigos e familiares. Eles também querem que o dia seja moldado de forma a permitir que membros do público em geral sintam-se parte das comemorações, portanto estão avaliando as possibilidades de como poderão colocar essas ideias em prática.

"Esse casamento, como todos os casamentos, será um momento de alegria e diversão, que refletirá as personalidades do noivo e da noiva. O Príncipe Harry e a Srta. Markle estão liderando o processo de planejamento em todos os aspectos do casamento".

Thomas Markle deve ter sentido um alívio ao saber que a família real pagaria pelas flores, festa, cerimônia e música. Ele ou Meghan teriam apenas que desembolsar o dinheiro do vestido.

Foi como um renascimento: uma nova religião, um novo país, uma nova cultura, uma nova língua (por assim dizer) e, certamente, uma nova carreira. Ao passar por um recomeço com o homem que amava, Meghan também teve que abdicar de muita coisa. Ela nunca mais poderia perambular pelas lojas sem um guarda-costas, nunca mais levaria sozinha o cão Guy para passear, não poderia mais dividir com o mundo um pensamento ou lucubração no Twitter ou Instagram. Em resumo, sua vida nunca mais seria a mesma.

Quase que da noite para o dia, ela e o Príncipe Harry tornaram-se o casal mais famoso do planeta, e "Meghan Markle" tornou-se o nome mais buscado no Google em 2017. Ela foi abençoada com uma dádiva, uma dádiva que a desafiaria e a preencheria, dando-lhe o tipo de acesso e influência com que ela sempre sonhou. O próximo teste dela seria descobrir como usar sabiamente essa dádiva.

13.

A Noiva de um Bilhão de Dólares

No momento em que Meghan Markle disse "Sim", quase foi possível ouvir o tinir das caixas registradoras. Em minutos, a atriz deu origem a uma indústria de uma mulher só para rivalizar com qualquer filme de sucesso de Hollywood.

Tudo, desde casaco, vestido e calçados que ela vestiu em seu noivado, até a sombra, o esmalte de unha e os moletons – até mesmo seu belo nariz empinado – foram copiados, imitados, anunciados e vendidos. Ela era um bom negócio, um muito bom negócio, o pó mágico da realeza que impulsionou marcas de moda, turismo e até cirurgias plásticas. O casaco de lã branco, da confecção canadense Line the Label, que ficou famoso por ela ter usado no dia em que anunciou o noivado, esgotou em minutos, deixando consumidores ávidos sem opção a não ser deixar seus nomes em uma lista de espera de 400 pessoas. Ele foi relançado na primavera seguinte, quando foi renomeado como "The Meghan".

A Meghan-mania tomou conta da nação, sendo que jornais imprimiam cadernos especiais sobre a vida e a história da mais nova "Mega Star" da Inglaterra, parafraseando a manchete do *The Sun*. Em uma indústria em declínio, a esperança era que Meghan, assim como Diana antes dela, fosse a figura que pudesse se tornar a nova galinha dos ovos de ouro.

Kate Moss, que nada! Havia uma nova rainha da High Street na cidade. Tudo que Meghan tocava ou vestia transformava vidas – e dava muito lucro.

A empresa especializada em óculos de sol Finlay and Co. foi capaz de abrir uma loja no Soho, centro de Londres, no embalo de um aumento nas vendas depois que ela usou esses óculos escuros em sua primeira aparição pública com o Príncipe Harry em Nottingham. A empresa vendeu 20 mil libras esterlinas em óculos, em apenas vinte e quatro horas, graças ao toque de Midas da Srta. Markle.

Novamente, quando ela apareceu carregando uma bolsa modelo *tote* de 500 libras esterlinas, produzida por uma pequena empresa de Edimburgo chamada Strathberry, o estoque da empresa para o modelo acabou em uma hora.

A cofundadora da Strathberry, Leeanne Hundleby mal pôde acreditar em sua sorte. Algumas semanas antes, agindo por impulso, ela enviou para Meghan uma seleção de bolsas e ficou felicíssima ao ver que o produto recebeu o selo real de aprovação. "Foi maravilhoso para nós, foi realmente chocante", disse uma porta-voz da empresa. "Foi uma surpresa fantástica e ficamos muito felizes. De repente, estávamos incrivelmente ocupadas com as vendas".

Para Meghan, sua admissão na família real foi uma oportunidade para influenciar um novo exército de fãs ao usar marcas ecológica e eticamente corretas, assim como empresas que possuem princípios filantrópicos.

Anteriormente, ela usava o blogue The Tig para promover tais marcas, como a Conscious Step – uma empresa de meias que planta vinte árvores para cada par vendido – e a The Neshama Project, uma empresa de joias californiana que doa uma porcentagem dos lucros para a Innovation: Africa. Ela sempre soube que estar com Harry lhe daria um megafone, e, mesmo que tivesse que dar alguns passos para trás em seu trabalho beneficente enquanto seu futuro estivesse sendo resolvido, ela estava determinada a usar isso e comunicar as mensagens que lhe eram significativas da maneira que fosse possível.

Cuidadosa e ponderada, Meghan tem consciência de que qualquer coisa que use, seja maquiagem, roupas, um novo corte de cabelo ou joias, gera certo impacto. Ela precisa pensar estrategicamente. Durante seus tempos de *Suits*, ela se acostumou a ser observada e debatida. Mas esse era um nível completamente diferente de escrutínio. Ela tem uma personalidade que dá respostas, descrevendo-se como alguém que gosta de refletir, dar uma pausa antes de seguir adiante. Como ela mesma admite: "Sempre penso muito nas coisas, e tento ser o mais sensível e atenciosa possível sobre como determinada coisa fará outra pessoa se sentir".

Por exemplo, durante sua visita a Cardiff, ela carregava uma bolsa da DeMellier, uma marca britânica que financia vacinas que salvam vidas por meio de suas vendas, e vestiu um casaco livre de crueldade com animais feito por Stella McCartney, uma ativista dos direitos dos animais além de estilista de luxo. Como Meghan, certa vez, escreveu em seu blogue: "É bom ser fabulosa, mas ainda melhor é se fizer algo de valor para o mundo". Nem todos ficaram impressionados. A colunista Amanda Platell provocou: "Há uma linha tênue entre fazer o bem e sinalizar como você é virtuosa. Podemos viver em uma época de mídias sociais, mas os Windsor NÃO são as Kardashian".

Quer ela queira, quer não, Meghan tornou-se uma mulher que é um *outdoor* falante e ambulante, pois tudo que ela veste é avaliado e, depois, vendido *online*. Há sites, como o Meghan's Mirror, que foram criados para lucrar com a centelha Markle. Esses sites são, de fato, lojas virtuais dedicadas a tudo o que se refere a Meghan, vendendo e enviando mercadorias com apenas alguns cliques, e, no caso do MeghansMirror.com, usando o mesmo site de *e-commerce*, o RewardStyle, que o The Tig utilizava em seu auge. A editora do Meghan's Mirror, Christine Ross, explicou que a popularidade de Meghan se deu em virtude de que seu estilo tem a ver com toda e qualquer mulher.

Ironicamente, enquanto ela comandava o próprio site, Meghan recebia uma fatia da torta. Agora, não recebe nem um centavo, embora as

recompensas sejam muito maiores.

Essa total mercantilização de uma princesa real está muito longe da época em que um entediado assessor de imprensa do Palácio de Buckingham, com muita má vontade, distribuía um pedaço de papel descrevendo o que a Princesa de Gales iria usar naquele dia – e, se você tivesse sorte, conseguiria o nome do estilista. Durante os anos 1980, Diana raramente usava roupas da High Street, preferindo estilistas como Arabella Pollen, Victor Edelstein, que fez o famoso vestido John Travolta, e, mais tarde, em seus anos de independência, as criações descomplicadas de Catherine Walker. Quando, de tempos em tempos, ela resolvia ousar com uma marca da High Street, como as vestimentas estampadas com pequenos elefantes da luxuosa rede alemã Escada, Diana enfrentava críticas da elite da moda.

Mesmo que as vendas *online* estivessem disponíveis nos tempos de Diana, o custo e a exclusividade de suas roupas teriam impedido que suas adoradoras se vestissem como a finada princesa. No entanto, durante anos, cópias dos vestidos reais esgotavam rapidamente, e a preços baixos. Quando Wallis Simpson se casou em junho de 1937, por exemplo, ela ficou furiosa ao saber que seu vestido de casamento, minuciosamente elaborado pelo estilista americano Mainbocher, havia sido copiado e estava à venda em questão de horas após as fotografias do casamento terem sido divulgadas. Naqueles tempos, "barato" era um termo bastante relativo, e mesmo as falsificações chegavam a preços muito além do orçamento da maioria das pessoas.

Com seu jeito mais discreto, Kate Middleton começou a revolução da moda na Casa de Windsor usando, deliberadamente, roupas disponíveis e a preços acessíveis, misturando-as com marcas mais sofisticadas. A marca Reiss, por exemplo, era um item básico em seu armário. Ela se tornou a primeira princesa do proletariado – o palácio e a High Street andando lado a lado. Seus estilos e escolhas eram imitados desde a Maidenhead até a Madison Avenue. "Catherine fica estilosa, mesmo usando acessórios e roupas acessíveis", observou o diretor da marca Reiss, Andy Rogers.

Meghan avançou um pouco nesse quesito, usando a semiologia da moda para focar em marcas éticas e pouco conhecidas. Era um interesse que tinha, muito antes de conhecer o Príncipe Harry. Na conferência da One Young World em 2014, por exemplo, Meghan fez questão de conhecer Ali Hewson, esposa de Bono Vox do U2, porque queria aprender mais sobre a Edun and Nude, sua coleção de roupas éticas e linha de maquiagem.

Ironias à parte, quando Meghan se vestiu como uma princesa de verdade, usando um vestido de 56 mil libras esterlinas da grife Ralph & Russo, de Londres, para suas fotos formais doe noivado, foi criticada por sua extravagância. A primeira foi sua irmã Samantha, que ficou se perguntando como ela poderia gastar tanto em um vestido, quando o pai Tom, teoricamente, estava em dificuldades financeiras. Meghan foi descobrindo, assim como Diana e Kate antes dela, que, qualquer coisa que ela escolha vestir, alguém sempre terá uma ideia melhor. As estonteantes fotografias em preto e branco tiradas pelo fotógrafo de moda Alexi Lubomirski para o noivado deles, na Frogmore House – o cemitério real dentro do Castelo de Windsor – era um lembrete do charme e apelo ditados por esse casal. "O puro glamour de Meghan faz Hollywood casar com a Casa de Windsor", declarou o normalmente contido *Times* de Londres. Como Lubomirski comentou: "Não consigo deixar de sorrir sempre que olho para as fotos que tiramos, tamanha era a felicidade dos dois".

Embora a família real não estivesse administrando o caixa, eles aprovaram a venda, em lojas de presentes do Palácio de Kensington, Sandringham e do Palácio de Buckingham, de canecas, colheres banhadas a ouro, marcadores de livros, cadernos de anotações e cartões postais, todos adornados com a imagem sorridente de Meghan e Harry. Quando cerca de mil canecas de cerâmica, que custavam 20 libras esterlinas cada uma, foram colocadas à venda em comemoração ao anúncio do noivado, elas esgotaram o estoque em vinte e quatro horas. Todos os hotéis e pousadas nas proximidades do Castelo de Windsor estavam com as reservas esgotadas muito antes do casamento em maio de 2018, enquanto que o Ministério do Turismo da

Inglaterra esperava um enorme influxo de visitantes – cerca de 350 mil turistas a mais, em relação ao casamento real de William e Catherine. Mesmo que os visitantes não tenham conseguido ver direito o casal feliz, havia muitos sósias profissionais de Harry e Meghan para ocuparem o lugar deles, mediante, claro, a uma módica quantia.

Quanto a outros casais felizes, a empresa cerimonialista *online* Bridebook relatou que os pedidos de informações para castelos e luas de mel em Botswana subiram absurdamente, enquanto que as vendas de anéis de noivado de diamante à "la Markle" subiram em um terço. O executivo da Bridebook.com, Hamish Shephard, contou ao IBTimes da Inglaterra: "As núpcias de Meghan e Harry estimularão tanto a indústria do casamento quanto a economia britânica. Estamos esperando um grande aumento".

No geral, o *London Times* calculou que a família real contribuirá em cerca de 1 bilhão e oitocentos milhões de libras com a economia britânica no ano de 2018. Desse total, a consultoria de valores Brand Finance estimou que o casamento real poderia render 1 bilhão de libras esterlinas para a economia e, com o pós-Brexit, ajudar a melhorar a relação do Reino Unido com os Estados Unidos. O executivo da Brand Finance, David Haigh, contou à Reuters: "O último casamento real teve um efeito eletrizante na atitude das pessoas com relação à monarquia e ao Reino Unido, e isso terá um impacto ainda maior, porque foi a um patamar global, com Harry casando com uma americana glamourosa".



Deixando um pouco de lado os números, no dia 1º de dezembro, uma semana após o anúncio do noivado, Meghan faria sua primeira apresentação ao novo mundo em que se locomoveria, ao viajar para Nottingham, cumprimentando membros do povo durante um compromisso real oficial. Era como andar pelo tapete vermelho, exceto que era mais frio, mais úmido e não tinha tapete vermelho.

Ao contrário de Kate, a Duquesa de Cambridge, cujo primeiro compromisso foi batizar um bote salva-vidas em uma cerimônia modesta em Anglesey, ao norte de Gales, Meghan foi jogada de cabeça nessa loucura, com milhares de pessoas esperando por horas sob o céu gelado e cinzento só para ver de relance a princesa de Hollywood. Embora o foco fosse a visita a um centro ligado à obra beneficente World AIDS Day, todos queriam ver a futura esposa do príncipe. Ela parecia um tanto nervosa, como deveria estar, e Harry a abraçava frequentemente e sussurrava palavras de incentivo em seu ouvido. Ao apresentar-se como Meghan, rapidamente acostumou-se ao estilo padrão de conversa dos ingleses, que é conversar sobre o tempo. (Em Los Angeles, era sobre o trânsito nas vias de acesso.) Ela agradeceu às pessoas por esperarem naquele frio, aceitou doces, abraços, beijos, comparações com a Princesa Diana e flores, mas recusou as *selfies* – a futura esposa estava aprendendo rápido.

Dentro do centro de AIDS, eles se encontraram com vítimas e organizadores, e Meghan impressionava por sua habitual simpatia. O soropositivo Chris O'Hanlon, da Positively UK, uma instituição que ajuda pessoas que foram recentemente diagnosticadas com o vírus, achou o casal agradável de se conversar, sincero e atencioso. O veredito: "Ela não só será um excelente acréscimo à família real, mas será também uma ótima embaixadora de qualquer causa que quiser abraçar de corpo e alma".

O casal real seguiu assistindo a uma ópera *hip hop*, onde Harry contou a um conhecido, também de cabelos ruivos, que estar com Meghan era "ótimo, inacreditável". Eles deixaram o povo de Nottingham enternecido. Ao elogiar Meghan por seu "charme e tranquilidade", o colunista Jan Moir ficou maravilhado: "Que estreia impressionante. Apesar de Meghan Markle não ter nascido para ser princesa, ela se move com muita leveza por esse admirável mundo novo".

Com as buscas na internet por Meghan Markle ultrapassando as do recém-lançado iPhone 8, parecia que todos queriam ficar a par da carismática Srta. Markle, inclusive a Rainha, sua família e seus criados. O Príncipe Harry fez

um vídeo em versão editada com os melhores momentos dela no seriado *Suits*, para mostrar à Rainha e ao Príncipe Philip, assim eles poderiam compreender mais claramente o que seu neto via nela. A monarca ficou suficientemente impressionada, a ponto de dispensar a regra de longa data de que apenas membros da família real poderiam se reunir em Sandringham para o Natal. Ela estendeu o convite à noiva de Harry para que ela participasse do clã. Foi um reconhecimento dos novos tempos, já que o casal, na prática, vinha morando junto há mais de um ano. "Rainha quebra o protocolo por Meghan", dizia a manchete do *Sun*.

O primeiro estágio de Meghan no mundo da realeza foi se juntar à Rainha e o Príncipe Harry na festa de Natal anual da equipe do Castelo de Windsor. Centenas de criados, empregadas, mordomos e jardineiros competiram por um lugar só para trocar meia dúzia de palavras com Meghan, que caminhou lentamente por todo o salão. Um convidado disse: "Ela perguntou a todos o nome e o que faziam – ela tem um talento natural".

Depois de ela ter conhecido a equipe inteira, Harry a levou ao Palácio de Buckingham, onde, no dia 20 de dezembro, todos os parentes da família real – todos os setenta – reuniram-se para o almoço. Embora seja um compromisso familiar, ainda assim é um compromisso da família real, e há toda uma hierarquia a seguir de quem se curva a quem e quem reverencia quem. Meghan, por exemplo, tinha que reverenciar sua futura cunhada, a Duquesa de Cambridge, e também a Condessa de Wessex, já que o Príncipe Edward estava presente. (O interessante é que o costume dita que, se ele estivesse ausente, Meghan não precisaria flexionar os joelhos.) O irmão de Diana, Charles Spencer, lembra que, em certa ocasião, houve tantas reverências que acabou se curvando a um criado condecorado.

Para uma garota da Califórnia, onde o informal reina e o americano médio não se curva a ninguém, essa ocasião deve ter sido chocante, para não dizer um pouco incômoda. Lá estava ela, uma defensora do padrão da igualdade de gênero, fazendo reverências ao pessoal. Óbvio, todos estavam morrendo para conhecer a recém-chegada, portanto, junto com as reverências, houve

um frenesi de apertos de mão e breves apresentações: "Como vai?" e "Prazer em conhecê-lo".

Quando eles se sentaram para o almoço, Meghan viu-se entre o futuro sogro, o Príncipe Charles, e Peter Mark Andrew Phillips, um organizador de eventos e único filho homem da Princesa Real Anne, irmã do Príncipe de Gales. Eles puxaram os tradicionais *Christmas crackers* juntos, depois Meghan colocou uma coroa de papel e juntou-se aos outros na hora de ler piadas sem graça, enquanto devoravam o peru assado acompanhado de outras guarnições.

Uma fonte real foi citada no *Daily Mail* como tendo dito: "Estava na cara que ela estava um pouco nervosa no início, mas logo relaxou com a ajuda do Príncipe Harry, à medida que ele a apresentava a todos e, depois, ela aproveitou bastante a festividade".

No entanto, o almoço estava fadado a ser lembrado por todos os motivos errados, já que a vizinha de Meghan, a Princesa Michael de Kent, que mora no apartamento 10 do Palácio de Kensington, do outro lado da rua do Nottingham Cottage, chegou ao Palácio de Buckingham usando um broche "blackamoor", uma joia veneziana do século XVI que hoje é considerada racista por sua representação de escravos. Como Meghan é birracial, e esse era o primeiro encontro deles com a família real completa, a decisão da Princesa Michael foi considerada, particularmente, ofensiva. A princesa de setenta e três anos pediu milhões de desculpas e prometeu jamais voltar a usar o broche com o busto de uma mulher negra.

"O broche foi um presente utilizado em diversas outras ocasiões", disse um assessor da Princesa Michael em um comunicado. "A Princesa Michael sente muito e está consternada por ter ofendido quem quer que seja".

A Princesa Michael, cujo marido é um primo da Rainha e cujo pai foi um membro do Partido Nazista de Hitler, já está acostumada a controvérsias raciais. Quando ela estava em um restaurante em Nova York, em 2004, teve um bate-boca com um grupo de clientes afro-americanos, quando teria dito para que eles "voltassem para suas colônias". Para restaurar sua reputação,

ela deu uma entrevista extraordinária na televisão na qual descrevia ter se passado por uma "mestiça africana" na juventude para experimentar a vida entre essas "adoráveis pessoinhas especiais", quando viajou pela África do Sul e por Moçambique.

Mas Meghan tinha mais com que se preocupar do que com o comportamento rude de sua nova vizinha. O amado cãozinho Guy tinha quebrado as duas patas de trás em um acidente. Embora o beagle já estivesse em recuperação após ser tratado pelo Prof. Noel Fitzpatrick, do programa de TV "Super Vet", em sua clínica em Surrey, ela precisou se separar de Guy para ele se recuperar totalmente, enquanto, na Véspera do Natal, ela e Harry se dirigiram a Sandringham para passar o Natal com a família real.

Apesar de ter quartos suficientes na morada majestosa – Sandringham possui 270 quartos – Meghan e Harry aceitaram o convite de William e Catherine para ficarem com eles em sua casa de campo recém-reformada, a Anmer Hall. Foi mais tranquilo, o "Fab Four" [Quarteto Fantástico, apelido que era usado para o grupo britânico The Beatles], como estavam ficando conhecidos, aproximando-se mais a cada dia que passava.

Ainda que tudo fosse novo e empolgante para Meghan, Natal em Sandringham possui um sossegado ritmo constante, como o ditado por um dos muitos relógios do avô de Harry, que domina os corredores. Na Véspera de Natal, logo após o chá da tarde, a família real abre os presentes, no estilo alemão. Em seguida, o protocolo é igreja na manhã de Natal, casa principal para o almoço e, depois disso, todos assistem à transmissão de Natal da Rainha. No dia seguinte ao Natal, os rapazes vão dar tiros nos faisões na plana e imensa propriedade.



Às quatro da tarde da Véspera de Natal, a família inteira se reúne no salão de madeira para a refeição favorita da Rainha, o chá da tarde. Pequenos

sanduíches, *scones* assados em casa, *muffins* e bolos eram oferecidos junto com o Earl Grey sabor indiano, especial da Rainha.

Após um curto descanso, todos se reuniram novamente no salão branco, às seis da tarde, para abrirem os presentes, que foram dispostos sobre mesas cobertas com panos e um cartão com o nome na frente da pilha de presentes de cada membro da família.

O ex-marido da Princesa Margaret, Lord Snowdon, certa vez, descreveu a cena como um "verdadeiro tumulto", já que todos rasgam os papéis de seus presentes ao mesmo tempo. Os adultos da realeza não compram presentes caros, preferem itens engraçados ou presentes excêntricos. Num ano, Harry deu à Rainha uma touca de banho com a frase "A vida é cruel". Em outro ano, ele deu à avó uma placa com um robalo cantor no estilo "Big Mouth Billy Bass", que até hoje fica exibido, com todo orgulho, sobre o piano do escritório em Balmoral. Em seu tempo, Diana deu à matriarca um par de seios falsos, enquanto a Princesa Anne recebeu um capacho bordado. Um relato sugeriu que Meghan entrou na brincadeira, dando à rainha um boneco *hamster* cantor, que, aparentemente, os cães da raça Corgi olharam com avidez.

Assim que os ânimos acalmaram, os familiares voltaram aos seus quartos para colocar o traje do jantar – vestidos longos para as mulheres, traje a rigor para os homens. Às oito horas em ponto, a família se reúne mais uma vez para tomar aperitivos. A Rainha chega às 8h15 para o drinque noturno, um Dry Martini.

A Duquesa de York lembrou certa vez: "Natal pode ser cansativo, até porque, às vezes, mudamos de roupa umas sete vezes em vinte e quatro horas. Você jamais pode deixar a Rainha chegar antes de você no jantar, fim de papo – chegar um pouquinho atrasada, seria absurdamente desrespeitoso".

Naquela Véspera de Natal, o banquete consistia em camarões Norfolk, cordeiros criados na propriedade de Sandringham e uma *Tarte Tartin*. Durante as entradas, a família começou outra rodada de *Christmas crackers*

decorados sob medida com coroas prateadas ou douradas. Como todos, exceto a Rainha, Meghan colocou em si a coroa de papelão que vinha dentro dos *crackers*.

No Dia do Natal, Meghan desfrutou de um leve café da manhã com Harry, William e Kate no Anmer Hall, enquanto George e Charlotte abriam empolgados seus presentes de Natal.

Então, eles saíram para ir à Casa Grande para a caminhada até a igreja de St. Mary Magdalene. Nesse ano, a Rainha, como a idade já estava pesando, chegou de carro, acompanhada pela Duquesa da Cornualha.

Alertada de antemão sobre os fortes ventos de Norfolk, Meghan vestiu-se com estilo, mas aquecida, com um casaco de lã de alpaca na cor creme da Sentaler, botas de veludo e uma boina marrom. A multidão, com cerca de 3 mil pessoas, algumas delas esperando há horas naquele gelo, comemoraram ao ver Meghan, Harry, William e Catherine. Meghan sorriu, acenou e até colocou a língua para fora de brincadeira.

Por um golpe de sorte, a melhor fotografia do dia foi tirada, não por um profissional, mas por uma mãe solteira, Karen Anvil, cuja imagem do quarteto real pôde tranquilamente pagar por seus presentes de Natal.

Quando eles saíram da igreja, era hora da primeira reverência pública de Meghan, quando a Rainha voltou para seu Bentley, onde o motorista a esperava.

Pela primeira vez, Meghan aparentava nervosismo, agarrada ao braço do noivo ao flexionar os joelhos com instabilidade e manter um sorriso ritualístico no rosto. Uma Kate sorridente – já veterana nessas ocasiões – mostrou como deveria ser feito, realizando uma perfeita e relaxada reverência.

Então, chegou o momento de agradecer àqueles que esperaram por tanto tempo. O máximo que os simpatizantes poderiam desejar era um aperto de mão e um breve "Feliz Natal".

Alguns, porém, conseguiram ganhar quase um presente naquele sol da realeza. No meio da multidão, estava um grande número de americanos,

alguns deles designados na base US Air Force. O aluno Michael Metz, de Wisconsin, utilizou-se da ocasião para pedir em casamento a namorada texana, Ashley Millican, e a multidão comemorou assim que Michael se ajoelhou. Quando Harry e Meghan ouviram sobre o noivado, ofereceram suas felicitações. "Foi incrível, como um conto de fadas", disse Michael.

De volta à casa principal, a família real sentou-se para a tradicional refeição de Natal, a abundância de pratos foi degustada em noventa minutos para que a família pudesse assistir ao pronunciamento de Natal da Rainha, às três em ponto. Nesse ano, Meghan recebeu uma saudação indireta quando a Rainha mencionou dar as boas-vindas aos membros recém-chegados à família.

À noite, a televisão é desligada e a família real brinca de jogos tradicionais, como charadas. A Rainha é uma excelente imitadora, especialmente de figuras políticas, incluindo vários presidentes americanos que ela conheceu com o passar dos anos.

No dia após o Natal, os homens da realeza levam suas armas para o campo aberto, onde centenas de faisões, especificamente criados para esse esporte, são abatidos. William e Harry adoram atirar – a Princesa Diana chamava seus filhos de "baleias assassinas" – e gostam de passar o dia ao ar livre praticando esportes de campo. Não esse ano. Pela primeira vez, Harry deixou as armas guardadas. Talvez ele já tivesse atirado bastante há pouco tempo. Ele praticou tiro no início de dezembro, quando foi à Alemanha passar um fim de semana para caçar javalis com um grupo de amigos, um evento organizado pelo aristocrata alemão Franz Albrecht Oettingen-Spielberg – conhecido como O Exterminador de Javalis.

No entanto, a ausência de Harry nos campos de Sandringham foi notada pela imprensa – "Já foi domado pela patroa?", alguém perguntou.

Pelo menos, Harry tinha uma desculpa. Ele precisava estar em Londres para se preparar para sua temporada como editor convidado do *Today*, principal programa de rádio matinal da BBC. Ele recebeu carta branca editorial, então pôde salientar causas que fossem do seu agrado,

principalmente, violência entre jovens, saúde mental, mídias sociais na sociedade, forças armadas, conservação e a Commonwealth. Ele tinha acertado com vários grandes nomes, com destaque para o pai, o Príncipe Charles, que chamou Harry de "meu lindo garoto" e discutiu sobre os "horrores indizíveis" causados pela mudança climática; e o ex-presidente americano Barack Obama, que ele entrevistou nos Jogos Invictus, em setembro, no Hotel Fairmont, em Toronto.

Antes de a entrevista começar, um Obama nitidamente relaxado e descontraído, perguntou se deveria falar com sotaque britânico. Ele também se perguntou se deveria falar mais rápido que o normal, porque se achava um "falador lento".

O príncipe respondeu: "Não, não. De forma alguma. Mas se começar a usar longas pausas entre as respostas, provavelmente irei ficar com aquela cara". Quando o Sr. Obama lhe pediu para ver "a cara", o Príncipe Harry fez um olhar austero. "Eu não quero ver essa cara!", retorquiu um risonho Obama.

A conversa cobriu tópicos que incluíram as memórias de Obama do dia que deixou o cargo e suas esperanças para sua vida pós-presidencial, incluindo seus planos para focar no cultivo da próxima geração de líderes por meio da Obama Foundation. Com uma menção indireta àquele que o sucedeu, o Sr. Obama disse que o uso irresponsável das mídias sociais estava distorcendo a compreensão do público em assuntos complexos.

Em uma rodada de perguntas e respostas rápidas, o príncipe perguntou-lhe qual programa ele preferia, *The Good Wife* ou *Suits*. O ex-presidente respondeu: "*Suits*, óbvio".

Um artigo com pitadas de ironia inglesa no *The Times* descreveu o clima da transmissão. "O homem que já foi o Harry atrevido, o Harry bêbado, o Harry da balada, deixou para trás essa vida de efemeridades. Agora ele é o Santo Harry, que passa seu tempo trabalhando em prol dos necessitados e fazendo programas de rádio com relevância, em que ele fala para aqueles que outros ignoram. O ferido. O deprimido. O Príncipe de Gales".

Foi uma sorte grande para os locutores da Radio Four o terem apoiado e ganhado esse furo de reportagem, pois o noivado de Harry foi anunciado muito tempo depois de eles terem fechado essa participação do príncipe como editor convidado. A novidade agora era o casamento vindouro.

O boxeador Anthony Joshua, que foi entrevistado pelo príncipe, ofereceu-se para ser o padrinho, enquanto a apresentadora Sarah Montague perguntou a Harry sobre o primeiro Natal de Meghan com "A Firma". "Foi fantástico, ela gostou bastante", disse ele. "Nós nos divertimos muito, ficamos com meu irmão e minha cunhada, correndo atrás das crianças. Acho que temos uma das maiores famílias que conheço, e toda família é complexa. Ela fez um trabalho simplesmente maravilhoso".

Até agora, tudo muito bom. Conforme a entrevista ia se encaminhando para o fim, Harry comentou: "Ela, aos poucos, está se enturmando, e imagino que seja a família que ela nunca teve".

Nunca é demais ficar calado. O reservado Príncipe Philip ficaria orgulhoso.

14.

Convite a um Casamento

O EX-PILOTO E CAPITÃO DA RESERVA DO EXÉRCITO, Príncipe Harry de Gales, caminhou direto para uma avalanche de críticas quando disse ao mundo que os Windsor eram a família que Meghan Markle nunca teve.

Os Markle partiram para cima, com a meia-irmã de Meghan, Samantha, liderando o ataque. "Na verdade, ela tem uma família grande que sempre esteve com ela e ao lado dela", esbravejou Samantha. "Nosso lar era muito normal, e quando o papai se divorciou de Doria, nós todos fizemos o possível para que fosse como se ela tivesse duas casas".

Pela primeira vez, o irmão dela, Tom Junior, que geralmente não dava muita trela para a irmã mais velha, entrou na batalha ao seu lado.

"Meu pai ficará extremamente magoado. Ele dedicou a maior parte do seu tempo a ela. Ele garantiu que Meghan tivesse tudo que precisasse para ser bem-sucedida e chegar ao lugar onde ela está hoje". De acordo com os chamados "especialistas", Harry "pisou na bola", cometeu uma "gafe" ao comentar sobre o arranjo familiar de seus futuros parentes. Em sua defesa, ele estava se baseando nas coisas que ouviu de sua noiva. Durante a infância, ela não tinha muito senso familiar – afinal, os pais se separaram quando ela tinha dois anos. Essa era a verdade dela, independentemente do que os outros acreditavam.

Em questão de dias, a conspiração e as brigas dentro do clã Markle sugeriam uma família em guerra. Samantha continuou a prestigiar o próprio livro que seria lançado, *The Diary of Princess Pushy's Sister*, aparecendo aos prantos na televisão para pedir o perdão de Meghan e falar sobre sua esperança de ser convidada para o casamento. No fim, Samantha, achando que seria convidada, estabeleceu uma trégua com a futura duquesa. Ela até disse que iria mudar o nome do livro, chamando-o de *The Tale of Two Sisters* [A História de Duas Irmãs].

Samantha também rejeitou com firmeza sugestões de que o pai aposentado não falaria no casamento. "Ele não deveria ser privado do direito que os pais têm de fazer um discurso orgulhoso no casamento. Um pai fazer discurso no casamento da filha não é patriarcalismo, é justiça poética".

Finalmente, o homem no centro de tantas especulações, o esquivo pai de Meghan, Thomas Markle, foi encontrado em seu esconderijo mexicano por um ousado tabloide britânico. Embora tenha aceitado uma garrafa de champanhe de congratulação, o diretor de iluminação aposentado não deu muita luz sobre seus planos. Ele se mostrou "contente e satisfeito" com as notícias do noivado da filha, descrevendo posteriormente Harry como um "cavalheiro". Nos meses antes do casamento, houve muita especulação sobre se o pai de Meghan iria ao casamento da filha. Um homem tímido ao ponto de manter-se recluso, foi aventado que sua personalidade e problemas de saúde – ele tem um joelho problemático que dói muito ao caminhar – o impossibilitariam de estar presente no grande dia. Como seu filho Tom Junior me disse: "Meu pai venera o chão que Meghan pisa. Sei o quanto ele ficará orgulhoso em segurar seu braço e levá-la ao altar. Mas também sei o quanto ele ficará amedrontado. Se não for, ele irá se arrepender disso pelo resto da vida. Ele precisa saber que não está apenas representando a família, mas representando a América".

No entanto, Thomas deixou claro que queria levar a filha ao altar, e com dois meses para o casamento, o diretor de iluminação aposentado foi tirar medidas para um fraque.

A própria Meghan também foi muito cuidadosa quanto a sua privacidade – mesmo com membros da família. Muitos meses antes, por exemplo, Meghan deu ao pai o novo número de celular, que, inocentemente, o passou para Samantha. Por sua vez, ela mandou para Meghan uma mensagem de texto dizendo que há anos elas não se falavam, mas que se ela quisesse retomar contato, ela ficaria feliz em dar conselhos e orientá-la. Meghan ficou triste ao saber que seu novo número estava sendo passado para os outros, e reclamou com a mãe, que, por sua vez, contatou o ex-marido e lhe disse para jamais dar novamente o número particular da filha para os outros. "Mas ela é irmã dela", respondeu Thomas.

Enquanto isso, o distante meio-irmão de Samantha, Tom, estava achando difícil suportar todo esse escrutínio da mídia. A namorada dele, Darlene, acabou indo para a cadeia depois de uma festa de Ano Novo turbulenta e regada a muita bebida na casa deles no Oregon; desde que o relacionamento de Meghan e Harry veio a público, essa foi a segunda vez que a polícia prendeu alguém na casa do casal. Antes, ele foi preso em janeiro de 2017 pelo "uso ilegal de arma de fogo e ameaça". As acusações foram retiradas. Tom depois me contou que ele achava que um membro da própria família havia vendido a história para a imprensa. Como ele admitiu, "toda essa atenção tem sido muito difícil para a família".

Os fantasmas do passado de Meghan continuavam aparecendo para assombrá-la. Uma família em guerra era uma coisa, um ex-marido querendo seu quinhão no meio dessa confusão era outra. Ela não ficou nada feliz ao saber que o ex-marido Trevor Engelson vendera um piloto de comédia dramática para a Fox TV, que ele foi escalado para produzir, baseado na ideia de um homem recém-divorciado cuja esposa se casa com um membro da família real. O conflito da comédia se foca no casal separado brigando pelo acesso aos filhos. Ele teve a ideia enquanto falava sobre a conturbada vida amorosa com o colega produtor Dan Farah.

Mesmo que a série não seja produzida, Meghan terá que se acostumar a ser caçoada. Ela já foi até apresentada como uma personagem na impiedosa

comédia do Channel Four, *The Windsors*. Kathryn Drysdale faz o papel dela como uma fofoqueira incansável, enquanto Harry é tão abobado que mal consegue ler. Falando em bobeiras, a rede Lifetime de TV a cabo anunciou que lançaria o filme *Harry and Meghan: The Royal Love Story* pouco antes do casamento. A película anterior, intitulada *William and Kate: The Movie*, que foi produzida em 2011, foi descrita pelo jornal *The Guardian* como "sem graça, medonha e detestável".

O que teve ainda menos graça foi a decisão da velha amiga de Meghan, Ninaki Priddy, que chegou a ser sua dama de honra no primeiro casamento, de vender sua história e os álbuns de fotografia para quem fez a melhor oferta, recebendo uma soma de seis dígitos por suas memórias. Dada a longevidade da relação das duas, Meghan deve ter esperado que haveria mais lealdade por parte da dita amiga. Ao contrário da Srta. Priddy e de outros membros da família Markle, a mãe dela continuou sendo uma presença solidária e sem manifestações públicas, aconselhando-a e conversando com ela sobre os detalhes do casamento.



De fato, Meghan e Harry se desligaram do que ela chama de "ruído" e se focaram no verdadeiro trabalho que tinham – organizar o casamento. Ao contrário de seu primeiro casamento, que ela deixou nas mãos de uma cerimonialista na Jamaica, Meghan quis ter o controle sobre cada detalhe, pois o grande dia refletiria o que o porta-voz deles descreveu como "tudo de divertido, engraçado e amoroso" que envolve "o conto de fadas" entre os dois.

Primeiro item na agenda era a lista de convidados. Tarefa que se provaria mais complicada do que os dois imaginaram. As primeiras indicações disso aconteceram quando Harry foi perguntado se seus amigos, o ex-presidente e a ex-primeira-dama, Barack e Michelle Obama, receberiam um dos

envelopes brancos. Ele apenas disse que ainda seria decidido, mostrando uma atitude evasiva que não é muito do seu feitio.

O elefante perambulando pela capela real era Donald Trump. Quando ele ainda era um candidato republicano, Meghan deixou bem claro o desdém por sua figura, dizendo ao apresentador Larry Wilmore, em maio de 2016, que ela ficaria no Canadá se ele fosse eleito. O assessor dela na época, Ken Sunshine, é uma figura importante do partido Democrata, e ela falou sobre eleger Hillary Clinton como a primeira mulher presidente.

Seis semanas depois, o Príncipe Harry entrou em sua vida, e, como ela não é boba, deixou o mundo político em segundo plano – apesar de que, mesmo depois do segundo encontro dos dois, ela deixou registrada sua decepção quando o Reino Unido votou pela saída da União Europeia, postando uma foto no Instagram do famoso cartaz "If EU leave me now, you take away the biggest part of me"[5]. Avançando para fevereiro de 2017, apareceu uma história na revista *US Weekly* que supostamente revelava que Harry não era grande fã do presidente Trump. Nem um pouco.

A fonte foi além, sugerindo que Harry achava Trump "um horror" e uma "ameaça aos direitos humanos". Alegou-se que ele teria usado as mesmas palavras usadas pelo ex-Secretário de Estado de Trump, Rex Tillerson, para descrever o presidente dos Estados Unidos: "um imbecil".

Não obstante o Palácio de Kensington se recusar a comentar sobre histórias de fontes anônimas, alarmes soaram no Palácio de Whitehall. Por ora, qualquer diplomata do mundo sabe que Trump é um narcisista bastante rancoroso. Por parte do Reino Unido, no entanto, na época em um estado de paralisia pós-Brexit, a primeira-ministra Theresa May precisava de toda ajuda possível para fechar acordos comerciais, e a América do Norte era um dos principais alvos.

A última coisa que ela queria era um príncipe popular disparando contra o presidente. Não que ele pareça ter notado. Quando Trump foi entrevistado por Piers Morgan, em um encontro televisionado em janeiro sobre o casal real, ele disse que não estava sabendo se tinha sido convidado para o

casamento, mas desejava tudo de bom ao casal. Quando Piers, de maneira solícita, relembrou-o de que Meghan não era uma fã, tendo ela acusado Trump de ser um "misógino que gera discórdia", Trump pareceu inabalado: "Bem, mesmo assim, desejo que eles sejam felizes".

Mais perto de casa, havia outras decisões difíceis quanto a quem convidar. Apesar da fratura dentro da família de Meghan, existiam atritos dentro da própria família real que o casamento poderia ajudar a solucionar. A Duquesa de York, que é divorciada do tio de Harry, Príncipe Andrew, não foi convidada para o casamento do Príncipe William com Catherine Middleton. Mais tarde, ela confessou a Oprah Winfrey que a esnobação a deixou se sentindo "totalmente inútil". Uma fonte do palácio indicou que, desta vez, Sarah Ferguson comparecerá ao casamento do ano. "Harry e Meghan têm total controle sobre quem vai ao casamento, e nunca houve qualquer problema no palácio quanto a Sarah ser convidada", observou um assessor real.

O assunto espinhoso da lista de convidados – a Capela de St. George pode acomodar 800 pessoas – era só um dos itens de sua agenda matrimonial. Como eles escolheram o dia da final da Copa da Inglaterra para selarem seus votos, eles precisavam garantir que William, tanto como Presidente da Football Association como padrinho de Harry, estivesse presente no casório antes de se dirigir ao Estádio de Wembley, ao norte de Londres, onde se encontraria com as equipes e entregaria o troféu.

Uma vez resolvida a dor de cabeça logística, o casal foi para Mônaco, voando de classe econômica para encontrar com amigos na noite de Ano Novo. Então Harry viajou sozinho para Botswana como parte de seu trabalho para a instituição Rhino Conservation, deixando Meghan no Nottingham Cottage com sua amiga Jessica Mulroney, ocasião em que a cerimonialista profissional pegou um voo de Toronto para ajudar nos preparativos. Elas tinham muitas ideias para discutir. Como o casamento representa a união simbólica entre duas nações, houve um debate sobre como melhor integrar as cores vermelha, branca e azul das bandeiras da Inglaterra e dos Estados Unidos. Naturalmente, Meghan queria que fosse

elegante – sua palavra favorita –, não cafona. As flores na capela, o vestido e até a tiara que emprestaria da coleção da Rainha seriam maneiras de simbolizar o tema das duas nações unidas.

Quando Meghan visitou a capela e observou a magnífica construção medieval, depois de beliscar-se, ela seria perdoada se tivesse imaginado como ficaria o lugar se o pai, vencedor do Emmy, estivesse encarregado da iluminação para a transmissão na TV. Com uma audiência esperada de dois bilhões de pessoas, teria sido o maior trabalho de sua carreira – sem falar que ele iria preferir assumir uma função nos bastidores. O que ele estaria pensando agora sobre sua garotinha receber um brasão próprio? Imagine só.

Uma preocupação era o barulho dos aviões. Com tantas aeronaves decolando e pousando no Aeroporto Heathrow, que é o de maior movimento do mundo e fica bem próximo da capela, Meghan se preocupou que os bilhões de telespectadores não conseguiriam ouvir a cerimônia. Como muitos turistas já devem ter se perguntado, por que diabos eles construíram um aeroporto tão perto do Castelo de Windsor? Durante o grande dia, será que o controle aéreo poderia, ao menos, desviar as aeronaves para uma rota diferente? Assim, todos conseguiriam ouvi-la dizer "aceito". A Autoridade da Aviação Civil respondeu de forma afirmativa, concordando em desviar todos os voos para longe de Windsor por motivos de "segurança e proteção".

Meghan, certamente, não diria os tradicionais "amar, respeitar e obedecer", como o fez a Duquesa de York ao se casar com o Príncipe Andrew, e Sophie Rhys-Jones quando se casou com o Príncipe Edward. Ela seguiria o protocolo de Diana e Kate, que prometeram "amar, confortar, respeitar e cuidar" de seu marido real.

Decisões, decisões, decisões. O casal queria surpreender familiares e amigos com elementos "peculiares e criativos". As irmãs Middleton deram o exemplo; em 2011, Catherine instalou uma sofisticada *van* de sorvetes e "barracas de hambúrguer" no Palácio de Buckingham para a festa noturna, enquanto a irmã Pippa contratou mesas de pingue-pongue para seu

casamento. Ela jogou uma partida com a estrela do tênis Roger Federer, que depois enfrentou Catherine, William e Harry.

Por mais divertido que fosse tudo isso, a peça central do último grande casamento real da geração atual seria o vestido de casamento de Meghan. Como toda noiva, real ou não, ela queria manter em segredo o vestido de noiva, somente revelando a criação única no grande dia. Com uma noiva real, o estilista escolhido chega aos extremos para manter em sigilo o design e o tecido. Sarah Burton, que desenhou o vestido de noiva de Kate, instalou cortinas em seu estúdio, mudou o código da porta e proibiu a entrada de faxineiros no prédio. Outros estilistas reais queimaram moldes e picotaram rascunhos feitos a lápis para não deixar rastros aos olhos curiosos. Para o vestido de Meghan, o favorito era o estilista da Rainha, Stewart Parvin, que fez o vestido de noiva para Zara Phillips, filha da Princesa Real. Outros prováveis estilistas eram Erdem Moralıoğlu, Roland Mouret, Victoria Beckham e, claro, Stella McCartney. [No fim, Clare Waight Keller foi a escolhida, estilista que se tornou a primeira mulher a ser diretora artística da grife Givenchy.]

Na expectativa da última aparição de Meghan em *Suits* e da comoção do casamento real, os produtores da série divulgaram um *trailer* para o clímax da sétima temporada, que contava com Meghan em um vestido de noiva. Depois de todas as reviravoltas de seu relacionamento, a personagem de Meghan, Rachel Zane, estava prestes a casar com seu amor nas telas, Mike Ross. Era realmente a arte imitando a vida, por isso os produtores do seriado esperavam que a audiência fosse tão feliz e gloriosa quanto a vida real de Meghan.

Enquanto o mundo inteiro corria atrás de migalhas de informações sobre o casamento, desta vez, Meghan não daria nem uma pista em suas redes sociais como o fez durante o início de seu romance real. Ela já tinha encerrado o blogue The Tig em março, e, em janeiro de 2018, ela foi além, fechando todas as plataformas de mídia social – Instagram, Twitter e Facebook – e removeu todas as fotos e comentários.

Durante a vida, ela acumulou um grande fã-clube, com mais de um milhão de seguidores no Instagram, 350 mil no Twitter e 800 mil curtidas na página do Facebook. A decisão dela de acabar com todos eles irritou os fãs, que começaram uma petição para que os sites fossem restabelecidos. A petição, iniciada por Sabrina A., que também gere o site meghanmaven.com, argumentou que, ao fechar essas contas, a família real estava acabando com a chance de atingir um público completamente novo, principalmente porque o site da realeza atraiu mais de um milhão de acessos extras após Meghan entrar para a família.

Ela tem razão. Afinal de contas, a Princesa Beatrice, filha mais velha da Duquesa de York, tem uma conta no Twitter, e outros membros de famílias reais europeias, com especial destaque para a Princesa Charlene de Mônaco e a Princesa Madeleine da Suécia, têm suas contas pessoais em mídias sociais. Há também aquela outra princesa americana, antes Sarah Butler, hoje Princesa Zeid da Jordânia, que tem sua própria conta no Twitter, e que se concentra em assuntos como educação global, abrigos de refugiados e filantropia em desastres.

Nos últimos meses, informações relacionadas a Meghan e ao Príncipe Harry têm sido compartilhadas por meio do Palácio de Kensington e pelas contas oficiais da família real. No futuro, talvez Meghan queira ter seu próprio veículo de promoção de trabalhos e causas sociais. Os fãs argumentam que isso deveria acontecer via bases já existentes. Fiquei sabendo que há um debate interno no palácio sobre o assunto; os agentes a favor de sites individuais para membros da família real têm consciência de que "não se pode deixar a Rainha para trás" nesse assunto.

Se ela ainda tivesse acesso a suas contas nas redes sociais, certamente escolheria algumas palavras para se manifestar contra a decisão controversa de Simon Dudley, líder do conselho municipal que abriga o Castelo de Windsor, que pediu que a polícia assegurasse que pedintes sem-teto "agressivos" fossem removidos do entorno do castelo antes do grande dia.

Os comentários dele foram descritos como inadequados e houve quem pedisse sua destituição. Ironicamente, surgiu uma discussão no início de

janeiro justamente quando Meghan estava tratando dos detalhes do casamento com Jessica Mulroney. Como o primeiro compromisso beneficente de Meghan foi em prol dos sem-teto no centro de Los Angeles quando ainda era adolescente, e pelo fato de Jessica ser cofundadora do projeto Shoebox, que já doou 91 mil caixas com artigos de higiene para mulheres sem-teto que vivem em abrigos, não havia necessidade de uma linha direta com o Palácio de Kensington para saber a reação da família real. Além do mais, como o Príncipe William e sua mãe sempre foram patronos da Centrepoint, uma instituição que cuida de jovens desabrigados, o líder do conselho não poderia ter escolhido um alvo mais propício para atiçar a ira real.

Enquanto a discussão continuava, Meghan e Harry fizeram sua segunda aparição conjunta oficial, com o casal visitando a estação de rádio com fins sociais Reprezent 107.3 FM, em Brixton, sul de Londres, lar de muitas comunidades africanas e caribenhas na capital. Como a multidão animada entoava "nós amamos vocês", Meghan sorriu, acenou e mandou beijinhos. Quando o barulho se transformou em uma algazarra, ela timidamente pôs a mão na frente da boca.

Durante a visita pela estação, que treina centenas de jovens todos os anos em trabalhos relacionados à mídia, a militante por igualdade de gênero perguntou ao apresentador YV Shells, de vinte e quatro anos, se era ele o responsável por apoiar DJs e locutoras do sexo feminino, empoderando mulheres e fazendo com que o espaço de trabalho não fosse tão machista. "Eu achei a atitude dele incrível", disse ela.

Inevitavelmente, todas as atenções se concentraram no que ela estava vestindo – um pulôver de lã preto e mangas sino de 45 libras, uma peça básica da rede de vestuário acessível Marks & Spencer. Foi um enorme contraste com o vestido de 56 mil libras que vestiu no retrato de noivado.

Em um passeio ao ar livre, ela se encontrou com os alunos americanos Jennifer Martinez e Millicent Sasu, de Baltimore. Jennifer aprovou a importação da compatriota: "Ela é negra, ela é branca, ela é atriz, ela é

americana. Ela traz um pouco de tudo e tem diversas qualidades. Ela traz muitas questões para o centro da discussão".

Nem todos pensavam assim. Durante o período em que esteve num *reality show*, o *Celebrity Big Brother*, a ex-membro do Parlamento, Ann Widdecombe, descreveu-a como "encrenca", dizendo que temia pelas "origens" e pela "atitude" da noiva de Harry. As coisas ficaram mais sérias quando comentários racistas feitos pela namorada de Henry Bolton, líder do partido pró-Brexit, UK Independence Party, foram levados a público.

Em uma série de mensagens de texto, a glamourosa modelo Jo Marney disse a um amigo que Meghan "mancharia" a família real com "sua semente" e abriria caminho para que houvesse um "rei negro". Ela continuou o assunto dizendo que jamais faria sexo com "um negão", porque eles são "feios". Muitos dos porta-vozes mais antigos saíram do partido quando Bolton recusou-se a abandonar o cargo.

Posteriormente, ele foi expulso após uma votação feita pelos poucos membros restantes do partido. A votação aconteceu antes da revelação alarmante de que, em fevereiro, uma correspondência contendo um pó branco e uma carta racista havia sido enviada a Meghan e ao Príncipe Harry, no Palácio de Kensington. Apesar de o pó branco ter sido considerado inofensivo, o ato trouxe à memória o medo do antraz nos Estados Unidos, uma semana após o ataque do 11 de Setembro de 2001, quando vários senadores receberam correspondências com o pó mortal, ao que se pensava, enviadas por um cientista americano da área de biodefesa. Esse terrorismo doméstico deixou cinco mortos e outros dezessete afetados pelos esporos do antraz; o caso provou-se tão alarmante que acabou permitindo que futuros espertalhões causassem caos e perturbações pelo preço de um selo postal.

O incidente, que foi oficialmente encarado como crime de ódio racial, foi mais um exemplo, se é que ainda era preciso, de que o preconceito racial é ainda um assunto problemático no Reino Unido multirracial. Esses assuntos delicados de raça e cor também eram questões que preocupavam aqueles

que ficavam se perguntando o que acontece dentro dos palácios reais assim que as câmeras e microfones são desligados.

A resposta talvez seja surpreendente: o grande divisor não é a cor, mas a classe. Embora a Duquesa de Cambridge, agora, pareça fazer parte do papel de parede da realeza, nem sempre esse foi o caso. Ela enfrentou mais preconceito lá dentro, por ser a primeira plebeia em 400 anos que pode ser rainha, do que a californiana birracial. Desde o primeiro encontro com William na Universidade de Saint Andrews, na Escócia, Kate era vista por cortesãos reais apenas como a garota que o incentivou a continuar os estudos, quando, no primeiro semestre, ele passou por uma instabilidade bastante divulgada pela mídia. Ela foi vista como uma garota de classe média, afável, que, em algum momento, casaria com alguém da sua classe assim que concluísse o curso. Quando a amizade casual se transformou em romance, é seguro dizer que os cortesãos reais ficaram espantados. "Ela atacou na hora certa", disse um.

Assim que começou a frequentar o círculo de amigos aristocratas de William, ela enfrentou comentários insidiosos e total intolerância. O foco era em sua mãe, que foi criada em uma habitação social, em Southall, e já trabalhara como comissária de bordo. "Portas em manual", diziam os amiguinhos metidos de William. William também não colaborou muito no início do namoro, pois agia de maneira contraditória com relação a Catherine. A ambivalência dele abriu portas para que outros passassem a criticar e zombar da moça. Já Harry nem tanto. Desde o princípio, ele tinha certeza de que Meghan era a escolhida. Sem "e se" ou "mas". Ele não abriu brechas para ninguém de dentro do palácio levantar uma sobrancelha quanto a sua escolha de noiva – plebeia ou não. É justo dizer que sobrancelhas permaneceram diligentemente imóveis. O exemplo veio de cima e esse exemplo foi seguido à risca.

De fato, apesar de ela estar noiva oficialmente desde novembro de 2017, é como se ela fosse parte da família desde sempre. Meghan só fez algumas aparições públicas, mas está no caminho certo de ser aceita como um autêntico Tesouro Nacional. Quando visitou o País de Gales uma semana

após sua visita ao sul de Londres, ela entrou no ritmo, e a leve reticência que caracterizou suas primeiras aparições foi substituída por um jeito relaxado e uma disposição para se divertir, fluindo com a maré.

Durante o passeio ao Castelo de Cardiff – onde Meghan exibiu uma diplomacia indumentária ao vestir uma calça jeans preta da pequena marca galesa Hiut Denim – Meghan descreveu-se como uma "mulher de muita sorte", e até brincou com dois fãs que a cidade galesa poderia muito bem ser um local "divertido" para uma despedida de solteira. Ao contrário de sua primeira aparição, ela se sentiu bastante confiante para tirar *selfies*, assinar autógrafos para uma garota deslumbrada e descrever seu futuro marido como um "feminista". Ela foi até presenteada com uma romântica colher de madeira galesa como presente de casamento adiantado.

A Meghan-mania atingiu o auge da febre quando ela e Harry chegaram ao centro recreativo comunitário Star Hub, na área mais humilde de Tremorfa. Meghan foi logo cercada por jovens desesperados para conhecê-la. A dica foi dada por Harry, que lhes disse: "Vamos todos dar um abraço em grupo na Meghan".

A visita dela foi tão bem-sucedida que até os tabloides mais cínicos ficaram sentimentais com sua performance. "Séculos de tradição real se dissiparam quando a atriz americana trouxe o calor de celebridade moderna às multidões de adoradores", opinou Jack Royston do *Sun*.

Depois da visita a Cardiff, Harry levou Meghan de carro para conhecer a outra mulher da sua vida, sua ex-babá e cuidadora, "Tiggy" Legge-Bourke, que foi a mentora dos príncipes após o divórcio e a subsequente morte de Diana. Para Meghan, foi a chance de conhecer e compreender a mulher que teve um enorme impacto na educação do homem com quem ela estava prestes a se casar.

Apesar de não ter como conhecer a mãe de Harry, lembretes de sua influência e presença estão em todos os lugares. A primeira aparição noturna de Meghan foi no Goldsmith's Hall, na Cidade de Londres, que, por uma imensa coincidência, foi onde Lady Diana Spencer também

compareceu ao seu primeiro compromisso noturno às vésperas do casamento na Catedral de Saint Paul.

Uma geração depois, e agora o caçula de Diana estava levando sua futura esposa no mesmo lugar. Eles foram convidados de honra do Endeavour Fund Awards, arranjado pela Harry's Royal Foundation, para celebrar e honrar as conquistas de militares feridos, mutilados e doentes, que participaram de notáveis desafios esportivos no ano anterior. Uma veterana em cerimônias de premiação, Meghan estava tranquila e equilibrada; inabalável, quando o envelope contendo o vencedor do prêmio "celebrando a excelência" ficou desaparecido por alguns segundos, enquanto o coapresentador foi correndo em busca do bendito pedaço de papel. "Sinto-me uma verdadeira privilegiada de estar aqui", disse ela a uma plateia especial de membros do serviço militar e seus familiares. Ao contrário de Diana, que chegou ao primeiro compromisso noturno com um vestido tão decotado que seus seios quase saltaram para fora quando saiu do carro, Meghan preferiu um terninho sofisticado da grife Alexander McQueen. Diana, na época com dezenove anos, teria ficado admirada com tamanha autoconfiança – de certa forma, a treinada e preparada Srta. Markle era a mulher que Diana sempre lutou para se tornar.

As duas ainda tinham muitas outras coisas em comum. Ambas partilhavam o gosto por missões humanitárias, embora em escalas muito diferentes; ambas possuíam carisma e glamour; e ambas reconheciam o poder que tinham em mãos para fazer bem ao mundo.

Contudo, quando Diana rompeu as barreiras de classe e etnia nos dois lados do Atlântico, seu apelo como celebridade se baseava tanto em sua vulnerabilidade quanto em seu status de estrela. Ela era uma pessoa tão atraente por causa daquela sensibilidade, principalmente com mulheres em casamentos infelizes. O trabalho social dela, visitando uma instituição de saúde mental em sua última viagem sozinha, foi terapêutico, tanto para ela quanto para aqueles a quem ela ofereceu conforto.

A palavra vulnerável não vem imediatamente à mente quando avaliamos as esplêndidas qualidades da Srta. Markle. Empática, com certeza, mas

também senhora de si, sofisticada e equilibrada, tanto em casa como em um palanque fazendo um discurso ou em uma sessão de fotos. Ela carrega a bandeira de uma nova geração de mulheres confiantes e assertivas, determinada a vencer todo e qualquer obstáculo.



Muitas vezes, Meghan provou ser alguém que veste a camisa do time, abraçando sua nova família e seu novo país com entusiasmo. Essa californiana pode estar tremendo por dentro só de pensar em curvar o joelho, e talvez perca várias oportunidades de tirar fotos estilosas e de ficar com raiva com a impossibilidade de encontrar um abacate maduro ou uma boa escola de yoga no centro de Londres, mas ela vai sobreviver e prosperar. Ela irá lutar para aprender a pronúncia local de palavras como Derby, Leicester e Torquay, aprender que britânicos preferem sarcasmo a sinceridade, e descobrir que ironia não é para qualquer um. Aprenderá, talvez com grande dificuldade, que embora tenham a mesma língua mãe, britânicos e americanos são pessoas bem diferentes.

A presença dela dentro da família real é um desafio e uma oportunidade.

Muito antes de o Príncipe Harry ter transformado sua vida, Meghan já havia articulado, efetivamente, seu manifesto para a vida futura. Logo após uma visita a Ruanda, ela escreveu em seu antigo blogue, The Tig: "Minha vida se alterna entre campos de refugiados e tapetes vermelhos, e eu escolho os dois, porque esses mundos podem, de fato, coexistir. Nunca quis ser uma donzela que almoça fora – sempre quis ser uma mulher que trabalha. E esse tipo de trabalho é o que alimenta a minha alma e dá energia ao meu propósito".

Diante disso tudo, a mera presença dela dentro da família real fará a monarquia parecer mais inclusiva e relevante ao multiculturalismo britânico, mesmo com a nação lutando para se reconciliar com a diversidade em um mundo pós-Brexit.

A imagem da Rainha e da mãe de Meghan, Doria Ragland, uma afro-americana, juntas do lado de fora da Capela de Saint George, será um momento simbólico; uma, a descendente de escravos, a outra, a monarca mais antiga da história britânica. Meghan, que já provou ser uma escolha incrivelmente popular de noiva, irá complementar o marido e a augusta instituição que está adentrando, trazendo frescor, diversidade e calor aos corredores gélidos do Palácio de Buckingham.

Seus muitos fãs e admiradores estão ansiosos para assistir ao próximo episódio dessa grande aventura real. Com sua inteligência, sofisticação, beleza e talento, Meghan representa o Sonho Americano de ter tudo, alcançando seu sucesso por meio de trabalho duro e capacidade. A vida dela se cruzou com a do Príncipe Harry de um jeito que ele teve que se provar merecedor de seu respeito, a despeito, não por causa, dos privilégios a ele conferidos por nascimento e linhagem. Embora eles venham de diferentes países, origens e culturas, a união dos dois é, indubitavelmente, o maior triunfo simbólico da relação especial entre monarquia e república.


ROYAL WEDDING
HARRY & MEGHAN
19th May 2018

Nota Sobre o Casamento (Edição Brasileira)

E NO DIA 19 DE MAIO DE 2018, na Capela de St. George, no Castelo de Windsor, ao meio-dia na Inglaterra, a atriz norte-americana Meghan Markle e o Príncipe Harry Charles Albert David se casaram pela Igreja Anglicana, em cerimônia conduzida pelo deão de Windsor, o reverendo David Corner, e oficiada por Justin Welby, Arcebispo de Canterbury.

Meghan entrou na capela sozinha, acompanhada apenas pelos pajens e daminhas de honra. Depois, foi levada até o altar pelo sogro, o Príncipe Charles, já que seu pai, Thomas Markle, precisou ser internado para fazer uma angiografia de urgência. Rumores dizem que o assunto é controverso, e a internação é falsa, sendo apenas uma desculpa usada para abafar um escândalo de fotos "forjadas" em troca de dinheiro, em um esquema armado com um *paparazzo*.

Os 600 convidados assistiram a Duquesa de Sussex adentrar a capela em um vestido de noiva de corte clássico e minimalista, desenhado pela estilista inglesa Clare Waight Keller, primeira mulher a se tornar diretora artística da grife Givenchy, que também forneceu o sapato. Seu véu tinha 5 metros de comprimento, feito de tule de seda com flores bordadas à mão em fios de seda e organza. Essas flores bordadas representavam os 53 países da Commonwealth.

Dentre os convidados famosos, estavam o ator George Clooney e sua esposa Amal, a apresentadora Oprah Winfrey, a amiga de longa data Serena Williams, David e Victoria Beckham, os cantores James Blunt e Elton John, dentre outros. Como o esperado, Meghan não convidou seus meios-irmãos.

Sua mãe, Doria Ragland, estava chique e elegante em um vestido claro e estampado da grife Oscar de la Renta, combinado com uma boina de mesmo tom, e se emocionou ao ver a filha entrar na igreja.

Na cabeça, a Duquesa estava usando uma tiara de diamantes que foi da Rainha Mary, avó da atual Rainha Elizabeth II que emprestou o acessório, confeccionado no Reino Unido em 1932. No pulso, Meghan usava um bracelete da Cartier, mesma marca dos brincos.

O buquê de flores foi criado pela florista Philippa Craddock, que colocou nele algumas flores tiradas do jardim do Palácio de Kensington, local onde os noivos irão morar.

Quem levou as alianças foi William, Príncipe de Cambridge, irmão do noivo e padrinho.

A cerimônia contou com vários momentos emocionantes, como o sermão do reverendo norte-americano Michael Curry e o coro gospel que entoou uma versão de "Stand By Me".

Após a cerimônia, os noivos fizeram um passeio de 25 minutos pelas ruas da cidade, saudando a população em uma carruagem modelo Ascot Landau, usada anualmente pela rainha como transporte até a tradicional corrida de cavalos Royal Ascot.

A procissão terminou no St. George's Hall, o salão usado para banquetes no Castelo de Windsor, onde os 600 convidados foram recepcionados com um almoço oferecido pela rainha.

E à noite, haja animação e disposição: os noivos ainda receberam cerca de 200 amigos íntimos para uma festa no Palácio Frogmore House, oferecida por Charles, Príncipe de Gales.

O trajeto dos noivos entre o castelo e a Frogmore House foi feito a bordo de um Jaguar 1968, conversível, de cor azul, adaptado para ser um moderno carro elétrico. Os números da personalizada placa do carro perfaziam a data do casamento deles.

Parafraseando o discurso do bispo Michael Curry, que usou uma citação de Martin Luther King: "Nós precisamos descobrir o poder redentor do

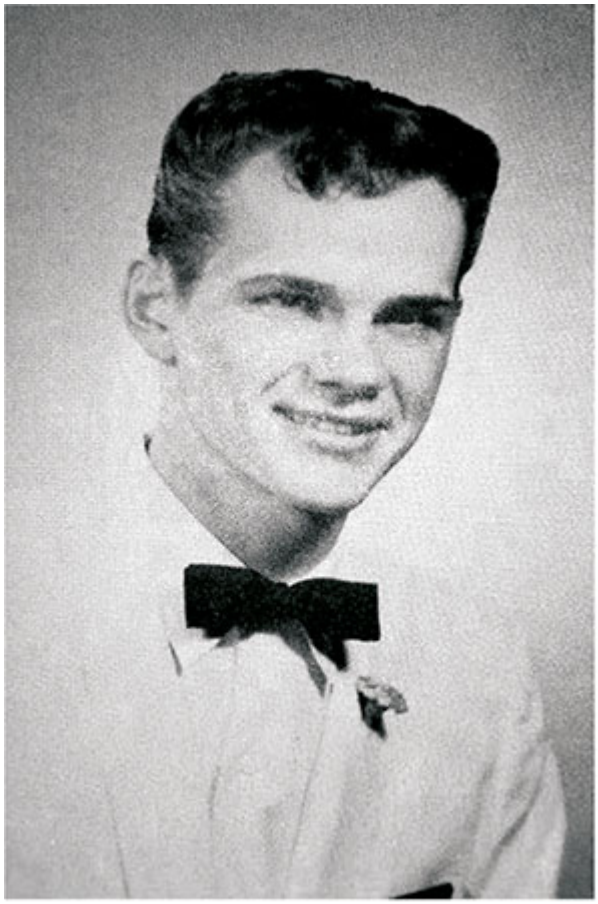
amor e, quando fizermos isso, faremos deste velho mundo um novo mundo. O amor é o único caminho".

Caderno de fotos



Após se formar na Fairfax High School, em Los Angeles, Doria Ragland (última à direita, segunda fila) trabalhou com seu pai, Alvin Ragland, em seu negócio de antiguidades. Depois, ela conseguiu um emprego no departamento de maquiagem no ABC Studios. Foi lá que ela conheceu seu futuro marido, Thomas Markle, então diretor de iluminação da série *General Hospital*.

MEGA



Thomas Markle aos dezoito anos, em foto de 1962, na época do Ensino Médio. Pouco depois de se formar, ele arranjou um emprego na Poconos, para trabalhar em teatros. Posteriormente, ele se mudou para Chicago, para tentar continuar atuando no ramo de iluminação.

MEGA



Em 23 de dezembro de 1979, a afro-americana e democrata Doria Ragland se casou com o nativo da Pensilvânia e republicano Thomas Markle, no templo da Self-Realization Fellowship, em Hollywood.

Mail on Sunday / Solo Syndication



Meghan, na época com dois anos de idade, foi fotografada inúmeras vezes por seu orgulhoso pai. Porém, logo após essa foto ser tirada, Doria e Thomas seguiram caminhos diferentes.

Mail on Sunday / Solo Syndication



Meghan, então com cinco anos de idade, e sua mãe, Doria, que trabalhava como agente de viagens, fizeram muitas viagens juntas, como essa para o México e Jamaica.

Mail on Sunday / Solo Syndication



O avô de Meghan, Alvin Ragland, está de pé ao lado da tia Saundra, carregando no colo uma sorridente Meghan em uma reunião de família, enquanto seu meio-irmão Tom Markle Jr. segura seu rabo de cavalo. Sentados, estão sua mãe, Doria (à esquerda), e a avó Jeanette (à direita).

Mail on Sunday / Solo Syndication



Meghan, aos cinco anos de idade, canta "The Wheels on the Bus" em sua escola, a Little Red School House, em Hollywood. A aspirante a atriz atuou em várias produções, incluindo *West Side Story* e *Como o Grinch Roubou o Natal*.

Splash News



Meghan na festa do nono aniversário de Ninaki Priddy, em 1990. Elas eram tão amigas, que suas famílias a chamavam de irmãs.

Splash News



Meghan, aos dez anos, com o tio Fred Markle (à esquerda), atual bispo da Igreja Católica Ortodoxa; com seu pai, Tom Markle; no colo de sua avó, Doris. Meghan adorava a avó e a visitava regularmente na casa de repouso dela, em Glendale.

The Sun / News Licensing



Tom Markle trabalhou como diretor de iluminação na série *Married... with Children*. Meghan, muitas vezes, levava amigos para visitar o *set* de filmagens e conhecer os astros da *sitcom*, como, por exemplo, David Faustino.

Splash News





Acima à esquerda: Meghan, na sétima série, em 1993, no início de seu primeiro ano na Immaculate Heart, uma escola católica exclusiva para moças em Los Feliz, região de Los Angeles.

© John Dlugolecki / Contact Press Images

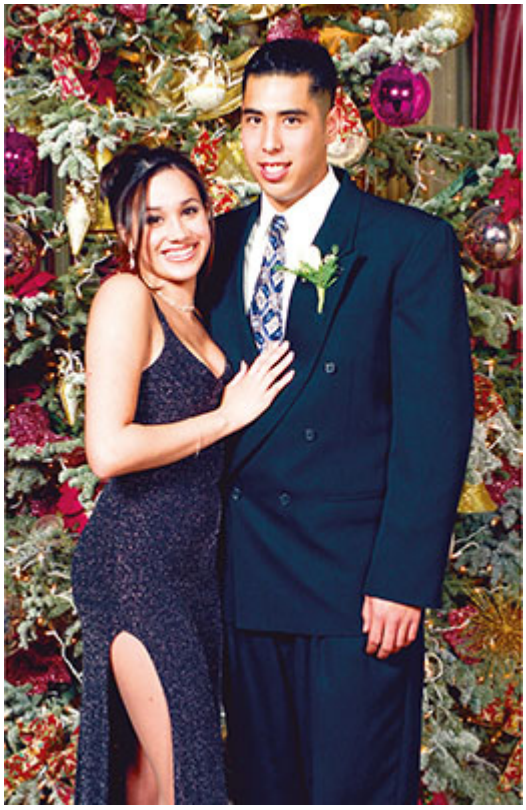
Acima à ditreita: Meghan, na oitava série, em agosto de 1994. Naquele ano, ela serviu como voluntária na Hippie Kitchen, mas a experiência, segundo ela, foi muito "intimidante". Ela retornaria ao local quatro anos depois.

© John Dlugolecki / Contact Press Images



A Immaculate Heart ficava a poucos minutos a pé de sua casa, em Los Feliz. Na foto, ela está se divertindo com suas colegas de classe.

Splash News



Meghan e seu namorado, Luis Segura, posando em frente a uma árvore de Natal. Eles foram apresentados pela irmã dele, Maria.

© Vicki Conrad / Contact Press Images



Meghan e sua colega Cecilia Donnellan, na mesma árvore de Natal, em dezembro de 1998, ano em que se formaram na escola.

© John Dlugolecki / Contact Press Images



Durante seu tempo no Immaculate Heart, Meghan regularmente atuava em apresentações de palco e era fotografada com frequência para folhetos de *shows* e anuários de classe. Na foto, ela está usando o anel de formatura da escola, de estilo *art* déco.

© John Dlugolecki / Contact Press Images



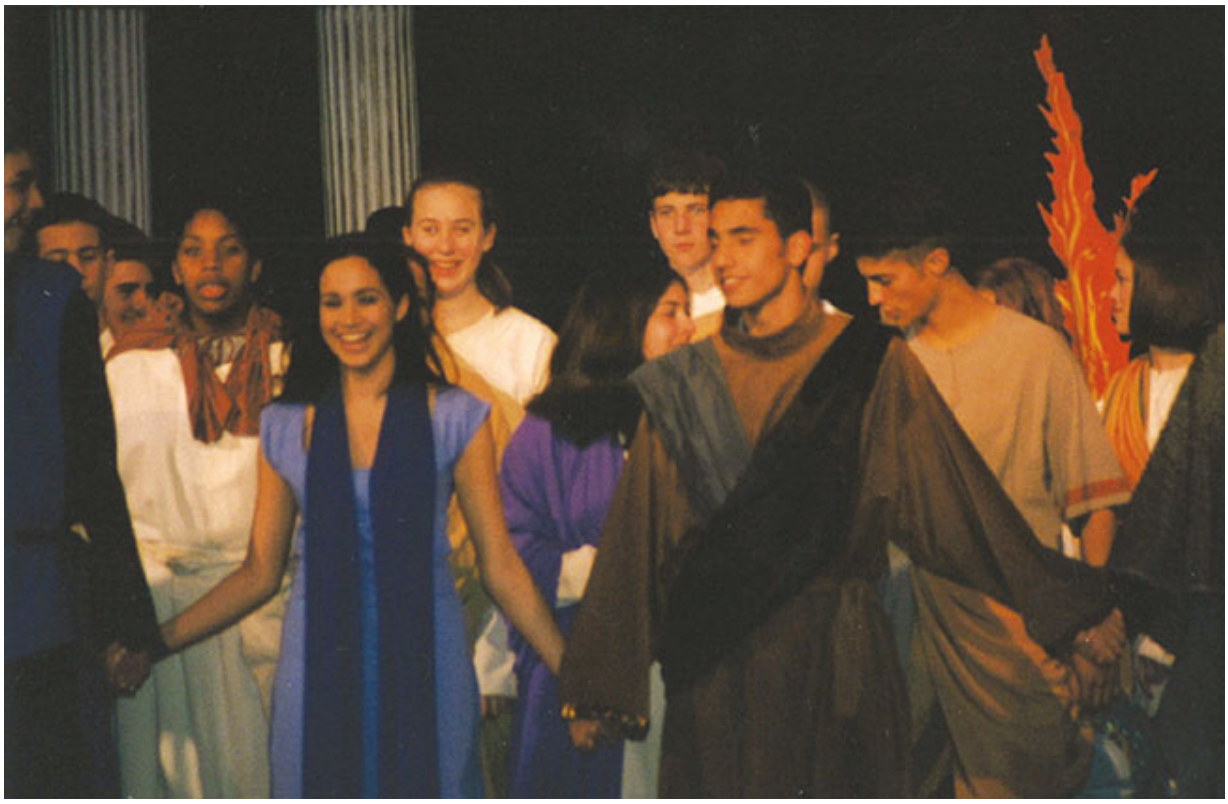
Meghan e sua melhor amiga, Ninaki Priddy, na parte externa do Palácio de Buckingham, durante viagem à Europa, em 1996.

Splash News



Meghan e seu pai, o diretor de iluminação Tom Markle, desfrutando do sol em um piquenique. Ele era dedicado à filha, e passava horas configurando as luzes de palco para os muitos espetáculos de teatro dela.

© John Dlugolecki / Contact Press Images



Meghan e seus colegas de teatro recebem a vibrante ovação do público durante uma apresentação na St. Francis High School.

Cortesia de Emmanuel Eulalia





Acima à esquerda: Meghan, estrelando como Jocasta, na tragédia grega *Oedipus Rex*, beijando Oedipus, interpretado por Alejandro Santiago Fresquez, no dramático último ato. A peça, que foi encenada na Flintridge Preparatory School, em La Cañada Flintridge, foi um sucesso, em grande parte porque Meghan era a estrela.

Cortesia de Emmanuel Eulalia

Acima à direita: Meghan, como Jocasta, expressa seu choroso desespero ao perceber que havia cometido incesto com seu filho.

Cortesia de Emmanuel Eulalia



Os jovens atores em um intervalo entre os ensaios. Meghan pega uma carona nas costas de um sorridente Danny Segura, irmão mais novo do namorado Luis, enquanto Brent Giannotta, que interpretava um pastor, faz uma brincadeira com seu cajado.

Cortesia de Emmanuel Eulalia



Meghan, eleita rainha do baile de formatura, é toda sorrisos na St. Francis High School. Na imagem, ela está dançando com Giancarlo Boccato.

© John Dlugolecki / Contact Press Images



No dia da sua formatura, que foi realizada no Hollywood Bowl, no verão de 1999, Meghan recebeu uma série de prêmios por sua capacidade acadêmica e pela prestação de serviços voluntários.

© John Dlugolecki / Contact Press Images



Meghan personalizando seu quarto no *campus* da Northwestern ao pintar as paredes em cores vivas. Antes de devolver as chaves, ela precisou repintar as paredes com o branco padrão original.

Splash News



Depois de se graduar na faculdade, Meghan e sua amiga Ninaki Priddy fizeram uma viagem de volta a Los Angeles, parando no caminho no Hotel Bellagio, em Las Vegas, cenário de seu filme favorito, *Onze Homens e um Segredo*.

Splash News



Meghan nos bastidores de *Deal or No Deal* vestindo um traje pouco revelador e confortável.
© Tameka Jacobs



Meghan e seu marido na época, o produtor Trevor Engelson, desfrutando de uma pausa em uma ilha Grega. Engelson, um *workaholic* assumido, gabou-se de que nunca parava de trabalhar, inclusive nas férias. “Mas mesmo assim eu sempre estou me divertindo mais do que a maioria das pessoas que conheço.”

Splash News



Meghan e seu marido Trevor Engelson em um jantar à luz de velas durante férias românticas na ilha de Santorini, no Mediterrâneo, sudeste da Grécia.

Splash News



Em 2008, quando Meghan interpretou a agente novata do FBI, Amy Jessup, na série *Fringe*, do diretor J. J. Abrams, ela esperava ser efetivada como personagem fixo. Porém, Meghan apareceu em apenas dois episódios, uma decepção para ela, uma das muitas que encarou como aspirante a atriz.

Moviestore / REX / Shutterstock



Elenco principal da série ficcional *Suits*, que retrata o universo legal. Gina Torres (à esquerda) como Jessica Pearson, sócia-fundadora do escritório de advocacia; Rick Hoffman como seu indolente colega, Louis Litt; Meghan Markle como a sofisticada assistente jurídica Rachel Zane; Gabriel Macht como o bem-sucedido advogado Harvey Specter; e Patrick J. Adams como o brilhante advogado Mike Ross, par romântico da personagem Rachel.

Frank Ockenfels / Dutch Oven / Kobal / REX / Shutterstock



Em 2011, Meghan tem sua grande oportunidade no drama jurídico *Suits*, uma série de TV em que o figurinista era tão importante quanto o roteirista. O visual sofisticado e elegante de Meghan atraiu uma legião de fãs. Seu cabelo era tão importante para a personagem Rachel Zane, que Meghan era obrigada, contratualmente, a usá-lo sempre liso diante das câmeras.

Dutch Oven / Kobal / REX / Shutterstock



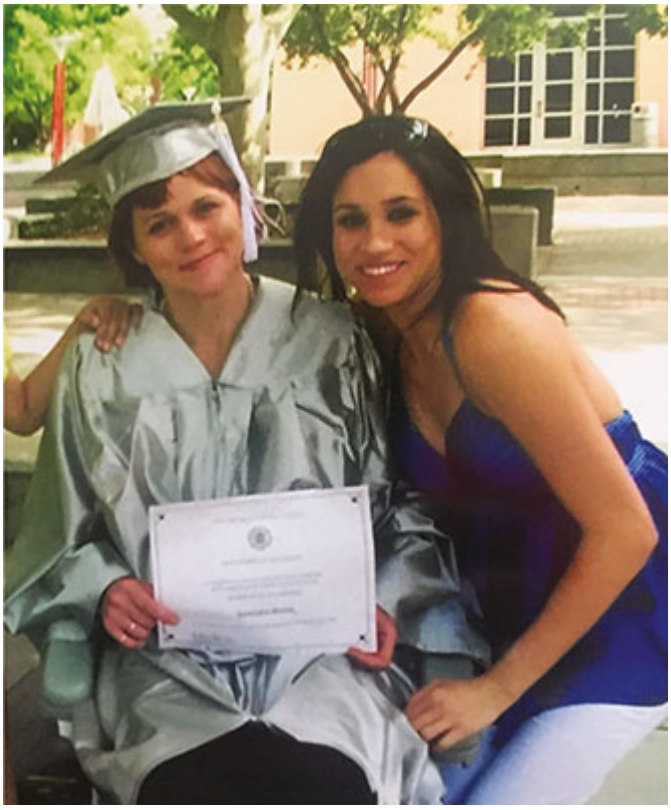
No jantar da "Elle Women in Televison", em janeiro de 2013, Meghan se juntou a Nicole Richie, Ellie Kemper e Erika Christensen para celebrar o trabalho das mulheres na TV.

Startraks Photo / REX / Shutterstock



Meghan, cujo estilo *fashion* é um *mix* de casual, clássico e requintado, posa para os fotógrafos em Toronto, em janeiro de 2012.

Birdie Thompson / AdMedia / Sipa USA / REX / Shutterstock



Meghan visitou o Novo México com seu pai para a formatura de sua meia-irmã mais velha, Samantha Markle Grant, na Universidade do Novo México, em uma licenciatura em criminologia. Durante a viagem, ela conheceu a primeira esposa de seu pai, Roslyn Loveless, e a filha de Samantha, Noel Rasmussen. A reunião, em 2008, foi um dos últimos encontros de Meghan com sua meia-irmã.

Mail on Sunday / Solo Syndication



Meghan e sua mãe Doria, na Jamaica, em setembro de 2011, quando Meghan e Trevor se casaram na ilha.

Splash News



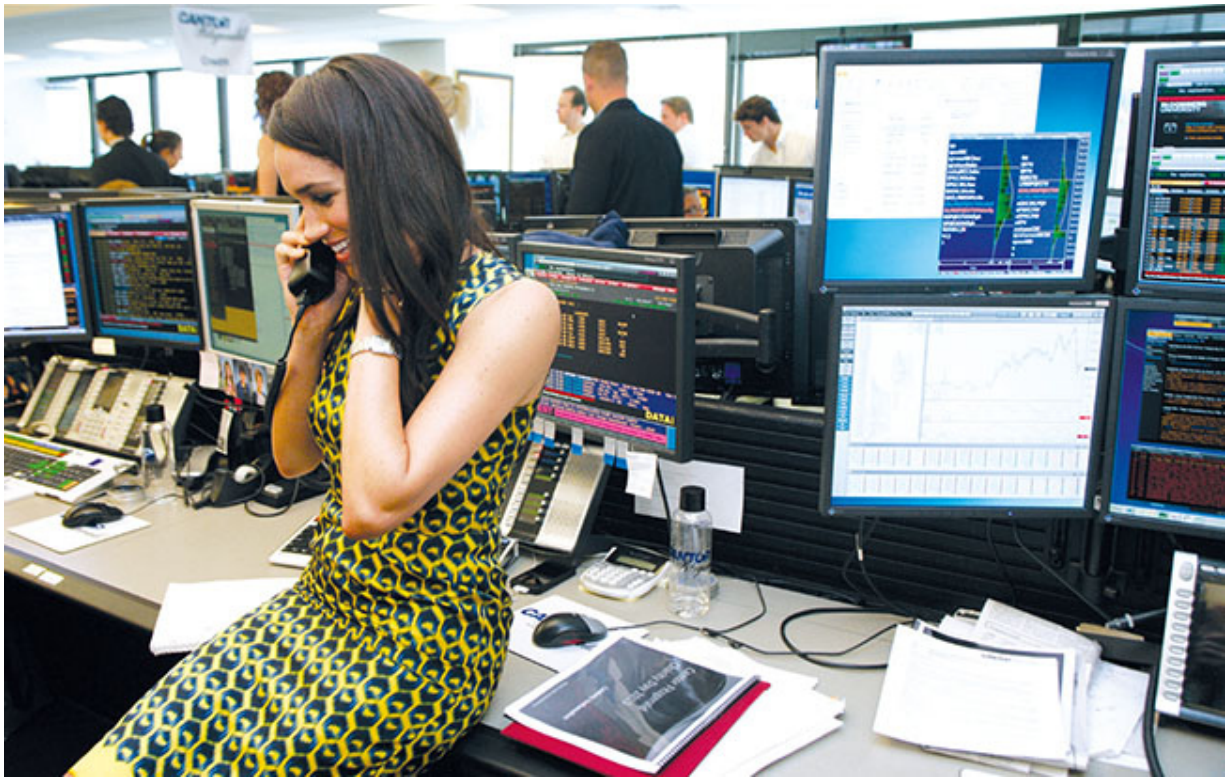
Meghan tornou-se uma *habitué* da semana de moda de Nova York. No desfile de Tracy Reese, em setembro de 2013, ela usou um dos vestidos estampados da estilista.

MediaPunch / REX / Shutterstock



Último pequeno papel de Meghan, na comédia *Horrible Bosses*, antes de ela ser contratada para *Suits*. Na foto, ela interpreta uma atraente garota de entregas da FedEx, e está junto com o comediante Jason Sudeikis. Durante a filmagem, ela conheceu seu ator predileto, Donald Sutherland.

Alpha Press



Meghan, ao telefone, em um evento para arrecadar fundos, o Charity Day, em 2013, patrocinado pela corretora Cantor Fitzgerald e realizado todos os anos para homenagear os amigos e funcionários que morreram no ataque terrorista de 11 de Setembro.

Mike McGregor / Getty Images for Cantor Fitzgerald



Meghan no Aeródromo de Bagram, no Afeganistão, durante uma turnê solidária, em 2014. Da esquerda para a direita: o arremessador do time de beisebol dos Washington Nationals, Doug Fister; Meghan Markle; o comediante Rob Riggle; a cantora de música *country* Kelly Pickler; a atriz Dianna Agron; e o ex-jogador de futebol americano dos Chicago Bears, Brian Urlacher.

DOD Photo / Alamy



Meghan a bordo do USS *Ross*, em 6 de dezembro de 2014, com o ex-jogador dos Chicago Bears, Brian Urlacher (à esquerda), e o arremessador dos Washington Nationals, Doug Fister, como integrantes de uma turnê da USO, United Service Organizations, ONG que dá suporte a tropas dos Estados Unidos no exterior.

DOD Photo / Alamy



Em 2014, no fórum para jovens líderes One Young World, realizado em Dublin, Irlanda. Meghan foi convidada para falar sobre a igualdade entre homens e mulheres, e direitos humanos.

Clodagh Kilcoyne / Getty Images



Meghan coestrelou em 2014, com Christopher Jacot, o filme *When Sparks Fly*, no canal Hallmark, durante uma pausa nas filmagens de *Suits*.

Pictorial Press Ltd / Alamy



Meghan com seu namorado, o *chef* celebridade Cory Vitiello, participando de um evento de moda durante a feira de arte Miami Art Basel, em dezembro de 2014.

Ben Rosser / BFAnyc.com / REX / Shutterstock



Meghan com a estilista Misha Nonoo na Décima Segunda CDFA Anual/Vogue Fashion Fund Awards, em 2 de novembro de 2015, em Nova York. Meghan está usando um vestido criado por Misha.

Nicholas Hunt / Getty Images



Na segunda viagem deles a Botswana, na África, em 2017, o Príncipe Harry e Meghan comemoraram o trigésimo sexto aniversário dela, quando se hospedaram em Meno a Kwena, um acampamento safári, antes de dirigirem seu carro alugado em uma jornada de oito horas para Victoria Falls, catarata que é uma das maravilhas naturais do mundo.

The Sun / News Licensing



Durante uma visita a Wimbledon, em 2016, Meghan vestia um caro vestido de camurça preta da Ralph Lauren, ao assistir a um jogo de tênis de sua amiga Serena Williams. Quando uma breve chuva interrompeu a partida, a guru da moda Anna Wintour, que também estava lá, emprestou a Meghan um casaco para proteger o vestido dela.

Karwai Tang / WireImage / Getty Images



Em 10 de março de 2015, Meghan proferiu um discurso altamente elogiado antes do início do fórum da ONU Mulheres, entidade criada com a finalidade de promover o empoderamento feminino, assim como a participação política das mulheres e a igualdade de gênero. Sua mãe, Doria, e Hillary Clinton estavam na plateia quando Meghan contou sobre sua contenda contra a Procter & Gamble por causa de uma campanha de publicidade sexista, quando ela tinha apenas onze anos.

WENN Ltd / Alamy



Meghan, em viagem pela Índia, através da World Vision Canada, em janeiro de 2017, onde ela promoveu a educação para mulheres jovens, salientando a importância de suprimentos menstruais e comodidades como banheiros separados nas escolas, visando incrementar a frequência escolar.

World Vision / Splash



Chique e elegante, Meghan chega ao fórum AOL Build, no centro de Nova York, onde seria discutida sua participação na série *Suits* como assistente jurídica.

Evan Agostini / Invision / AP / REX / Shutterstock



Meghan, com o mentor do Príncipe Harry, Mark Dyer, e a esposa dele, Amanda, assistindo ao Príncipe jogar polo no Audi Challenge, em 5 de junho de 2017. Dyer, um ex-instrutor equestre de Charles, Príncipe de Gales, organizou em 2004 uma viagem para Harry visitar o Lesoto, na África, e foi fundamental na criação do projeto "Sentebale", uma instituição de caridade fundada por Harry com foco em crianças que sofrem de HIV/AIDS.

Photograph by Mark Stewart, Camera Press London



Doria Ragland, mãe de Meghan, juntou-se a sua filha e o Príncipe Harry no encerramento dos Invictus Games, em Toronto. Sua chegada significava que o anúncio do noivado real seria apenas uma questão de tempo.

Karwai Tang / WireImage / Getty Images



Quando Meghan e o Príncipe Harry participaram oficialmente dos Invictus Games, em 25 de setembro de 2017, causaram um frenesi. Os fotógrafos foram instruídos a não se mexerem quando o casal, que andou de mãos dadas, chegou ao estádio de Toronto. Eles assistiram ao evento, acariciando as mãos e sussurrando nos ouvidos, um do outro, e conversando com as famílias dos competidores.

Chris Jackson / Getty Images for the Invictus Games Foundation



Príncipe Harry e Meghan posam para os fotógrafos no Sunken Garden, no Palácio de Kensington, após o noivado deles ser anunciado, em 27 de novembro de 2017. O jardim era um dos lugares favoritos da Princesa Diana.

Facundo Arrizabalaga / EPA-EFE / REX / Shutterstock



Príncipe Harry e Meghan Markle visitam Nottingham em seu primeiro compromisso real oficial, em 1º de dezembro de 2017. Ela parecia relaxada, apenas um pouco nervosa, ao fazer seu aceno real no modo automático e engatar uma conversa sobre o tempo.

WENN Ltd / Alamy



No dia de Natal, Meghan participou de uma missa na igreja de St. Mary Magdalene, junto com a família real. Esta foi uma ruptura da tradição, já que apenas casados ou membros da família participam da cerimônia religiosa. Enquanto a rainha Elizabeth II deixava a igreja para voltar a Sandringham House, as damas da realeza, incluindo Meghan, fizeram uma breve reverência. Enquanto Catherine Middleton executou uma reverência perfeita, de forma tranquila, Meghan foi muito mais dura, sinal de que era necessário um pouco mais de prática.

Chris Jackson / Getty Images



A próxima geração da realeza: Catherine e William, Duque e Duquesa de Cambridge, com Meghan Markle e o Príncipe Harry, Duque e Duquesa de Sussex, após a missa de Natal, em 2017. O quarteto real agora é conhecido como "Fab Four", apelido que era usado para o grupo britânico The Beatles.

Fotografia por Paul John Bayfield, Camera Press London



Meghan cumprimenta uma multidão de admiradores em Brixton, sul de Londres, ao visitar a estação de rádio comunitária Reprezent 107,3 FM, em 9 de janeiro de 2018.

Dominic Lipinski / AFP / Getty Images



Príncipe Harry, Meghan Markle e Catherine Middleton, então grávida de seis meses, na “Making a Difference Together”, o primeiro Fórum Anual da Royal Foundation, em Londres, em fevereiro de 2018. Desde que Meghan entrou oficialmente para a família real, em novembro de 2017, as mídias sociais da realeza britânica angariaram mais de um milhão de seguidores.

Chris Jackson / AP / REX / Shutterstock (Royal Foundation Forum)

[1] Sobrenome que significa “Semente de Nabo”. Possui certa relevância na região das antigas “Treze Colônias”. [N.T.]

[2] No sistema estadunidense, o Ensino Médio, ou *High School*, compreende os quatro últimos anos da etapa educacional, e cada um deles possui uma alcunha: *9º ano - freshman year; 10º ano - sophomore year; 11º ano - junior year; 12º ano - senior year*. No texto traduzido, serão utilizados os termos primeiro, segundo, terceiro e quarto anos do Ensino Médio, respectivamente, para que o leitor possa compreender e se situar melhor no lapso temporal escolar. [N.T.]

[3] Exame equivalente ao vestibular no Brasil, porém exclusivo para aspirantes ao curso de direito. A sigla quer dizer *Law School Admission Test*, ou Teste de Admissão para a Faculdade de Direito. [N.T.]

[4] Tradução da *hashtag* #maidofhonor, no original. [N.T.]

[5] Trecho da música “If You Leave Me Now”, da banda Chicago, de 1976. A frase faz um trocadilho com a pronúncia de “you” com “EU”, sigla em inglês da União Europeia (European Union). [N.T.]